

C/2024/3235

23.5.2024

RELATO INTEGRAL DOS DEBATES DE 13 DE MARÇO DE 2018

(C/2024/3235)

PARLAMENTO EUROPEU

SESSÃO 2018-2019

Sessões de 13 a 15 de março de 2018

ESTRASBURGO

Índice	Página
1. Abertura da Sessão anual	4
2. Abertura do período de sessões	4
3. Orientações para o quadro das futuras relações UE-Reino Unido (debate)	4
4. Preparação da reunião do Conselho Europeu de 22 e 23 de março de 2018 (debate)	31
5. Elogio fúnebre	47
6. Composição do Parlamento: ver Acta	48
7. Período de votação	49
7.1. Execução do Protocolo relativo às consequências financeiras do termo de vigência do Tratado CECA e ao Fundo de Investigação do Carvão e do Aço (A8-0034/2018 - Jean Arthuis) (votação)	49
7.2. Acordo de Cooperação e de Assistência Administrativa Mútua em Matéria Aduaneira UE-Nova Zelândia (A8-0029/2018 - Daniel Caspary) (votação)	49
7.3. Estratégia Europeia para os Sistemas Cooperativos de Transporte Inteligentes (A8-0036/2018 - István Ujhelyi) (votação)	49
7.4. Serviços transfronteiriços de entrega de encomendas (A8-0315/2017 - Lucy Anderson) (votação)	49
7.5. Qualificação inicial e formação contínua dos motoristas de determinados veículos rodoviários e cartas de condução (A8-0321/2017 - Peter Lundgren) (votação)	49

Índice	Página
7.6. Instituição do Programa Europeu de Desenvolvimento Industrial no domínio da Defesa, destinado a apoiar a competitividade e a capacidade inovadora da indústria da defesa da UE (A8-0037/2018 - Françoise Grossetête) (votação)	49
7.7. Igualdade de género nos acordos de comércio da UE (A8-0023/2018 - Eleonora Forenza, Malin Björk) (votação)	50
7.8. Regiões menos desenvolvidas da UE (A8-0046/2018 - Michela Giuffrida) (votação)	50
7.9. Papel das regiões e das cidades da UE na implementação do Acordo de Paris da COP 21 sobre as alterações climáticas (A8-0045/2018 - Ángela Vallina) (votação)	50
8. Declarações de voto	50
8.1. Estratégia Europeia para os Sistemas Cooperativos de Transporte Inteligentes (A8-0036/2018 - István Ujhelyi)	50
8.2. Serviços transfronteiriços de entrega de encomendas (A8-0315/2017 - Lucy Anderson)	50
8.3. Qualificação inicial e formação contínua dos motoristas de determinados veículos rodoviários e cartas de condução (A8-0321/2017 - Peter Lundgren)	51
8.4. Igualdade de género nos acordos de comércio da UE (A8-0023/2018 - Eleonora Forenza, Malin Björk)	52
8.5. Regiões menos desenvolvidas da UE (A8-0046/2018 - Michela Giuffrida)	52
8.6. Papel das regiões e das cidades da UE na implementação do Acordo de Paris da COP 21 sobre as alterações climáticas (A8-0045/2018 - Ángela Vallina)	54
9. Correções e intenções de voto: Ver Acta	56
10. Reinício da sessão	56
11. Aprovação da acta da sessão anterior: Ver Acta	56
12. Pedido de consulta do Comité Económico e Social Europeu (artigo 137.º, n.º 2, do Regimento): Ver Acta	56
13. Próximo QFP: preparação da posição do Parlamento sobre o QFP pós-2020 — Reforma do sistema de recursos próprios da União Europeia (debate)	56
14. Entrega de documentos: ver Ata	91
15. Orientações para o orçamento de 2019 — Secção III (debate)	91
16. Declarações da Vice-Presidente da Comissão/Alta Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança	100
17. Situação na Síria (debate)	102
18. Perspetivas da UE para a primeira reunião do Conselho Conjunto UE-Cuba (debate)	118

Índice	Página
19. Nova agenda para as relações UE-Ásia Central no quadro da 13. ^a reunião ministerial anual (debate)	128
20. Semestre Europeu para a coordenação das políticas económicas: Análise Anual do Crescimento para 2018 — Semestre Europeu para a coordenação das políticas económicas: aspetos sociais e relativos ao emprego na Análise Anual do Crescimento para 2018 (debate)	134
21. Ordem do dia da próxima sessão: Ver Ata	152
22. Encerramento da sessão	152

RELATO INTEGRAL DOS DEBATES DE 13 DE MARÇO DE 2018

PRESIDENZA DELL'ON. ANTONIO TAJANI

Presidente

1. Abertura da Sessão anual

Presidente. – Dichiaro aperta la sessione 2018-2019 del Parlamento europeo.

2. Abertura do período de sessões

(La seduta è aperta alle 9.04)

3. Orientações para o quadro das futuras relações UE-Reino Unido (debate)

Presidente. – L'ordine del giorno reca la discussione sulle dichiarazioni del Consiglio e della Commissione sugli orientamenti sulle future relazioni tra l'Unione europea e il Regno Unito (2018/2573(RSP)).

Monika Panayotova, President-in-Office of the Council. – Mr President, honourable Members, we are at a critical juncture in negotiations with the United Kingdom. We need to secure an orderly withdrawal and put in place all the conditions for a transition period based on the status quo. We also need to outline the framework for the future relationship between the European Union and the United Kingdom. It is particularly important for us that there is no backsliding on the commitments from the Joint Report, especially with regard to the three key withdrawal issues, namely citizens' rights, financial settlement and Ireland.

The UK set itself the goal of getting the transition agreed in March, with the shared understanding that this is a part of the overall package that is to be finalised in October. During last week's negotiations, some openings on the transition were made and there was also some movement on the area of withdrawal, but we need to treat these cautiously. We need real and sustained progress in order to meet our deadlines.

Looking beyond the transition period, we are determined to build with the United Kingdom a broad and close partnership. Our commitment to seek such a partnership is shared by the Parliament, as reflected in your resolutions. In fact, even the very first guidelines adopted by the European Council already indicated the desired scope and nature of this partnership.

It is also clear, at least from a negotiation perspective, that the understanding of the framework for the future relationship, which will be reflected in a political declaration accompanying the withdrawal agreement, cannot be more detailed than what we know of the UK position. In that respect, we have, in fairness, acknowledged that even though over the last fourteen months there has been a succession of speeches outlining the UK's view on the future of our relations, we still need more concrete and more operational proposals.

At the same time, there are no indications that the United Kingdom's red lines have changed since last year. All this explains why the draft guidelines due to be adopted by the European Council on 23 March are not more detailed. This will hopefully provide the political space for broader dynamics of the negotiations with the UK.

In a nutshell, and again in reflection of the constraints set out by the UK's position and by our principles and legal order, the forthcoming guidelines foresee that at the core of the partnership will be the elements of a free trade agreement (FTA) focused on goods, but also including services. Trade facilitation elements, such as customs cooperation, addressing barriers to trade, etc., are also envisaged.

Two important sectors are also pointed out in the guidelines: fisheries and aviation, along with the basic principles that should govern cooperation on them. Then, taking into account the importance and the proximity of the UK, the guidelines foresee robust provisions on a level playing field. Securing fair competition between businesses on both sides of the channel is an important task, if we want a properly functioning and ambitious FTA. The same logic applies to governance: the closer our relationship, the stronger its governance should be.

As mentioned before, the future partnership with the UK is meant to be broad. Beyond the economic dimension, it should also reflect the commonality of interests and threats we share with the UK. This is why in the proposed guidelines you see provisions on police and judicial cooperation, as well as on security, defence and foreign policy. The guidelines make it clear that a key point in this context is also preserving the autonomy of decision-making of the European Union. In that sense, the partnership we have in mind largely covers the same four pillars of possible cooperation suggested by your resolution.

Let me conclude by recalling that, more than ever, our unity matters. This holds true for the unity of the 27 Member States, but also for unity among our institutions. In this respect, I am very much reassured by the broad convergence of the priorities set out in your resolution, and those flagged in the guidelines due to be adopted by the European Council.

Thank you very much for your attention.

Jean-Claude Juncker, *Président de la Commission*. – Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs les députés, il y a 349 jours, le Royaume-Uni a notifié au Conseil européen son intention de quitter l'Union européenne. Dans 381 jours, le 29 mars 2019 à minuit, le Royaume-Uni aura quitté l'Union européenne.

(Applaudissements sur certains bancs)

(reacting to off-microphone comments by David Coburn and other Members of the EFDD Group)

The time will come when you will regret your decision.

Depuis les tout premiers jours de ces négociations uniques et difficiles, notre objectif a toujours été et restera de parvenir à un retrait ordonné du Royaume-Uni dans son intérêt propre et dans celui de l'Union européenne. Mais chaque jour qui passe, l'urgence de réunir toutes les conditions nécessaires d'un tel retrait se fait plus grande. Cette urgence doit nous inciter tous, l'Union européenne et le Royaume-Uni, à agir avec méthode, pragmatisme et transparence. Ce sont cette méthode, ce pragmatisme et cette transparence qui sont au cœur de la proposition de texte sur l'accord de retrait que la Commission a approuvée le 28 février dernier et qui ne fait que traduire juridiquement les engagements que nous avons pris ensemble, Commission et Royaume-Uni, en décembre dernier dans le rapport conjoint.

Michel Barnier discute maintenant en détail de notre proposition de texte avec ce Parlement et avec le Conseil des ministres car le projet final sur l'accord de retrait, qui sera transmis à nos partenaires britanniques comme base de négociation, reflétera l'unité des 27 États membres de l'Union européenne et de ses institutions.

Je voudrais remercier Michel Barnier et son équipe pour l'extraordinaire travail qu'ils fournissent depuis des mois, jour et nuit, pour mener à bien ces négociations.

(Applaudissements)

Mein Freund Michel Barnier, sein Team, wir alle stehen dafür, dass von unserer Seite aus strukturiert und besonnen vorgegangen wird. In diesem Sinne haben wir die Vereinbarungen, die wir gemeinsam mit dem Vereinten Königreich getroffen haben, in einen soliden Vertragstext gegossen, der vor allem die Rechte der Bürger präzisiert. Somit ist dieser Text weitaus mehr als eine Ansammlung von Paragraphen. Es geht hier um Zehntausende – *if not more* – Biografien. Wir stellen sicher, dass die Lebensentscheidungen dieser Menschen, der Bürger Europas, nicht dem Brexit zum Opfer fallen. Deshalb haben wir durchgesetzt, dass EU-Bürger im Vereinigten Königreich auch nach dem Brexit ihre Rechte behalten. Der Entwurf des Austrittsabkommens ist so konkret, dass sich Bürger auch vor britischen Gerichten darauf beziehen können, um ihre Rechte einzufordern.

Für die Zeit nach dem Austritt des Vereinigten Königreichs ist uns ebenfalls an einer engen Partnerschaft gelegen. Dabei muss allerdings die Einheit des Binnenmarktes gewahrt bleiben, denn Bürger wie Unternehmen müssen sich auf dessen Errungenschaft, auf gleiche Regeln und Institutionen, verlassen können. Ein Rosinenpicken, *cherry picking*, wird nicht möglich sein. Ebenso wenig werden wir zulassen können, dass Standards im Sozialen, Umweltstandards oder Steuerstandards unterboten werden. Mir wäre es lieber gewesen, die Briten hätten sich nicht dafür entschieden, auszutreten. Wer aber die Europäische Union verlassen will, muss ehrlich sagen, was das eigentlich heißt. Wer vier Jahrzehnte gemeinsamer Vereinbarungen und Lösungen hinter sich lassen will, muss die Verantwortung dafür übernehmen, dass nicht alles so bleiben kann, wie es ist.

Ten days ago, Prime Minister May give us some more clarity on how the UK sees its future relationship with the European Union. As my good friend John Bruton wrote in a recent article «the most valuable test that Ms May wishes to apply to a Brexit agreement is that it should be one that would endure and not require constant renegotiation». I could not agree more, which means that everything that we say and that we do on both sides will require the utmost clarity to help us pass the test. It is obvious that we need further clarity from the UK if we are to reach an understanding on our future relationship.

We are preparing for this on the European Union side. Last week, President Tusk circulated draft guidelines that will be discussed by the leaders of the EU 27 next week. As the clock counts down – we have one year to go – it is now time to translate speeches into treaties, to turn commitments into agreements, and broad suggestions and wishes on the future relationship to specific workable solutions.

This is especially important when it comes to Ireland. Both the United Kingdom and European Union have agreed that there should be no hard border between Ireland and Northern Ireland. The Good Friday Agreement must be preserved in all its dimensions, and life for citizens on both sides of the border should be the same as it is today. Both sides agreed in December that there are three options to do this. The first is through the future partnership agreement if possible. The second is through specific solutions that the United Kingdom has said it will put forward. We are ready to work on these two options, but we need to receive concrete proposals from the United Kingdom first.

The third option is the backstop solution. It would apply only if the first two options do not materialise. This scenario would see full alignment on those tools that protect the Good Friday Agreement, North-South cooperation and the all-island economy. The draft protocol on Ireland should not come as a surprise or a shock. It translates faithfully last December's agreement into a legal text.

The European Union, this House and the 27 Member States stand firm and united when it comes to Ireland. For us, this is not an Irish issue, it is a European issue.

(Reacting to off-microphone comment «it is a British issue» by Mr Coburn)

It is a European issue.

It is all for one and one for all. That is what it means to be part of this Union. We pool our resources and our sovereignty to strengthen one another and to give ourselves more sovereignty when dealing with the rest of the world. We see this with Brexit. We see this with threats. We see this across the board.

As we build our future together, we must continue to make each other stronger by working together and building a more united, stronger and more democratic Union. This must be our joint focus. We need to focus on our European future, not the past, not on Brexit.

(Applause)

Elmar Brok, *im Namen der PPE-Fraktion*. – Herr Präsident, Frau Ratspräsidentin, Herr Kommissionspräsident, Kolleginnen und Kollegen! Der Brexit ist schlecht für uns alle. Worum es jetzt bei den Verhandlungen geht, ist, Schaden zu begrenzen. Ich hoffe, dass wir da die notwendigen Fortschritte machen, und ich danke, dass wir die Einheit der Europäischen Union, der Institutionen und der Mitgliedsländer haben. Dies ist sicherlich auch ein Verdienst von Michel Barnier, der mit uns die Dinge in dieser transparenten Weise bespricht.

Meine Fraktion stimmt dem Austrittsvertragsentwurf zu, wobei dann die im Dezember besprochenen Bedingungen bezüglich der offenen Grenzen für Irland, der Frage der Finanzen und der Bürgerrechte erfüllt sein müssen. Wir meinen auch, dass es richtig ist, eine Übergangsregelung zu finden, wie es im Vertrag vorgesehen ist, wenn Großbritannien denn bereit ist, für weitere 21 Monate – oder welcher Zeitraum das auch immer sein wird –, die Bedingungen der Europäischen Union mit den vier Freiheiten, mit den Geldzahlen und mit dem Europäischen Gerichtshof anerkennt. Dies ist die Voraussetzung dafür, dass wir genügend Zeit haben, dann einen Handelsvertrag auszuhandeln.

Dabei wird immer wieder gesagt – gestern auch vom Bund der deutschen Industrie –, dass man doch eine Zollunion machen soll. Ja, ich bin für eine Zollunion, aber Großbritannien muss dann die Bedingungen erfüllen. Großbritannien hat eine Zollunion abgelehnt, Großbritannien hat auch eine Mitgliedschaft im Binnenmarkt abgelehnt, nach einer Norwegen-Lösung, weil es nicht bereit ist, dafür die Bedingungen zu erfüllen. Und deswegen bleibt nur übrig, einen Handelsvertrag zu verhandeln. Ich meine, dass das ein Handelsvertrag mit einem Drittland ist. Ich finde es richtig, dass Theresa May erstmalig zugestanden hat: Wenn man die europäischen Standards nicht mehr erfüllt, dann hat man weniger Zugang zum europäischen Binnenmarkt – mit all den Konsequenzen des kleineren Partners Großbritannien, was dort gesehen werden muss.

Wir müssen auch feststellen, dass dieser Versuch, einzelne Sektoren herauszunehmen und hier vollen Zugang zu haben, Rosinenpickerei ist. Wenn Großbritannien das nur für die Bereiche will, wo es besonderes Interesse hat, dann geht das nicht. Wer aus einem Golfclub austritt und weiterspielen will, muss auch eine *green fee* bezahlen. Das ist keine Strafe, sondern eine normale Belastung, die gemacht werden muss. Denn die Mitgliedsländer zahlen ja Beiträge und erfüllen die Verpflichtungen. Das ist ein wichtiger Punkt, wie wir hier gemeinsam vorankommen müssen.

Präsident Trump hat Maßnahmen gegen Bombardier in Großbritannien ergriffen, verkündet jetzt Sanktionen gegen Europa bei Stahl und Aluminium. Nur wenn wir alle zusammenstehen – auch die Briten –, haben wir eine Chance, gegen eine solche Politik vorzugehen. Deswegen ist eine Einheit Europas in solchen Fragen eine Überlebensfrage Europas. Das muss auch Herr Farage begreifen, der sein eigenes Land ins Unglück stürzt.

(Beifall)

Roberto Gualtieri, *a nome del gruppo S&D*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, la risoluzione che ci apprestiamo a votare dimostra che esiste una larga unità nel Parlamento e tra le istituzioni sui punti fondamentali di questo difficile negoziato e a sostegno dell'azione di Michel Barnier e del suo team, a cui vorrei rendere omaggio per il lavoro straordinario e l'alta sensibilità istituzionale.

Siamo ora a un passaggio decisivo di questo sforzo titanico volto a garantire un ritiro ordinato del Regno Unito e a ridurre al massimo l'impatto negativo. E come è sempre stato, noi saremo costruttivi ed esigenti.

In primo luogo, l'accordo di dicembre va tradotto giuridicamente affinché i diritti dei cittadini siano pienamente salvaguardati e ciò deve valere anche per le categorie più vulnerabili: non spetta a loro, ma alle autorità del Regno Unito, garantire che non un solo cittadino sia privato ingiustamente dei propri diritti. Sotto questo aspetto la bozza di trattato, che noi apprezziamo, andrebbe ulteriormente rafforzata. Altrettanto importante è evitare ogni irrigidimento della frontiera in Irlanda. Non si può criticare la soluzione responsabilmente delineata dalla Commissione: spetta al governo britannico presentare proposte convincenti, e ciò non è ancora avvenuto.

In secondo luogo, la transizione deve prolungare tutto l'*acquis* comunitario, e quindi nessuna discriminazione verso i cittadini è accettabile. Noi non consentiremo di trattare le merci meglio delle persone.

In terzo luogo, per il futuro, noi vogliamo tra Unione europea e Regno Unito una partnership la più stretta e la più ampia possibile, e proponiamo che essa sia definita dalla cornice di un accordo di associazione. Ma questa relazione dovrà vedere un adeguato equilibrio tra diritti e doveri, e dovrà garantire l'integrità del mercato unico, la piena autonomia dell'ordine giuridico dell'Unione, la tutela della stabilità finanziaria.

Prendiamo atto con rammarico che Theresa May abbia escluso il mercato unico e anche l'Unione doganale. E se il Governo britannico rivedrà questa posizione, saremo pronti a discutere una relazione economica più stretta. Se così non sarà, lavoreremo per un accordo commerciale che riduca al minimo le barriere, in particolare alla circolazione delle merci, ma che non potrà eliminarle completamente. È bene chiarire che l'Unione non può delegare ad altri il controllo delle proprie frontiere doganali, e che fuori dal mercato unico non esiste il mutuo riconoscimento delle regole. Altra cosa è la cooperazione regolamentare, e per quel che riguarda i servizi finanziari, un utilizzo intelligente del sistema attuale di equivalenza.

In ogni caso noi non accetteremo forme di dumping sociale, ambientale e fiscale: l'Unione europea deve essere una forza che contrasta il protezionismo, ma che protegge i cittadini, i lavoratori, l'ambiente. È questa la sfida a cui ci chiama la globalizzazione, e noi saremo coerenti con tale visione anche nel negoziato con il Regno Unito.

Peter van Dalen, *namens de ECR-Fractie*. – Voorzitter, de brexit kent alleen maar verliezers aan beide zijden van het kanaal. Afgelopen week kwam er een Brits rapport uit waaruit bleek dat alle regio's in het Verenigd Koninkrijk klappen gaan oplopen door de brexit. Maar ook andere economieën gaan geraakt worden. Aan de Nederlandse economie gaat het waarschijnlijk miljarden kosten. En de Duitse BDI heeft afgelopen week duidelijk gemaakt dat een harde brexit misschien wel 9 miljard extra gaat kosten.

Gelukkig zie ik in het document dat de heer Tusk onlangs publiceerde, dat de Europese Unie toch graag de *status quo* wil handhaven op een aantal terreinen. Ik denk bijvoorbeeld aan de visserij, de luchtvaart, Erasmus, de veiligheid en de handel in goederen. Dat is de juiste richting. Laat ook onze onderhandelaars gaan voor redelijkheid en billijkheid. Niet elkaar het mes op de keel zetten, want ook ná 2019 moeten onze vissers kunnen blijven vissen, onze bedrijven kunnen blijven exporteren en importeren, en moeten onze studenten ook over de grens kunnen blijven studeren. Daarom, als het dan helaas zo is dat die brexit er toch moet komen, dan geen harde brexit, maar een brexit waarbij een redelijke scheiding wordt gemaakt op grond van gezond verstand.

Presidente. – (*a seguito di alcune reazioni senza microfono da parte dell'emiciclo*) Onorevoli colleghi, è inutile fare commenti, tutti i gruppi hanno la possibilità di parlare, quindi esprimeranno le loro idee nel corso del dibattito.

Guy Verhofstadt, *on behalf of the ALDE Group*. – Mr President, before coming to Brexit and to thank Michel Barnier, I take this opportunity, Jean-Claude, to tell you that your former Head of Cabinet did something yesterday which nobody has ever done before here in this House, namely to unite the whole Parliament, the left and the right. But it is not only a joke. Maybe you have to sort it out. As you know, I have no problem with Martin Selmayr. I think he is a very dedicated European and a very competent civil servant. No, the problem that we have is with the way the Commission handled this, and so you have to do something about this in some way, because it is bad for Europe and bad for the European Commission.

(Applause)

But, having said that, we are not the only ones who have to sort things out. The UK also has to do so because, as you have indicated Jean-Claude, the problem today is that we don't have a proposal from the UK side on the future relationship with the Union. It is still lacking, and what you said is true. There was this Mansion House speech by Mrs May, but it was mainly repeating the red lines that we have already known about for two years, and I think that in the Mansion House speech what the Prime Minister did was to say, 'Look, we cannot accept the rights of Canada and then the obligations of Norway'. Well I have to tell you that I don't think that we have ever presented that proposal to the UK side. I think that the UK side has to understand that the opposite is also not possible. You cannot have the rights of Norway and then the obligations of Canada. That is also not possible.

So I think that, after all the speeches we have heard now, it is time that we go beyond what I would call the slogans and the soundbites, which is exactly what we try to do in our resolution. It is a long resolution, with more than 65 paragraphs, in which we present what I would call a concept, a vision and an architecture for the future because that is what is lacking for the moment, and an architectural vision that matches both sides: the red lines of the UK on the one hand with the vision and the principles of the European Union on the other side. What we do in the resolution – and can I say to the Council that this is a little different – is that we use the Treaty for that, namely Article 8 and Article 217, which say that in the neighbourhood of the European Union you have to create a special partnership with your neighbours and to do that we create an association with that country.

So our proposal is to start negotiations on an association agreement between the UK and the EU, based on four pillars, one on trade and economics, one on internal security, one on thematic cooperation – for example, research, Erasmus, things like that – and, finally, one on external security and defence matters, because I think that is also a very important field of cooperation between both. For every one of these four pillars, what we do in this resolution is give the principles: what are the fields where we can cooperate, what are the different principles we have to apply, and anyway, what is the advantage of our proposal – and I hope that the Council will also recognise this in the coming days – is that we create one overall governance structure. It is not an inflation of bilateral arrangements, as we have with Switzerland, which will be a good basis for that special partnership, but one overall governance based on association. Last week I had the chance to discuss this with David Davis and also with the Prime Minister and I am quite confident that ultimately Britain will also see the advantages of such an approach, to have a decent, deep association partnership from both sides.

That brings me, finally, to the last paragraphs of our resolution on the rights of all citizens. Personally, it is my feeling that we are very near to an agreement with the UK side on citizens' rights. In fact respecting the rights of the citizens who live there, our EU citizens, and on the opposite side also respecting the rights of UK nationals living on our continent, because this is, in any way, something that we have to achieve. Both sides, UK nationals and EU citizens, cannot be the victims of this whole Brexit, in- and outcome.

(Applause)

Philippe Lamberts, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Mr President, dear Prime Minister May, this is neither the first nor the last time, I am afraid, that I will address you in this Hemicycle, where you remain welcome at any time. Ever since you became Prime Minister, I have carefully listened to you on Brexit. I do acknowledge your wish to make the best out of the inconvenient situation the referendum has put your country in, but I am still perplexed by the inner contradictions of your government's positions. Indeed, arguing (a) that the United Kingdom will leave the single market and customs union; (b) that the United Kingdom Government will stand by its commitment to the Good Friday Agreement; and (c) that there will be no new regulatory barriers within the United Kingdom, is a trilemma that cannot be solved.

This has nothing to do with the alleged stubbornness of the EU-27; it has everything to do with the stubbornness of facts. If regulatory divergence is real, it creates a border, and no magical thinking can ever erase it. Therefore, one of the three elements has to give, and I cannot imagine the British Government giving up on, or taking any risk with, peace in Northern Ireland. Therefore, it has to be (a) or (c).

In our view, the only practical solution would be for the UK, or at least Northern Ireland, to remain fully within the single market and customs union. Taking into account your long relationship with us, and the fact that, of course, the UK would then have to apply EU law without being a part of the decision process, it would be fair to establish a privileged channel for your country to express concerns and suggestions. And I agree with you that we have to tailor the transition period to the practical imperatives, rather than align it with any pre-set dates.

The end of that transition should also be the cut-off date of any change in the status of citizens, and we do welcome, as Guy just did, the very significant progress made over the last few months in that respect. A few issues remain to be tackled, however: the non-reversibility of rights, the rights of European residents with disabilities, the status of future spouses, the rights of third-country nationals, as well as voting rights. Our key concern is that no one ends up losing rights. If we want to be creative, we should consider basing citizens' rights on residence rather than on nationality, which may provide at the same time certainty and simplicity.

Prime Minister, one recognises a stateswoman by her ability not so much by being strong facing the other camp, but by confronting her adversaries in a round camp. Now is the time to be bold.

Gabriele Zimmer, *im Namen der GUE/NGL-Fraktion*. – Herr Präsident, sehr geehrter Herr Juncker, sehr geehrter Herr Barnier! Sie werden sicher im Laufe der letzten Monate registriert haben, dass meine Fraktion sehr intensiv versucht hat, sich in die Diskussion der Erarbeitung von Parlamentspositionen zur Begleitung der Brexit-Verhandlungen einzubringen. Wir haben das vor allem deshalb getan, weil uns am allerwichtigsten ist, dass die Rechte von Menschen sowohl in Großbritannien, aber eben auch innerhalb der EU und natürlich vor allem auch in Nordirland bei den Verhandlungen nicht unter die Räder kommen und eben auch nicht als Verhandlungsmasse von irgendeiner Seite missbraucht werden können. Was diese Fragen betrifft, sind wir schon ein ganzes Stück weitergekommen. Wir können es nicht mehr mit den ersten Ausgangspunkten vergleichen.

Wir werden aber auch weiter darauf achten, dass insbesondere die Aufenthaltsrechte und das Recht auf Freizügigkeit für die Bürger des Vereinigten Königreichs innerhalb der EU beachtet werden müssen. Wir sollten auch darüber nachdenken, weil zum Beispiel in dem Vorschlag, der für den Entwurf eines Scheidungsabkommens unterbreitet worden ist, Einschränkungen enthalten sind, insbesondere was das Recht von UK-Bürgern in Mitgliedstaaten betrifft, Leistungen für Unternehmen anderer Mitgliedstaaten anbieten zu können. Offensichtlich ist das ja etwas, was relativ kurzfristig auch mit hineingekommen ist. Wir werden auch weiter darauf bestehen, dass die Rechte der Bürger in Nordirland gewahrt werden. Hier geht es nicht einfach nur um Rechte, die einfach mal so dahingesagt werden, sondern hier geht es wirklich um alle existierenden internationalen Abkommen, denen wir uns verpflichtet hatten und in denen demokratische Rechte, soziale Rechte und Menschenrechte definiert worden sind.

Eins ist klar: Diese Rechte werden nur im Austrittsabkommen geschützt, nirgendwo anders. Dafür brauchen wir dieses Austrittsabkommen, und deshalb werden wir auch immer wieder auf dieses Austrittsabkommen hinarbeiten und uns hier auch mit einbringen. Wenn es darum geht, ein Mandat für die zukünftigen Beziehungen auszuhandeln, tangiert das natürlich auch die Vorstellungen der politischen Parteien, der politischen Kräfte von der Zukunft Europas, von der Zukunft der EU. Deshalb haben wir selbstverständlich als Fraktion eine ganze Reihe von Problemsichten und lehnen auch bestimmte Zugänge ab, wie sie auch hier in unserer Resolution vorgeschlagen worden sind. Sie beziehen sich insbesondere auf die Vorschläge zu Ziffer 21, 22, 23, 24, die Gestaltung der außenpolitischen Beziehungen und die Gestaltung der Sicherheitsbeziehungen dieser Zusammenarbeit. Wir werden dazu auch entsprechende Änderungsanträge stellen. Trotzdem haben wir entschieden, dass wir die Resolution mit unterzeichnen, weil sie –wie ich vorhin gesagt habe – wichtig ist für die Fortsetzung des Kampfes um die Rechte von Menschen, von Bürgern und Bürgerinnen in den Bereichen in der gesamten bisherigen EU, aber auch in den Bereichen beziehungsweise Regionen und Ländern, die durch den Brexit selber mit entstehen.

Wir möchten auch noch darauf aufmerksam machen, dass die Arbeitnehmerinnenrechte noch stärker geschützt werden müssen, und zwar die Rechte von eingewanderten Arbeitnehmerinnen. Es geht uns auch um die Frage von Grenzgängern. Auch hier müssen wir nochmal nachlegen, hier gibt es noch einen Bedarf, hier haben wir noch einiges zu tun. In diesem Zusammenhang möchte ich signalisieren, dass wir die Arbeit unserer Fraktion kritisch, aber eben solidarisch bezüglich der Rechte von Bürgerinnen und Bürgern fortsetzen werden.

Nigel Farage, *on behalf of the EFDD Group*. – Mr President, two thirds of the British people think the European Commission is trying to bully us in these negotiations and they are right. The EU is bullying us, it bullies Member States, it bullies its next-door neighbours, and it even bullies the third world with its neo-colonial policies.

Of course it does, because the Europe of the Junckers, the Barniers and the Selmayrs is power without accountability. Well, at long last, you have met your match in Donald Trump. Now, you may well scream and shout about his aluminium and steel tariffs, but the EU puts tariffs on 13 000 goods coming into it, meaning that shoes and bras and food are more expensive for simple, ordinary folk who do not understand this because it has never been properly explained to them.

The sheer hypocrisy of criticising Trump when you already have put tariffs on steel and aluminium amazes me, but it does show the folly of us going for a transition period. It shows the utter stupidity of the Labour Party, wanting to sign us up to this permanently, because in this USA dispute we now find ourselves trapped, impotent and unable to act.

We need to be free. We voted Brexit, we voted to make our own trade policy and our own trade decisions. We could do a deal with America in 48 hours. We need to act. Just yesterday, the Trump administration were describing us as their best ally in the world.

Ms May, we did not vote for a transition period, we voted to leave this organisation, we voted to leave the customs union, we voted to leave the single market. So, please, Ms May, at this summit next week, do what Trump has done: stand strong against the European Commission, against the unelected bullies. Bearing in mind the Italian elections – and weren't they wonderful, folks? – it is pretty obvious that the game is up anyway. So she will be doing not just the British people a favour, but the whole of Europe too.

Janice Atkinson, *on behalf of the ENF Group*. – Mr President, I agree with Nigel. This debate is rather pointless. Just like Mr Gualtieri said, it is like the Titanic – it is sinking very fast. The resolution is a federalist's delight and it is business as usual here, yet all around you, Rome burns. Literally!

The populists are winning elections, kicking out the old guard, the very people who wrote this resolution. Across the southern EU states there is horrifically high youth unemployment. In Italy nearly 70% of the youth voted for populist parties. Yet you come up with this framework that actually just reflects the old order, not the new.

However, I do detect a realisation that trying to punish the UK would damage your economies too. When I was in America, in Washington, in December, Wilbur Ross, the Secretary of State for Commerce, said to me, don't take that poison pill that the EU offers us if you want a trade deal with us.

My friend, Nigel Farage, is absolutely right, we can get a deal together in 48 hours, because we're two proud trading nations. You lot haven't got a clue. You're a protectionist racket. That's what Trump told you and that's what Wilbur Ross told you, and that's what you are.

Presidente. – (*in seguito ad alcune reazioni da parte dell'emiciclo*) Abbiamo capito che ci sono opinioni diverse.

Diane James (NI). – Mr President, you have heard from two United Kingdom speakers. You're now going to hear from a third, a fervent Brexiteer, and one who is very, very pleased at the position the United Kingdom is taking and the fact that it is prepared to say 'no' to the European Union, that we do not wish to continue being a vassal state.

Could the bullies in this Chamber – there are two of them at least, I am not going to bother to name them, they have already been named – take some very clear messages back please?

The United Kingdom does not wish to be a vassal state. We really take exception to being told that we should continue having the jurisdiction of the European Court of Justice and that we should continue to be under the onerous single market and customs union regulations. Because, quite frankly, Brexit means Brexit.

If you want to make Brexit hard, be aware. Actions have consequences and for you, European Union, the consequences will be very, very tough and very negative for you.

IN THE CHAIR: MAIREAD McGUINNESS

Vice-President

Esteban González Pons (PPE). – *(inicio de la intervención fuera de micrófono)* ... para el *brexit* y todavía no sabemos qué relación quiere mantener el Reino Unido con nosotros en el futuro. Todavía no sabemos qué consecuencias tendrá el *brexit* para la economía real británica. Ni siquiera sabemos si habrá un segundo referéndum. La población rural de Gran Bretaña cree que el *brexit* ya ha sido. En cambio, la City de Londres cree que el *brexit* no será nunca. La única certeza que nos transmite el Gobierno británico es que se quieren quedar fuera: fuera del mercado único, fuera de la unión aduanera, fuera del pasaporte financiero, fuera de las ayudas comunitarias, fuera del mundo político, social y económico al que pertenecen; por ejemplo, dejar fuera al medio millón de británicos que residen en España y que después del *brexit* el año que viene no van a poder votar y elegir a los alcaldes de sus municipios.

Nos queda un año. Nos queda un año para conseguir un acuerdo equilibrado. Ningún acuerdo sobre *brexit* puede ser bueno. Nos queda un año para conseguir un acuerdo que no nos perjudique a las dos partes. Nos queda un año para que el Gobierno británico entienda que el peor de los acuerdos siempre es mejor que el caos.

Es verdad que la Unión Europea se quedará incompleta sin el Reino Unido, pero el Reino Unido completamente fuera de la Unión Europea se va a quedar perdido. El caos y el pensamiento mágico no son una política y eso hasta yo lo he aprendido de la gloriosa historia de Gran Bretaña.

Richard Corbett (S&D). – Madam President, the emerging position of the EU27 and the resolution that we have before us in Parliament today cannot be a surprise to the UK Government. They respond, in fact, to the ambiguities and the contradictions in that Government's position. The biggest ambiguity of all is the idea that you can have frictionless trade with the rest of Europe while leaving the Customs Union and the single market. Colleagues, the single market and the Customs Union are precisely the tools with which our countries have organised frictionless trade across Europe. You cannot walk out from them, abandon them and still have frictionless trade. The Customs Union also is a vital question when it comes to the Northern Ireland border. All of us are waiting with bated breath to hear how you can turn that border into a customs border but not have any customs controls. How do you do it? How can it be done?

(Interjection: 'Electronically')

Electronically? So, all these nice wizardry things? I think they want to send Harry Potter to find some solution to this border.

(Applause)

The leaked government figures, by the way, show that this solution would reduce UK GDP by 4.5% over the next decade. No wonder they wanted to keep those figures quiet and how embarrassed they were when they leaked out. No, there will be deadlock, I fear, in these negotiations, which will continue for so long as we have a government in Britain that is divided internally, that has no majority in its own parliament and which continues to lose public support on this issue. It is time for a change within Britain if these issues are going to be properly addressed.

Hans-Olaf Henkel (ECR). – Madam President, last week, the CEO of the Port of Dover went to Brussels and presented his view of Brexit. He made it very clear that if the 10 000 trucks going in and out of Dover everyday are only held up by 2 minutes because of Brexit there would be a 17 mile queue outside Dover – and equivalent chaos in Dunkirk and Calais. Yesterday, the Frankfurter Allgemeine Zeitung reported that Brexit alone costs Britain EUR 32 billion a year because of bureaucracy and customs. By the way, EUR 37 billion will be the cost to the remaining European countries. In other words, it is very clear Brexit remains a lose-lose situation.

What surprises me is that almost everybody, except the Brexiteers to my left here, hate Brexit but there is nobody in this House trying to stop it. I think it is time, Mr President, that you make Britain a new offer, an offer which Britain cannot refuse, an offer which gives Britain what they always wanted. Give some more autonomy over their immigration and let's keep them in the European Union.

Dita Charanzová (ALDE). – Madam President, we have now reached the crucial point in negotiations. We all need to know, and especially businesses, under which terms we will be able to cooperate in the future. What is the best scenario? To keep the UK within the internal market to preserve most of the benefits that we have created with the UK together. The fact that the UK refuses that is a fatal mistake. Any other option is simply worse and will build new barriers for EU companies, but also for British companies, and for some businesses, especially SMEs, this new situation will be very hard to cope with.

The worst possible outcome is having absolutely no deal. It would not allow for any transitional period and it would just worsen our mutual relations. It would degrade the EU-UK partnership to a level inferior to what we currently have with Turkey, or even with China, and I do not think either side wishes that.

Molly Scott Cato (Verts/ALE). – Madam President, as a British MEP I am experiencing both sides of the Brexit negotiations and what makes me really sad is that it is the European side that is active in protecting citizens' rights and environmental standards, while the Tories are using Brexit to ride roughshod over them.

I noticed this especially in the area of tax, the main area of my work here in Parliament, and where our resolution makes clear that the UK will not achieve a trade deal with the EU unless we match European standards in the fight against tax avoidance and money laundering. So I am glad that my work here on tax won't be wasted, but I am sad that I must use my role as an MEP to protect these high standards in the UK after Brexit.

The situation is similar with citizens' rights where my own government did little to defend our interests, as though the one million British people who work in the EU or have European partners or children just don't matter to them. Brexit is a clear example of ideology triumphing over reason and, as such, it is the epitome of bad government.

Barbara Spinelli (GUE/NGL). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, nei giorni scorsi Donald Tusk ha detto una cosa giusta ma incompleta: i negoziati sulle relazioni future non possono procedere se il Regno Unito non offre sull'Irlanda del Nord soluzioni che tutelino il «Good Friday Agreement» e i diritti dei nordirlandesi a essere protetti dalla legge dell'Unione.

Di contro, è necessario che il negoziato continui sul tema cruciale della cittadinanza europea, un tema che non può abbandonare le nostre menti. Il «Withdrawal Agreement» deve essere perfezionato entro l'autunno. Né i nordirlandesi, né i cittadini europei in Gran Bretagna, né gli inglesi residenti nell'Unione – in tutto più di 6 milioni – possono tollerare oltre l'ansia in cui vivono. I loro diritti di cittadinanza europea devono essere salvaguardati e recintati («ring-fenced») in tempo utile e bene. Mai devono essere subordinati ad altri capitoli negoziali.

Gerard Batten (EFDD). – Madam President, we have had the Commission's draft withdrawal agreement and we have had Mrs May's response. The Commission wants unconditional surrender and Mrs May will settle for conditional surrender. The EU referendum was brought about and won by the UK Independence Party, and UKIP's position is no surrender. When the British people voted to leave, they voted to take back control: no more money to the EU, no more EU laws imposed upon us, no more open borders. Brexit must mean exit.

Our future relationship with the EU will be one of trade, friendship and cooperation, something that UKIP has argued for for the last 25 years. We will not accept subservience to the EU. We want full independence and the return to our former status as an independent, democratic nation state.

(Applause)

Marcus Pretzell (ENF). – Frau Präsidentin, meine sehr geehrten Damen und Herren! Sie haben in diesem Hause mehrfach vorhergesagt, dass der Brexit für Großbritannien katastrophale Auswirkungen haben würde. Nun, zuallererst ist festzustellen, dass dieser Brexit überhaupt erst stattfinden wird aufgrund des Verhaltens der Europäischen Union und aufgrund des Versuchs, diese Union immer weiter zu vertiefen.

Aber kommen wir zurück zu Ihren Vorhersagen. Dieses neunzehnsseitige Papier beschäftigt sich zur Hälfte damit, wie man verhindern kann, dass Großbritannien dieselben Vorteile haben kann wie andere Staaten innerhalb der Europäischen Union. Wenn Großbritannien durch den Austritt auf jeden Fall schlechter gestellt sein wird, warum haben Sie so große Angst davor, dass Großbritannien am Ende besser dastehen wird, wenn Sie es nicht verhindern? Darum geht es Ihnen in dieser Debatte, und es ist unehrlich, diese Debatte auf dieser Grundlage zu führen.

Wir haben gemeinsame Interessen. Wir sollten dafür sorgen, dass wir weiter gemeinsam Handel treiben können. Und das ist mit etwas gutem Willen auch möglich.

Diane Dodds (NI). – Madam President, this morning we have heard of the European Union's desire for a close partnership with the UK post-Brexit. Yet there is no spirit of conciliation and compromise, and nowhere is this more evident than in the draft legal text on Northern Ireland and the Republic of Ireland which this resolution supports. This is aggressive interference in the internal affairs of the United Kingdom. It would be disastrous for Northern Ireland economically. It violates the principle of consent – a core principle of the Belfast Agreement – and it goes well beyond the Belfast Agreement in its north-south proposals. In fact it is a text that No British Prime Minister could agree to. It has achieved the seemingly impossible of uniting the British Parliament against it. Last week my party told Mr Barnier that we wanted practical solutions on the border. These proposals are a very far step away from it.

Danuta Maria Hübner (PPE). – Madam President, now that we are moving toward the future relationship it becomes even clearer that withdrawal of the UK from the Union is not a one-off event and it didn't happen as some people believe. It is a lengthy, law-based, law-driven process based on both legal and political grounds with far-reaching consequences for the lives of people. We are all involved – institutions, states, citizens and businesses. Yes, unity remains crucial but also listening to each other. The European Parliament will be providing consent at the end of this process. The Committee on Constitutional Affairs (AFCO) responsible for the institutional consequences of withdrawal and consent procedure will continue to be an open platform for hearings, debates, meetings with experts, citizens, all stakeholders concerned.

We have to remember that we have also Article 8 of the Treaty on European Union according to which the Union shall develop a special relationship with neighbouring countries as close as possible in the interest of all our citizens and businesses and founded on the values of the Union, and characterised by close and peaceful relations based on cooperation.

This week will bring the Withdrawal Agreement, including transition agreed among the EU27, endorsed by the European Parliament. The European Council will decide next week on additional guidelines on the future relationship and we will vote on our expectations regarding the future in tomorrow's resolution. Hopefully all that will allow us to enter into formal negotiations as soon as possible.

It is true that the clock has not stopped ticking but there is also still time for the UK to rethink the red lines.

Bernd Lange (S&D). – Frau Präsidentin, Herr Kommissionspräsident, Ratspräsidentenschaft! Wenn es so ist, dass *Britain* ein Drittstaat sein möchte, dann müssen wir auch mit einem Drittstaat vernünftig verhandeln und damit anfangen. Das heißt: Bei der Übergangsregelung müssen wir sicherstellen, dass Großbritannien während der Übergangsregelung keine eigenen Handelsabkommen schließt, dass das *level playing field* erhalten bleibt – zum Beispiel bei der Frage von regulatorischer Zusammenarbeit oder bei Beihilfen. Außerdem müssen wir anfangen, über einen Handelsvertrag nach der Übergangszeit zu verhandeln, mit den drei Elementen der Frage der Zölle, der Abwicklung von Zöllen und der regulatorischen Kooperation – damit wir uns nicht immer weiter auseinander entwickeln werden – und auch hinsichtlich der Regeln – also Fragen des geistigen Eigentums, der Arbeitnehmerrechte und so weiter. Das alles muss möglichst schnell angepackt werden.

Ich kann die britische Regierung eigentlich nur auffordern, endlich aus dem Reich der Träumerei auf das Reich der Wirklichkeit zu schauen und in substanzielle Verhandlungen einzutreten!

Zdzisław Krasnodębski (ECR). – Pani Przewodnicząca! Chciałbym przypomnieć, że potrzebujemy Wielkiej Brytanii w tym samym stopniu, w jakim ona potrzebuje nas. Dlatego nasze przyszłe relacje muszą być głębokie i dlatego konieczne są ambitniejsze rozwiązania niż dotychczasowe modele współpracy z państwami trzecimi, zwłaszcza w sferze polityki zagranicznej, bezpieczeństwa i obrony. Powinniśmy skończyć z dążeniem do ukarania Wielkiej Brytanii i wykazać większy realizm w prowadzonych negocjacjach.

Chciałbym powiedzieć jeszcze jedno, o czym koledzy nie mówili. Otóż brexit był i jest także szansą dla Unii, szansą na autorefleksję i reformę, która zmierzałaby do decentralizacji, większej przejrzystości i przywrócenia znaczenia państwowym narodowym, a także oparcia Unii na prawdziwych wartościach europejskich. Niestety nic takiego się nie stało i nadal obserwujemy rozrost praktyk, które składały się na rzeczywisty powód i wynik brytyjskiego referendum. Brak przejrzystości w funkcjonowaniu najwyższych władz instytucji, brak ponoszenia odpowiedzialności za popełniane błędy i wykroczenia oraz arogancja w uzasadnianiu tych praktyk.

Alyn Smith (Verts/ALE). – Madam President, amidst all our talk – quite rightly – about the Single Market and the Customs Union, I think a point worth making is that Scotland voted to remain within our European Union. That is our starting point and that is our domestic issue, but we will be in touch. Don't forget about Scotland.

But in this debate I'd address my remarks to people outside of this Chamber. To the people in England, the people in the United Kingdom, I say as a friend of both, who voted leave: I get it, your anger is justified, your anger is real; but I assure you, your fight is not with the European Union. You were told, you believed the promises; you were told by serious people like David Davis that there was no downside and a considerable upside to voting leave. Well I tell you, dear friends, this is what the future looks like, and it's pretty bloody bleak: a diminished UK, a diminished Europe, a poorer citizenry, a poorer society, a poorer economy. Nobody voted to make themselves poorer. There are no unicorns; there are no windmills for every voter; there is No GBP 350 million for the NHS. They lied to you. You were right, you were genuine, to take those promises at face value. But as we get to the end point of this process, we see what the reality is. There is no shame in changing your mind. There is still time to change course.

Matt Carthy (GUE/NGL). – Madam President, the strength of this resolution on Ireland is to be welcomed. Every month since the Brexit referendum there has been growing support for the Sinn Féin proposal that the north of Ireland acquire special status to prevent a hardening of the border, to protect the Good Friday Agreement and to defend citizens' rights. Membership of the single market and the customs union for all of Ireland is essential.

The British Government has not presented a single realistic proposal on the Irish border. Their position, dictated by the DUP, is political lunacy that would harm Unionist workers, students, businesses and farmers as much as their Republican counterparts. The back-stop, while not perfect, provides some much-needed certainty. The British Government actually signed up for this in December and, for once, it is time for them to honour their word.

Finally, the Irish people have confirmed, time and time again, that they want to be part of the EU but, like citizens across Europe, they want a social, progressive and democratic EU. The ongoing drive for the further militarisation of Europe, including PESCO, is regressive and undermines the message of solidarity and peace that should be central to this Parliament's response to Brexit.

Marcel de Graaff (ENF). – Madam President, the EU should stop its warmongering between Ireland and the UK when it comes to the border with Northern Ireland. The Irish and the British will work it out together as they did before and you very well know that anything the EU touches becomes a filthy mess. Therefore, Mr Juncker, back off and start working on a decent trade deal. A deal without trade with the UK and your already failed project will certainly go bankrupt. So make a deal without protectionism, a deal without tariff barriers, without EU jurisdiction, without full EU rights for EU citizens in the UK, a deal without free movement of people, a deal that fully respects the absolute sovereignty of the United Kingdom. Get on with it or be gone.

Steven Woolfe (NI). – Madam President, fear, dread, alarm, panic, terror, pain. That is all that you hear, from those on that side of the House, will occur to Britain once we leave the European Union, not the positive message that we have campaigned for: one where Britain will be independent, looking outwardly to the rest of the world and still being friends with the European Union. This paper that you present today is one more attempt at fear, but this fear is to try to shackle Britain and undermine us. The reality is that it is the European Union's fear of Britain: fear of Britain succeeding, fear of Britain leaving this club and doing well.

But I will tell you that Britain has never feared looking forward to the future. We weren't in fear when we came to your aid from the times of Nazism to communism. We weren't fearful when we had to tackle our own economic problems, and we will not live in fear living outside of the European Union. We will embrace it and look forward to a bright future. You ought to learn that lesson now.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8)).

Doru-Claudian Frunzulică (S&D), *blue-card question.* – Dear colleague, there are so many ties between the European Union and the UK; the UK and the European Union are so intertwined. Who is going to pay all these costs of Brexit if the UK decides one day to come back to the European Union? Are you, the Brexiteers, going to pay them?

Steven Woolfe (NI), *blue-card answer.* – What I will say to you is that Britain will not return to the European Union. What you will find is that more countries will want to leave the European Union. Because when our economy is growing faster than yours, when our regulations are not imposing costs on the small businesses that you have, and when you finally realise that it is politicians and democracy and the people that make the decisions over their lives, not unelected Commissioners, then you will see that more of Europe will want to leave and join Brexit as well.

György Schöpflin (PPE). – Madam President, a key aspect of Brexit is the future relationship between the European Union and the United Kingdom after the latter has become a third state. The auguries are not encouraging. The Brexit vote has brought to the surface the very deep divisions in the UK. These are not new, but they have acquired saliency following the Brexit vote.

The first such division is deeply ideological – that between the intransigent Brexiteers and the committed remainers. There is no common ground here. Then there are the cracks in what holds the country together. How United really are England, Scotland, Wales and Northern Ireland? How much are they desirous of remaining in the same state and, if so, on what terms? There is a crisis in the British constitution.

Finally, there's the centre-periphery problem. You probably all know this. London and the south-east, well that's a powerhouse, but the further north one goes, the weaker things are economically, in terms of status, aspirations and power. That's the way that peripheries work.

Without a redistribution of power, of goods and status – status above all – the crisis of the United Kingdom will persist. And that signifies that the United Kingdom will be an uneasy partner for the European Union.

Pervenche Berès (S&D). – Madame la Présidente, Monsieur le Président, l'union douanière et le marché intérieur sont aujourd'hui derrière nous dans la relation avec le Royaume-Uni, puisque ce pays ne nous laisse manifestement que l'accord d'association comme voie possible de la future relation. Il faut être clair. Cela signifie que le régime du passeport n'existe plus et que nous rentrons dans celui de l'équivalence, dans lequel la question de la proportionnalité, bien sûr, devra être intégrée, mais l'équivalence – rappelons-le – est une décision unilatérale de l'Union européenne.

D'une certaine manière, il faut que nous ayons tous conscience que, à travers ce nouvel accord d'association à négocier avec le Royaume-Uni, nous serons un peu en situation de cobayes, car nous voyons bien que les nouvelles données d'un accord d'association ont changé. Les accords commerciaux – nous le savons – ont évolué, pas uniquement parce que c'est le Royaume-Uni. La question du règlement des différends et de la prise en compte des questions fiscales sont des éléments nouveaux que nous testerons, d'une certaine manière, malheureusement, dans cet accord avec le Royaume-Uni.

Un dernier mot pour dire que nous devons intégrer pleinement, dans cette négociation, l'effet sur les pays tiers, car ceux-ci voudraient parfois continuer à entretenir une relation avec l'Union européenne comme si le Brexit n'avait pas lieu. Or, il aura un impact dont nous devons tenir compte.

John Flack (ECR). – Madam President, let us negotiate as equals. Do not try and bully us. We are not Norway or Canada: we have almost double the population of Canada and ten times that of Norway. We are a true world power. We offer Europe friendship and cooperation, but be of no doubt: there will be an independent, free, prosperous British lion off your shores.

You will not chain us. Do not be fooled by political has-beens coming from the UK, like Blair and Clegg, desperate for publicity, acting as some sort of third column trying to stop Brexit or, worse still, agree a deal that will leave the UK so weak we come back, cap-in-hand, in decades to come. Be of no doubt: that will not happen. We are offering you tens of billions of pounds in aid, to plug the holes in your budget, just as my father and grandfather endured rationing in order that food could be sent to a starving mainland. We are your friends – your powerful friends – but do not push us too far.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

Alyn Smith (Verts/ALE), blue-card question. – Thank you, Mr Flack, for giving way and taking the blue card. May I congratulate you for being the very first United Kingdom Conservative to actually contribute to this debate today. Does it not strike you as strange that, of all your colleagues, who are acting as the midwife to the Brexit vote – we have heard plenty from the Brexiteers, the charlatans, the shysters, the useful idiots today – you are the first United Kingdom Conservative – the Government of the United Kingdom – to actually speak today? Do you not think you could have said something more than warm words, flannel and nonsense?

(Applause)

John Flack (ECR), blue-card answer. – You consider the offer of friendship and cooperation bad words – that's what the British Conservatives and the British people are offering. The British Conservatives sit here as part of a very large and powerful ECR Group. We are a diverse group with diverse views.

President. – Excuse me, I can see you. There is no need to wave your arms like you're swimming. I can see you.

(Laughter)

I think we need to reflect on this moment. It is an internal UK issue so I will allow you a point of order if it is a point of order, but I will be strict if it is not. You have been warned. Thank you.

William (The Earl of) Dartmouth (EFDD). – Madam President, most people in the chair are not as observant as you, so may I congratulate you on that. Can I ask Mr Smith to please withdraw his remarks on Brexiteers? They are unparliamentary and demean this Parliament.

President. – Mr Woolfe, are you also looking to speak?

Steven Woolfe (NI). – Madam President, as a point of order on parliamentary language, I would ask Mr Smith to withdraw the use of the word 'shyster'. As someone of Jewish heritage, he should be fully aware and understand the power of that term and how demeaning it actually is.

David Campbell Bannerman (ECR). – Madam President, when Mr Smith was speaking, I raised my green card and you ignored it. Are you being fair in this debate? You have been very vocal about the Irish border in the media. Can I please green card Mr Smith about that? It was relevant to the point he made.

President. – Excuse me colleagues, allow me to answer. Thank you, colleagues. First of all, I chair this session totally, as Chair, and I did not see your card, whatever colour it was, so you have to respect my bona fides...

(Interjection from Mr Campbell Bannerman: 'It is this colour, and your staff did, Madam President ... sorry.')

Thank you for the apology. I am trying to keep order in this debate, which is a very important debate for all our citizens. If you were looking for a blue card during a blue-card procedure, then I will have to ask the services what we can do in that regard. But I don't ignore anybody. If I don't see them myself, I hope my services do and I hope the House accepts that.

You can speak when the microphone is on, sir, not when it is not, so bear with me for a moment.

I take note of the comments from other colleagues. I will not allow Mr Smith to respond because it will simply become a very debased debate, so let us move on to our next speaker, and I will consult the services on your point.

Jill Evans (Verts/ALE). – Madam President, 'I am European' is the title of a campaign that my party, Plaid Cymru (the Party of Wales), launched last week calling for people to have the ability to retain their EU citizenship after the UK leaves the EU. The petition received more than 5 000 signatures in just the first few days. Last Wednesday, the House of Commons debated and backed a Plaid Cymru motion on this.

No one has the right to strip people of their citizenship against their will. That's the view of many legal experts but that's what will happen unless there is action now, and it's a question of political will.

I welcome the fact that this resolution again proposes that the EU27 examine how to mitigate the loss of rights of UK citizens, and I urge the Commission and the Council to recognise that for many, their European citizenship is also an essential part of their identity.

Luke Ming Flanagan (GUE/NGL). – Madam President, Ireland finds itself in an unenviable position, caught between two large powers, neither of whom history tells us we can trust. We were bullied for years by Britain, then bullied by the EU on Lisbon and Nice, bullied again on bank debt. It is because of this, I believe that Ireland needs a seat on Michel Barnier's negotiating team. It is only in this scenario, can we get the best possible deal for Ireland both North and South.

We hear support from Donald Tusk, support from Manfred Weber, so they tell us, but I hope it isn't just support because it suits them now, because we didn't get support from you in the past.

During these negotiations we've got to be pragmatic. We've got to work together. We've got to protect citizens' rights. We need to be positive. Statements such as you 'will regret it' from Mr Juncker, I hope you mean that from the point of view of you won't make them regret it, but you think they will regret it, because we need this to work out.

I'd like to hear more positive stuff as we heard from Mr Gualtieri that we need to reduce the negative impact as much as possible. We need this to work. We need you all to grow up, stop fighting and support people.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

President. – Just to respond to Mr Campbell Bannerman. Apparently I had given the floor to another speaker before the services saw your blue card, so let there be no doubt about my commitment to fairness in the Chair, and I hope you accept that. Secondly, Mr Flanagan, there is a blue-card request from Mr Rübzig. Will you accept it?

Paul Rübzig (PPE), Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“. –Frau Präsidentin! Wir haben zurecht erkannt, dass es bei einem *hard Brexit* umso mehr Probleme in Irland geben wird. Können Sie sich vorstellen, dass wir auch im Finanzrahmen der Europäischen Union Vorkehrungen treffen, damit wir im Falle, dass die Konflikte in Irland zu noch größeren Verlusten führen werden, als es sich derzeit darstellt, Irland eine dementsprechende Unterstützung geben können, damit die Katastrophe dort nicht so ausartet, wie wir heute befürchten?

Luke Ming Flanagan (GUE/NGL), *blue-card answer*. – Madam President, it will cost Ireland financially and we do need support. In that context, I would ask the European Union and the ECB to stop Ireland borrowing and burning money that the ECB is forcing us to do. Last year we borrowed EUR 4 billion at the behest of the ECB and we burned it into thin air. If the EU is to prove solidarity towards Ireland and that it is our friend at a time when the ECB were engaged in quantitative easing, they've got to stop forcing us to get involved in quantitative squeezing.

Jeroen Lenaers (PPE). – Madam President, in recent months, Mr Juncker, Mr Tusk and Mr Barnier have sounded more and more like the Spice Girls – please, UK, tell us what you want, what you really, really want – because it has been 627 days since the referendum and we have mostly heard from the UK about what they do not want. Somehow, a very narrow referendum result has led to a blueprint for a hard Brexit, where the UK cannot stay in the single market, cannot stay in the customs union, cannot have a customs union and cannot have a Norway- or a Canada-style deal.

Ms May wants to take back control of laws, money and borders, but at the same time, she speaks of the most comprehensive trade deal ever with frictionless trade and no border in Ireland. Where is the sense of reality?

Her speech last week was an opportunity, after two years, to provide and to paint a realistic picture. Instead Ms May again limited herself to empty slogans, carefully drafted to hold together a divided Cabinet and a divided Tory party, still desperately trying to present Brexit as a win-win situation while asking for many more cakes to have and eat and many more cherries to pick. I am glad that this House today states that that is a completely unacceptable position. It is time for Ms May to stop confusing the Brexit negotiations with Conservative Party management and to start developing a credible and serious negotiating position. Let's get on with that.

Mercedes Bresso (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, vorrei tornare sulla proposta che il Parlamento fa di utilizzare la formula dello statuto di associazione per definire le relazioni con il Regno Unito. L'esperienza della Commissione con la Svizzera ci dice che la molteplicità degli accordi bilaterali è francamente impossibile e difficilissima da gestire. Quindi credo che questa sarebbe una buona proposta.

Mi interesserebbe capire quindi dal nostro negoziatore Michel Barnier come la vede, se secondo lui è possibile e in quale contesto, con che dimensioni, in che modalità pensa che potrebbe applicarsi, in particolare ad esempio rispetto all'ipotesi di una commissione bilaterale che gestisca poi tutta la questione della governance e degli accordi fatti.

In secondo luogo, vorrei anche chiedergli a che punto sono le negoziazioni sullo status dei cittadini europei e britannici dopo l'uscita del Regno Unito. Noi finora ci siamo occupati soprattutto di quelli che sono oggi là, ma cosa succederà successivamente?

Ruža Tomašić (ECR). – Gospođo predsjednice, pregovori o novim odnosima Europske unije i Ujedinjene Kraljevine složeniji su od svih dosadašnjih pregovora Unije s globalnim partnerima. Znali smo da će to biti tako i žao mi vidjeti da su obje strane u taj proces ušle nepripremljene.

Ujedinjena Kraljevina, s jedne strane, još uvijek oblikuje svoje želje i ambicije u jednoj unutarnjopolitičkoj borbi, dok je EU, s druge strane, raspet između potrebe za kvalitetnim trgovinskim sporazumom s vrlo bliskim partnerom i želje establišmenta da se Britance kazni za primjer drugima.

Danas su obje strane još uvijek ostale na istoj točki. Ujedinjena Kraljevina članica je Unije i u potpunosti usklađena s EU27. I nakon Brexita ona će ostati država s istim vrijednostima i jakim demokratskim institucijama, i, nemojte zabraviti, u kojoj živi više milijuna Europljana.

Ako između ovih dvoje partnera ne može biti dogovora, onda je jasno da se radi ili o nedostatku želje ili o nesposobnosti pregovarača.

Γεώργιος Κύρτσος (PPE). – Κυρία Πρόεδρε, για το μπρέξιτ είμαι ταυτόχρονα απαισιόδοξος και αισιόδοξος. Είμαι απαισιόδοξος γιατί θεωρώ ότι η συντηρητική κυβέρνηση του Ηνωμένου Βασιλείου έχει δυσκολίες να το διαχειριστεί και αυτό έχει σχέση και με την ιστορία του συντηρητικού κόμματος. Να θυμηθούμε ότι η Θάτσερ αμφισβητήθηκε από τους φιλοευρωπαίους, ο Μέιτζορ αμφισβητήθηκε από τους αντιευρωπαίους και ο Κάμερον οδηγήθηκε σε προσωπικό πολιτικό αδιέξοδο στην προσπάθειά του να απαντήσει στην πρόκληση του UKIP, την αντιευρωπαϊκή πρόκληση.

Επομένως κατανοώ τις πολιτικές δυσκολίες –είναι διαχρονικές– και αυτό αναδεικνύει και τον σωστό ρόλο που παίζει ο κ. Barnier με τους συνεργάτες του, δηλαδή κάνουν μια σωστή, δύσκολη, έντιμη, αποτελεσματική διαπραγμάτευση σε ένα πολύ δύσκολο πολιτικό περιβάλλον και νομίζω ότι, αν θέλουμε να ψάξουμε μία ευρωπαϊκή προσωπικότητα γύρω από την οποία μπορεί να ενωθούμε εδώ, αυτή είναι ο κ. Barnier, αντί να ψάχνουμε άλλα παραδείγματα τα οποία είναι λιγότερο φωτεινά.

Από την άλλη, είμαι αισιόδοξος, γιατί θεωρώ ότι το τελικό αποτέλεσμα της διαπραγμάτευσης δεν θα είναι ικανοποιητικό, επομένως η δυναμική του μπρέξιτ θα σπάσει και η δυναμική του remain –γιατί αυξάνονται οι υποστηρικτές του remain στο Ηνωμένο Βασίλειο αλλά δεν έχουν βέβαια πολιτική έκφραση– θα ενισχυθεί. Γι' αυτό λοιπόν θέλω να είμαστε με ανοιχτό μυαλό και ανοιχτή αγκαλιά έναντι των φίλων του Ηνωμένου Βασιλείου, γιατί, απ' ό,τι έχω μάθει στην πολιτική και στη ζωή, ποτέ μη λες «ποτέ».

Nicola Danti (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, Presidente Juncker, ogni giorno che passa, tutto ciò che sembrava semplice appare maledettamente più complicato, e conciliare l'uscita dall'Unione europea e il mantenimento dei benefici collegati è sempre più difficile, a meno di non minare l'idea stessa di Europa. Questo dilemma emerge in tutta la sua portata quando affrontiamo il tema del mercato unico, dove non c'è spazio per soluzioni fantasiose, come disse il primo ministro May, e non c'è spazio per soluzioni *à la carte*.

Dopo due anni dal referendum e dopo un anno dall'avvio dei negoziati, abbiamo bisogno adesso di risposte chiare da parte del governo inglese. Le domande sono semplici: mercato unico: sì o no? Unione doganale: sì o no? Accordo commerciale: quale? Una risposta definitiva a queste domande è la premessa per poter finalmente arrivare a definire una strategia di fruttuosa collaborazione per le future relazioni.

Una cosa è chiara, signor Presidente: per l'Europa la protezione e l'integrità del mercato unico, frutto di decenni di costruzione faticosa, non può essere messa in discussione.

James Nicholson (ECR). – Madam President, two weeks ago the Commission published its draft withdrawal agreement containing proposals on Northern Ireland that, at best, show a disregard of the Belfast Agreement and the principle of consent. At worst, they read as an attempt to use Brexit to pull Northern Ireland away from the rest of the United Kingdom.

Then last week, Leo Varadkar and Donald Tusk chose to dismiss the Prime Minister's reasonable call between Brussels, Dublin and London on border issues. This kind of attitude is putting strain on relationships and risks hardening opinions on all sides. I would say to Mr Tusk that you are playing a high-stakes game with the United Kingdom, and with Northern Ireland in particular. You are in serious danger of overplaying your hand.

We want and need solutions that avoid a hard border and respect the constitutional integrity of the United Kingdom and the Belfast Agreement. We can only do that if we all work together.

Gunnar Hökmark (PPE). – Madam President, when our own mini-Trump, Mr Farage, claims here in this plenary that the European Union is bullying the United Kingdom, it is his way of informing us that he now understands the consequences of Brexit. He understands that when you are leaving the internal market, you're leaving it. When you are leaving the common legislation, you are leaving it. When you are leaving the cooperation for security, you are leaving it.

I must say it doesn't take a mathematician to understand the consequences of that. But he now understands and blames European Union for his propaganda. That is as Trump as you can get.

We need to be more grown up than that. The European Union, the European Parliament and the Commission – we are of course a part of the negotiations, but we must be more than that. We must take responsibility for Europe as such, for what is best for Europe; what is best for the United Kingdom, in spite of a disoriented government and political establishment; what is best for the remaining countries, and what is best for all of us regarding the economy, financial markets and security. Let's have that in mind. We are not only part of the negotiations, we are responsible for the future of Europe.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

William (The Earl of) Dartmouth (EFDD), *blue-card question*. – First of all, thank you very much for taking the Blue Card. I have one very simple question, which is: on the basis of what you said, and which attracted a great deal of support, will the European Parliament in your opinion – I am asking you to make a prediction – vote in favour of any agreement that is reached between the European Commission, the European Council and the British Government? Do you think that the European Parliament will vote in favour of it or vote against it?

Gunnar Hökmark (PPE), *blue-card answer*. – Dear colleague, I would like to inform you about democracy. The whole idea of democracy is that things are not decided on before. It is decided when you decide, based upon what you decide on and based upon what you think about that decision. That is the parliamentary system in the United Kingdom, and that is the parliamentary system of this Parliament.

Josef Weidenholzer (S&D). – Frau Präsidentin! Es ist nicht leicht vorherzusagen, wie dieses traurige Brexit-Theater ausgehen wird. Nicht einmal für uns, die wir uns regelmäßig damit beschäftigen, und schon gar nicht für die unmittelbar Betroffenen – Millionen Menschen, über drei Millionen Bürger aus EU-Staaten in Großbritannien und über eine Million Briten außerhalb des Königreichs. Sie verfolgt diese Frage bis in den Schlaf, ihre Zukunft ist ungewiss. Sie fühlen, dass sie Verhandlungsmasse sind, und fürchten, dass sie am Ende des Prozesses zur Verschubmasse werden können. Fast 4,5 - Millionen Menschen – viele Mitgliedstaaten haben weniger Einwohner – sind davon betroffen. Sie haben ihre Entscheidungen im Vertrauen auf den Fortbestand von Rechtsnormen getroffen. Sie brauchen klare Entscheidungen und keine Ungewissheiten.

Als europäische Parlamentarier werden wir alles tun, um zu garantieren, dass Recht Recht bleibt. Die Rechte aus der Unionsbürgerschaft bedürfen unserer besonderen Aufmerksamkeit. Ich kann mir nicht vorstellen, einem Brexit-Deal zu Lasten der Bürgerrechte zuzustimmen, und da bin ich mir mit vielen Kolleginnen und Kollegen einig.

Tom Vandenkendelaere (PPE). – Voorzitter, het is duidelijk dat elke stap die we nemen in deze onderhandelingen meer vragen met zich meebrengen, en dat aan beide kanten van het Kanaal.

Dat is zeker het geval voor een groep mensen die tot nu toe, en onterecht, onderbelicht bleef: onze vissers. De vissers in Vlaanderen hebben het moeilijk. Ze willen nieuwe investeringen aangaan, maar krijgen daarbij, door Europese regels, geen steun van de Unie. En net nu wordt één van hun grootste factoren voor bedrijfszekerheid in vraag gesteld. Velen onder hen vissen op basis van historische rechten en afspraken in Britse wateren. En ze doen dat met respect voor het milieu en met respect voor geldende regels.

Of we het nu willen of niet, de visserij maakt onvermijdelijk deel uit van deze onderhandelingen. Het is daarom cruciaal dat in onze nieuwe relatie met het Verenigd Koninkrijk op het vlak van de visserij heldere afspraken worden gemaakt. Eerst en vooral moet het gaan over het in stand houden van de visbestanden. Vissen stoppen, ook na de brexit, niet met zwemmen aan de grens tussen de Britse en de Europese wateren. Maar het belangrijkste punt is het volgende. Voor die bedrijfszekerheid van de Vlaamse maar ook Britse vissers is het belangrijk dat die toegang tot elkaars wateren zoals deze vandaag bestaat, verzekerd kan blijven. En daarnaast moet er een duidelijke link bestaan tussen toekomstige visserijakkoorden en de nieuwe relatie met het Verenigd Koninkrijk, zoals die door onderhandelingen tot stand gaat komen. Zo niet, collega's, – vergeef mij de metafoor – dreigen we in verraderlijk vaarwater verzeild te raken, en dat mogen en kunnen we onze vissers niet aandoen.

Agnes Jongerius (S&D). – Voorzitter, we praten vaak over brexit als een technisch gegeven, maar ik wil hier nog één keer benadrukken: het gaat over mensen en de gevolgen voor diezelfde mensen.

Na TTIP hebben we afgesproken dat handelsverdragen nooit mogen leiden tot verwatering van EU-normen en EU-standaarden. Dat geldt dus ook voor het toekomstige handelsverdrag met de Britten. Dus, goede handhaving bijvoorbeeld op het stuk van voedselveiligheid en milieunormen. Ook willen we garanties dat het VK zich niet gaat ontwikkelen tot een handelspartner die onze sociale standaarden onder druk zet en fiscale dumping stimuleert. Anders zijn het de Europese werknemers die het slachtoffer worden van hun politieke beslissingen.

Bij CETA hebben we afgesproken dat we naar hogere standaarden streven door samenwerking op het gebied van regelgeving. Alleen als de Britten hier ook voor gaan, kan dat leiden tot een duurzame en vruchtbare handelsrelatie.

Othmar Karas (PPE). – Frau Präsidentin, Herr Kommissionspräsident, lieber Michel Barnier! Ich möchte mich zuerst einmal bei den beiden Herren Juncker und Barnier bedanken, vor allem bei Michel Barnier, mit welcher ruhiger Hand, Konsequenz, Kompetenz, Objektivität und Ernsthaftigkeit er diese Verhandlungen leitet und führt.

(Beifall)

Eine Ernsthaftigkeit, die mir bei der Premierministerin des Vereinigten Königreiches abgeht. Sie meint noch immer, dass sie so etwas wie einen warmen Eislutscher verhandeln muss. Großbritannien soll den Binnenmarkt und die Zollunion verlassen, aber alle Vorzüge behalten. Das ist ausgeschlossen! Das ist unmöglich!

Ich möchte noch einen zweiten Punkt einbringen: Wir müssen die Brexit-Erfahrungen auch dazu nutzen, die europäische Demokratie weiterzuentwickeln. Der Brexit zeigt uns neuerlich, wie die Referenden über den Verfassungsvertrag, dass nationaler Populismus, parteitaktische Spielchen, persönliche Eitelkeiten und eine Stimmungsdemokratie den Menschen im eigenen Land schaden können, aber auch allen Menschen in der Europäischen Union Schaden zufügen können. 4,6 % Prozent aller EU-Bürgerinnen und -Bürger haben direkt oder indirekt über alle 508 Millionen EU-Bürgerinnen und -Bürger entschieden. Das halte ich nicht für demokratisch. Das ist der europäischen Demokratie nicht angemessen. Es ist notwendig, auch darüber EU-weit zu diskutieren und die europäische Demokratie weiterzuentwickeln.

Bogusław Liberadzki (S&D). – Pani Przewodnicząca! Panie Przewodniczący Juncker!-Panie Barnier! Chciałem nawiązać do Pana wystąpienia. Trzy momenty szczególnie przypadły mi do gustu. Pierwszy: metodyczne podejście, drugi: transparentność procesu i wreszcie pozytywna ocena dotychczasowej pracy pana Michela Barnier. To są punkty, co do których nie powinniśmy tutaj wyrażać żadnych wątpliwości. Kolejna rzecz. Trzy opcje i w tym opcja: specjalne porozumienie czy rozwiązanie dla Wielkiej Brytanii. Uważam, że jest to naprawdę bardzo daleko idące wyjście naprzeciw. Drugie to wypowiedź pana Roberto Guevary, który zwrócił uwagę na to, że, po pierwsze, nie ma kompetentnej odpowiedzi ze strony rządu Wielkiej Brytanii, po drugie, żeby traktować ludzi lepiej niż towary. Ale za rok, dokładnie za rok, 29 marca 2019 r. brexit może się zdarzyć. Jestem pytany przez przewoźników drogowych, w jaki sposób będą wjeżdżać do Wielkiej Brytanii 30 marca 2019 r., a jest to 4 tys. wjazdów na dobę.

Marietje Schaake (ALDE). – Madam President, time is running out. The UK Government is encouraged and, actually, urged to make and articulate choices on the future trade relations. Political promises cannot remain vague and contradictory forever. For us, a level playing field is essential. We should not make concessions when it comes to high standards or compromises on the unity of our single market, but it is time for a reality check in London: special trade privileges are only negotiable when the United Kingdom also accepts overarching rules and standards. Yet the UK's many red lines only lead to one thing: there will be hurdles and friction when it comes to trade, and that negatively impacts citizens, small and medium-sized enterprises and, of course, many other companies.

A solid future relation does not magically emerge on the basis of speeches. I therefore urge Prime Minister May to come up with a realistic proposal about the trade relations she does want for her country after Brexit in relation to the European Union.

Terry Reintke (Verts/ALE). – Madam President, as this process unfolds, we can all clearly see what the biggest lie was during the Brexit campaign. It was not a bus that was claiming that there would be GBP 350 million for the NHS, it was not the wrong statistics given or the wrong representations of the European Union; it was the claim itself that was a lie – taking back control – because as we see Brexit develop, we see that it does the exact opposite. Millions of citizens – non-British and British EU citizens – are losing control over their lives. They are losing control over the possibilities that they have in their lives. We see the people on the island of Ireland losing control over the peace process which they thought was going in the right direction. We need to say very clearly that when this is going to unfold, when we are going to lose control, who is going to win from this? It is going to be the bullies, it is going to be the people with no scruples. This Parliament has to make sure that the good people are not going to lose control, that we stand up for their rights, that we stand up for them having control over their lives, even in this very horrible situation.

PRESIDENZA DELL'ON. ANTONIO TAJANI*Presidente**Procedura «catch-the-eye»*

Francisco José Millán Mon (PPE). – Señor presidente, quiero empezar expresando el deseo de que podamos encontrar entre la Unión Europea y el Reino Unido una asociación futura estrecha, equilibrada y mutuamente beneficiosa que nos permita afrontar de forma coordinada muchos retos que nos son comunes. Yo quiero insistir en una materia en la que debemos seguir cooperando estrechamente, como ya lo ha mencionado el señor Vandenkendelaere.

Desde hace mucho tiempo, pescadores europeos pescan en aguas británicas y en su zona económica exclusiva y, recíprocamente, buques británicos faenan en aguas y en las zonas económicas exclusivas de los Estados miembros. Esto debe seguir siendo así y, para ello, deberemos alcanzar un acuerdo específico de pesca.

También deben proseguir los intercambios de productos de la pesca. Alrededor del 67 % de las exportaciones británicas de pesca y mariscos se destinan a los mercados europeos.

Espero que estos flujos comerciales se mantengan, pero, para ello, tiene que mantenerse también el acceso recíproco a las aguas: los peces no conocen fronteras; la gestión de los *stocks* de pesca que compartimos también debe efectuarse en estrecha coordinación.

La pesca es un ámbito en el que tendremos que alcanzar una relación futura constructiva, mutuamente beneficiosa. El acceso a aguas y el acceso a mercados deben estar estrechamente vinculados.

Juan Fernando López Aguilar (S&D). – Señor presidente, han transcurrido ya dos años desde aquel desdichado referéndum en el que se puso de manifiesto —y no por primera vez— un error trágico perpetrado por un gobernante europeo: pretender frenar el populismo y la eurofobia, tan representados en esta Cámara, abrazando sus banderas.

Pero el daño está hecho. Muchos no lo deseábamos. Y lo que hemos visto, a pesar de la complejidad y de la oscuridad que traslucen muchos de los debates sobre el seguimiento del *brexit*, es que la opinión pública europea, que no lo deseaba, ya se ha hecho a la idea. Pero esto contrasta con la confusión reinante en la posición británica: ninguna claridad en relación con Irlanda del Norte, con Gibraltar —territorios que, por cierto, votaron en contra del *brexit*— y, sobre todo, preocupación en torno a los acuerdos de aviación comercial por parte de compañías participadas por capital británico.

Por eso son enormemente exigibles, señor Barnier, claridad, resolución y determinación, porque el tiempo corre en nuestra contra y el reloj de arena nos señala el tiempo de caducidad de la negociación. El momento de llevarla a cabo es ahora. El reloj de arena corre en nuestra contra.

David Campbell Bannerman (ECR). – Mr President, I just want to say briefly in this debate that I am disappointed that none of the realities of the UK leaving have really been touched upon from the EU point of view, such as the fact that the UK will become the largest single market of the EU when we leave – bigger than China, the United States and Japan, for example. We have a GBP 75 billion deficit with the EU of your goods, and we employ 1.5 million Germans through cars, etc. The City of London is very important in funding EU businesses. I have heard none of this today.

What we need is a super Canada deal, one that is bigger, better and deeper than the one with Canada – which is entirely achievable – and a strategic partnership agreement on foreign affairs, defence and security. I thank Mr Verhofstadt for his support for the UK in respect of the dreadful attack on our soil. When it comes to security, we are as one.

Catherine Bearder (ALDE). – Mr President, this Brexit Government still has no plan: no plan on Northern Ireland, no plan for its citizens, and no plan for businesses. No clear plan is a dereliction of duty. The Church Times wrote, and I quote: ‘when a government sees an impending threat to the people in its care, it fails in its duty if does nothing to remove that threat’. Ms May and her Conservative Government are failing in their duty of care to the country. As the so-called ‘party of business’, it would appear they have no business plan. You can’t run a corner shop without a business plan, let alone a country.

The single market has massive benefits, but it also has rules. This resolution is clear about those rules, and it is reasonable to defend them. But whatever the deal might be, we as the Liberal Democrats demand the people have a say on it. We here will have a vote. It’s likely the Parliament of Wallonia will have a vote. As my hashtag says, #giveusasayMrsMay.

Ana Miranda (Verts/ALE). – Monsieur le Président, Monsieur Barnier, on vous a connu en tant que commissaire à la politique régionale et vous savez bien ce que sont la pêche et la politique de cohésion. Nous voudrions bien savoir si la Commission européenne – comme nous vous l’avons déjà demandé il y a un an – a fait une étude d’impact sur la pêche européenne et notamment en ce qui concerne la Galice, étant donné que la Galice est un pays de pêcheurs qui sera durement touché par les conséquences du Brexit. Nous voudrions bien aussi connaître l’impact sur la libre circulation des personnes. De nombreux jeunes de mon pays ont émigré au Royaume-Uni et nous ne savons pas ce qu’il adviendra d’eux en tant que citoyens de l’Union. Ils sont dans une impasse. Il ne s’agit pas que d’une ou deux personnes; plus de 40 000 personnes originaires de Galice vivent au Royaume-Uni.

João Ferreira (GUE/NGL). – Senhor Presidente, os povos devem ter o direito de decidir de forma soberana os seus destinos, incluindo no que se refere à saída da União Europeia. Esta decisão deve ser respeitada e o sequente processo negocial deve ser isento de pressões, de ameaças e de chantagens.

Reiteramos aqui que o acordo de saída do Reino Unido da União Europeia não deve redundar num enfraquecimento das normas relativas aos direitos dos trabalhadores migrantes nem de outros direitos sociais, designadamente o direito de residência, o direito à igualdade de tratamento, o direito de acesso a serviços públicos de cuidados de saúde e de educação, o direito à transferibilidade das prestações de segurança social, o direito ao reagrupamento familiar e o reconhecimento mútuo das habilitações académicas e das qualificações profissionais.

Qualquer futuro acordo económico e comercial entre o Reino Unido e a União Europeia deve ter em conta as especificidades e os interesses dos diferentes Estados-Membros, e cada Estado-Membro deve ter o direito de estabelecer relações com o Reino Unido nas mais diversas áreas, de acordo com os seus interesses próprios.

Mairead McGuinness (PPE). – Mr President, I dare say there are a few in this House that put a few bob on the horses and we should acknowledge that the Cheltenham Festival is today. There might be a few people there discussing Brexit because actually Brexit will damage the horse-racing industry because it relies on EU rules, and I dare say Mr Farage might be interested in that. This is a huge concern for punters, for breeders, for trainers, and we need to find a solution.

Can I also address Prime Minister Theresa May directly? When she spoke in her speech about a precious union of the United Kingdom, I get that. I fully understand it. But, can I say that the European Union is also precious? Not in the way that sometimes precious is perceived; it’s important, it’s vital, and therefore that’s why we defend it.

Can I say that one of the big hurdles we face, continuing the racing metaphor, is that of the border with Northern Ireland? Jim Nicholson has left the Chamber, but he’s a wise man and he, in my view, is a bridge between the extremes of Sinn Fein and the DUP. Perhaps we should listen to him.

John Howarth (S&D). –Mr President, as the resolution recognises, the logical consequences of the UK Conservative Government's red lines are customs checks and delays at Dover and elsewhere, which will seriously impact the supply chains not only of UK businesses, but also businesses in the EU27. Theresa May's red lines have boxed the UK into a corner, with a free trade agreement now the only option. This will be damaging for the EU and a disaster for the United Kingdom. Whitehall's own assessment of the impact makes for bleak reading. If the UK ends up with only a free trade agreement, it can be expected a GDP drop of 5% nationally, including in my South-East constituency. Under WTO rules, which the likes of UKIP want, that would be even worse.

None of this seems to bother the UK Conservatives, who seem to have abandoned UK business entirely, but it will not be their wealthy chums who suffer from this. It will be ordinary people. It is high time this government dropped its red lines and negotiated with an open mind.

Arne Gericke (ECR). – Herr Präsident! Wir diskutieren hier und heute Leitlinien für die zukünftigen Beziehungen zwischen der EU und dem Vereinigten Königreich. Das ist wichtig. Allerdings sage ich Ihnen auch: Wenn ich bei mir zu Hause auf den Marktplatz gehe oder am Stammtisch bin, dann diskutieren die Menschen dort nicht, wie es wohl mit dem Vereinigten Königreich weitergehen wird. Was die Menschen von der Kommission erwarten, ist eine Lösung für die EU-27 der Zukunft, vor allem eine finanzielle Lösung. Und auch da ist der Volksmund sehr klar: „Wir zahlen keinen Cent mehr, wir zahlen eh schon genug.“ Leider kommt diese Botschaft in Brüssel nicht an.

Ein Drittel der Brexit-Lücke, sagt Kommissar Oettinger, soll Deutschland füllen – drei bis vier Milliarden Euro mehr pro Jahr. Schon heute zahlen wir 13 Milliarden Euro mehr, als wir bekommen. Plus vier macht 17, dividiert durch 82 Millionen macht 208 Euro pro Kopf. Deshalb mein Appell in dieser Runde: Finden wir eine Lösung für den Haushalt, diskutieren wir auch Leitlinien für die Beziehungen zwischen der EU und ihren Bürgern!

(Fine della procedura «catch-the-eye»)

Michel Barnier, négociateur en chef pour le Brexit. – Monsieur le Président Tajani, Monsieur le Président Juncker, je vous remercie de me permettre de m'exprimer au terme de ce débat, que nous avons évidemment écouté avec beaucoup d'attention.

Madame la Ministre, Mesdames et Messieurs les députés, je suis heureux de vous retrouver pour faire le point. Les citoyens britanniques, dans leur majorité, ont choisi souverainement de quitter l'Union européenne. C'est un choix que nous regrettons, c'est un choix que nous respectons. Désormais, nous le mettons en œuvre. *Brexit means Brexit.*

Mais à ce stade, je voudrais dire deux choses, préalablement, que tout le monde, ici et ailleurs, doit bien comprendre et garder en mémoire. D'abord, à propos du Royaume-Uni, qui a choisi de quitter l'Union: nous avons eu, j'ai toujours eu, et nous garderons jusqu'au bout, en toute hypothèse et en toutes circonstances, pour ce pays – sa culture, son peuple, son histoire, solidaire de la nôtre dans les moments les plus tragiques, sa diplomatie –, le respect qui est dû à un grand pays, un pays ami et un pays allié.

Ensuite, il est important que tout le monde comprenne que, dans cette négociation extraordinaire, complexe, extraordinairement complexe, notre responsabilité, la vôtre, celle du Conseil et, évidemment, celle de la Commission sous l'autorité du président Juncker, notre responsabilité est de préserver, pour l'avenir et pour le long terme, ce que nous sommes, notre Union, nos valeurs, notre identité, notre marché unique, nos politiques communes. Rien de cela, Mesdames et Messieurs les députés, rien de tout cela n'est négociable, et nous en sommes responsables.

Chaque jour – juste un mot un peu personnel dans la mission qui m'a été confiée, au tout début, par le président Juncker, et que vous accompagnez, Mesdames et Messieurs –, je garde en tête une phrase d'un homme d'État français que je respectais beaucoup, Pierre Mendès France, qui disait, dans un discours, «Ne jamais sacrifier l'avenir au présent». Tout à l'heure, M. Hökmark et M^{me} McGuinness ont dit cela aussi avec beaucoup de force.

Au moment où nous sommes dans cette négociation, au terme de ce débat, je veux partager avec vous trois messages. D'abord, nous devons mettre les choses dans le bon ordre, comme nous l'avons fait depuis le début, pour préparer et construire un nouveau partenariat ambitieux avec le Royaume-Uni: la condition préalable – le *prerequisite* –, c'est d'organiser son retrait de manière ordonnée plutôt que de manière désordonnée. Roberto Gualtieri a insisté sur ce point. Sous l'autorité du président Juncker – que je remercie de sa confiance –, la Commission – qui fait son travail, qui fait le travail que vous lui avez confié –, a présenté, il y a quinze jours, ce projet complet de traité. Les choses sont maintenant claires, on peut les avoir entre les mains.

Il s'agit, à travers la proposition de ce projet complet de traité, d'accélérer et de faciliter la discussion avec les Britanniques en travaillant, désormais, sur un texte juridique. Comme l'ont très bien dit Danuta Hübner et le président - Juncker tout à l'heure, le temps est très court. Il est court pour la négociation de l'accord de retrait, il sera court pour la négociation de toute relation future. Il est également court - permettez-moi d'insister sur ce point - pour la préparation que nous devons effectuer dans chacun de nos pays et, ensemble, avec les parties prenantes, pour préparer les conséquences inévitables du Brexit, que les Britanniques ont choisi. Cette préparation - je tiens à le dire en le remerciant - est conduite aussi, au niveau de la Commission, par notre secrétaire général, Martin Selmayr.

Le temps est court. Nous avons, sur ce texte, des points de vigilance particulière, que vous avez rappelés les uns ou les autres dans vos interventions et que vous rappelez, Guy Verhofstadt, dans cette résolution. Évidemment, notre priorité commune, c'est d'abord les citoyens. Nous resterons jusqu'au bout attentifs - c'est-à-dire jusqu'au moment de la ratification de cet accord de retrait - aux garanties que nous avons obtenues dans le rapport conjoint au mois de décembre et sur la mise en œuvre effective de l'ensemble des droits dans le cadre de procédures simples et non coûteuses.

Madame Miranda, vous avez évoqué tout à l'heure, comme Gabriele Zimmer, ou Barbara Spinelli, Jill Evans et Josef Weidenholzer, cette question prioritaire des droits des citoyens britanniques qui vivent et travaillent - et qui ont choisi de vivre et de travailler - dans l'un de nos 27 pays, et, évidemment, des trois millions et demi d'Européens, parmi lesquels beaucoup d'étudiants, qui vivent et travaillent au Royaume-Uni.

Nous attendons aussi du Royaume-Uni un engagement sincère et des avancées dans les prochains jours sur l'ensemble des autres sujets, tels que la gouvernance de l'accord Euratom. Je pourrais multiplier les exemples des sujets que nous n'avons pas complètement négociés, sur lesquels nous n'avons pas encore d'accord, lesquels font partie de tous les sujets de la séparation et qui sont indispensables à un retrait ordonné. Cela concerne évidemment aussi la transition. Nous acceptons - les dirigeants européens ont accepté, vous avez accepté - la demande du gouvernement britannique, présentée par Theresa May, d'inclure une période de transition dans l'accord de retrait. Évidemment, dans cette période de transition courte, dans le respect de l'article 50, toutes les règles de l'Union devront s'appliquer sans aucune distinction. Par exemple, un citoyen qui arrivera durant cette période de transition - Mercedes Bresso a évoqué ce point - devra bénéficier des mêmes droits que celui qui est arrivé avant le jour du Brexit.

Il y a un deuxième point qui est évidemment celui de notre partenariat futur, évoqué dans votre résolution. Vous dessinez, dans ce texte, l'architecture et le contenu - comme le fera le Conseil européen dans quelques jours, sous l'autorité de Donald Tusk - de ce que pourrait être ce partenariat ambitieux avec le Royaume-Uni. Guy Verhofstadt évoquait l'association future avec ce grand pays autour de quatre piliers, et je me retrouve dans cette architecture que vous proposez.

Premièrement, notre relation commerciale. M. Sulík évoquait tout à l'heure les échanges. Il faut évidemment encadrer ces échanges commerciaux et continuer à faire du commerce avec le Royaume-Uni, y inclus dans cette relation commerciale - comme l'ont évoqué M. Vandenkendelaere, M. Millán Mon ou M^{me} Miranda -, un accord équilibré sur la question de la pêche.

Deuxièmement, des coopérations thématiques. M. López Aguilar évoquait l'aviation, M. Peter van Dalen évoquait la recherche ou les universités - je pourrais citer Erasmus. Nous établirons, dans un cadre financier réglementaire différent de celui d'aujourd'hui - puisque le Royaume-Uni a choisi de ne plus être dans l'Union -, un cadre de coopération pour maintenir dans l'intérêt commun ce travail avec les Britanniques.

Troisièmement, une coopération en matière de justice, d'affaires intérieures, de coopération policière ou judiciaire et, enfin, évidemment, avec ce grand pays, un partenariat stratégique pour la politique étrangère, la sécurité et la défense.

S'agissant du premier pilier, celui de la coopération économique, au moment où nous parlons, tous les modèles de coopération avec des pays tiers sont encore sur la table. Ils sont disponibles.

We are open for business. It is the UK that is closing doors.

J'ai écouté attentivement le discours de Theresa May à la *Mansion House*, qui confirme les portes que le Royaume-Uni ferme lui-même objectivement en confirmant des lignes rouges.

Sortir du marché intérieur, quitter l'union douanière, Elmar Brok a rappelé tout à l'heure cette ligne rouge. Esteban González Pons aussi. Retrouver une autonomie réglementaire et commerciale, cela nous a été dit tout à l'heure par plusieurs d'entre vous. Ne plus jamais être lié par la Cour de justice, voilà les lignes rouges que le Royaume-Uni confirme. Nous en prenons acte, mais alors il faut se rendre à l'évidence. On ne peut pas vouloir à la fois le statut d'un pays tiers et demander en même temps les avantages appartenant à l'Union et uniquement à l'Union, comme l'a précisé Philippe Lamberts. On ne peut pas et on ne pourra pas utiliser le marché intérieur à la carte – M. Lenaers tout à l'heure ou M. Danti l'ont dit –, alors qu'il constitue un écosystème intégré et que les quatre libertés, y inclus la liberté de circulation, sont indivisibles et indissociables. On ne peut pas vouloir participer à nos agences sans l'engagement juridique d'adopter et d'appliquer le droit de l'Union et la juridiction de la Cour de justice. On ne peut pas et on ne pourra pas solliciter de l'extérieur la reconnaissance mutuelle des règles et des normes, alors que cela ne peut reposer que sur la confiance, c'est-à-dire une loi commune, une supervision cohérente et une juridiction unique. Mesdames et Messieurs les députés, Monsieur le Président, c'est une idée assez étonnante, en effet, que de croire que les 27 États membres de l'Union et votre Parlement pourraient accepter, en quelque sorte, la convergence quand le Royaume-Uni le souhaite et lui laisser en même temps la possibilité de diverger quand il s'agirait pour lui de créer un avantage comparatif.

To coin a phrase, it's time to face up to the hard facts.

M. Ferreira, M. Lange et M^{me} Scott Cato notamment ont évoqué la question des normes au Royaume-Uni – ce sera un pays tiers et souverain – et puis chez nous aussi. C'est un point très important et c'est une question que j'ai posée il y a quelques semaines et pour laquelle nous n'avons pas encore de réponse du Royaume-Uni. Le Royaume-Uni choisit de quitter l'Union, choisit de quitter le marché unique et l'union douanière. Nous en prenons acte.

Est-ce qu'il veut aussi quitter ou s'éloigner de notre modèle réglementaire, celui-là même que nous avons construit patiemment ensemble avec vous et vous avec nous depuis 44 ans? Un modèle réglementaire qui n'est pas seulement une question de normes, de standards ou de lois, derrière lequel il y a en fait des choix de société que nous avons faits ensemble: l'économie sociale de marché, la protection sociale, la sécurité et certains modèles alimentaires, la régulation financière. Je pourrais citer d'autres exemples de ces choix de société communs que nous avons fait à 28 et qui sont traduits, consolidés par ce modèle réglementaire. Et cette question est très importante. Est-ce que le Royaume-Uni veut aussi s'éloigner de ce modèle-là que nous avons construit avec lui et s'engager dans la voie de la concurrence réglementaire, voire du dumping, contre nous? Cette question n'est pas seulement importante – je le dis en passant – pour l'économie elle-même, pour les citoyens et pour les consommateurs. Elle est aussi très importante pour les conditions politiques de la ratification de tout futur accord de relations entre nous et le Royaume-Uni, parce que ce jour-là, il s'agira pour le Parlement européen de se prononcer, pour le Conseil aussi, mais aussi à l'unanimité pour les 27 parlements nationaux et peut-être même pour certains parlements régionaux. Et je recommande sur cette question de la divergence, voire du risque de dumping, d'être très attentifs, dès maintenant, aux conditions de cette ratification.

Enfin – c'est mon dernier point –, il y a la question de l'Irlande à la charnière, à la jonction de ce que nous sommes, l'Union européenne, et de ce que représente et de ce que veut dire le Brexit. M^{me} McGuinness a évoqué ce point avec beaucoup de force. Chacun sait que l'Union a joué son rôle, a tenu sa place pour le dialogue et la paix en Irlande, pour rapprocher et donner un horizon commun, les conditions de la stabilité et du dialogue entre des communautés autrefois divisées. L'Union n'est pas responsable des conséquences du Brexit mais elle est comptable de cette coopération, de cette stabilité et de cet avenir commun. Voilà pourquoi, comme beaucoup l'ont souhaité, un accord solide et durable sur le Brexit – écoutez-moi bien –, sur le retrait ordonné, doit comporter une solution solide et durable pour l'Irlande et pour l'Irlande du Nord.

C'est là le sens du protocole que nous avons proposé dans ce projet d'accord de retrait. Cette option, cette troisième option que nous avons opérationnalisée fait partie des engagements communs entre nous et le Royaume-Uni au plus haut niveau, celui de Theresa May, du Président Juncker et de Donald Tusk. Et ce document ne fait que mettre en œuvre une des options du rapport conjoint de décembre. Je vous l'ai déjà dit, Madame Dodds, quand nous sommes vus dans mon bureau, il y a quelques jours, et je le dis aussi à M. Nicholson que j'écoute toujours avec attention, elle fait partie ni plus ni moins des options que nous avons décidé d'étudier pour apporter des solutions concrètes. C'est notre responsabilité de préciser de manière opérationnelle comment nous éviterons une frontière dure sur l'île d'Irlande en l'absence d'autres solutions et en tenant compte de la décision du Royaume-Uni de quitter le marché unique et de quitter l'union

douanière. Et je ne cesserai pas de répéter que cette solution de repli (*backstop*), une parmi les trois, nous sommes prêts à la remplacer par toute autre solution meilleure qui serait proposée par le gouvernement britannique. C'est un point qu'a évoqué M. Carthy ou Richard Corbett tout à l'heure.

En conclusion, Monsieur le Président Tajani, Madame la Ministre, Mesdames et Messieurs les députés, je veux simplement confirmer que la solidité et la clarté de la position de l'Union, notre unité sur les sujets du retrait, comme sur l'avenir, c'est cela qui fait notre force dans cette négociation. Évidemment, cette clarté et cette solidité ne seraient pas possibles sans la confiance que vous accordez à notre équipe de négociation et à votre équipe de négociation et nous continuerons à travailler comme je l'ai dit au groupe de pilotage sur le Brexit, à Guy Verhofstadt, dans une attitude permanente de dialogue et de transparence avec vous.

Je tiens, Monsieur le Président, à vous remercier, ainsi que Guy Verhofstadt et chacun des membres du groupe de pilotage sur le Brexit, les présidents des groupes et les présidents des commissions, et vos coordinateurs, pour la qualité et la sincérité de notre travail en commun et je pense que la résolution que vous allez adopter est essentielle pour le succès des étapes que nous avons devant nous.

Monika Panayotova, *Présidente en exercice du Conseil*. – Monsieur le Président, étant donné que nous partageons le même point de vue sur le Brexit, à la suite de l'intervention de M. Barnier en langue française, je vais faire mes remarques de conclusion aussi en français.

Mesdames et Messieurs les députés, je voudrais souligner encore une fois que la présidence estime que l'unité de l'Union des 27 et de nos institutions est essentielle pour le succès des négociations. Nous attendons avec impatience de recevoir demain la nouvelle résolution du Parlement qui, j'en suis persuadée, comme les précédentes, aura une contribution utile au processus.

Nous souhaitons réitérer notre soutien à l'équipe de la Commission européenne chargée des négociations et aussi au négociateur en chef, M. Barnier.

Nous nous engageons à continuer nos échanges avec le Parlement et le groupe de pilotage sur le Brexit au cours des négociations afin d'obtenir le meilleur accord possible pour l'Union et les citoyens.

Presidente. – Comunico di aver ricevuto due proposte di risoluzione conformemente all'articolo 128, paragrafo 5, del regolamento.

La discussione è chiusa.

La votazione si svolgerà mercoledì 14 marzo 2018.

Dichiarazioni scritte (articolo 162)

Cristian-Silviu Buşoi (PPE), *în scris*. – Încep prin a da credit eforturilor remarcabile depuse în cadrul negocierilor Brexit de reprezentantul UE, Michel Barnier, alături de echipa dumnealui, și de a-l asigura în continuare de suport și solidaritate în special în vederea apărării drepturilor cetățenilor, dar și a respectării angajamentelor legale de contribuție la bugetul UE din partea Marii Britanii.

În al doilea rând, aș vrea să subliniez importanța post-Brexit a respectării în egală măsură atât a drepturilor cetățenilor britanici în cadrul Uniunii Europene, cât și a drepturilor cetățenilor europeni pe teritoriul Marii Britanii și a asigurării bilaterale că nici un cetățean nu va fi privat de drepturi. Consecințele acestei decizii politice nu trebuie să aibă efecte ireversibile asupra celor pe care îi reprezentăm, iar drepturile cetățenilor după retragere trebuie să fie clar specificate și pe deplin respectate de autoritățile ambelor părți, cu deosebire în ceea ce privește persoanele vulnerabile.

Cred într-un parteneriat puternic UE-UK chiar și după retragere, Uniunea și Marea Britanie demonstrând că pot întreprinde acțiuni mult mai sustenabile, eficiente și eficiente împreună, decât separat.

Maria Grapini (S&D), *în scris*. – Domnilor președinți ai Parlamentului, Comisiei și Consiliului, Brexitul este o discuție tristă, pentru că unul dintre statele mari a decis printr-un referendum și cu un guvern încăpățânat să iasă din Uniunea Europeană. Negocierea de ieșire durează de doi ani și cetățenii europeni sunt îngrijorați din două perspective: respectarea drepturilor cetățenilor europeni aflați în Marea Britanie și acordurile comerciale.

Domnule Michel Barnier, sunteți negociatorul UE și aveți o responsabilitate majoră. Vă rog, dați-ne un mesaj clar: se vor respecta sau nu drepturile cetățenilor în Marea Britanie? Acordurile comerciale vor ține cont de protejarea pieței interne prin impunerea unor standarde de produse similare în schimburile comerciale? Când vor ști cetățenii și companiile care au schimburi comerciale despre modul de lucru al UE cu Marea Britanie, care va deveni terț? Consiliul și Comisia au responsabilitatea de a urgenta finalizarea Brexitului fără efecte negative asupra cetățenilor și companiilor din Uniunea Europeană.

Antanas Guoga (PPE), *in writing*. – Dear President, dear Colleagues, The UK is an important member of the EU and it is important that it would remain an important and close ally of the EU after Brexit. Therefore, I support the resolution of the European parliament were it states that close cooperation is foreseen between the EU and the UK in international security, foreign policy, research and development, education. Also, the negotiation process most importantly has to secure citizen's rights and their free movement which has been of the core values of the EU. It has to remain this way. In regards to the EU Single Market, the EU should stand firm for the values it represents and the UK has to respect the values and rules which come. If it doesn't want to 'play' by them, then the UK cannot enjoy the EU Single Market. A pick-and-mix approach for a non-member state should not be an option. Therefore, I support the common line by the EU, that free trade agreement will be offered as an alternative.

Ian Hudghton (Verts/ALE), *in writing*. – Scotland's coastal communities must not be made to suffer as a consequence of Brexit. A London Tory government deemed our fishing communities expendable on our way in to the EU and it would be no surprise if the industry is deemed by the UK Government to be expendable again on the way out. This resolution calls for a new bilateral partnership agreement and it is vital that the UK agrees only to a deal which will benefit our fishing industry, fully adhering to international law. The agreement must allow Scottish fishermen to fully benefit from our resource-rich waters. And our fishermen's interests must not be bartered away for the interests of the City of London or any other sector. The key word in this resolution is 'agreement' – and the UK government must only agree to a deal which fully protects our coastal communities. As part of that deal, fishing powers must be returned to the Scottish parliament so that we can benefit Scotland's coastal communities, managing our rich fishing resources sustainably and entering future fisheries negotiations as a normal coastal state. I call upon the UK Government to give our fishing communities the priority they deserve in this negotiation.

Vladimír Maňka (S&D), *pisomne* – EP schválil základné piliere ďalšej spolupráce so Spojeným kráľovstvom po jeho vystúpení z Únie. Partnerstvo a spolupráca v oblasti obchodných a hospodárskych vzťahov, zahraničnej politiky, bezpečnostnej a rozvojovej spolupráce, vnútornej bezpečnosti a tematická spolupráca najmä v oblastiach spoločného záujmu musia byť nosnými myšlienkami každej zmluvne upravovanej oblasti. Budúce vzťahy musia byť založené na vzájomnom rešpektovaní, reciprocite a výhodnosti, musia brať do úvahy existujúce záväzky a musia v maximálne možnej miere zohľadňovať záujmy občanov všetkých zmluvných strán.

Daciana Octavia Sârbu (S&D), *par écrit*. – Nous devons être intransigeants au sujet des droits des citoyens européens dans le cadre du Brexit et de la future relation UE-Royaume-Uni; cette résolution le reconnaît. Nous avons fait des progrès à cet égard, notamment par la mention des futurs époux dans le projet d'accord de la Commission. Cependant, le combat ne s'arrêtera pas ici. Cette résolution donne son consentement à la conclusion par l'UE d'un accord Brexit et d'une période transitionnelle en octobre 2018 ; jusqu'à cette date, la protection des droits de tous citoyens européens sera notre devoir. En tant que députés européens, nous représentons les intérêts des peuples européens, et donc aussi ceux des citoyens du Royaume-Uni jusqu'au retrait formel du Royaume-Uni. Il faudra avant tout assurer le droit de résidence et de mouvement des citoyens européens au Royaume-Uni post-Brexit, s'il est question d'accès au marché européen pour le Royaume-Uni. Il faudra aussi maintenir le droit des citoyens du Royaume-Uni habitant un pays de l'UE de circuler librement dans les pays de l'Union. Nous tiendrons ces intérêts à cœur même en débattant du sort de l'Irlande, aujourd'hui le principal obstacle à un accord servant les intérêts, et assurant les droits du plus grand nombre possible.

Theodor Dumitru Stolojan (PPE), *în scris*. – Guvernul Regatului Unit a stabilit liniile sale roșii: ieșirea din piața unică și din uniunea vamală. UE, la rândul său, are linii roșii: integritatea pieței unice și a uniunii vamale.

Cu linii roșii de o parte și de alta este greu să se ajungă la un acord cu privire la viitorul relațiilor dintre UE și Regatul Unit, așa cum le dorim cu toții, adică fără bariere comerciale și cu circulația liberă a cetățenilor europeni și a celor britanici. Este nevoie de flexibilitate din ambele părți pentru progresul negocierilor.

Din păcate, între aceste linii roșii, problema relației viitoare dintre Irlanda de Nord și Irlanda a rămas încă fără nicio soluție.

Tibor Szanyi (S&D), *írásban*. – Brexit-ügyben szerintem továbbra is csak kármentés folyik, hiszen a brit nacionalisták gátlástalansága, a korábbi konzervatív kormány felelőtlensége, illetve a jelenlegi tehetetlensége miatt előállt jelenlegi helyzetből szinte csak veszteséggel jöhet ki mindkét fél. Jelentésünk is mutatja: az EU szempontjából a veszteség korlátozásában változatlanul az EP a leginkább következetes és felelős szereplő. Ezért is támogatom azt a tárgyalási irányelvünket, hogy az EU–brit kapcsolatok jövőjét lehetőleg egy korszerű társulási megállapodásban szabályozzuk, még ha London szűklátókörűsége ezt egyelőre nem is teszi elérhetővé.

Ugyanakkor az EP-nek abban is kiemelt felelőssége van, hogy a tárgyalási folyamat szoros felügyeletével és teljes egységben biztosítsuk, hogy a megállapodásban érvényesüljön a kötelezettségek és jogok egyensúlya, szavatoljuk az egységes piac sértetlenségét, az EU jogi és politikaalakítási döntési autonómiáját, mert a nem tagállam Nagy-Britannia nem élvezhet a 27-ek kárára velük azonos előjogokat. Szocialistaként számomra különösen fontos szempont, hogy a szociális Európát, valamint a fenntarthatóságot célzó erőfeszítéseinket és uniós normákat, ezáltal az EU versenyképességét se áshassa alá a kilépés utáni rendezés. A nagy-britanniai munkavállalásban erősen érintett tagállam képviselőjeként pedig külön is kérem képviselőtársaim további támogatását a letelepedők, munkavállalók kölcsönös jogainak szigorú érvényesítésében, az átmenet és a post-brexit időszakában egyaránt, ugyanis a Tanácstól a tagállamok eltérő érdekeltsége, sőt egyesek ellenérdekeltsége miatt ezt hiába várjuk el.

Bogdan Andrzej Zdrojewski (PPE), *na piśmie*. – Przyszła umowa o partnerstwie z Wielką Brytanią nie może pomijać współpracy w dziedzinie badań naukowych, edukacji oraz kultury i sektora kreatywnego, które są obszarami obopólnych korzyści. Przygotowana przez Parlament Europejski rezolucja słusznie podkreśla to stanowisko. Jako przewodniczący Grupy Monitorującej brexit w Komisji Kultury i Edukacji zaproponowałem, aby na obecnym etapie Unia Europejska zachowała maksymalną elastyczność w zakresie przyszłych rozwiązań dotyczących współpracy ze Zjednoczonym Królestwem. Zdajemy sobie sprawę, że obecnie kraje spoza UE i EOG objęte programem zawierają konkretne umowy dwustronne z UE dla każdego programu. Jednak w toku negocjacji może się okazać, że w interesie UE może być określenie warunków uczestnictwa w programie np. w ramach umowy stowarzyszeniowej. Cieszę się, że powyższe propozycje zostały zaakceptowane. Należy jednak pamiętać, że po wyjściu z UE Zjednoczone Królestwo stanie się krajem trzecim i obowiązywać je będą te same zasady co inne kraje spoza UE.

4. Preparação da reunião do Conselho Europeu de 22 e 23 de março de 2018 (debate)

Presidente. – Prima di passare al prossimo dibattito, devo purtroppo darvi una brutta notizia: è morto poco fa il nostro collega svedese Jens Nilsson, del gruppo socialista. Lo ricorderò prima del voto e faremo un minuto di silenzio.

L'ordine del giorno reca la discussione sulle dichiarazioni del Consiglio e della Commissione sulla preparazione della riunione del Consiglio europeo del 22-23 marzo 2018 (2018/2502(RSP)).

Monika Panayotova, President-in-Office of the Council. – Mr President, next week, leaders will meet in Brussels for a series of key debates. As usual for its spring meeting, the European Council will focus on jobs, growth and competitiveness. The overall picture is positive. The European economy is growing at a fast pace across Member States and unemployment is falling. Looking ahead, this robust performance is expected to continue in the coming years.

The global environment, however, remains uncertain, and we need to continue to ensure the conditions to support confidence. One essential aspect, in order to foster jobs and growth and promote innovation, is to unlock the full potential of the Single Market. The European Council will address the different single market strategies, including when it comes to the Digital Single Market, the Capital Markets Union and the Energy Union, to ensure sustained progress.

Delivering on these strategies in the current institutional cycle is a shared responsibility that will require co-legislators to continue to work closely on a number of legislative files and to speed up the process where necessary.

Policy priorities under the European Semester also help create the right conditions for growth. We will have the opportunity to discuss this tomorrow night. The European Council will provide guidance on the priorities for 2018 and will be invited to endorse the recommendation on the economic policy of the euro area. The European Council will also return to social issues following the debate held in December.

Last but not least, we know how vital trade is to our common prosperity in Europe and globally. That is why any attempts to undermine the rules-based multilateral trading system affect all of us. The European Union should play a leading role in opposing them. The European Council will discuss international trade relations following the US announcements. I know you will discuss this tomorrow and will review ongoing work in the field of trade policy and free trade agreement negotiations.

Beyond the formal session of the European Council, leaders will also exchange views on taxation as part of the Leaders' Agenda. They will hold an open debate, with a particular focus on the challenges associated with digital taxation. In keeping with the spirit of the Leaders' Agenda, there will be no conclusions or formal outcome on this point next week.

Finally, leaders of the euro area will meet in the margins of the European Council. They will hold an open debate on long-term issues that are specific to the euro area. So, altogether, the leaders next week will touch upon many aspects that underpin our economic and social future.

The European Council will also deal with a number of other issues: it will address the preparations for the EU-Western Balkans summit in Sofia on 17 May 2018, since a specific priority of the Bulgarian Presidency is the European perspective and connectivity of the Western Balkans. As you know, this is a major event for the Presidency. The Council will also discuss relations with Turkey.

As you just discussed, the European Council on Article 50 will meet on Friday to review the state of the negotiations with the United Kingdom and adopt additional guidelines on the future relationship with the UK.

Jean-Claude Juncker, *President of the Commission*. – Mr President, just under two weeks ago, I returned from a tour of the Western Balkans. It was a memorable trip for many reasons. What struck me the most was the passion and conviction in the European Union. This gave me a renewed sense of belief and hope that if a region, a dramatic region like the Western Balkans, is so determined to reform from top to bottom in order to join our Union, then we must be a Union worth being part of. The Western Balkans clearly see much more in us than we ourselves see in our Union. I want to see the same belief in our Union across all 27 Member States.

Of course, there is a great deal of work to be done. All bilateral disputes must be resolved and more unity is needed. Each of the Western Balkan partners must continue their reform path, especially when it comes to the rule of law and fundamental freedoms and values.

As I said to all leaders in the region, there will be no fast-tracking. We will put substance over speed. Each case will be taken on its own merits, with no fixed dates or firm deadlines. But I came back from the trip more convinced than ever that it is our shared future. It is about reconciling our history and geography, but it is also another reason to focus on building a stronger, more democratic and united Union. This is what the March European Council is about.

I would like to thank this House and the Bulgarian Presidency for leading the way in recent weeks. The breakthrough on posted workers will ensure that fairness comes first in our labour market. As we collectively agreed: equal pay for equal work in the same place. The agreement on 5G shows that we are serious about our digital leadership and equipping ourselves with the tools we need to thrive in the society of tomorrow.

Mr President, Europe believe in open and fair trade based on a global rule book. Our economy depends on it and our consumers expect it. But as I have said all along: we are not naive free traders. So we will not sit idly by if our industry is hit with unfair trade measures that put European jobs at risk. We will defend our workers; we will defend our industry, and we will do so while respecting the rules that the world agreed to under the WTO.

The United States has regrettably decided to impose restrictions on steel and aluminium which will impact a significant amount of EU trade. We believe in win-win trade, but going it alone on tariffs is a lose-lose for all. Yes, the global steel industry has an overcapacity problem. This is why, since December, along with Japan and the US, we have been looking at how to address this issue globally. Commissioner Malmström met with both of her counterparts this weekend to deepen that cooperation further. And she also expressed our concerns to the United States on the tariffs being imposed on national security grounds.

Exports from the European Union are clearly not a threat to the United States' national security. We are long-standing and trusted security partners and we work together to keep each other safe and secure. As their own figures show, the US only needs 3% of its annual steel production to serve the Pentagon's needs. We will keep making this point in the run-up to the European Council next week. We are expecting more clarity from the American side in the coming days, and we will continue to work with our partners to push for an exemption from these measures.

As always, we will – and we have to – prepare for all eventualities. Should the need arise, the European Union will respond in three ways. Firstly, under WTO rules we have the right to rebalance these measures, and we stand ready to do so. Secondly, we will be ready with safeguard measures if there is a surge in imports into the European Union as a result of the US closing its market. And thirdly, we will seek dispute settlement consultations in the WTO, in conjunction with other affected countries.

Herr Präsident, meine sehr verehrten Damen und Herren! Wenn wir unserer Union mehr Stärke, mehr Handlungsfähigkeit verleihen wollen, müssen wir auch in die Architektur unserer Wirtschafts- und Währungsunion investieren und sie zukunftsfester machen. Die Umstände dafür sind so günstig wie selten zuvor. Die europäische Wirtschaft wächst über Erwarten, in den vergangenen zwei Jahren mit mehr als zwei Prozent. Und sie wächst schneller als die US-amerikanische Wirtschaft. Gleichzeitig haben wir in Europa mehr Menschen in Arbeit als jemals zuvor, 236,3 Millionen – ein neuer Rekord. Das sollte uns Bestätigung und Ansporn zugleich sein, unseren Reformkurs konsequent fortzusetzen.

Und genau das tun wir. So legt die Kommission heute am frühen Nachmittag ein Paket zur Bankenunion vor. Es geht darum, die Finanzstabilität zu sichern, indem wir uns noch stärker mit notleidenden Krediten beschäftigen. Dort haben wir schon einige Erfolge erzielt. Seit 2014 ist der durchschnittliche Anteil notleidender Kredite in der EU schon um ein Drittel gesunken. Dabei wollen wir es nicht belassen. Das ist umso wichtiger, weil bei der Vollendung der Bankenunion Risikominderung und Risikoteilung Hand in Hand gehen. Eine vollendete Bankenunion wäre ein wichtiger Schritt, um unsere Wirtschafts- und Währungsunion zu stärken.

Genau darum geht es beim Gipfel. Über die Vorschläge, die die Kommission im Dezember vorgelegt hat, haben wir hier im Hause und bei einem früheren Eurogipfel schon diskutiert. Wir wollen den europäischen Stabilitätsmechanismus schrittweise zu einem europäischen Währungsfonds ausbauen. Außerdem wollen wir die Mitgliedsstaaten und solche, die es werden wollen, bei den Reformen unterstützen sowie mit einer Stabilisierungsfunktion sicherstellen, dass selbst im Falle von schweren Schocks Investitionen in Bildung und Infrastruktur weiterhin gewährleistet bleiben.

Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs, chers collègues, compléter l'union économique et monétaire n'est pas une fin en soi, c'est un moyen de créer les conditions d'une vie meilleure, d'une vie plus prospère et plus équitable pour tous nos concitoyens.

Égalité des chances, conditions de travail équitables, protection et insertion sociales doivent devenir une réalité pour tous. C'est pour cela que nous nous sommes engagés à mettre en œuvre le socle européen des droits sociaux. 16 millions de nos concitoyens, par exemple, vivent et travaillent dans un autre État membre que le leur. C'est deux fois plus qu'il y a dix ans et ce phénomène ne fera que s'amplifier. Ces personnes ont, comme tout un chacun, des droits qui doivent être respectés et effectivement mis en œuvre dans un marché européen du travail.

C'est la raison pour laquelle la Commission va présenter aujourd'hui sa proposition de création d'une Autorité européenne du travail qui ne viendra pas se substituer aux autorités nationales mais qui renforcera la coopération et la coordination entre elles. Ceux qui travaillent à temps partiel, ceux qui relèvent du statut des travailleurs intérimaires ont eux aussi droit à une protection sociale convenable. C'est une responsabilité commune, celle de mettre en œuvre le socle des droits sociaux. Il faut évidemment continuer à parfaire le marché intérieur, notamment les marchés de l'électricité qui, en Europe, s'ils étaient totalement interconnectés, les Européens feraient des économies de 40 milliards d'euros par année. Si l'Europe numérique fonctionnait, cela nous apporterait 415 milliards d'euros de croissance nouvelle chaque année. Donc rien que sur l'interconnectivité de l'électricité et de la mise en place totale de l'Europe numérique, nous réaliserions un bénéfice – si je peux m'exprimer de la sorte – de 450 milliards.

Nous avons tous, je crois, conscience qu'il serait essentiel, souhaitable, bienvenu que nous puissions mettre en œuvre tous les éléments dont je viens de vous parler d'ici les élections européennes de l'année prochaine.

(Applaudissements)

Le Président. – Monsieur le Président, je suis heureux que vous envoyiez aujourd'hui, après la réunion du Collège, le texte sur les prêts non performants parce que c'est à la Commission, au Parlement et au Conseil de décider au niveau législatif. Ce n'est pas le conseil de surveillance prudentielle de la Banque centrale européenne qui doit faire des lois mais les institutions européennes, Commission, Parlement et Conseil.

Angelika Niebler, im Namen der PPE-Fraktion. – Herr Präsident, verehrte Frau Vertreterin des Rates, verehrter Herr Kommissionspräsident, liebe Kolleginnen, liebe Kollegen! Ich möchte gerne drei Themen ansprechen. Zum Einen: Im Nachgang zu unserer Diskussion über den Brexit möchte ich nur nochmal klar formulieren, auch in Richtung der britischen Regierung: Die Europäische Union ist kein Supermarkt, in den man hineingeht, Waren auswählt und möglichst billig Waren einkauft. Wir haben den europäischen Binnenmarkt, und der europäische Binnenmarkt ist kein Selbstbedienungsladen. Von Michel Barnier und der Kommission sind zur künftigen Zusammenarbeit gute Vorschläge vorgelegt worden. Und wenn wir morgen unsere Entschließung verabschieden, dann haben wir da meiner Ansicht nach auch geliefert und gezeigt, dass wir eine Vorstellung davon haben, wie gute partnerschaftliche Nachbarschaft künftig aussehen soll.

Das zweite Thema, das auch beim Ratsgipfel nächste Woche angesprochen wird, ist das Thema digitaler Binnenmarkt und vor allem auch die Frage der Besteuerung. Ich möchte ausdrücklich unterstreichen, dass ich die Vorschläge der Kommission zur Besteuerung der digitalen Wirtschaft sehr gut finde. Es ist ein ganz wichtiges Thema auch für unsere Bürger und Bürgerinnen, dass es auch bei der Steuergesetzgebung in dieser Europäischen Union gerecht zugeht. Das wird auch Thema im TAXE 3-Ausschuss sein, über das wir ja auch morgen abstimmen. Und da müssen wir auch mit Blick auf den Brexit genau hinschauen, was sich gerade bei den Britischen Jungferninseln tut. Wir können es nicht zulassen, dass neben dem europäischen Binnenmarkt hier Steueroasen eingerichtet werden.

Letzter Punkt: Thema Wirtschafts- und Währungsunion. Liebe Kolleginnen, liebe Kollegen, darüber werden wir noch intensiv diskutieren. Wie Sie wissen, bin ich kein Freund einer Haftungsgemeinschaft. Ich bin der Auffassung, dass Risikoübernahme und Haftung Hand in Hand gehen müssen, und dass wir deshalb hier keine Vergemeinschaftung der Haftung brauchen. Da gibt es unterschiedliche Vorschläge der Kommission. Im Hause werden wir das sicher noch rauf und runter diskutieren.

Maria João Rodrigues, *on behalf of the S&D Group*. – Mr President, this European Council is taking place at a very special moment, where we have polls around the world coming up with a nationalistic tone in Russia, China and the United States. In this context, the European Union needs to assert its own vision and its own way of life and to have a long-term strategy, which should be based on human dignity, fairness, democracy and a clear commitment to sustainable development. Yes, climate change is there, and we need to have a growth strategy driven by sustainable development goals. Yes, the digital revolution can change our way of life, but we want to make the best of this by framing this revolution.

That is why our commitment to the European Pillar of Social Rights is so crucial. We need to tackle not only the old inequalities, but also the new ones. We are now waiting for the final content of the Social Fairness Package to be adopted by the Commission because we need to make sure that all citizens can have access to full coverage via social protection. But can we say that all citizens now have real access to all these benefits? This is not the case. We still have many inequalities across the Union, and that is why we in the European Parliament really expect a forward-looking Community budget – the financial framework – to ensure that these promises will be delivered.

The same applies to the eurozone. We need to stop the trend for divergence. That is why we expect the Commission's proposed budget line to build up fiscal capacity for the eurozone. But then we come to the big problem. How can we finance this? That is where the discussion on taxation, which will take place in this European Council, is so crucial. Let me give a very simple figure. When it comes to large corporations, something very weird is happening. In 2000, their profits were taxed at around 34%; now their profits are taxed at just 24%. So the situation we have is that large corporations are paying less and less tax, while our governments are under pressure to make cuts to welfare and healthcare systems. Something is wrong, and we should not be surprised that citizens are now feeling insecure and that nationalistic and xenophobic positions are gaining ground. We need to reverse this trend. The only way to reverse this trend is for the European Council to say, 'if we want everybody to benefit from this strategy and for the social pillar to be implemented, we need to have the means', and the means will be fair taxation. If the European Council really wants to change the situation in Europe, it needs to be bold on fair taxation.

(Applause)

Helga Stevens, *namens de ECR-Fractie*. – Voorzitter, beste collega's, mijnheer Juncker, dank u voor uw komst vandaag, want we hebben u gisteren erg gemist tijdens het interessante debat over de aanstelling van uw kabinetschef Selmayr tot secretaris-generaal van de Europese Commissie.

Nu wil ik het hebben over de toekomst van Europa die sociaal moet zijn. We moeten aan opwaartse convergentie werken en van de EU een plek maken waar het voor eenieder goed is om te leven. Dit doen we onder meer door fraude en sociale dumping aan te pakken. Dit is terecht een prioriteit van de Commissie Juncker, al stel ik me wel kritische vragen bij de manier waarop de Commissie deze sociale doelstelling wil bereiken. Commissaris Thyssen zal vanmiddag bijvoorbeeld haar voorstel voor een Europese arbeidsautoriteit uit de doeken doen. Dit nieuw Europees agentschap zou volgens Thyssen het ontbrekende puzzelstukje moeten zijn in de strijd tegen sociale fraude.

Ik wil echter benadrukken dat we ons goed moeten beraden over de toegevoegde waarde van nieuwe organen. Hebben we die autoriteit echt wel nodig? Voegt ze echt iets toe dat lidstaten zelf niet kunnen? Waarom schaffen we bijvoorbeeld het nog recentelijk opgerichte platform tegen zwartwerk af om het te vervangen door de autoriteit? Het creëren van dure Europese organen mag alleszins geen doel op zich zijn. En het doel van de autoriteit mag evenmin zijn zich in de plaats van de lidstaten te gaan stellen. Ook al is dit vandaag misschien nog niet de openlijke ambitie, ik vraag me af hoe deze Europese arbeidsautoriteit verder in haar rol zal groeien. Haar naam en permanente karakter wijzen in ieder geval op verdere toekomstplannen.

Ik denk dat we erg moeten oppassen voor een sluipende bevoegdheidsuitbreiding, waarbij de Unie beetje bij beetje de bevoegdheden van de lidstaten gaat uithollen. Als vandaag een rookgordijn van goede bedoelingen wordt opgetrokken, maar de ware doelstelling is een Europese sociale inspectie op te zetten, dan betreur ik deze manoeuvre. Ik herhaal dat de toekomst van Europa sociaal moet zijn, maar voeg eraan toe dat Europa geen toekomst heeft zonder het respect voor en van zijn lidstaten.

Guy Verhofstadt, *on behalf of the ALDE Group*. – Mr President, I want to urge the Council to add two specific items to the normal agenda (the Western Balkans, which President Juncker has spoken about).

The first is that we need from the Council a common reaction from the EU, together with our friends in the UK, on the new aggression by the Kremlin on what is still European soil – in Britain – and I am referring to the poisoning case of Sergei Skripal and his daughter. Mrs May has said that it is an attack against Britain as a country, and I think that a common reaction in the next European Council is absolutely needed and counter-measures need to be decided by the EU.

My second point, naturally, is that, regarding the type of solidarity that we need still to have with the UK, that we hope also for it to be returned. Solidarity from the UK, for example, in our policies towards Mr Trump: it should absolutely be avoided that, behind the EU's back, they send somebody to the US to find a special deal on these trade measures. If Mr Trump finds that there are horrific tariffs from our side, there are also horrific tariffs from their side. He is talking about the 10% on the import of US cars in Europe, and we paid only 2.5%. But there are other examples: tariffs on a train carriage, for example, are 14% in the US, or for pickups – and there are a lot of pickups in the US – we have to pay 25% in tariffs. I think what the European Council should do now is say that there are two options in this starting of a trade war. Either we start a trade war and a war on tariffs by increasing them from both sides, or we do what should be the thing to do: to lower the tariffs in both cases, the tariffs on the European side and the tariffs on the US side, which both sides find so horrific. I hope that that can be the common position. We have no interest in starting a trade war. What we have to offer instead is a trade deal from the European side. In fact, there are many people who were against TTIP but now see that if we had got TTIP we could have avoided what is happening today. I hope that this measure will be taken – no trade war, but a new trade deal.

Reinhard Bütikofer, *im Namen der Verts/ALE-Fraktion*. – Herr Präsident, Herr Kommissionspräsident, sehr geehrte Vertreterin des Rates! Bevor die Gipfelteilnehmer überhaupt anreisen werden, ist die erste und wichtigste Enttäuschung dieses Gipfels schon zu konstatieren. Die besteht darin, dass offenkundig das Versprechen, das Präsident Macron und Kanzlerin Merkel im Dezember abgegeben haben, dass sie im März, also zu diesem Gipfel, gemeinsame Vorschläge zur Diskussion mit den Kollegen aus den anderen Mitgliedstaaten über die Entwicklung der europäischen Union präsentieren wollten, was gerade unter dem Druck von außen, sei es von Russland, sei es von China, sei es aus den USA, dringlich notwendig ist, nicht eingelöst wird. Diese Enttäuschung wird nicht dadurch aufgewogen, dass der Gipfel sich mit in der Tat sehr wichtigen Themen – von Arbeitsplätzen und Wettbewerbsfähigkeit bis zum Westbalkan, von der Handelspolitik bis zur sozialen Säule, von der Steuerpolitik bis zu außenpolitischen Fragen – beschäftigen wird.

Liebe Kolleginnen und Kollegen, liebe Vertreterin des Rates, die größte Dringlichkeit besteht meines Erachtens darin, dass wir diese Grundorientierung der Union klarkriegen. Hinter der Vertagung der Vorschläge aus Berlin und Paris liegt eine fundamentale Differenz. Wollen wir ein Kerneuropa, wie es Macron vorschwebt? Oder wollen wir ein inklusives Europa? Wollen wir eine Zweiteilung in eine Luxus-EU und eine Holzklassen-EU, oder wollen wir eine gemeinsame europäische Zukunft? Das muss geklärt werden!

Wir brauchen eine Vision von Europa, die inklusiv ist, die die Vielfalt schätzt, die Bürger schützt, Selbstbestimmung stärkt, die Wirtschaft gerechter macht und die ökologisch-soziale Transformation realisiert, die wir unseren Kindern und der ganzen Welt schulden.

Νεοκλής Σουλκιώτης, *εξ ονόματος της ομάδας GUE/NGL*. – Κύριε Πρόδρε, κύριε Juncker, εκπρόσωποι του Συμβουλίου, στην ερχόμενη σύνοδο οι ηγέτες της Ένωσης θα πάρουν αποφάσεις για τα μεγαλύτερα προβλήματα που ταλανίζουν την Ευρώπη: οικονομική κρίση, προσφυγικό, μπρέξιτ, ενεργειακή ένωση και εξωτερικές σχέσεις. Ωστόσο, όσο το Συμβούλιο συνεχίζει τις ίδιες αντιλαϊκές πολιτικές, εμβαδύνοντας και θεομοθετώντας το νεοφιλελεύθερο μοντέλο, η κρίση θα οξύνεται. Για να δοθούν λύσεις που να εξυπηρετούν πραγματικά τις ανάγκες των λαών, πρέπει να προωθηθούν μέτρα που να δώσουν ώθηση στην πραγματική οικονομία, πολιτικές που θα ενισχύουν την κοινωνική και περιφερειακή συνοχή και θα αντιμετωπίζουν τις ανισότητες που συνεχώς διευρύνονται.

Όσον αφορά την ενεργειακή ένωση, οι προτάσεις που προωθούνται, αντί να επιλύσουν τα προβλήματα που υπάρχουν στον ενεργειακό εφοδιασμό, δημιουργούν νέα αδιέξοδα, καθώς ακυρώνουν τα κυριαρχικά δικαιώματα των κρατών μελών στη διαμόρφωση της ενεργειακής τους πολιτικής. Ένα παράδειγμα αποτελεί η νέα οδηγία για την εσωτερική αγορά φυσικού αερίου, με την οποία επιδιώκεται χειραγώγηση των κρατών με τη μεταφορά μεγαλύτερων εξουσιών στην Κομισιόν, κι ως αποτέλεσμα θα δημιουργηθούν επιπρόσθετα προβλήματα στη δημιουργία νέων υποδομών για την εισαγωγή αλλά και την εξαγωγή φυσικού αερίου.

Έπειτα, όσον αφορά τις ευρωτουρκικές σχέσεις, δυστυχώς η Τουρκία, με τις παράνομες ενέργειες στην Ανατολική Μεσόγειο και το Αιγαίο, συνεχίζει να παραβιάζει το διεθνές δίκαιο, το δίκαιο της θάλασσας, καθώς και τα κυριαρχικά δικαιώματα της Κυπριακής Δημοκρατίας και της Ελλάδας. Την ίδια στιγμή εισβάλλει στο Afrin, αιματοκυλίζοντας τους Κούρδους της Συρίας, ενώ συνεχίζει να καταπατά τις πολιτικές ελευθερίες και τα ανθρώπινα δικαιώματα των ίδιων των πολιτών της. Η Ένωση οφείλει να παρέμβει, ώστε να τερματίσει τις παράνομες ενέργειές της η Τουρκία. Αναμένουμε έμπρακτη αλληλεγγύη και πιο δραστικά μέτρα. Ζητάμε να ασκηθούν πιέσεις στην Τουρκία για να σεβαστεί τα ανθρώπινα δικαιώματα, να τερματίσει την εισβολή στη Συρία, να σεβαστεί τα κυριαρχικά δικαιώματα της Κυπριακής Δημοκρατίας και να στηρίξει την επανέναρχη ενός ουσιαστικού διαλόγου για λύση του Κυπριακού. Δυστυχώς όμως, η Ένωση συνεχίζει να χαιδεύει την Τουρκία, με τη δρομολόγηση της έγκρισης της νέας οικονομικής βοήθειας, ύψους 3 δισεκατομμυρίων ευρώ, για το προσφυγικό, καθώς και με τις συζητήσεις για ενίσχυση της τελωνειακής ένωσης και ελευθεροποίησης των θεωρήσεων διαβατηρίων για τους Τούρκους πολίτες.

Laura Agea, *a nome del gruppo EFDD*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, Presidente Juncker, membri del Consiglio, le proposte del prossimo Consiglio europeo sono come sempre tante e mirabolanti, ma il nostro timore è che ancora una volta siano solo grandi annunci che difficilmente si tradurranno in qualcosa di concreto per i nostri cittadini.

Cominciamo dalle priorità del semestre europeo. Per noi le politiche economiche dell'area euro non possono in nessun modo continuare secondo la ricetta sbagliata di questa Commissione, basata esclusivamente su austerità e rigore, ai quali noi ci opponiamo senza se e senza ma, perché solo attraverso investimenti in settori ad alto ritorno e politiche espansive sarà possibile creare vera occupazione sostenibile nel medio-lungo periodo.

Per garantire crescita e competitività ci vuole un impegno concreto del Consiglio nel permettere il rispetto del principio di reciprocità, sia nei mercati sia negli appalti pubblici, monitorando gli investimenti esteri e mettendo in atto regole vincolanti di sviluppo sostenibile, manovre che dovrebbero rientrare in tutti gli accordi commerciali e che invece vengono spesso sacrificate.

Per questo motivo vogliamo sapere cosa sta facendo di concreto il Consiglio in merito, e come sta garantendo che i nostri partner stiano rispettando i nostri standard, evitando così una guerra commerciale che rischierebbe di danneggiare le nostre imprese e il «made in», che ci aspettiamo torni ad essere una priorità per l'Europa, per la Commissione e per il Consiglio.

Anche sul mercato digitale troppo spesso è mancato coraggio a questa Commissione. Ad inizio legislatura era stato annunciato il completamento del mercato unico digitale attraverso 16 iniziative: molte di queste, però, sono rimaste a metà, come il *geo-blocking*, dove dal campo di applicazione sono stati esclusi gli audiovisivi, l'area dove i blocchi geografici basati sulla nazionalità sono più evidenti.

L'obiettivo prioritario è uscire dalla spirale recessiva dove siamo piombati, e in questo contesto diventa evidente la priorità che assume l'attuazione dei principi e dei diritti definiti nell'ambito del pilastro europeo dei diritti sociali. E il elemento fondamentale del pilastro sociale è l'attuazione negli Stati membri di politiche di reddito minimo di cittadinanza, così come richiesto da questo stesso Parlamento che ha approvato al riguardo, a larghissima maggioranza, la risoluzione del Movimento 5 Stelle.

Il voto in Italia è la riprova che i cittadini chiedono di tornare ad essere protagonisti, tutelati e difesi dalle istituzioni, e il Movimento 5 Stelle rappresenta oggi la possibilità per l'Italia di tornare ad essere voce forte, autorevole e credibile all'interno delle istituzioni europee.

Harald Vilimsky, im Namen der ENF-Fraktion. – Herr Präsident, meine sehr geehrten Damen und Herren! Wieder einmal debattiert der Rat über die Fragen Migration und Asyl, und wieder einmal wird nichts anderes als heiße Luft produziert. Seit 2014/2015 erfolgt immer wieder diese Diskussion, und seit 2014/2015 ist es so, dass Millionen von Menschen auf unseren Kontinent drängen. Ja, da sind auch Schutzbedürftige dabei, wo ich meine, es wäre besser, diesen Schutz in der Region zu gewähren. Aber neben diesen sind auch Kriminelle dabei, neben diesen sind auch Terroristen dabei. Und wir haben die Situation – ob das jetzt in Brüssel war, ob das in Paris war, ob das in München war –, dass jetzt auch Österreich Opfer einer terroristischen Aktion geworden ist, wo eine aus Ägypten stammende Person einen Wachsoldaten attackiert hat, ihn mit einem Messer erstechen wollte, nur weil es eine Involvierung des Iran in Syrien gibt – und das alles auf österreichischem Boden.

Ich sage: Es ist höchste Zeit, die Außengrenzen zu schützen. Wir diskutieren schon lange darüber, gemacht wird es nicht. Und solange die Außengrenzen nicht effektiv geschützt werden, appelliere ich dafür, dass man den Mitgliedstaaten das Recht überlässt, ihre Grenzen zu schützen. Da verhandelt Österreich jetzt auf europäischer Ebene, und ich ersuche Sie nur, hier dieser Lösung auch Ihre Zustimmung zu geben.

Krisztina Morvai (NI). – Kedves kollegák! Juncker urat szerettem volna megszólítani, de ő szokás szerint nem bírta ki a vita végéig, távoznia kellett. Minden vonatkozásban jobbulást kívánunk neki. Így akkor Timmermans úrhoz és Tajani elnök úrhoz is szólok. Juncker úr az előző háromórás, igen keserű, a brexitről szóló vita végén azt mondta, hogy most már nem a múltba, hanem a jövőbe kell néznünk. A jövőbe nézve, a jövő heti európai tanácsi ülés kapcsán hadd kérdezzem: Levonta-e az Európai Unió a brexiből azt a következtetést, hogy nem lehet a végletekig kényszeríteni a tagállamokat arra, hogy olyan értékrendeket és olyan intézkedéseket vegyenek át, amelyek az adott népektől, nemzetektől teljesen idegenek? Reménykedhetünk-e mi magyarok abban, hogy e következtetést levonva – és nagyon várom Timmermans úr válaszát – abbahagyják végre Magyarországnak a folyamatos fenyegetésekkel való kényszerítését arra, hogy befogadjuk a tömeges migrációt? Nem szeretnénk és nem fogjuk. Várom válaszát.

IN THE CHAIR: MAIREAD McGUINNESS

Vice-President

Pilar del Castillo Vera (PPE). – Señora presidenta, muchas gracias al Consejo y también al vicepresidente de la Comisión.

Si volvemos la vista atrás a los orígenes de la Unión Europea, el mercado único constituía una visión de futuro acerca de la necesidad de actuar conjuntamente, si queríamos que las economías europeas tuvieran un ámbito para optimizar su desarrollo y poder competir en el mundo.

Esto, que en principio era simplemente una idea, se fue desarrollando lentamente y, ahora, en el siglo XXI, se ha convertido en la única posibilidad que tienen los distintos países europeos para que sus economías sean competitivas y para que sus ciudadanos alcancen cada vez más bienestar. Y, en ese contexto, el mercado único digital es fundamental.

Si nos volvemos a hacer cuatro años, creo que fue un acierto extraordinario, tanto por parte de la Comisión como por parte del Parlamento, centrar uno de los puntos de actuación y decisión en el desarrollo de la transformación digital, y favorecer todo aquello que lo permitiera. Hoy podemos decir que se ha cumplido —*we have delivered in that sense*—. Y, en ese sentido, yo creo que nos vamos a presentar a unas elecciones dentro de poco con un conjunto de decisiones tomadas que son decisivas para que la economía europea alcance precisamente esos niveles de competitividad mundial.

Quiero subrayar la importancia que tiene el acuerdo provisional que se ha alcanzado en materia de espectro radioeléctrico, que es pionero y que va a permitir que el 5G esté en condiciones de desarrollarse en Europa antes de finales de 2020, ofreciendo unas posibilidades extraordinarias para el desarrollo de la transformación digital en Europa.

Josef Weidenholzer (S&D). – Frau Präsidentin! Die kommende Ratstagung verspricht endlich wieder mal eine Tagesordnung, die nicht nur aus dem Reagieren besteht. Es werden Fragen aufgegriffen, auf deren Beantwortung die Bürgerinnen und Bürger seit langem warten: Jobs, Wachstum und Wettbewerbsfähigkeit der europäischen Wirtschaft. Da gibt es durchaus einiges vorzuweisen. Der Binnenmarkt ist das Kernstück unserer Union. Ihn weiter auszubauen, vor allem im digitalen Bereich, ist eine wichtige Investition in die Zukunft. Hier sind wir auch schon sehr weit gekommen. Wir sollten gerade jetzt nicht zulassen, dass das durch nationale Alleingänge gefährdet wird.

Leider sind solche Tendenzen auch in der Wirtschaftspolitik bemerkbar. Gerade in der Eurozone aber braucht es mehr europäische Impulse, besonders zu einem Zeitpunkt, wo sich zeigt, dass die Kriseninterventionen entgegen allen Unkenrufen erfolgreich waren. Manches hätte erfolgreicher sein können, hätte man sich nicht vom Austeritätsdogma einengen lassen. Vor allem werden wir vom portugiesischen Ministerpräsidenten hören, wie es auch hätte gehen können. Für uns Sozialdemokraten ist die schwarze Null kein Dogma, uns geht es um einen verantwortungsvollen Umgang mit Budgetmitteln. Das bedeutet vor allem auch den Mut, öffentliche Investitionen zu tätigen, vor allem wenn es darum geht, ein Auseinanderdriften der Gesellschaft zu verhindern. Daher begrüßen wir, dass sich der Rat seit langem auch wieder mit sozialen Rechten beschäftigt. Nur wenn wir die soziale Säule festigen, dann festigen wir auch unsere Zukunft. Erlauben Sie mir noch zu sagen: Ich glaube, dass es wichtig wäre, dass der Rat auch zu den schrecklichen Entwicklungen in Afrin Stellung bezieht.

Marek Jurek (ECR). – Pani Przewodnicząca! Panie i Panowie Posłowie! Przede wszystkim czas przestać nas dzielić. Ataki na Polskę czy Węgry nie szkodzą rządowi naszych państw, dlatego że opinia publiczna raczej konsoliduje się wobec władz, lecz szkodzą przede wszystkim Europie, którą destabilizują. Europa chce dzisiaj zmian, o czym dobitnie świadczą ostatnie wybory w Austrii czy we Włoszech, i czas, żeby ten głos usłyszały władze Unii Europejskiej – im szybciej, tym lepiej. W perspektywie nadchodzącego szczytu Rady Europejskiej należy oczekiwać jednego: mocnej świadomości tego, że polityka imigracyjna, a już szczególnie azylowa, musi szanować suwerenne kompetencje poszczególnych państw. Im szybciej zrozumiemy, czego chcą narody Europy, tym lepsza będzie nasza współpraca.

Pavel Telička (ALDE). – Madam President, I apologise for my naivety, but I must say I really expected this to be a political debate. I am sorry, Ms Panayotova, but with all due respect and sympathy to you, we have received a list of what is to be on the agenda. I would expect at least an attempt from the side of the President of the Commission to say: these are the priorities, this is how we analyse the situation, the bottlenecks, this is what the ambition is, this is what the President of the European Council and the Presidency expects. Of course, I know that you cannot go into detail, but not to give us any hint on any of the political issues is, I think, really a failure. No wonder, in fact, that the European Council is at a standstill. We are not delivering. We have got issues such as the reform of the EU, greater efficiency, real issues of security, trade, other political sensitivities that we need to address. We are not delivering. This is something that we would like to address concretely in this House with the Council. I do apologise, but this system, in my opinion, unacceptable for the future. Guy Verhofstadt referred to the Russian attack in the UK: I think it is an attack, and I would expect that the Council would hint that this is to be on the agenda and will be debated, with concrete measures against the Russians and concrete concessions vis-à-vis the citizens, the entrepreneurs, the scientists, etc. This is the kind of issue we want to debate and the way we want to debate it.

Rolandas Paksas (EFDD). – Europos Sąjungą graužia biurokratinio trumparegiškumo vėžys. Praktiškai visų institucijų, neišskiriant ir Vadovų Tarybos, darbotvarkės yra perkrautos sudėtingų klausimų ir neaktualiausių klausimų, kuriais tik imituojamas problemų sprendimas. Europos Sąjunga šiandien yra nepajėgi aprėpti ir valdyti bendrųjų ekonominių bei socialinių procesų, kurie turės lemiamos reikšmės Bendrijos likimui. Šalių ekonominiai ir socialiniai skirtumai yra tokie dideli, jog net euro zonos šalims, pavyzdžiui, tokioms kaip Lietuva, kyla grėsmė ilgainiui prarasti visą savo žmogiškųjų išteklių kapitalą. Tai veikia panašiu į fiktyvią ekonominę sąjungą, kuri realiai nefunkcionuoja, kurioje nėra bendros

politikos kriterijų ir taisyklių, o laisvas darbo jėgos judėjimo principas tapo rykšte ar net masiniu tautų perkėlimu. Manychiau, kad atsakingos Europos institucijos turėtų žymiai jautriau reflektuoti tokius neigiamus procesus valstybėse narėse, kurie ne tik neleidžia kalbėti apie žmonių gerovę, bet liudija didėjančią socialinę atskirtį, skurdą ir diskriminaciją. Manau, kad būtų laikas baigti šį užsitęsusių politinių spektaklių ir sugrįžti prie bendros politikos darbotvarkės, prie esminių Europos Sąjungos tikslų ir prioritetų įgyvendinimo kelių paieškos.

Gilles Lebreton (ENF). – Madame la Présidente, Jean-Claude Juncker vient de se rendre dans six États des Balkans, auxquels il a fait miroiter une adhésion à l'Union européenne dès 2025. Le Conseil européen doit en débattre.

L'adhésion de la Serbie est une bonne idée, car c'est un pays qui est un allié traditionnel de la France. L'amitié franco-serbe est d'ailleurs magnifiquement symbolisée par le monument de reconnaissance à la France, que la Serbie a érigé à Belgrade.

L'adhésion du Kosovo serait, en revanche, un cauchemar, car c'est un nid de djihadistes. Un général djihadiste, Lavdrim Muhaxheri, vient, par exemple, de revenir de Syrie avec 400 combattants pour y implanter une antenne du califat islamique.

L'adhésion de l'Albanie serait tout aussi catastrophique, car c'est un État tellement corrompu qu'il fait fuir ses habitants. La seule ambition de ce pays en voie de clochardisation est de se transformer en décharge à ciel ouvert de tous les déchets ménagers de l'Union européenne.

C'est une Europe de la coopération entre peuples souverains que je veux, pas cette Europe du djihad et de l'exploitation de la pauvreté.

Kinga Gál (PPE). – Elnök Asszony! A márciusi Európai Tanács keretében – ha nem is fő témaként – a migráció kérdéséről, a dublini rendszer felülvizsgálatáról is várható újabb vita a bolgár elnökség beszámolója és kiinduló javaslata alapján. Am ez a javaslat továbbra is a kötelező migránsszétosztáson alapul, ami csak további megosztáshoz vezet majd a tagállamok között, és így bizonyosan nem lehet a valódi megoldás része. Hiszen nem lehet a tagállamoktól elvenni azt a jogot, hogy eldöntsék, kit engednek be és kit nem életvitelszerűen a területükre. Az Unió döntéshozóinak már jó ideje rá kellett volna jönniük, hogy semmilyen kötelező migránsszétosztáson alapuló rendszer nem lesz képes megoldani Európa bevándorlási problémáját. Hiszen azt meghívónak fogják tekinteni az indulásra váró migránsok százezrei. Ehelyett vissza kell szereznie Európának a külső határai feletti teljes ellenőrzést, ugyanis ez az illegális migráció megállítása alapfeltétele. Ezért a szolidaritás megnyilvánulásaként kellene végre tekinteni a külső határok védelmét és az erre fordított milliárdokat, hiszen az európai örökségünk védelméhez és a kontinens stabilitásának megőrzéséhez járul hozzá.

Tanja Fajon (S&D). – Evropska komisija je predstavila jasno zavezanost k prihodnosti širitve zahodnobalkanskih držav. Države Zahodnega Balkana so v dvajsetih letih znatno reformirale institucije in zakone, v nasprotju kar je govoril moj predhodnik v zvezi s Kosovom in Albanijo. Obljubili smo jim članstvo, če bodo vztrajale na tej poti.

Unija je za ta cilj sodelovala po večini s političnimi elitami. Zdaj je čas, da aktivno vključi tudi državljane. Če želimo, da bodo investicije dvajsetih let vzdržne, morajo biti na naši strani tudi državljani. Naša zaveza v naporih in denarju mora biti dvojna. Članstvo ni le politični cilj, postati mora demokratični dosežek za vse družbe Zahodnega Balkana. Pozivam, da se evropski voditelji na vrhu jasno zavežejo k širitvi, glede vrha tudi maja v Sofiji, in da širitev uvrstijo tudi na junijsko zasedanje.

Z zahodnobalkanskimi voditelji moramo sodelovati odprto in iskreno. Dokler pogoji niso izpolnjeni, napredek ni mogoč. Največji del odgovornosti je v rokah voditeljev na Balkanu. Turčija je denimo padla na testu pravne države in spoštovanja človekovih pravic. Več kot 130.000 priprtih ljudi od poletja 2016 dokazuje, da to ni ne varna ne demokratična država.

Zato za vse tiste EU države, ki na žalost verjamejo nasprotno in zapirajo vrata proslcem političnih azilov: kolega, Unija potrebuje Zahodni Balkan – in nasprotno – za lažje premagovanje skupnih izzivov, stabilnost in mir za mlade, ki namesto bega potrebujejo upanje, varnost in pa evropsko prihodnost.

Mario Borghesio (ENF). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, la nostra posizione sul tema è molto chiara, perché per noi l'idea di rilanciare il progetto europeo con ulteriori allargamenti è quanto di più sbagliato vi sia.

Non ha senso infatti per noi mettere insieme paesi come Finlandia e Montenegro, non ha senso mettere i paesi dell'Est in competizione con quelli balcanici, dopo aver già messo in competizione quelli del Sud con quelli dell'Est. Vorrei ricordare le gravi conseguenze, per esempio, della questione Embraco, della questione del trasferimento di un'azienda produttiva del mio paese in Slovacchia.

Noi pensiamo che piuttosto dovremmo lavorare e contribuire allo sviluppo e alla stabilità della regione, senza cercare di realizzare sconsiderati passi avanti per mettere tutti sotto la bandiera dell'Unione e scoprire dopo quanto sia stata affrettata e mal preparata un'Unione che peraltro già oggi funziona piuttosto male.

La strategia illustrata dalla Commissione europea fa acqua in realtà da tutte le parti, e ripropone, aggravati, i problemi che poneva già in precedenza il processo di allargamento ad Est. Non sono state stabilite scadenze precise per nessuno, e al di là delle chiacchiere solo Serbia e Montenegro, in realtà, hanno iniziato i colloqui formali per aderire all'Unione europea e sembrano in grado – e concludo – di poter raggiungere l'obiettivo entro il 2025.

Paulo Rangel (PPE). – Senhora Presidente, Presidência búlgara, Senhor Vice-Presidente, queria dizer que há alguma frustração na agenda deste Conselho, porque aquilo que esperávamos, chegando a março, é que, naturalmente, o Presidente Macron e a Chanceler Merkel estivessem em condições de apresentar, pelo menos, um primeiro roteiro para a reforma da zona euro.

Se isso não é possível, ao menos que se façam os princípios e as linhas fundamentais para preparar esse trabalho para a Cimeira ou para o Conselho Europeu de junho.

Entretanto, penso que há dois pontos que são muito importantes. Um é a resposta a Trump e à sua limitação ao comércio internacional, que é totalmente inaceitável e que vai totalmente ao contrário daquela que é a linha da União Europeia. Devo dizer que hoje estaríamos num mundo mais seguro e mais próspero se o TTP com os Estados Unidos e o TTIP com a Europa e os Estados Unidos estivessem já devidamente em vigor ou, pelo menos, muito adiantados – isso sim, poderia combater a concorrência desleal, social e ambiental de alguns mercados, como mercado chinês, e não propriamente outro tipo de retaliações, como esta.

Finalmente, queria dizer que noto, com alguma pena, que a parente pobre deste Conselho é a União da Energia – só o Presidente Juncker falou nela. Para Portugal e para Espanha é decisivo, para a União Europeia é decisivo que se façam as interligações entre a França e a Península Ibérica.

No dia em que forem feitas, a nossa dependência de Putin e a nossa dependência da Rússia diminuirão muito e a Europa ganhará muito com isso.

Pervenche Berès (S&D). – Madame la Présidente, Monsieur le Vice-Président, lors de ce Conseil européen, vous allez, sous l'autorité de la présidence, évoquer la question de l'union des marchés des capitaux.

C'est tout à fait essentiel que l'Union avance dans ce domaine, y compris au moment où, malheureusement, nous devons envisager le Brexit. Mais cela ne sera raisonnable que si, en parallèle, nous progressons dans les conditions de supervision des marchés. J'invite donc vraiment le Conseil à être allant sur ce dossier, sans que cela n'épuise nullement la question des progrès dans l'Union économique et monétaire. Et là, franchement, on a parfois, au-delà du réalisme, l'impression d'attendre Godot. On attendait les élections allemandes, on attendait le gouvernement allemand, maintenant on attend l'accord franco-allemand. Cela n'est pas raisonnable, y compris parce que, dans la guerre commerciale qui nous oppose dorénavant aux États-Unis, la meilleure arme de la zone euro, c'est de progresser dans son intégration en matière fiscale et en matière de stratégie d'investissement. J'espère que c'est le message que vous porterez dans ce Conseil.

Luděk Niedermayer (PPE). – Madam President, I am pleased to see that economic subjects form a big part of the Council meeting agenda. After all, economic performance plays a very important role in the way that people perceive the functionality of the European Union. I am especially pleased to see that tax issues are an informal part of the Council meeting. I hope that not just digital taxation but also VAT reform and CCCTB will be discussed and we will get closer to their adoption. I call on the leaders of the Member States to proceed and, if necessary, go to enhanced cooperation in the case of CCCTB.

Secondly, I want to mention the energy union. After a very good Commission proposal, short-term national interests, as well as the interests of some groups, could now weaken the result and this would be unfortunate. It would be a lost opportunity for Europe and for our citizens.

Last but not least, I also want to mention the issue of trade, but instead of going into details, I will just declare my support for what President Juncker said about this subject. I hope that we will achieve our goal, which is to support deferred and open trade globally.

Knut Fleckenstein (S&D). – Frau Präsidentin, liebe Kolleginnen und Kollegen! Nur ein paar Sätze zur Vorbereitung des Balkan-Gipfels, da dieser Punkt ja auch eine Rolle spielt: Ja, wir haben versprochen, die Staaten des westlichen Balkans an die EU heranzuführen, und wir haben versprochen, ihnen bei der Umstrukturierung und bei der Reform ihrer Länder zu helfen. Wir fordern immer mehr und immer wieder, dass diese Länder ihre Schularbeiten machen, bevor sie in die EU hineinkommen. Aber jetzt sind wir in der EU dran, unsere Hausaufgaben zu machen. Und deshalb bitte ich die bulgarische Ratspräsidentschaft: Werben Sie dafür, dass der Rat die Westbalkanstrategie der Kommission positiv annimmt und weiterentwickelt. Sprechen Sie mit unseren griechischen Freunden darüber, wie wir ihnen helfen können bei den mehreren Problemen, die es mit Balkanstaaten gibt, und sorgen Sie bitte dafür, dass keiner der sechs Partner am Katzentisch sitzt, nur weil einige noch nicht so weit sind wie die Mehrheit der europäischen Länder.

Dubravka Šuica (PPE). – Gospođo predsjednice, pitam se hoće li sljedeći samit 22. i 23. ožujka moći apsolvirati ovoliki broj tema koje su na dnevnom redu. U svakom slučaju, drago mi je da su tu i ekonomske teme, a da su i teme koje se odnose na vanjsku politiku i vanjsko djelovanje. Drago mi je da se spominju radna mjesta, rast, konkurentnost i, naravno, zajedničko tržište.

Prošli tjedan je naša EPP grupa boravila u Valenciji gdje smo razgovarali o digitalnom valu, u kojemu Europska unija mora predvoditi. To smatram iznimno važnom temom za nadolazeći sastanak Vijeća i drago mi je da će se raspravljati upravo o digitalnoj Europi. Osobno vjerujem da inovacije mogu promijeniti živote naših građana, a naš zadatak je da inovacije postanu glavnim prioritetom sljedećeg razdoblja.

Vidimo da europsko gospodarstvo jača, vidi se da se rast povećao iznad očekivanja, da se nezaposlenost smanjila, da se ulaganja oporavljaju, da se stanje javnih financija poboljšava. No, moramo voditi računa o našim odnosima sa Sjedinjenim Američkim Državama. Oni se ne smiju temeljiti na sučeljavanju, kao što je rekao gospodin Juncker. Važno je postići kompromis.

Također mi je drago spomenuti da je predsjednik Juncker obišao zemlje zapadnog Balkana ili jugoistoka Europe, kako mi volimo kazati, drago mi je da je primijetio da one vjeruju u europsku budućnost, ali kao što je rekao gospodin Fleckenstein, na nama je da odradimo našu zadaću, da im pomognemo na tom putu. Moramo pružiti punu podršku tim zemljama i omogućiti da što prije ispune uvjete za ulazak u Europsku uniju.

Agnes Jongerius (S&D). – Voorzitter, in november vorig jaar kwamen de regeringsleiders bijeen in Göteborg en zij tekenden daar samen voor de Europese sociale pijler. Die pijler begint langzamerhand vorm te krijgen, maar het tempo moet omhoog. Het voorstel van de Commissie voor een Europese arbeidsinspectie wordt vandaag gepresenteerd, maar het eerder aangekondigde socialezekerheidsnummer is inmiddels alweer van de wagen gevallen. De Europese arbeidsinspectie is een stap in de goede richting, een stap naar een fatsoenlijke en eerlijke Europese arbeidsmarkt, door uitbuiting en oneerlijke concurrentie tussen werknemers en oneerlijke concurrentie tussen bedrijven aan te pakken op Europees niveau. Het voorstel geeft Europa ook tanden om te bijten als het om grensoverschrijdende misstanden gaat. Maar, Voorzitter, als de regeringsleiders werkelijk een sociaal Europa willen, moeten ze nu wel doorpakken. We willen daden zien en niet louter woorden.

Seán Kelly (PPE). – Madam President, the next Council has much to discuss, and discuss they will, but one area I think they need to focus very strongly on is the Multiannual Financial Framework (MFF), the next budget: Europe without a good budget can be talking forever about what they would like to do, but they cannot do much about it. Especially now that the United Kingdom will be leaving the European Union, regretfully, there will be a EUR 14 billion or so deficit in the budget. I think it is incumbent on the Member States to make up that deficit. After all, if they are all talking about the need to stick together to preserve what we have built, then I think also a strong budget is the key to that. I was delighted to hear our own Taoiseach, Leo Varadkar, say here in this very Chamber in January that Ireland will commit itself to increasing our percentage contribution from 1% to 1.1% or 1.2%. But every other Member State needs to do the same, because if we are to do the things we want to do in relation to security, Erasmus, development aid, the single market, migration or climate change, it is going to take funding. It is estimated that every euro in Europe generates about EUR 4 in added value. This is where the added value is, but the Council must give the commitment to do that now, unanimously, and then we can progress.

Nicola Danti (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, a 25 anni dalla sua nascita, occorre fare una riflessione strategica sul senso e sul futuro del mercato unico.

In molti settori il suo completamento è difatti ancora lungi dall'essersi compiuto e viene percepito nelle opinioni pubbliche con distacco, come una sovrastruttura burocratica che limita la libertà di impresa e non protegge a sufficienza i consumatori. Il digitale, la nuova frontiera del mercato unico, viene poi considerato una dimensione senza regole e ostile ai settori dell'economia tradizionale.

Per questo motivo è il momento di un rinnovato slancio politico e di scelte ambiziose. Abbiamo bisogno di un sistema fiscale armonizzato che aiuti una concorrenza virtuosa interna, una tassa europea per i giganti del web, una sorveglianza di mercato dei prodotti efficaci, e nuovi strumenti di tutela dei consumatori.

Ci auguriamo che il prossimo Consiglio faccia proprie queste istanze e rilanci il mercato unico come motore economico e sociale dell'Europa. Il mondo oggi corre veloce: per fare ciò non abbiamo i 25 anni che ci stanno alle spalle, ma i 25 mesi davanti a noi.

Tunne Kelam (PPE). – Madam President, the Estonian Presidency managed to focus the attention of the Council on the digital dimension. It was good, but not enough. Now it is crucial to move ahead, including with the files on the digital market. EU Governments need to decisively deepen the single market, especially their services market, and put an end to deep-seated national protectionism, otherwise optimistic talk about deep integration will remain just talk. By the way, I hope that President Trump's hurried decisions could be used as a positive incentive to finally overcome the EU's traditional cautiousness about our own free trade. Regarding the energy market, yesterday the British Prime Minister declared that there could be no business as usual with Russia after their apparent use of chemical weapons on UK territory. How can one think today that there can still be business as usual on Nord Stream 2? The Council cannot continue to avoid this challenge. It is not about differences between the Council and Commission legal services; it is about protecting EU common interests, exercising our energy solidarity in practice and preventing Mr Putin from undermining EU security and unity on such vital issues.

Patrizia Toia (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, non vorrei essere pessimista, ma certamente una lettura di come stanno le cose, delle relazioni che oggi sono state presentate, ci porta a dire che il Consiglio europeo del prossimo 22-23 marzo si profila come l'ennesima riunione delle decisioni rimandate, l'ennesima riunione delle occasioni mancate.

Penso che l'Unione europea non possa ulteriormente mancare le occasioni che si presentano, pena davvero la sua difficoltà profonda. Le elezioni in Italia sono anche state un segnale chiaro da questo punto di vista: l'Unione europea deve iniziare a dare risposte concrete ai cittadini, deve essere un'istituzione percepita come amica, come vicina, e non come un'istituzione lontana e indifferente alle più gravi sfide che i cittadini europei stanno vivendo. Io penso al mio paese, penso al tema dell'immigrazione, penso al tema di una politica economica che non è riuscita a incentivare lo sviluppo, a dare risposte al lavoro in maniera sufficiente.

E così oggi la riforma dell'eurozona, il pilastro sociale dell'UE e le tante, troppe mancanze dell'Unione europea, a partire dalla mancanza di un sussidio sulla disoccupazione europea, che pure era stato posto nel programma, non possono più attendere ritmi lenti e contraddizioni delle politiche nazionali, e così i temi dell'equità fiscale, e mi rifaccio all'intervento di Maria João Rodrigues.

Λευτέρης Χριστοφόρου (PPE). – Κυρία Πρόεδρε, παρά την ισχυρή απόφαση του Ευρωπαϊκού Συμβουλίου ενάντια στην Τουρκία για τις απαράδεκτες, προκλητικές και παράνομες παραβιάσεις της, τόσο στην Κύπρο όσο και στο Αιγαίο, η Τουρκία για μια ακόμη φορά κάνει αυτό που κάνει πάντοτε: περιφρονεί, προσβάλλει και προκαλεί τις αποφάσεις της Ευρωπαϊκής Ένωσης. Η υπόθεση της Κύπρου, η υπόθεση της εισβολής στην κυπριακή ΑΟΖ, οι παραβιάσεις στο Αιγαίο, η προσβολή χωρών μελών της Ευρωπαϊκής Ένωσης από μία χώρα που συμπεριφέρεται πειρατικά και τρομοκρατικά, όπως την Τουρκία, θεωρώ ότι δεν είναι υπόθεση της Κύπρου και της Ελλάδας, αλλά είναι υπόθεση ευρωπαϊκή, γιατί ένας βασικός θεμελιακός κανόνας της Ευρωπαϊκής Ένωσης είναι η αλληλεγγύη των χωρών μελών της Ευρωπαϊκής Ένωσης και θεωρώ ότι είναι πολύ σημαντικό η Ευρωπαϊκή Ένωση να απαντήσει σε αυτή την προκλητική στάση και συμπεριφορά της Τουρκίας.

Η Ευρωπαϊκή Ένωση δοκιμάζεται γι' αυτό το ζήτημα και αναμένουμε από το Ευρωπαϊκό Συμβούλιο, που θα συνεδριάσει στις 22 και 23 Μαρτίου, ότι επιτέλους θα στείλει το ισχυρό μήνυμα ότι δεν ανέχεται άλλο να την περιφρονεί και να την προσβάλλει η Τουρκία και ότι θα πάρει μέτρα, ούτως ώστε, εάν συνεχίσει τις παραβιάσεις στην Κυπριακή ΑΟΖ και δεν τις σταματήσει αμέσως, τότε η Τουρκία δεν μπορεί να προσβλέπει και να προσδοκά τίποτε από την Ευρωπαϊκή Ένωση. Ταυτόχρονα, θα ήθελα να απευθύνω έκκληση, αλλά και να απαιτήσω από τον αγαπητό αντιπρόεδρο της Ευρωπαϊκής Επιτροπής, τον κύριο Timmermans, να εναρμονιστεί επιτέλους και η Ευρωπαϊκή Επιτροπή με το Ευρωπαϊκό Συμβούλιο και το Ευρωπαϊκό Κοινοβούλιο και να σταματήσει να λαμβάνει αποφάσεις για αναβάθμιση των σχέσεων Τουρκίας-Ευρωπαϊκής Ένωσης.

Πρέπει να δώσουμε το μήνυμα ότι δεν μπορούν να γίνουν πλέον ανεκτές αυτές οι συμπεριφορές, γιατί δυστυχώς η Τουρκία αποθρασύνεται και, κλείνοντας, θα σας καλέσω να πάρετε μέτρα, γιατί αύριο θα είναι πολύ αργά με αυτήν την Τουρκία, την Τουρκία του Ερντογάν.

Elly Schlein (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, signora Ministra, Presidente Juncker, ha detto prima che al prossimo Consiglio discuterete di un'Unione più forte e democratica. Cominciate a dimostrare più forza contro l'evasione e l'elusione fiscale delle multinazionali, che ci costano mille miliardi all'anno: si pagavano tre «piani Juncker» di investimenti, con quella cifra.

E se solo aveste volontà politica, già domani potreste approvare misure fondamentali di contrasto, come la rendicontazione pubblica Stato per Stato o la CCCTB, per stabilire un principio semplice: che le tasse si pagano dove si fanno i profitti. E molto più coraggio vogliamo sulla riforma di Dublino: le bozze che circolano al Consiglio sono un insulto al nostro ruolo e mortificano quest'Aula. Solidarietà solo volontaria, che nulla ha mai risolto, procedure di inammissibilità obbligatorie che violano il diritto internazionale e aggravano gli oneri dei paesi di frontiera, meno garanzie per i minori e sanzioni che violano i diritti fondamentali e li monetizzano: una vita vale davvero per voi 30 000 euro?

Il Parlamento vi incalza ad avere una posizione ambiziosa, che superi il criterio ipocrita del primo paese di accesso e lo sostituisca con un meccanismo permanente di condivisione delle responsabilità. Un'Unione più forte, sì, ma con i forti, non con i deboli.

Tonino Picula (S&D). – Gospođo predsjednice, sastanak Vijeća sljedećeg tjedna dobra je prilika da se napravi pregled stanja stvari u Europskoj uniji, da vidimo do kud se stiglo s nekima od najvažnijih inicijativa i zakonskih prijedloga.

Podržavam fokus na radna mjesta, rast i konkurentnost, na praćenje provedbe europskog stupa socijalnih prava te prijedlog Komisije o europskom nadzornom tijelu za rad.

Najave Washingtona o uvođenju dodatnih carina na sve dužu listu proizvoda traže odgovor europskih lidera. Europska unija treba imati strategiju kako se nositi s ovim prijetnjama.

Kao zastupnik iz Hrvatske podržavam predviđeno usvajanje zaključaka o zapadnom Balkanu uoči samita u svibnju u Sofiji. Nadam se da će u zaključcima biti prevladane određene rezerve prema proširenju. Zemlje zapadnog Balkana zaslužuju vjerodostojnu perspektivu članstva.

Nadogradnja europskog projekta u 21. stoljeću od iznimne je važnosti za budućnost Unije, a upravo je proširenje jedan od stupova europskog identiteta i jedna od najuspješnijih politika Europske unije od njenog nastanka.

Catch-the-eye procedure

Stanislav Polčák (PPE). – Paní předsedající, já jsem přesvědčen, že výzev, před kterými stojí Evropská unie, je opravdu celá řada. Je jich nespočet, je to brexit, jsou to azylové a migrační otázky, víceletý finanční rámec a role kohezní politiky. Tlak na rozpočet je obrovský a v tomto duchu je třeba vyzvat Evropskou radu, aby byla skutečně jednotná.

To hledisko jednomyslnosti, si myslím, že má svoji klíčovou roli.

Na druhou stranu ti, kteří volají po jednomyslnosti, musí vést upřímný dialog. Myslím si, že to je důležité zdůraznit šéfům vlád, a je to důležité i pro předsednictví. Já bych si dovolil rovněž vyzdvihnout otázku Kypru, protože jsem byl na tomto ostrově v uplynulém období a byl jsem docela šokován, jak je to město rozděleno, jak je rozdělen tento ostrov. Je to trochu ostuda v 21. století pro Evropu, že Kypr zůstává takto rozděleným ostrovem, a myslím si, že by se na to skutečně evropské předsednictví a rovněž Evropská rada měly zaměřit

Maria Grapini (S&D). – Doamna președintă, domnule comisar, stimați colegi, sigur, e foarte importantă întâlnirea Consiliului. Au spus foarte mulți colegi aici, cred că trebuie să definim ce vrea să fie Uniunea Europeană. Domnul Juncker spunea: perfecționarea pieței interne, interconectivitatea. Foarte bine, dar avem încă țări de rang unu, țări de rangul doi, cetățeni de rangul trei, avem produse cu dublu standard. Clarificăm care este viitorul Uniunii Europene? Avem de negociat un Brexit.

Foarte importante sunt temele de la summit. Problema este ca și cum am croi un costum fără să știm mărimea lui. Trebuie să știm ce vrem în viitor și, domnule Timmermans, cu tot respectul, vă rog să nu mai aveți un limbaj dublu. Mergeți în statele noastre și spuneți ceva cetățenilor, veniți aici și vorbiți altceva. Este cazul României, în care v-ați dus ați spus ceva, aseară la LIBE, din nou nominalizați România ca o țară care nu respectă statul de drept. Spuneți ce nu respectăm, pentru că altfel cetățenii sunt nemulțumiți și sigur vom dezvolta euroscepticismul.

Ruža Tomašić (ECR). – Gospođa predsjednice, Europsko vijeće u svojoj raspravi i zaključcima o tzv. zapadnom Balkanu ima priliku utvrditi pravo stanje na terenu, postaviti realne ciljeve i poslati jasnu poruku da niti jedna od neintegriраниh država neće postati članicom dok ne udovolji svim kriterijima.

Svjedoci smo da Europska unija, ta navodna oaza ljudskih i građanskih prava u svijetu, ignorira činjenicu da je na čelu jedne države kandidatkinje – Srbije, autoritarni vladar koji ugrožava demokratske standarde i vladavinu prava, onemogućuje slobodne izbore i gazi medijske slobode.

Toleriranje Aleksandra Vučića samo je potvrda davno prepoznatog europskog licemjerja zbog kojega Unija gubi ugled u svijetu. Ne zaboravimo, pristupni proces potpuno je besmislen ako kroz njega države kandidatkinje ne postignu značajan napredak. Ne samo deklarativni, već suštinski. Način na koji Vučić vlada Srbijom jasan je znak da takav napredak od te države ne trebamo očekivati dok je on na njezinu čelu.

Ελευθέριος Συναδινός (NI). – Κυρία Πρόεδρε, η έκρυθμη κατάσταση στα Δυτικά Βαλκάνια θυμίζει τις συνθήκες που επικράτουσαν πριν τον Α Παγκόσμιο και τους Βαλκανικούς Πολέμους. Ο διάχυτος αλυτρωτισμός και η καταφανής ρητορική μίσους, ειδικά της Αλβανίας και της κυβέρνησης των Σκοπίων κατά της Ελλάδας, δημιουργούν ένα εκρηκτικό μείγμα, με την ανοχή κυρίως της Merkel και για λόγους που οι Έλληνες γνωρίζουμε καλά. Πέραν των παραπάνω, η Τουρκία του Ερντογάν σφαγιάζει κυριολεκτικά Κούρδους αμάχους στο Αφριν, έχοντας εισβάλει παράνομα σε συριακό έδαφος.

Η πολιτική της Ένωσης, των προτροπών, των παραινήσεων για κατάπαυση του πυρός, των προφορικών καταδικών, των καλεσμάτων σε διάλογο δεν φέρνει κανένα αποτέλεσμα. Αντιθέτως, η Ένωση συντηρεί το κλίμα μέσω δηλώσεων από επίσημα χείλη, συνεχίζει τις προενταξιακές διαπραγματεύσεις αυτών των χωρών και τις χρηματοδοτεί, αντί να τις απομονώνει και να τους επιβάλλει κυρώσεις. Η Ιστορία όμως, τουλάχιστον για εμάς τους Έλληνες, δεν αλλοιώνεται. Τα σύνορα δεν παραχαράσσονται, οι εθνικές συνειδήσεις δεν εξαγοράζονται και τα εθνικά κράτη μέλη δεν απεμπολούν τα κυριαρχικά τους δικαιώματα.

(End of catch-the-eye procedure)

Frans Timmermans, First Vice-President of the Commission. – Madam President, in reaction to what was said I have a few remarks.

First of all, I want to say something about the poisoning of people in Salisbury. Just try to get your mind around this: in Salisbury, people have been poisoned by a Novichok nerve agent, which is a substance that is banned under a UN convention. A nerve gas was actively used against civilians in one of our Member States. I believe that the European Council should, in clear terms, express its full solidarity with the British people and the British Government in addressing this issue. I believe it is of the utmost importance that those who are responsible for what has happened see very clearly that there is unequivocal, unwavering and very strong European solidarity, so that those responsible are really punished for what they did. We cannot have nerve gas being used in our societies. This should be addressed by all of us and not just left to Prime Minister May and the British Government. It is a collective European responsibility, including under the Organisation for the Prohibition of Chemical Weapons (OPCW) rules.

I want to thank your Parliament, Madam President, for its clear support for my words right now because it will also send a clear message to all those involved and to the European Council next week.

Yesterday, I was at Dillinger Hütte, in Saarland, to meet with representatives of the European steel industry from Saarland, from Lorraine and from Luxembourg – a very competitive steel industry, able to innovate, able to create green steel in the future, to make sure that steel remains an essential element of the European economy, in a way that is sustainable. Of course, people there were extremely worried about the measures announced by President Trump. I had a very clear message for the people there and I want to repeat it today: the Commission is working day and night to convince our American partners that there are no grounds for these measures. We are security partners. How on earth could European steel be a threat to American security? It is simply impossible, so there are no grounds for these measures. We hope we can convince our American partners of this, but if that fails, if we cannot convince them and they persist in this, the Commission will act with the support of the Member States to protect our European economy.

We do not believe in protection. No war could be predicted in terms of its outcome except for a trade war because we know that a trade war only has losers. Nobody can win a trade war. We hope that we can convince President Trump of that reality, but we will protect our interests if need be and we will help the European steel industry and the European economy to be competitive.

Let me end on this. This is something that will be discussed at the European Council: jobs, competitiveness, growth. The world is changing at breakneck speed. We will need to be more competitive to keep up, but there are different ways of doing this. You can be competitive by lowering your prices, but then you will demolish the social fabric which is the very backbone of Europe. You can also be competitive by being smarter, more innovative, investing, inventing new things. This is what Europe has always been great at – all European nations – and that is why I believe that if we talk about the future of Europe, we talk about better taxation, so that people pay taxes where they make profits and that they do not get away with playing one Member State against another.

(Applause)

We have to make sure that we develop the skills necessary to be able to act on the world stage. It is a delusion to think that we can protect the steel industry of individual Member States if Member States act individually on the world scale. We need the European Union to act together on this. At the end of the day, it will be necessary to build Europe on the basis of the values Europeans share: a social market economy where the values are protected, where the race to the bottom is stopped and where we make sure that through solidarity and by working together, Europe has a strong position on the world stage.

(Applause)

Monika Panayotova, *President-in-Office of the Council*. – Madam President, first of all I would like to thank the House for its remarks and comments. I will convey all of them to the President of the European Council. I took careful note of the suggestions that were addressed to me personally by Ms Berès, Mr Verhofstadt and Mr Fleckenstein, and I assure you that I will bring all of them to the attention of Mr Tusk.

In response to Mr Telička's criticisms, I would like to bring to your attention three main points. The first one is that it is the role of the Presidency to present to you the state of play in preparations for the European Council meeting. So I am here to listen to you and you can be sure that I will convey your remarks, proposals and ideas to President Tusk. That is the purpose of this debate.

Secondly, Mr Tajani will intervene at the opening of the meeting and he will also have the opportunity to express Parliament's views. Thirdly, President Tusk will be in plenary in April for a full debate with you on all these topics.

In conclusion, I would like to say that we need to ensure that the decisions taken by leaders will be implemented in full over time. In that spirit, the Council will continue, under the Bulgarian Presidency, to regularly discuss the implementation of the European Council conclusions.

PRESIDENZA DELL'ON. ANTONIO TAJANI

Presidente

Presidente. – La discussione è chiusa.

Dichiarazioni scritte (articolo 162)

Soledad Cabezón Ruiz (S&D), *por escrito*. – El próximo Consejo Europeo tiene lugar en un momento crucial, donde los vientos nacionalistas soplan con fuerza en Rusia, China y los Estados Unidos. En este contexto, la UE necesita reivindicar su propio proyecto de vida con una estrategia a largo plazo basada en la dignidad humana, la justicia, la democracia y el desarrollo sostenible. Nuestro compromiso con el Pilar Europeo de Derechos Sociales es irrenunciable. Esperaremos el contenido final del paquete de justicia social propuesto por la Comisión, el cual debe garantizar a nuestros ciudadanos una protección social completa para erradicar las desigualdades. La financiación del Pilar Social nos conduce a un asunto fundamental objeto de discusión en el próximo Consejo Europeo: la fiscalidad equitativa. Es inaceptable que las multinacionales paguen cada vez menos impuestos mientras que nuestros Gobiernos aplican recortes en el Estado del bienestar. Si queremos evitar la inseguridad que rodea a nuestros ciudadanos, así como que las fuerzas nacionalistas y xenófobas continúen ganando terreno, debemos revertir esta tendencia. Si los dirigentes de la UE desean realmente cambiar el contexto socio-económico de la UE, su compromiso con una fiscalidad justa debe ser una realidad en el próximo Consejo Europeo.

Doru-Claudian Frunzulică (S&D), *in writing*. – I welcome the European Council reunion next spring, where pressing issues are going to be discussed. Romania cannot accept, it is completely unacceptable an EU with two or more speeds. If taken, this path could step by step destroy the nowadays EU. There is generally one change for Europe – a solitary EU, with equal rights for members and citizens. It is unfair and incorrect to keep Romania outside the Schengen area, with all kinds of pretexts invoked mainly by Netherland for trade and economic interests, having nothing to do with Schengen area requests and standards. To put it blindly, to keep the advantages of Rotterdam harbour as a main gate for entrance within EU of foreign goods. Constanta harbour, in Romania, to the Black Sea might make a huge competition to the Rotterdam harbour, having lots of geographic and strategic advantages. This situation cannot continue in this way. The Presidency of Romania has to rise this issue stronger than ever at the next European Council meeting, on 22 and 23 March 2018. There are unfortunately double standards inside EU. I addressed again and again this situation which can jeopardise, on a medium and long term basis the EU's future.

Iratxe García Pérez (S&D), *por escrito*. – El próximo Consejo Europeo tiene lugar en un momento crucial, donde los vientos nacionalistas soplan con fuerza en Rusia, China y los Estados Unidos. En este contexto, la UE necesita reivindicar su propio proyecto de vida con una estrategia a largo plazo basada en la dignidad humana, la justicia, la democracia y el desarrollo sostenible. Nuestro compromiso con el Pilar Europeo de Derechos Sociales es irrenunciable. Esperaremos el contenido final del paquete de justicia social propuesto por la Comisión, el cual debe garantizar a nuestros ciudadanos una protección social completa para erradicar las desigualdades. La financiación del Pilar Social nos conduce a un asunto fundamental objeto de discusión en el próximo Consejo Europeo: la fiscalidad equitativa. Es inaceptable que las multinacionales paguen cada vez menos impuestos mientras que nuestros Gobiernos aplican recortes en el Estado del bienestar. Si queremos evitar la inseguridad que rodea a nuestros ciudadanos, así como que las fuerzas nacionalistas y xenófobas continúen ganando terreno, debemos revertir esta tendencia. Si los dirigentes de la UE desean realmente cambiar el contexto socio-económico de la UE, su compromiso con una fiscalidad justa debe ser una realidad en el próximo Consejo Europeo.

Κώστας Μαυρίδης (S&D), *γραφώς*. – Το κράτος δικαίου στην Τουρκία παραβιάζεται κατάφορα. Πρόσφατα, ψηφίσσαμε συντριπτικά στο Ευρωκοινοβούλιο ότι στην Τουρκία δεν μπορεί να υπάρξει καν δικαίη δίκη για τους πολιτικούς διαφωνούντες με το καθεστώς Ερντογάν. Αυτό λοιπόν το κράτος, που καταπιέζει τους λαούς εντός Τουρκίας, που φυλακίζει τους διαφωνούντες, που περιφρονεί την ομόφωνη απόφαση του Συμβουλίου Ασφαλείας του ΟΗΕ για κατάπαυση των στρατιωτικών επιχειρήσεων και συνεχίζει την εισβολή στο Αφρίν, που συνεργάζεται με τους πλέον διαβόητους τρομοκράτες, ενώ βαφτίζει τρομοκράτη όποιον είναι Κούρδος, που παρεμβαίνει με τον στόλο της στους ενεργειακούς σχεδιασμούς της Κύπρου και πλήττει τα ενεργειακά συμφέροντα της ΕΕ, που απειλεί την Ελλάδα και συνεχίζει παράνομα την κατοχή στο βόρειο μέρος της Κύπρου, αυτό λοιπόν το κράτος της Τουρκίας τυγχάνει αδιανόητα ευνοϊκής μεταχείρισης. Το ερώτημα είναι απλό: Στο όνομα ποιων ευρωπαϊκών αξιών ή ποιων συμφερόντων, που είναι επικρατέστερα των πιο πάνω, επιβάλλεται αυτή η στρεβλωτικά ευνοϊκή μεταχείριση της Τουρκίας; Τόσο στρεβλωτική, που θα της εκχωρήσουμε άλλα τρία δισ. ευρώ των ευρωπαϊών πολιτών για τη διαχείριση των προσφύγων από τη Συρία, την ίδια ώρα που προκαλεί νέα ανθρωπιστική τραγωδία διογκώνοντας την έξοδο προσφύγων από τη Συρία και ενδυναμώνοντας το Ισλαμικό Κράτος, που για χρόνια χρηματοδοτούσε.

Olga Sehnalová (S&D), písemně. – Vážené kolegyně a kolegové, zařazení sociálních otázek na jednání Evropské rady je nutné jednoznačně přivítat. Sociální a pracovní standardy jsou neodmyslitelným rozměrem jednotného trhu, proto je nutné o nich poctivě diskutovat. Poctivě diskutovat znamená diskutovat se všemi, kterých se opatření s dopadem mohou týkat. Po brexitu bude 85 procent HDP EU tvořeno zeměmi eurozóny. Znamená to, že názor ostatních zemí již tedy není nutné znát a začnou se vytvářet paralelní instituce a summity, které budou rozhodovat za všechny? Je svolání summitu Evropské rady pro pouze 19 zemí signálem, že se takto bude postupovat v budoucnu? Takovýto přístup zpochybňuje onen princip jednoty, o kterém tak často rádi hovoříme, a je krokem zpátky.

5. Elogio fúnebre

Presidente. – Come annunciato all'inizio del dibattito che si è appena concluso, purtroppo è scomparso prematuramente il nostro collega Jens Nilsson. È morto questa mattina, in Svezia, a seguito di una breve malattia.

Il collega Nilsson fu eletto per la prima volta al Parlamento europeo nel 2011 e rieletto nel 2014 nelle fila del partito socialdemocratico svedese e sedeva tra i banchi del gruppo S&D. Membro della commissione per i trasporti e il turismo, della commissione per lo sviluppo regionale e della delegazione per le relazioni con la Bielorussia, Nilsson svolse la sua attività politica con un sincero entusiasmo e con una non comune capacità di lavoro. Si batté con determinazione per un'economia sociale, ideale in cui credeva fermamente e che fu per lui la battaglia di una vita.

A nome di tutti noi voglio rivolgere un affettuoso pensiero alla sua famiglia, alla moglie, alla figlia, ed esprimere il più sentito cordoglio ai suoi amici, ai suoi compagni di partito, al gruppo S&D e a tutti coloro che lo hanno conosciuto ed apprezzato. Vi chiedo pertanto di unirvi a me nell'osservare un minuto di silenzio nel ricordo di Jens Nilsson.

(L'assemblea, in piedi, osserva un minuto di silenzio)

Maria João Rodrigues, on behalf of the S&D Group. – Mr President, I am taking the floor on behalf of the S&D Group, the group that Jan Nielsen belonged to. In just a few words, first of all I would like to thank all Members of the European Parliament for this homage and these minutes of silence. We, as the S&D Group, would like to recall him as he was: a very generous man, a man who was very committed to the European project, someone who was also very much in touch with all the people at grassroots level, and the leading actor for a social economy across Europe. Jan Nielsen, we will always remember you with much friendship.

*
* *

Ashley Fox (ECR). – Mr President, last week in Salisbury, my constituency, a man and his daughter were poisoned with a military-grade nerve agent. A police officer who attended the scene was also poisoned. Yesterday, the British Prime Minister announced it was highly likely that Russia was responsible for this outrage, either through a direct state-sponsored assassination attempt or because it allowed a deadly substance to pass into the hands of others. Today, we are awaiting an explanation from Moscow. This must be a wake-up call for all of us. We in the West are being tested: the annexation of Crimea, cyber-attacks in Estonia, and the use of chemical weapons in Salisbury. A disturbing pattern is emerging, one we have to meet firmly and with a united front.

(Applause)

Presidente. – L'applauso della plenaria non ha bisogno di ulteriori commenti.

Steven Woolfe (NI). – Mr President, I rise in relation to the rules related to the conduct of Members of this House towards one another. This morning, in the debate on the relationship between the European Union and the UK, a Member of this House, Mr Alyn Smith from Scotland, quite rightly used some language to criticise Brexiteers like myself. But he used one particular word in that criticism, which I feel that you, as the President of this Chamber, would actually recognise as being highly disgraceful and would warrant an apology. He called Brexiteers shysters. As you know, the word shyster is derived from the German word for someone who defecates. But it also is a very poignant word for those of us who have Jewish ascendants or Jewish relations in our family, as I do. Shyster is used to criticise Jews on a regular basis for being dishonest and for various other aspects.

I believe that Mr Smith may not have wanted to use that phrase in that context, but now recognising the strength of that, he should apologise. I would ask you to seek that from him.

Alyn Smith (Verts/ALE). – Mr President, I refer colleagues who might not be familiar with the English word, the definition of ‘shyster’ in the Collins English Dictionary: ‘shyster, plural shysters. If you refer to someone, especially a lawyer or politician, as a shyster, you mean that they are dishonest and immoral [...] a person, especially a lawyer or politician, who uses discreditable or unethical methods.’

There is nothing about Jewish anything in it, and nothing could have been further from my mind. Indeed, the allegation is as ridiculous as Mr Woolfe is himself. I refute it absolutely, and I would urge the House not to waste time on such nonsense.

(Applause)

Presidente. – Disonesto e immorale non si può dire a nessuno, però se non c’era da parte sua nessun intento ovviamente come quello inteso dall’on. Woolfe io credo che questo sia un chiarimento sufficiente. Ma disonesto e immorale non si può certamente interpretare nella direzione di un altro collega.

William (The Earl of) Dartmouth (EFDD). – Mr President, thank you for taking the point of order. I rise under Rule 11, Section 3, and to quote the Rules of Procedure, ‘the conduct of Members shall be characterised by mutual respect’. Whatever Mr Smith’s inadequate comments just now, the fact of the matter is that he has violated the values and principles of the European Parliament, of which we had an outstanding example from Mr Fox’s comments earlier on. Notwithstanding, the request is that the President deliver to Mr Smith a formal reprimand.

(Applause)

Lynn Boylan (GUE/NGL). – Mr President, I’d like to bring Parliament’s attention to Ibrahim Halawa, who is up in the viewing chamber today because in December 2015 this Parliament voted for a resolution calling for his immediate release. It is great that he is here today, now a free man, who was locked up.

(Loud applause)

President. – Ms Boylan, thank you very much.

David Coburn (EFDD). – Mr President, I don’t normally get upset by anything, but Mr Smith is the master of the politically correct. He’d hound anyone to the gates of hell if they said anything politically incorrect. I don’t normally worry about these things, but on this occasion I think he’s gone over the top and I think he should apologise. Normally he’s not so silly, so I think he’s not doing himself or his political party any good.

Presidente. – Bene adesso credo, on. Coburn sappiamo che Lei è abbastanza vivace, conosciamo la Sua vivacità. Io credo che alla fine le parole pronunciate o l’intenzione di usare quel termine fosse di critica politica e non di offesa nei confronti del collega, quindi, per come è stata data l’interpretazione, si trattava di una critica politica e mi sembra che non volesse offendere né per motivi razziali, né per motivi politici, quindi credo che la parola vada interpretata come pura critica politica. Se fosse altrimenti saremmo costretti ad intervenire, ma credo che si trattasse, onorevole, soltanto di una critica politica e nulla più.

6. Composição do Parlamento: ver Acta

ΠΡΟΕΔΡΙΑ: ΔΗΜΗΤΡΙΟΣ ΠΑΠΑΔΗΜΟΥΛΗΣ

Αντιπρόεδρος

7. Período de votação

Πρόεδρος. – Το επόμενο σημείο στην ημερήσια διάταξη είναι η Ώρα των ψηφοφοριών.

(Για τα αποτελέσματα και άλλες πληροφορίες σχετικά με τις ψηφοφορίες: Βλέπε Συνοπτικά Πρακτικά)

7.1. Execução do Protocolo relativo às consequências financeiras do termo de vigência do Tratado CEECA e ao Fundo de Investigação do Carvão e do Aço (A8-0034/2018 - Jean Arthuis) (votação)

7.2. Acordo de Cooperação e de Assistência Administrativa Mútua em Matéria Aduaneira UE-Nova Zelândia (A8-0029/2018 - Daniel Caspary) (votação)

7.3. Estratégia Europeia para os Sistemas Cooperativos de Transporte Inteligentes (A8-0036/2018 - István Ujhelyi) (votação)

7.4. Serviços transfronteiriços de entrega de encomendas (A8-0315/2017 - Lucy Anderson) (votação)

7.5. Qualificação inicial e formação contínua dos motoristas de determinados veículos rodoviários e cartas de condução (A8-0321/2017 - Peter Lundgren) (votação)

7.6. Instituição do Programa Europeu de Desenvolvimento Industrial no domínio da Defesa, destinado a apoiar a competitividade e a capacidade inovadora da indústria da defesa da UE (A8-0037/2018 - Françoise Grossetête) (votação)

Πριν από την ψηφοφορία

Reinhard Bütikofer (Verts/ALE). – Wir sind der Meinung, dass diese Entscheidung hier getroffen werden muss, weil sie für unser Gemeinwesen von großer Bedeutung ist.

Wir sind dafür, dass wir Europäer mehr gemeinsam für unsere gemeinsame Sicherheit tun, und das schließt eine enge Zusammenarbeit im Bereich der Sicherheitsindustrie ein. Aber das, was hier zur Entscheidung steht, ist eine versäumte Gelegenheit. Wir werden die 178 Rüstungssysteme, die wir in Europa haben, damit nicht reduzieren, wir werden die 80 % rein nationaler Rüstungsausgaben damit nicht reduzieren, wir werden die Effizienzrate von 15 % damit nicht erhöhen. Das heißt, wir werden die Ziele, die proklamiert werden, nicht erreichen können. Deswegen kritisieren wir diesen Vorschlag. Wir brauchen nicht mehr Geld für die Rüstung, sondern mehr Effizienz. Wir brauchen nicht mehr Überkapazitäten. Das führt nur zu neuen Rüstungsexporten.

Françoise Grossetête, *rapporteuse*. – Monsieur le Président, le 21 février dernier, la commission de l'industrie, de la recherche et de l'énergie a largement adopté mon rapport sur le programme industriel de défense, ainsi que le mandat de négociation. Je vous demande donc de soutenir et de confirmer aujourd'hui cette décision d'entrer en négociations interinstitutionnelles. Ce règlement que nous souhaitons vise à soutenir la coopération industrielle en Europe pour rendre plus compétitive notre industrie et inciter à l'innovation. Il s'agit donc de développer notre base industrielle et technologique européenne et de limiter les duplications inutiles et coûteuses.

Nos concitoyens demandent que nous agissions pour leur sécurité. Il est donc temps de lancer de meilleures coopérations au niveau européen pour répondre à leurs attentes dans un contexte international que nous savons instable.

Ce règlement devant entrer en vigueur le 1^{er} janvier 2019, il faut que nous puissions rapidement le mettre en œuvre et l'inscrire au budget de l'année 2019. Je vous demande donc de soutenir la décision de commencer ces négociations.

7.7. Igualdade de género nos acordos de comércio da UE (A8-0023/2018 - Eleonora Forenza, Malin Björk) (votação)

7.8. Regiões menos desenvolvidas da UE (A8-0046/2018 - Michela Giuffrida) (votação)

7.9. Papel das regiões e das cidades da UE na implementação do Acordo de Paris da COP 21 sobre as alterações climáticas (A8-0045/2018 - Ángela Vallina) (votação)

Πρόεδρος. - Η Ώρα των ψηφοφοριών έληξε.

8. Declarações de voto

8.1. Estratégia Europeia para os Sistemas Cooperativos de Transporte Inteligentes (A8-0036/2018 - István Ujhelyi)

Προφορικές αιτιολογήσεις ψήφου

Daniel Hannan (ECR). – Mr President, it is quite extraordinary the way in which we conduct the debate on customs and borders as though we were still living in the 19th century, as though crossing an international frontier involved greasy customs officers in peaked caps and epaulettes opening all our bags.

In fact, almost all clearance is done online and in advance these days, and that process is accelerating as technology improves. In particular, I think developments in blockchain will within a few years make all customs checks between advanced economies redundant and this is something we should greatly look forward to.

What an irony that people who see themselves as being forward-looking and futuristic are, when it comes to the question of borders with non-EU countries, the most determinedly stuck in the past.

8.2. Serviços transfronteiriços de entrega de encomendas (A8-0315/2017 - Lucy Anderson)

Προφορικές αιτιολογήσεις ψήφου

Jiří Pospíšil (PPE). – Pane předsedající, já jsem podpořil tuto zprávu, protože jsem přesvědčen, že navazuje na zprávy a materiály, které se týkají digitálního trhu v Evropě. Pokud jsme před několika dny, fakticky týdny, přijali zprávu, která se týká on-line prodeje zboží na internetu, tak je dobré i řešit otázku, jak zboží, které se prodává on-line na internetu, doručit ke spotřebiteli. A právě tato zpráva řeší otázku, jak je možné doručit nakoupené zboží po Evropě, aniž by poskytovatelé těchto služeb zvyšovali tarify jenom proto, že se zboží prodává přes hranice členských států.

Já to považuji za velmi důležitý materiál, pokud vytváříme jednotný trh, pak je třeba bourat veškeré hranice uvnitř Evropské unie a jednou z těchto pomyslných hranic je i to, že poskytovatelé služeb účtují mnohem větší tarify ve chvíli, kdy se zboží prodává a převází z jednoho členského státu do druhého. Proto je materiál dobrý a podpořil jsem ho.

Stanislav Polčák (PPE). – Pane předsedající, já jsem rovněž podpořil tento návrh nařízení a chtěl bych ocenit roli estonského předsednictví při jeho prosazení. Pro mě je skutečně důležité, aby byly odstraňovány bariéry, které dokonce brání právě pravidlům jednotného vnitřního trhu. Tudíž zlepšení pravidel pro doručování přeshraničních balíčků je skutečně důležité, a byť nejsem příznivcem používání té nejtvrděší formy právní úpravy, to znamená formy nařízení, myslím si, že tady je zcela na místě.

Nepochybně toto opatření, to znamená nařízení, zlepší efektivnost a transparentnost při doručování balíčků, zlepší situaci spotřebitelů. Já chci upozornit na situaci především malých firem, které tuto službu velmi využívají a na mnohdy neférové praktiky právě doručovatelů, které jim komplikují jejich podnikání. Takže já tuto úpravu velmi vítám, a proto jsem ji podpořil.

8.3. Qualificação inicial e formação contínua dos motoristas de determinados veículos rodoviários e cartas de condução (A8-0321/2017 - Peter Lundgren)

Προφορικές αιτιολογήσεις ψήφου

Νότης Μαρίας (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, όπως ανέφερα και στη χθεσινή μου ομιλία, χιλιάδες τουρκικά φορτηγά κυκλοφορούν χωρίς τις προϋποθέσεις του νόμου και στην Ελλάδα και στην Ευρωπαϊκή Ένωση και προκαλούν εκατοντάδες δυστυχήματα. Πρέπει να υπάρξει έλεγχος για τα διπλώματα-μαίμου, τα οποία έχουν οι οδηγοί των τουρκικών φορτηγών αυτοκινήτων, πρέπει να ελεγχθούν οι προϋποθέσεις υπό τις οποίες λειτουργούν, γιατί δεν τηρούν καν τις προδιαγραφές. Επιπλέον, στην Ελλάδα υπάρχει μια διαδικασία κατά την οποία τα καταστήματα αφορολόγητων ειδών επιτρέπουν να εφοδιάζονται τα τουρκικά φορτηγά στα σύνορα, στον Έβρο, στους Κήπους, με αφορολόγητο πετρέλαιο, και έτσι τα τουρκικά φορτηγά ανταγωνίζονται αθεμίτως τους Έλληνες επαγγελματίες. Αυτό πρέπει να σταματήσει και πρέπει επιτέλους να εφαρμοστεί η απόφαση του Δικαστηρίου C 590/2016, που εκδόθηκε στις 8 Φεβρουαρίου 2018, αναγκάζει την ελληνική κυβέρνηση να σταματήσει τη λειτουργία των ΚΑΕ στις περιοχές που ανέφερα, δηλαδή στους Κήπους και σε άλλες συνοριακές περιοχές της Ελλάδας, και απαγορεύει να προμηθεύουν αφορολόγητο πετρέλαιο. Πρέπει να εφαρμοστεί επιτέλους αυτή η απόφαση, η οποία αφορά την Κακαβιά, τους Ευζώνους και τους Κήπους Έβρου. Είναι κάτι το οποίο απαιτούμε εδώ και τώρα να εφαρμοστεί.

Stanislav Polčák (PPE). – Pane předsedající, pokud jsme při té minulě zprávě, která hovoří o zlepšení podmínek pro přeshraniční doručování zásilek, vyzdvihli roli jednotného trhu, tak i pro toto opatření, to znamená pro možnosti lepšího doručování, je klíčová silniční doprava. Ta je klíčová obecně pro fungování vnitřního trhu. Pro zlepšení účinnosti a bezpečnosti silniční dopravy je nutné, zdá se, přiměřeně zvyšovat požadavky na bezpečnost a na kvalifikaci řidičů. Bohužel situace na trhu práce v mnohých členských státech Evropské unie právě v oblasti silniční kamionové dopravy je velmi napjatá, řidičů je nedostatek, a pokud podvolíme ty nároky, které máme na řidiče, ve smyslu snížení těchto nároků, například nestejných, nerovných podmínek napříč členskými státy, tak si myslím, že se to dotkne i naší bezpečnosti. Proto jsem tuto zprávu přivítal a podpořil jsem ji, protože zavádí přiměřená, srovnatelná pravidla a rovné podmínky do bezpečnosti silniční dopravy.

8.4. Igualdade de género nos acordos de comércio da UE (A8-0023/2018 - Eleonora Forenza, Malin Björk)

Προφορικές αιτιολογήσεις ψήφου

Urszula Krupa (ECR). – Panie Przewodniczący! Celem sprawozdania było przedstawienie zaleceń dla Unii w sprawie równouprawnienia płci w handlu, zwłaszcza w kontekście podpisanych porozumień handlowych nowego typu, jak CETA, TTIP czy TiSA, gdzie liberalizacja handlu i porozumienia handlowe dotyczą w większym stopniu usług, norm i regulacji niż zwykłej wymiany handlowej. Jednak trudno się zgodzić na wezwanie do gromadzenia ilościowych i jakościowych danych z podziałem na płeć lub dotyczących wpływu na handel albo wpływu płci w polityce handlowej, podziałem na płeć we wszystkich umowach handlowych i inwestycyjnych. Podobnie nie do przyjęcia jest propozycja konieczności zatrudnienia we wszystkich ministerstwach handlu państw członkowskich lub promowania równej obecności kobiet w wewnętrznej strukturze WTO, Banku Światowego lub innych organizacjach handlowych, gdzie zatrudnienie powinno zależeć od profesjonalizmu osób, a nie od płci, dlatego głosowałem przeciwko sprawozdaniu.

Jadwiga Wiśniewska (ECR). – Panie Przewodniczący! Polityka handlowa Unii Europejskiej nie może kierować się jedynie wąsko pojętymi zasadami wzrostu gospodarczego, konkurencji i wydajności. Powinna być również narzędziem promowania takich wartości jak międzynarodowe normy pracy czy prawa człowieka. Niestety sytuacja pracowniczka kobiet poza granicami Unii Europejskiej jest trudna i choć kobiety istotnie przyczyniają się do rozwoju globalnej gospodarki, pozostają niewidoczne dla polityki handlowej. Większość kobiet w krajach globalnego Południa zatrudniona jest jako pracownice niższego szczebla w takich sektorach jak rolnictwo czy prace sezonowe. Na przykład w południowej Azji w przemyśle konfekcyjnym zatrudnione są na niewolniczych warunkach głównie kobiety. Dlatego uważam, że umowy handlowe powinny wywierać pozytywny wpływ na poprawę sytuacji kobiet. Sprawozdanie, nad którym dziś głosujemy, podąża jednak w złym kierunku, bowiem za pośrednictwem umów o wolnym handlu chce eksportować ideologię płci. Musimy podnosić standardy i przestrzegać cywilizacyjnych norm pracy, ale Unia Europejska nie może przy tym narzucać swojego lewicowego światopoglądu.

Marek Jurek (ECR). – Panie Przewodniczący! Panie i Panowie Posłowie! Oficjalnie, jak napisał w tym roku komisarz Andriuskaitis, Komisja Europejska uznaje różnice podejścia państw do kwestii aborcji, która nie jest przedmiotem polityki ani prawodawstwa Unii Europejskiej. Dlaczego zatem Komisja milczy? A tutaj pani komisarz Thyssen słuchała uzasadnienia raportu pani Forenza i Björk i dlaczego milczy, jeżeli mamy do czynienia z angażowaniem Unii Europejskiej w eksport rewolucji aborcyjnej w świecie? Wzywam Komisję Europejską do poszanowania traktatów i przypominam, że nasze państwa – a jest takich na szczęście kilka – które promując cywilizację życia w swoim prawie, mają prawo do szacunku. I obrony tego szacunku mamy prawo domagać się od Komisji Europejskiej.

Jiří Pospíšil (PPE). – Pane předsedající, já jsem se u této zprávy nakonec po dlouhém přemýšlení zdržel, a proto poskytuji toto vysvětlení svého rozhodnutí. Já jsem velký podporovatel volného obchodu. Jsem přesvědčen, že dohody o volném obchodu, které Evropská unie uzavírá s třetími zeměmi, například s Jižní Koreou, objektivně přináší velké ekonomické výhody. Vnímám také jako velmi důležité téma genderu a rovnosti pohlaví a ochrany žen.

Na druhé straně mně připadá, že tato zpráva tak trochu míchá hrušky a jablka. Zkrátka a dobře, trochu na mě z té zprávy vane duch toho, že ne všichni úplně podporujeme volný obchod a ne všichni kolegové jsou příznivci těchto mezinárodních dohod. Proto jsem se zdržel, protože si myslím, že obě témata jsou příliš závažná a měla by se řešit samostatně a ne takto dohromady.

8.5. Regiões menos desenvolvidas da UE (A8-0046/2018 - Michela Giuffrida)

Προφορικές αιτιολογήσεις ψήφου

Jadwiga Wiśniewska (ECR). – Panie Przewodniczący! Sprawozdanie proponuje pozytywne rozwiązania wspierające wzrost gospodarczy, zrównoważony rozwój i tworzenie miejsc pracy w słabiej rozwiniętych regionach Unii Europejskiej. Są one oparte na zasadzie pomocniczości i partnerstwa. Rozwiązania te zakładają poprawę relacji między przedsiębiorcami oraz między przedsiębiorstwami a uczelniami wyższymi, inwestowanie w infrastrukturę i edukację, poprawę połączeń między miastami a obszarami sąsiadującymi, większe inwestycje w instytucje publiczne w celu poprawy skuteczności i efektywności administracji publicznej oraz wzmocnienie powiązań między europejskim semestrem a polityką spójności. Mimo że sprawozdanie ogólnie promuje pozytywne rozwiązania, to nie poparłam części dotyczącej finansowania związanego z kryzysem migracyjnym za pomocą europejskich funduszy strukturalnych i inwestycyjnych.

Younous Omarjee (GUE/NGL). – Monsieur le Président, l'île de Mayotte est la région la plus pauvre de l'Union européenne. Eh oui! La région la plus pauvre de l'Union européenne est une région française alors que la France est la deuxième puissance économique de l'Union européenne. Et vous devez savoir qu'actuellement, Mayotte est plongée dans la plus grave crise de son histoire. À Mayotte, 84 % de la population vit sous le seuil de pauvreté, la moitié de la population est constituée d'immigrés illégaux et les services publics sont indigents. Je dis ici depuis Strasbourg que Mayotte est une honte pour la France et que la France fait honte à l'Europe.

Csaba Sógor (PPE). – A lemaradó uniós régiók helyzete azért is rendkívül aggasztó, mivel a jelenlegi trendek konzerválják a lemaradást és nehézkessé teszik a kohéziós politika eszközeinek hatékony felhasználását. Én egy olyan országból jövök, ahol a fejlesztési régiók nagyobbik része lemaradónak számít és két súlyos problémára szeretném felhívni a figyelmet. Az egyik a statisztikai adatok és a valós helyzet közötti különbség: ha az egyes fejlesztési régiókon belüli különbségeket vizsgáljuk meg, akkor látszik, hogy a fejlesztési pólusnak számító nagyvárosok eredményei nélkül még elkésztőbb lenne a helyzet. Az a trend érvényesül, hogy ezek a fejlesztési pólusok elszívják a forrásokat és a beruházásokat a régió periférikus és kevésbé fejlett térségei előtt, ami felerősíti a már így is súlyos egyenlőtlenségeket és erre semmilyen válasza nincs a fejlesztési politikának. A másik súlyos gond az elvándorlás jelensége: egyrészt az egyes régiókon belül is megfigyelhető a fejlettebb térségek felé történő migráció, másrészt európai szinten is ezt látjuk, már nemcsak keletről nyugatra, hanem délről északra is. Az elvándorlás még nehezebb helyzetbe hozza a lemaradó régiókat, mivel éppen a növekedés lehetőségét magában hordozó aktív, fiatal, munkaképes réteg megy el.

Stefano Maullu (PPE). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, questa relazione ha il merito di porre all'attenzione del Parlamento europeo lo squilibrio tra le varie regioni, e in particolare di mettere sotto una lente d'ingrandimento le regioni più povere e meno sviluppate dell'Unione.

Ecco, io credo che questo sia un argomento assolutamente centrale in questo momento storico, e lo dico pensando a un'isola, una delle più grandi isole del Mediterraneo, la Sardegna, che soffre – nonostante il principio di continuità territoriale sia garantito dal trattato sul funzionamento dell'Unione europea – di una serie di squilibri assolutamente intollerabili, squilibri che penalizzano l'isola da ogni punto di vista, in particolare nel settore dei trasporti. Diventa quasi impossibile pensare, ma è realtà, che i cittadini di quest'isola, cittadini italiani, cittadini europei, siano impossibilitati a muoversi con la stessa libertà che hanno i loro connazionali italiani, piuttosto che degli altri paesi dell'Unione.

Ecco, io credo che questo sia uno dei punti focali per ridare dignità e giustizia a un'isola che è parte integrante dell'Italia e dell'Europa.

Jiří Pospíšil (PPE). – Pane předsedající, já jsem tuto zprávu podpořil, protože si myslím, že je správné, abychom v rámci evropské solidarity řešili problémy těch nejhudších regionů. Zpráva hovoří o čtyřiceti sedmi regionech v osmi státech a je velmi dobře, já to v té zprávě vítám, že vedle finanční podpory a pomoci, která je základem kohezní politiky, zpráva řeší i další aspekty a problémy těchto chudších regionů.

Je tam třeba otázka pracovního práva, je tam otázka toho, nakolik by jednotlivé vlády členských států měly řešit reformy, které by mohly vést k většímu ekonomickému růstu v daných regionech, protože jakákoliv finanční podpora v rámci kohezní politiky je sice vítaná a podle mého názoru správná, ale nevyřeší dlouhodobě chudobu určitých oblastí. Bez nastartování ekonomického růstu v těchto oblastech bude podpora pouze podporou.

Andrejs Mamikins (S&D). – Mr President, a third of the current EU budget is allocated to a financial instrument which supports cohesion policy, and we cannot allow this amount of money to be spent inefficiently. For this particular reason, I greatly welcome the report drafted by our colleague, Ms Giuffrida.

My country, Latvia, is one of the clear winners of EU cohesion policy. However, we need to reinforce its social dimension. Social inclusion is crucial for the harmonious growth of the EU, and when I speak about inclusion I speak about minorities and vulnerable groups. They need to be given a role to play, and they need to have a voice at the political stage. They should benefit from EU policies too.

On another role, the implementation of cohesion funds should not become a victim of politicisation. EU cohesion funds are not a vehicle for the European parties to achieve their short-term goals. Nepotism, corruption and politically motivated appointments should be absolutely excluded from our cohesion projects.

8.6. Papel das regiões e das cidades da UE na implementação do Acordo de Paris da COP 21 sobre as alterações climáticas (A8-0045/2018 - Ángela Vallina)

Προφορικές αιτιολογήσεις ψήφου

John Flack (ECR). – Mr President, I was proud to be the ECR's shadow rapporteur on this report. We made very useful progress. We made it clear, firstly, that stronger monitoring mechanisms are needed to measure the contribution made by cohesion policy in fighting climate change; secondly, that greater autonomy is needed for cities so that they can adopt their own mitigation plans free from Brussels' interference; and thirdly, that support should be given to the collaboration between businesses and cities in spearheading green tech and decarbonisation. These are all points which I and the ECR were happy to support, but we could not support paragraph 20, which reiterates the need to increase the post-2020 cohesion policy budget. This was a separate amendment which was not included when negotiating the compromises. It has been the long-standing position of the UK delegation and the ECR Group not to support further spending in this area. I therefore advise the ECR to abstain, as I did.

Xabier Benito Ziluaga (GUE/NGL). – Señor presidente, combatir el cambio climático necesita tanto de grandes como de pequeñas acciones, y esa escala —la pequeña, la local— es la que mayor compromiso está mostrando a favor de la transición energética.

Los compromisos nacionales que han contraído los gobiernos en el Acuerdo de París se han demostrado insuficientes y, ante ello, quiero felicitar aquí a los municipios y regiones que hoy en día están tomando medidas. En el Estado español, por ejemplo, los ayuntamientos del cambio están desempeñando un papel clave, con medidas, como las de Madrid, Barcelona o Cádiz, para que los edificios públicos estén suministrados con energía 100 % renovable, se apoye la eficiencia energética en los hogares o se erradique la pobreza energética.

En segundo lugar, en las comarcas dependientes del carbón, tenemos que salvaguardar la dignidad de sus gentes. Por ello, exigimos claridad en las fechas de cierre del carbón, pues solo con un horizonte de final marcado y bien señalado se consigue activar a todos los actores sociales necesarios para una transición justa y con alternativas. Desde nuestras ciudades y desde nuestras comarcas debemos poner en manos de la gente el nuevo sistema energético más sostenible.

Jadwiga Wiśniewska (ECR). – Panie Przewodniczący! Szanowni Państwo! Poparłam sprawozdanie w sprawie roli regionów i miast Unii Europejskiej we wdrażaniu porozumienia paryskiego z konferencji COP21 w sprawie zmian klimatu z kilku względów. Uważam, że to dobrze, że wzywa się do inwestowania w rozwiązania, które wpłyną na poprawę jakości powietrza w miastach. Powinniśmy wspierać inicjatywy, które pomagają chronić życie i zdrowie naszych obywateli. Dobrym przykładem jest zwiększenie wsparcia dla termomodernizacji budynków publicznych. Zgadzam się z tym, że budżet polityki regionalnej powinien zostać zwiększony po 2020 r. Dodatkowo środki finansowe są niezbędne, aby wspierać innowacje i badania naukowe, które pomogą opracować nowe technologie umożliwiające redukcję zanieczyszczeń. Jest to niezwykle istotne z punktu widzenia szczególnie regionów górniczych, które tak jak polski Śląsk znajdują się w trakcie transformacji energetycznej. Mam nadzieję, że środki na nowoczesne technologie węglowe znajdują się w tym projekcie.

Rosa D'Amato, a nome del gruppo EFDD. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, il tema del cambiamento climatico sta particolarmente a cuore al Movimento 5 Stelle.

Siamo soddisfatti della relazione poiché tre istanze da noi proposte sono state ricomprese in essa, e segnatamente: uno, la proposta di considerare la riduzione delle emissioni di gas serra, i lavori di bonifica e le attività volte a rigenerare e decontaminare i siti industriali inquinati come elemento importante nella valutazione della performance dei programmi operativi.

Due, il ruolo vitale che regioni, città e autorità locali hanno nella promozione della transizione energetica: le innovazioni in materia di energia pulita e i progetti su piccola scala di energie rinnovabili sono fondamentali nel raggiungimento degli obiettivi di Parigi, insieme ad un trasporto pubblico locale realmente sostenibile e più in generale insieme ad una consapevolezza data dalla corretta e completa informazione della cittadinanza sull'importanza delle conseguenze del cambiamento climatico.

Tre, la condanna dell'irresponsabilità del capitalismo e dei metodi di produzione della vecchia seconda rivoluzione industriale, e quindi di attività economiche e settori dell'industria che generano, ancora oggi in Europa, inaccettabili livelli di inquinamento. Non posso non citare i disastri economici, sociali ed ambientali che nella mia terra hanno fatto l'acciaieria Ilva, la centrale a carbone Enel, e oggi il gasdotto TAP.

L'Europa si faccia promotrice di un mondo che fa delle ultime tecnologie la colonna portante di un nuovo sistema economico, dalla comunicazione internet in 5G fino alla nuova mobilità *driverless*. Dobbiamo cambiare modello economico al più presto, altrimenti saremo travolti da una estinzione di massa, quella causata dall'uomo e dalle sue attività. Occorre una precisa volontà politica, che predisponga meccanismi di incentivazione nella politica di coesione per la diffusione nel territorio delle tecnologie della terza rivoluzione industriale.

Seán Kelly (PPE). – A Uachtarán, bhí sé de phribhléid agam a bheith i bPáras don chomhaontú athrú aeráide, COP 21, agus anois tá sé de phribhléid agam a bheith gafa leis na *trilogues* maidir le hathrú fuinnimh in-athnuaite agus is léir go bhfuil mórán le déanamh ag ár réigiún agus ár gcathracha chun sprioc Pháras a bhaint amach.

Indeed, it has been estimated that 75% of European cities are struggling to make steps to adapt to climate change because of a lack of awareness among decision-makers, lack of technical knowledge and difficulties in accessing funding. So I fully support the call on the Commission to provide increased support for cities and regions in the fields of training and awareness-raising, financial guidance, communication, etc., so that together they can play a decisive role in tackling climate change.

We should support them in investing in green infrastructure, mobility, public transport and smart grids to meet the targets set out the Paris Agreement.

Sa tslí sin bainfidimid amach ár sprioc.

9. Correções e intenções de voto: Ver Acta

Πρόεδρος. – Η συνεδρίαση διακόπτεται στις 13.34.

PŘEDSEDNICTVÍ: PAN PAVEL TELIČKA

místopředseda

10. Reinício da sessão

(The sitting resumed at 15.02)

11. Aprovação da acta da sessão anterior: Ver Acta

12. Pedido de consulta do Comité Económico e Social Europeu (artigo 137.º, n.º 2, do Regimento): Ver Acta

13. Próximo QFP: preparação da posição do Parlamento sobre o QFP pós-2020 — Reforma do sistema de recursos próprios da União Europeia (debate)

President. – The next item is the joint debate on

— the report by Jan Olbrycht, Isabelle Thomas, on behalf of the Committee on Budgets, on the next MFF: Preparing the Parliament's position on the MFF post-2020 (2017/2052(INI)) (A8-0048/2018), and

— the report by Gérard Deprez, Janusz Lewandowski, on behalf of the Committee on Budgets, on reform of the European Union's system of own resources (2017/2053(INI)) (A8-0041/2018).

Jan Olbrycht, sprawozdawca. – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Parlament Europejski podejmuje się zajęcia stanowiska w sprawie przyszłych ram finansowych poprzez sprawozdanie z własnej inicjatywy, które przedstawia pewne stanowisko polityczne w sprawie przyszłego wieloletniego budżetu Unii Europejskiej czy wieloletniej perspektywy finansowej. Zdajemy sobie sprawę, że Komisja Europejska przygotowuje się do przedstawienia projektu swoich przyszłych ram finansowych w dniu 2 maja, dlatego też Parlament Europejski podejmuje wysiłek zaproponowania Komisji Europejskiej, ale również Radzie Europejskiej swojego stanowiska w kwestii tychże ram. W związku z tym pracujemy zarówno nad stroną dochodową, o czym będzie mówił sprawozdawca, jak również nad stroną wydatkową.

Parlament Europejski uważa, że Unia Europejska po roku 2020 powinna utrzymać poziom swoich ambicji i prowadzić działania na poziomie przyjętym wcześniej. To ma znaczenie o tyle, że wyjście Wielkiej Brytanii z Unii Europejskiej – brexit – wpłynie oczywiście na funkcjonowanie Unii Europejskiej, ale uważamy, że Unia powinna mimo to pozostać na określonym poziomie, jeśli chodzi o budżet. Równocześnie pamiętamy, że ważne jest nie tylko to około 1 %, lecz także to, co państwa członkowskie uzgodnią między sobą na najbliższe siedem lat we wszystkich obszarach polityki.

Parlement Européen en lien avec ce qui a été proposé en matière de budget, sachant que la proposition peut être controversée. Elle résulte néanmoins de certaines exclusions concernant le secteur agricole nominal et la politique de cohésion, ainsi que du renforcement de certaines politiques, que nous jugeons très efficaces, à savoir des programmes tels qu'Erasmus, COSME ou le programme pour la jeunesse. Mais pour nous, il est également important de trouver de nouvelles ressources pour la défense et la sécurité.

Le Parlement Européen se réfère à la même manière de construire la perspective financière. C'est pourquoi nous insistons sur le renforcement des mécanismes de flexibilité. Nous pensons que les mécanismes de flexibilité existants sont à vérifier et qu'ils doivent être élargis, afin que l'Union européenne puisse réagir efficacement aux nouvelles exigences.

En outre, le Parlement Européen s'engage à conclure la procédure des élections de 2019. Il s'agit avant tout de s'assurer que les nouvelles actions à partir du 1^{er} janvier 2021 soient bien préparées, élaborées dans un cadre législatif et aient des ressources financières garanties. C'est pourquoi nous sommes prêts à faire tous les efforts possibles pour accélérer la procédure. Nous sommes prêts à travailler de près avec la Commission européenne dans ce domaine.

Monsieur le Commissaire ! Nous espérons que notre proposition, sur laquelle nous voterons demain, sera soigneusement examinée et sérieusement débattue par la Commission et le Conseil, et qu'elle servira de base à notre coopération future.

Isabelle Thomas, rapporteure. – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, Mesdames et Messieurs les représentants du Conseil – qui ne sont pas là –, mes chers collègues, je voudrais sincèrement vous remercier.

D'abord, mon rapporteur Jan Olbrycht, avec qui nous avons pu travailler en bonne intelligence, dans le respect de nos convictions et dans l'intérêt du Parlement et des citoyens européens et qui, surtout, a réussi à me supporter, et ce n'est pas fini. Merci aussi aux rapporteurs fictifs et au secrétariat de la commission des budgets, ainsi qu'aux rapporteurs des commissions spécialisées.

Demain le Parlement européen aura son mandat de négociation sur l'avenir financier de l'Union européenne. Partant de l'analyse du cadre financier actuel sous-dimensionné, chahuté par des coupes ou des redéploiements incessants, nous refusons de reconduire le manque d'ambition et le manque de sérieux qui ont caractérisé l'exercice de ce CFP.

Notre message est un triptyque qui se veut à la hauteur de la situation.

Premièrement, maintenir les piliers politiques de l'Union que sont la cohésion et la politique agricole sans lesquels nous perdrons le lien qui nous unit.

Deuxièmement, renforcer les politiques phares de l'Union européenne: Erasmus +, le soutien à la jeunesse contre le chômage, la recherche et COSME.

Enfin, troisièmement, ouvrir le chantier des nouveaux défis de la transition écologique de la sécurité et de la défense.

Ce triptyque repose sur un principe que nous voulons inscrire dans le marbre: pas de nouvelle politique sans moyens additionnels.

Ensemble, nous prenons de nouveaux engagements: l'accord de Paris sur le climat qui devra se traduire par un objectif de 30 % des dépenses, le pilier européen des droits sociaux, les objectifs de développement durable de l'ONU. Ces engagements constituent un pacte pour la réorientation de l'ensemble des politiques de l'Union.

Fortes des leçons du passé, nous proposons d'élargir les instruments de flexibilité du prochain cadre financier dans la nécessité de trouver le délicat équilibre entre prévisibilité et flexibilité budgétaire. Il doit également restaurer l'unité du budget de l'Union en rétablissant le contrôle parlementaire et en ramenant l'ordre dans la galaxie budgétaire par l'intégration dans le budget de l'Union des instruments financiers et autres fonds fiduciaires.

L'addition est sans appel et le calcul est économe au regard des enjeux et des attentes des Européens. Il faudra porter le prochain cadre à 1,3 % du PIB. À cet égard, et pour sortir du fétichisme du chiffre, je veux rétablir une vérité que certains feignent d'ignorer: le cadre financier actuel est limité à 1 % du PIB de l'Union, contre 1,25 % en 1999. L'Union européenne n'a jamais eu autant à faire avec si peu. Pour sortir du cercle vicieux de cette déflation budgétaire, nous avons échangé nos vœux et nos alliances avec nos collègues Lewandowski et Deprez. Ce débat conjoint et le vote de demain sur les rapports sur les ressources propres et le prochain cadre financier envoient un message clair: le Parlement ne pourra pas donner son consentement sur le prochain cadre financier pluriannuel sans résultat concret sur les ressources propres. Il est temps de sortir de l'impuissance budgétaire.

Le Conseil et le Parlement ont fixé les objectifs. La responsabilité exige de doter le budget de l'Union des moyens pour les atteindre et l'on attend de la part des États membres autre chose que les grands discours ou, en tout cas, que les grands discours soient accompagnés d'espèces sonnantes et trébuchantes.

Nous appelons la Commission à s'inspirer des travaux du Parlement et nous lançons un appel au Conseil pour ouvrir dès demain les négociations.

Gérard Deprez, *rapporteur*. – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, chers collègues, il est temps de mettre fin à la longue dérive qui s'est installée dans le financement du budget de l'Union.

Le traité est pourtant clair: il prévoit, dans son article 311 que «le budget de l'Union est, sans préjudice des autres recettes, intégralement financé par des ressources propres». Nous en sommes bien loin.

Aujourd'hui, les contributions à charge des budgets nationaux représentent près de 70 % des recettes de l'Union. Pire, depuis le «I want my money back» de Margaret Thatcher, la dérive du système a engendré un monstre d'opacité. Le rabais britannique a donné naissance à des rabais sur les rabais, auxquels se sont ajoutées, au fil des années, des corrections multiples et hétéroclites, qu'il est totalement impossible d'expliquer aux citoyens. En vérité, le budget de l'Union n'est plus aujourd'hui l'instrument d'un projet commun. C'est devenu une caisse, lourde à alimenter pour les uns, intéressante à vider pour les autres. Le juste retour tend à devenir l'alpha et l'oméga du budget européen.

Cette situation a déjà été dénoncée avec force. Notre collègue, Alain Lamassoure, en a fait brillamment le procès. Notre collègue, Janusz Lewandowski, a essayé de la corriger quand il était commissaire, en pure perte dans les deux cas. Plus récemment, sur l'insistance de notre assemblée, les trois institutions ont installé le groupe Monti, qui a fait un travail remarquable. Notre rapport s'inscrit dans la logique des conclusions de ce groupe, lesquelles ont été – j'insiste – approuvées par les représentants désignés par les trois institutions.

Ce faisant, nous poursuivons un triple objectif: il s'agit de respecter – comme je l'ai dit – le prescrit de l'article 311 du traité et de casser les reins à la logique du juste retour; il s'agit, conjoncturellement, de compenser l'effet négatif du Brexit sur le budget; et il s'agit, structurellement, de donner à l'Union les moyens d'affronter les grands et les nouveaux défis qui sont devant nous.

C'est ainsi que nous plaidons pour l'instauration progressive d'un paquet de ressources propres nouvelles afin de mettre le budget à l'abri des aléas et des fluctuations d'une seule ressource. Nous plaidons pour la sélection, dans ce paquet, de ressources nouvelles qui soient en liaison directe avec la création de valeur ajoutée européenne dans les politiques stratégiques de l'Union. Nous plaidons pour la suppression des rabais, de tous les rabais, des rabais sur les rabais, de toutes les corrections existantes ou inventées. Nous plaidons pour la réduction corrélative des contributions budgétaires des États membres, lesquels sont appelées à devenir résiduelles dans les prochaines années.

Trois points essentiels pour conclure: en votant pour ces deux rapports, vous affirmerez la détermination de notre Parlement, lorsqu'il annonce qu'il n'approuvera pas le futur cadre financier pluriannuel s'il ne comporte pas la mise en œuvre de nouvelles ressources propres pour garantir son financement.

Nous vous demandons, par ailleurs, d'approuver notre demande de modification de l'article 311 du traité, lorsqu'il règle la procédure de décision en matière de ressources propres. Le Parlement européen, en tant qu'autorité budgétaire à l'égal du Conseil, ne peut se résoudre à un simple rôle consultatif dans l'introduction de ressources propres. Ce mépris de la démocratie parlementaire n'est pas acceptable.

Enfin, la démocratie parlementaire ne s'accommode pas non plus de la situation dans laquelle le Parlement élu après les élections de 2019 n'aurait aucun mot à dire sur le cadre financier qui va organiser, pendant sept ans, l'utilisation des crédits budgétaires qu'il prévoit.

En conclusion de cette intervention, j'adresse mes remerciements à mon corapporteur Janusz Lewandowski, et aux rapporteurs du CFP, Jan Olbrycht et Isabelle Thomas, à mes collègues et amis, Eider Gardiazabal et José Manuel Fernandes, et à ma collègue, Helga Trüpel, à ma collaboratrice budget, au secrétariat de la commission des budgets, à nos conseillers politiques et à mon ami, Pierre Verkaeren, pour sa précieuse assistance.

Janusz Lewandowski, sprawozdawca. – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Projektowanie i uzgadnianie wieloletnich ram finansowych to nigdy nie jest *business as usual*. Zawsze są jakieś szczególne okoliczności: albo historyczne rozszerzenie Unii Europejskiej, albo – tak jak przy obecnie obowiązujących ramach finansowych – głęboka kryzysu i rozmowy o grexicie. Teraz okolicznością szczególną jest brexit. Znika jeden z płatników netto, ale znika też najbardziej zagorzały zwolennik utrzymania dotychczasowego sposobu finansowania Unii Europejskiej. Nasze dwa raporty idą w parze. Wiemy doskonale, że pozycja Parlamentu Europejskiego w obu tych kwestiach nie jest taka sama. Najsilniejszą pozycję mamy w budżetach rocznych. W przypadku wieloletnich ram finansowych potrzebna jest zgoda Parlamentu, a w przypadku środków własnych – jedynie konsultacja z Parlamentem. My nie tylko pozycjonujemy Parlament. My także chcemy ośmielić Komisję, a szczególnie *ermutigen Herrn Oettinger*, żeby złożył ambitną propozycję 2 maja, czyli taką, która nie narazi nas na tego typu problemy, jakie sam przeżywałem w latach 2013-2014, kiedy brakowało środków na wypłaty dla zrealizowanych programów unijnych. Nasze dwa raporty łączy też wola zakończenia negocjacji przed wyborami europejskimi. To jest niezwykle ambitne zadanie, zważywszy że poprzednio negocjacje trwały 2,5 roku, a nam zostaje 9 miesięcy na ostateczne uzgodnienia, czyli jest potrzebna wielka wola polityczna i synchronizacja kalendarzy wszystkich instytucji unijnych, bo motyw jest szlachetny, żeby nie było opóźnień, żeby nie zmarnować początków następnej perspektywy, tak jak de facto zmarnowane zostały lata 2015, 2016, a nawet 2017. Po stronie środków własnych, którymi zajmowałem się razem z Gérardem Deprez, mamy paradoks. System jest niezwykle mocno krytykowany, ale od końca lat 1980. bardzo stabilny. Jest nieprzejrzysty, niezrozumiały i rzeczywiście wymusza logikę *juste retour*. Powoduje postrzeganie negocjacji budżetowych jako gry o sumie zerowej, a składki jako kosztu, a nie inwestycji w przyszłość własnego kraju i całej Unii Europejskiej. Jestem swoistą *living memory of* ostatniej propozycji, która opiewała na dwa nowe środki własne, czyli uproszczony VAT i podatek od transakcji finansowych i opiewała również na zasadnicze uproszczenie całego systemu. Niewiele z tego zostało, ale pod wpływem nacisku Parlamentu Europejskiego powołana została grupa wysokiego szczebla pod kierownictwem pana Montiego i my czerpiemy z jej dorobku. Czerpiemy z dorobku grupy Montiego. Wiedząc, że ponawiamy propozycję w nieco lepszym klimacie – w tej chwili już nie ma takiego zaciskania pasa jak w latach 2011-2013 – szanujemy fiskalną suwerenność państw członkowskich. Wiemy, że wszystkie decyzje w zakresie środków własnych muszą być zatwierdzone, ratyfikowane przez parlamenty narodowe. Ale otwieramy się na możliwość przemysłenia systemu, bo tutaj w Parlamencie Europejskim też są ludzie wybrani przez ludzi w 28 krajach – ciągle jeszcze w 28 krajach – więc można tutaj przenieść zasadę *no taxation without representation*. Postulujemy własny koszyk środków własnych. Niektóre powtarzamy. Pojawia się *seigniorage*, który jest najbardziej kontrowersyjny. Postulujemy specjalną rezerwę i odejście od rabatów oraz korektur. Ale przede wszystkim jeszcze raz dziękuję swojemu współsprawozdawcy Gerardowi Deprez, wszystkim doradcom i wszystkim kontrsprawozdawcom, którzy uczestniczyli w przygotowaniu raportu.

Günther Oettinger, Mitglied der Kommission. – Herr Präsident, Damen und Herren Abgeordnete, meine sehr verehrten Damen und Herren! Die Kommission nimmt die Entwürfe der beiden Berichte, über die heute beraten wird, mit Interesse und Freude zur Kenntnis. Ich sehe in beiden Berichten wegweisende Überlegungen, Strukturen, Erwartungen und Bedingungen des Parlaments, die, wenn Sie von Ihnen verabschiedet werden, mit Sicherheit noch vertieft Eingang finden in die Schlussarbeiten der Europäischen Kommission auf dem Weg zum Mai dieses Jahres. Ich danke namentlich den vier Berichterstattern – Herrn Olbrycht, Frau Thomas, Herrn Deprez, Herrn Lewandowski – für eine herausragende Arbeit mit ihren Mitarbeitern, aber auch für eine gute Zusammenarbeit mit meinen Diensten und mit mir. Parteiübergreifend haben wir gezeigt, dass wir eine Zusammenarbeit praktizieren, die die Debatte über den Haushaltsrahmen ab Mai mit Sicherheit erleichtern wird.

Es geht um die Zukunft Europas, wie Herr Arthuis immer betont, und was dann für die Gestaltung der Zukunft mit Haushaltsmitteln, mit Finanzprogrammen, mit dem mehrjährigen Finanzrahmen geleistet werden kann.

Zunächst zu den *own resources*, zu den neuen Eigenmitteln – eine uralte Geschichte, wer sie nachliest: seit den 1950er Jahren waren sie bisher immer erfolglos unterwegs. Aber die Mittel aus den nationalen Budgets, die einmal bei 10 % der Gesamteinnahmen lagen, liegen jetzt bei 70 %.

Deswegen ist es an der Zeit, eine Diversifizierung unserer Einnahmen zu erreichen. Ich rede von Diversifizierung, das heißt nicht automatisch Erhöhung. Ich würde gerne den Beitrag aus den nationalen Etats etwas verringern und den Anteil von neuen eigenen Ressourcen als weitere Säule aufbauen. Es wurden verschiedene Vorschläge in Ihrem Berichtsentwurf – meine Herren Deprez und Lewandowski – gemacht, die sich auch weitgehend mit dem decken, was die Hochrangige Gruppe um Mario Monti entwickelt hat. Ich darf darauf hinweisen: Diese Gruppe ist keine Gruppe der Kommission, keine Gruppe des Parlaments, keine Gruppe von Mario Monti, es ist eine Gruppe aller drei Institutionen, und es waren auch drei Vertreter des Rates dabei. Und Einstimmigkeit am Ende zu den Vorschlägen sollte eigentlich bedeuten, dass daraus kein Nullsummenspiel entstehen darf.

Wir werden in den nächsten Wochen abschließend beraten, welche Vorschläge wir machen. Aber es werden mit Sicherheit zwei, drei, vier Vorschläge auf der Einnahmenseite von uns konkret definiert, und dies würde die Arbeiten für den nächsten Finanzrahmen, so glaube ich, deutlich erleichtern.

Es wurde das Thema der Rabatte erwähnt. Auch hier denken wir im Gleichklang. Ein erheblicher Teil der Rabatte sind Rabatte vom Britenrabatt, um die Reduktion der britischen Zahlungen für andere Nettozahler zu vermindern. Also fällt, wenn der Britenrabatt fällt, automatisch dieser Teil der Rabatte weg. Nun haben wir weitere Korrekturmaßnahmen und Rabatte, und ich will als Ausgangspunkt, als unseren Kommissionsvorschlag, anführen, dass wir keine Rabatte vorschlagen werden. Und ich darf der Ehrlichkeit halber sagen: Ich schließe auf der Wegstrecke bei den Beratungen trotzdem nicht aus, dass es vielleicht wenige, unbürokratische, maßvolle Rabatte geben muss, wenn man die Einstimmigkeit in den Verhandlungen erreichen will. Soweit zum *Own Resources Report*.

Zum Hauptbericht der Kollegin Thomas und des Kollegen Olbrycht: Ich würde sagen, 90 % Ihrer 167 Seiten decken sich mit dem, was die Kommission entwickeln wird. Wir haben ja auch umfangreich kooperiert. Ich war mehrfach in Ihrem Haushaltsausschuss, ich war in zahlreichen Fraktionen, gehe in weitere Fraktionen, war in Fachausschüssen. Das heißt: Es ist keine Überraschung, dass sich Ihr Bericht weitgehend mit dem Rohentwurf, den wir jetzt verfeinern, deckt und einiges von Ihren Vorschlägen in unseren Vorschlag aufgenommen wird.

Mit unserer Mitteilung vom Februar haben wir versucht, dem Europäischen Rat, dem Rat, aber auch dem Parlament und allen Beteiligten – dem Ausschuss der Regionen, dem Wirtschafts- und Sozialausschuss – aufzuzeigen, worum es geht. Es ist eine Art Speisekarte. Jetzt müssen Sie entscheiden, jetzt muss der Rat entscheiden, was Sie bestellen. Jean-Claude Juncker, meine Kollegen und ich – wir sind Köche und Kellner, wir warten ab, was Sie bestellen. Wenn Sie ein umfassendes Menü bestellen, das aus Grenzschutz und Sozialpolitik, das aus Forschung und Erasmus besteht, wenn Sie Erasmus verdoppeln wollen, verdreifachen wollen, Horizont aufstocken wollen, dann liefern wir. Und wir stellen in Rechnung und erwarten, dass bezahlt wird. Das ist wie in einem Restaurant.

Nun haben wir eigentlich ein Problem, das wir bestmöglich vermeiden sollten. Ich würde gerne einen Konflikt in diesem hohen Hause und auch im Rat und in der Öffentlichkeit vermeiden, einen Konflikt, der in Kohäsion gegen Migration oder Agrar gegen Verteidigung bestehen könnte. Denn dies würde die europäische Familie erneut in die Gefahr der Spaltung bringen. Wir haben traditionelle Programme, aber traditionell heißt nicht, dass sie ins Haus der Geschichte gehören. Traditionelle Programme können unverändert zukunftsfähig sein. Ich halte die Kohäsionspolitik unverändert für zukunftsfähig. Warum? Schauen Sie sich einmal das *GDP per capita* in den Mitgliedstaaten und Regionen an. Im Durchschnitt liegt das *GDP* pro Einwohner Europas bei 28 000 Euro, in meinem Heimatland bei 40 000 Euro, in

Luxemburg bei 100 000 Euro, in Bulgarien bei 6 800 Euro. Dies hält Europa auf Dauer nicht zusammen, dies ist auf Dauer nicht zumutbar.

Wir müssen den Abstand des *GDP per capita* verringern, aber nicht, indem Luxemburg auf 30 000 runterkommt, sondern indem Bulgarien, Rumänien, die neuen Mitgliedstaaten und Regionen im Süden Europas durch Investitionen wachsen, ihre Wettbewerbsfähigkeit steigern und damit das *GDP per capita* nach oben kommt. Das nenne ich eine solidarische Union. Dies muss moderne Kohäsionspolitik leisten. Ich weiß nicht, ob Kohäsionspolitik 2050 noch notwendig sein wird, aber ich weiß, im nächsten Jahrzehnt wird sie dauerhaft für die Heranführung von weniger entwickelten Regionen an den Durchschnitt und für die Steigerung der Wettbewerbsfähigkeit aller Regionen sowie für soziale Maßnahmen und für kluge Umweltmaßnahmen und für Infrastrukturmaßnahmen notwendig bleiben. Deswegen wäre ein Kahlschlag bei der Kohäsion völlig falsch.

Dasselbe gilt für die Agrarpolitik. Wir werden in unserem Vorschlag die Agrarpolitik vereinfachen, wir wollen das *Greening* verbessern, wir wollen den Agrarsektor und die Umwelt noch stärker miteinander versöhnen, wir wollen dem Landwirt Geld geben, damit er gute Nahrungsmittel in ausreichender Menge und hoher Qualität, in Erfüllung unserer Umwelt- und Tierschutzvorschriften und der Bodenschutz-, Wasserschutz- und Klimaschutzvorschriften produziert. Auch deswegen ist die Agrarpolitik unverändert zukunftsfähig.

Nun haben wir sehr unterschiedliche Agrarstrukturen. Wir haben den Nebenerwerbslandwirt, der 15 Hektar sein eigen nennt, und wir haben das große Unternehmen, das 5 000 Hektar bewirtschaftet. Diesen Spagat müssen wir meistern. Deswegen gehört die Kompromissbereitschaft aller Beteiligten dazu.

Wir haben zwei Lücken, die Brexit-Lücke und die Ausgabenlücke, die durch neue Aufgaben entsteht. Unser Vorschlag: Die Brexit-Lücke schließen wir mit 50 % Umschichtungen und Kürzungen und 50 % ergänzenden Einnahmen. Wenn wir aber neue Aufgaben angehen, wenn wir im Interesse unserer Bürger und Mitgliedstaaten glauben, dass Europa bei Verteidigungsforschung, beim Grenzschutz, bei der Grenzkontrolle, bei der Migration und bei der Flüchtlingshilfe effizienter handeln und finanzieren kann, dann brauchen wir dafür das Geld der Mitgliedstaaten. 80 % *fresh money* und 20 % durch innere Umschichtungen ist unser Vorschlag dafür.

Ein zweitletzter Punkt, das *ceiling*: Sie schlagen 1,3 % vor. Ich halte dies für ehrgeizig, aber für sehr sachorientiert. 1,3 ist nicht jenseits von Gut und Böse, im Gegenteil. Das Parlament schlägt damit einen sehr, sehr gut begründbaren Aufschlag vor. Unsere Formel ist 1,1x, weil wir noch einige Unwägbarkeiten haben. Die Einbeziehung des Entwicklungshilfefonds ist eine Unwägbarkeit, die Frage der Vertiefung der Wirtschafts- und Währungsunion und welches Geld für die Strukturförderung, für die Reformbereitschaft und für die Heranführung an den Euro investiert werden soll. Eine zweite Unsicherheit: Da erwarten wir noch immer etwas Ratschlag vom Rat, ansonsten setzen wir nach Ostern unseren Vorschlag in konkrete Zahlen um. Und dann werden wir das x von 1,1x in eine konkrete Zahl auflösen.

Ein letzter Punkt: die Nettozahlerdebatte. Sie ist zunehmend sinnentleert. Zu einem Zeitpunkt, wo GAP und Kohäsion bei weit über 80 % der Ausgaben lag, konnte man noch den Mittelrückfluss relativ genau errechnen. Im nächsten im MFR sinken aber GAP und Kohäsion auf etwa 60-61 % aller Ausgaben ab. Und bald 40 % entfallen auf Erasmus, auf Flüchtlingshilfe, auf Forschung, wo es keinen Rückfluss in dem Sinne gibt. Wenn wir für Flüchtlinge in der Türkei und deren Menschenwürde in Bildung, Sicherheit, Kleidung, Nahrung, Schutz investieren, kommt nichts zurück. Aber den Flüchtlingen bleibt der schwierige Weg übers Mittelmeer zu uns erspart, und die Kosten entstehen nicht hier, sondern viel effizienter vor Ort. Deswegen sollten wir die Mitgliedstaaten und auch die Medien überzeugen, dass die Nettozahlerbetrachtung längst überholt ist und den neuen Aufgaben und Programmen nicht mehr genügt.

Besten Dank für Ihre Vorarbeit. Wir hören gerne von Ihnen weitere mündliche Erwartungen, bewerten sie, bauen sie in unseren Vorschlag ein und kommen dann am 2. Mai mit dem Kommissionsvorschlag und Ende Mai mit allen ergänzenden Ausführungsvorschriften dazu. Dass Sie den MFR zu einer Ihrer Prioritäten im Parlament für 2018 erklärt haben, dass Sie Ihre Rapporture früh benennen, dass Sie sich einen intensiven Sitzungsplan bis Februar-März nächsten Jahres vornehmen, dafür sind wir dankbar. Denn wenn es uns nicht gelingt, wesentliche Entscheidungen oder das ganze Paket vor Ostern nächsten Jahres zu verabschieden, sehe ich voraus, dass 2019 gar nichts geschieht, und dann 2020 zum Jahresende der MFR beschlossen wird. Und dann wäre 2021 für Farmer, für Forscher, für Regionen, für Bürgermeister, für die wirtschaftliche Entwicklung Europas wieder ein völlig verlorenes Jahr. Dieses sollte man vermeiden. Dann hätten wir aus der Erfahrung der Vergangenheit gelernt. Dies haben wir 2013 falsch gemacht.

Und noch ein Punkt: Wenn die britischen Freunde uns verlassen und 27 Mitgliedstaaten und die Abgeordneten vieler Fraktionen in der Lage sind, sich bei diesem strittigen Thema zu einigen, setzen sie ein hervorragendes Zeichen, dass Europa lebt und ein Europa von *good governance* ist.

President. – Commissioner, thank you for a very complex and balanced introduction from your side. Like the distribution between the Council and Parliament and the chefs and the menu, I would only perhaps be tempted to say that it is also good for you to assess the ingredients on the menu and tell us from time to time whether it is healthy or less healthy, but that is just a side comment. But the message was clearly understood.

Neena Gill, *rapporteur for the opinion of the Committee on Foreign Affairs.* – Mr President, EU leaders in Rome last year vowed to be big on big issues and small on small ones. That is why the Committee on Foreign Affairs is calling for an ambitious approach to foreign policy in the MFF. I don't need to rehearse all the crises that the European Union is expected to deal with – they span the globe – but what I want to make clear is a call for sufficient resources to meet these expectations, for more flexibility in order to be in step with fast-changing global developments, and for better coordination. But let none of this be a blank cheque to undercut long-term policy objectives in favour of short-sighted goals, such as cracking down on migration or decreasing transparency.

I have a few questions to the Commissioner. How will the Commission ensure better coordination of the external financing instrument? It should go hand in hand with increased transparency. Concretely, what evaluation mechanisms will be put in place to monitor the spending of taxpayers' money on foreign policy and ensure that it is in line with clear and agreed objectives? Finally, do you agree that the role of this House is key in ensuring solid support for EU action and that it is really important that we have agreement before the end of this mandate?

Paul Rübzig, *Verfasser der Stellungnahme des mitberatenden Entwicklungsausschusses.* – Herr Präsident, sehr geehrter Herr Kommissar! Für uns in der Entwicklungspolitik ist eigentlich ganz entscheidend, dass diese *sustainable development goals* umgesetzt werden: Ziel 2 – Landwirtschaft, Ziel 6 – Wasser, *sanitation* und Ziel 7 – erneuerbare Energie. Hier wollen wir vor allem, dass öffentliche Ausschreibungen stattfinden, damit die Konsumenten sauber nachvollziehen können, wo das Geld hingehet. Auch Versteigerungen oder *beauty contests* sind die Grundlage für eine effiziente Vergabe von Fördermitteln in diesem Bereich. Wir wollen auch das Blending und PPP-Modelle in der Zukunft vorantreiben und auch den Europäischen Entwicklungsfonds EDF in das EU-Budget integrieren. Für uns ist es wichtig, dass wir nach dem *more-for-more*-Ansatz verfahren, wonach jene, die in der Entwicklungspolitik gut mit uns zusammenarbeiten, mehr bekommen, und dass wir vor allem die kleinen und mittleren Betriebe auf beiden Seiten anregen, miteinander zu kooperieren. Das geht nur mit öffentlicher Ausschreibung, Transparenz, und die Besten sollen gewinnen.

Wim van de Camp, *Rapporteur voor advies van de Commissie internationale handel* – Voorzitter, ik dank de commissaris voor zijn buitengewoon heldere en duidelijke uiteenzetting van de procedure. Het advies van de Commissie internationale handel gaat vooral over de eigen middelen. De eigen middelen in de internationale handel zijn vaak ietwat onvoorspelbaar, omdat heffingen en handelsbeschermingsinstrumenten niet altijd tot een structurele bekostiging leiden. Heffingen – kijk even naar de Amerikaanse problemen op dit moment – zijn niet populair in de internationale handel en hiermee hebben wij rekening te houden. Voorts vragen wij aan de commissaris en de Commissie om goed toe te zien op een effectieve controle en heffing van de douanerechten. Daar hebben we wel meer een structureel eigen middel dat wij kunnen gebruiken. Ik wens hem veel succes bij de verdere procedure in verband met dit zeer grote dossier.

Petri Sarvamaa, *rapporteur for the opinion of the Committee on Budgetary Control.* – Mr President, first of all, let me congratulate Commissioner Oettinger on the very solid and sound speech that we have just heard. This is exactly what we need. My sincere thanks and congratulations to all the rapporteurs and shadows for the two reports – you have done an excellent job – but the key point is this: Europe needs a strong budget and a strong MFF.

We have a lot of challenges ahead of us. We are actually facing more serious challenges than we have ever faced since the birth of this Union, and therefore we have to do more together and we have to do more together especially in those things where we can deliver more and get more. This means that we will have to emphasise the clear added value of the EU in the MFF, along with proper controls. On top of all this, we have to draw a line: with no respect for European values, there will be No European money. All this we have to be able to do without forgetting the traditional tasks. This is no small order.

Ali Nedzhmi, *rapporteur for the opinion of the Committee on Budgetary Control*. – Mr President, in order to achieve maximum results through the overall planning process in the EU, the next MFF should be embedded in a broader strategy. This long-term vision, covering the whole period of the next decade, is more of a statement of general strategic direction.

The MFF translates the EU's policy priorities into budgetary means. EU policies are implemented through a wide range of programmes and, from this point of view, the MFF is not a budget for seven years, but rather a collection of resources geared towards accomplishing the Union's main goals. The MFF should prioritise support for the common agricultural and cohesion policies, closing the gap between the Member States, as well as the emerging policy areas related to security and migration. To provide the resources needed, the system for financing the EU budget should be reformed based on the recommendations of the High Level Group on Own Resources. Resources have to be spent more efficiently and effectively and create higher European added value.

In order to achieve our goals for a strong and more ambitious Europe in a rapidly changing political environment, we should increase the MFF expenditure ceilings, foster flexibility mechanisms and special instruments and simplify the EU budgetary system.

Luigi Morgano, *relatore per parere della commissione per i problemi economici e monetari*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, con il voto sui testi in discussione, il Parlamento prende posizione sul futuro quadro finanziario e sul suo finanziamento attraverso vere risorse proprie.

Alla luce delle nuove sfide che l'UE si pone rispetto alla ricerca e alla mobilità giovanile, ma anche sui temi della cultura e dell'istruzione, delle industrie culturali e creative, dei migranti, sui temi sociali, sul completamento dell'eurozona e dell'Unione bancaria, o in materia di sicurezza e di difesa e nuovi programmi, è necessario un discorso di realtà. Servirà dopo il 2020 un bilancio più ampio in termini assoluti, non solo percentuali, nonostante la Brexit, ma anche una più condivisa consapevolezza: i contributi al bilancio europeo non sono una spesa ma un investimento.

Sicuramente possiamo fare insieme di più per rendere più efficace la nostra azione, raggiungere economie di scala, migliori e maggiori beni pubblici di scala europea, e spendendo complessivamente meno. Ma è necessario aumentare le dimensioni del bilancio, il che non deve avvenire affidandosi a maggiori contributi degli Stati membri già vincolati, quindi vanno aumentate le risorse proprie come è stato sottolineato...

(Il Presidente ritira la parola all'oratore)

Anneli Jäätteenmäki, *ympäristön, kansanterveyden ja elintarvikkeiden turvallisuuden valiokunnan lausunnon valmistelija*. – Arvoisa puhemies, terveellinen elinympäristö on edellytys kaikelle hyvinvoinnille. EU on tehnyt sitoumuksia ja asettanut tavoitteita ilmasto- ja ympäristöpolitiikassa sekä myös kestävän kehityksen suhteen.

On välttämätöntä, että myös unionin rahankäyttö on linjassa näiden asetettujen tavoitteiden kanssa. Seuraava rahoituskehyskausi on valmisteltava siten, että nämä asetetut tavoitteet pystytään täyttämään. Komission on annettava esitys näitä tavoitteita kunnioittaen.

Sitten muutama sana ympäristövaliokunnan ulkopuolelta: Mielestäni mietinnössä esitetty 1 ja 3 prosentin rahoitustaso on epärealistinen. Se ylittää jopa komission arviot rahoitustarpeesta. Brexitin aiheuttama budjettivaje on merkittävä haaste. Todellisuudessa se tarkoittaa niukempaa budjettia. Me voimme käyttää tilanteen hyväksi siten, että käymme kriittisesti kaikki EU:n rahoitustarpeet läpi.

Marian-Jean Marinescu, *Raportor pentru aviz, Comisia pentru industrie, cercetare și energie*. – Domnule președinte, mulțumesc raportorilor. Consider că este un raport foarte, foarte bun, foarte echilibrat și este meritul lor că au reușit să facă acest lucru împreună. Mulțumesc și domnului comisar pentru colaborarea de până acum și sper ca și pe perioada negocierii să fie tot la fel de deschis și să fie în contact cu Parlamentul.

Termenul, așa cum că ați spus, trebuie să fie înainte de alegeri, din punct de vedere politic este foarte important să discutăm despre politici imediat după Brexit. Nivelul este evident că va fi decis în Consiliu European, însă, să nu uitați, toată lumea se raportează la bugetul de acum, însă bugetul de acum a fost decis de Cameron. Deci n-ar trebui să ținem cont chiar atât de mult de el.

Despre ITRE, despre politica de cercetare, știu că sunteți în favoarea ridicării plafonului *Horizon* și, de asemenea, aș dori și facilitarea de conectare a Europei din politica de transport să fie ridicată, pentru că a fost foarte jos lăsată de acel buget Cameron și nu uitați de flexibilitate, vă rog frumos.

Sofia Ribeiro, *relatora de parecer da Comissão da Agricultura e do Desenvolvimento Rural*. – Senhor Presidente, Senhor Comissário, quero salientar quatro pontos. É clara a posição dos deputados da agricultura e dos orçamentos num aumento ou, pelo menos, na manutenção do envelope financeiro da Política Agrícola Comum, de modo a que esta continue a ser um dos grandes pilares do projeto europeu, sem cofinanciamentos nacionais no primeiro pilar e sem quaisquer tentativas de renacionalização da mesma.

É clara a nossa posição em defesa do aumento do envelope financeiro do programa POSEI, que garante a sustentabilidade da produção agrícola nas regiões ultraperiféricas e que necessita de ser reforçado, a fim de dar resposta aos enormes desafios que se lhes colocam. É clara a necessidade de voltarmos a ter um POSEI Pescas autónomo independente do FEAMP.

Numa iniciativa liderada por mim, conseguimos a aprovação do relatório final na Comissão dos Orçamentos e que espero seja aprovado em plenário já amanhã.

O Sr. Comissário continua a acenar com cortes nos fundos para a agricultura. Recordo que os agricultores europeus já sofrem, desde 2014, com as decisões diplomáticas da Comissão que resultaram no embargo russo aos nossos produtos agrícolas, e agora quer a Comissão voltar a penalizá-los.

Sr. Comissário, é claro que não podemos cortar na agricultura. Oiça o Parlamento Europeu e junte-se a nós para convenceremos o Conselho.

Nicola Caputo, *relatore per parere della commissione per l'agricoltura*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, l'attuale sistema di risorse proprie è molto complesso, iniquo, opaco e talvolta incomprensibile: un sistema non soggetto ad alcun efficace controllo parlamentare e mancante quindi, a mio parere, totalmente di legittimità.

Il modo in cui si è evoluto il sistema delle risorse proprie, sostituendo gradualmente le risorse proprie reali con i cosiddetti contributi nazionali, pone un'enfasi eccessiva sui saldi netti tra gli Stati membri, ignorando il contributo del bilancio dell'Unione al conseguimento di obiettivi comuni europei. C'è bisogno di una riforma delle risorse dell'Unione imperativa, per portare ad una maggiore coerenza tra le politiche delle entrate e delle spese di bilancio.

Nella mia relazione ho evidenziato alcune proposte che secondo me meritano il sostegno del Parlamento europeo e della Commissione, e mi riferisco alla riforma della risorsa propria Iva e del sistema di scambio delle emissioni dell'Unione europea, della tassa delle emissioni di CO₂, della tassazione dei trasporti e di quella dell'energia elettrica, di un'imposta sulle transazioni finanziarie a livello europeo, un'imposta sul reddito delle società ed entrate provenienti dal mercato unico digitale.

Clara Eugenia Aguilera García, *ponente de opinión de la Comisión de Pesca*. – Señor presidente, comisario Oettinger, me da una gran alegría escuchar su evolución desde que empezamos el debate del marco financiero. Tras escuchar lo que hoy ha dicho, sus palabras, debo decir que me encanta su evolución.

En nombre de la Comisión de Pesca, deseo destacar la importancia socioeconómica y ecológica del sector pesquero, el medio ambiente marino y la economía azul. Este sector pesquero —pequeño en el presupuesto, pero muy importante— necesita un fondo específico dotado adecuadamente, independiente y accesible en materia de pesca para aplicar esta política —si no, realmente, podría verse gravemente afectada—. También es necesario que se mantenga el nivel de crédito financiero destinado a este sector en el marco financiero actual y que, si surgen nuevas necesidades, se incrementen los créditos financieros para asuntos marítimos. Esto es importante.

Y me sumo a lo señalado por la señora Ribeiro en relación con la PAC: queremos una PAC dotada suficientemente y no que sea renacionalizada.

Helga Trüpel, *Verfasserin der Stellungnahme des mitberatenden Ausschusses für Kultur und Bildung*. – Herr Präsident, Herr Kommissar Oettinger, meine Damen und Herren! Die Haushaltspolitik gilt ja gemeinhin als unsexy. Aber das ist sie nicht, das ist das Powerhaus der Politik. Denn alles, was sich in den nächsten Jahren in der europäischen Union entscheiden wird, ist mit diesem mehrjährigen Finanzrahmen verbunden. Ich finde im Prinzip den Vorschlag von Herrn Oettinger, was die Gesamtarchitektur angeht, richtig: etwas weniger für die traditionelle Landwirtschaft, etwas weniger für Kohäsion. Aber die Politik muss in diesem Bereich schneller werden, die Antragsverfahren müssen vereinfacht werden, und sie müssen natürlich – das sage ich als Grüne – ökologischer werden.

Gleichzeitig müssen wir auf die großen Fragen antworten: Verteidigung, Schutz der Außengrenzen, Bekämpfung der globalen Ungleichheit in der europäischen Union, aber gerade im Weltmaßstab, was Afrika und Asien angeht. Und wir müssen dann natürlich die Klimapolitik und das *Paris Agreement* viel ernster nehmen, als wir das bisher getan haben. Und wir müssen neue Schwerpunkte setzen, auch da stimme ich mit Herrn Oettinger überein. Wir müssen mehr ausgeben für Forschung, mehr für Kultur und Bildung, für Erasmus +, mehr für den *European Solidarity Service*, und wir müssen frisches Geld für die Verteidigung zur Verfügung stellen und es nicht aus dem Forschungsprogramm nehmen. Das ist falsch. Aber wir müssen als Europa angesichts von Xi Jinping *forever* und der Erhöhung des chinesischen Militäretats und des schrecklichen Trump, der heute auch noch den Außenminister Tillerson rausgeschmissen hat, eine gemeinsame europäische Verteidigungspolitik entwickeln, die diesen Namen verdient.

Jetzt komme ich zu den Eigenmitteln. Ich habe ja zweimal an den Verhandlungen über die Haushaltspolitik und den mehrjährigen Finanzrahmen teilgenommen. Wir brauchen neue Eigenmittel. Und das bedeutet vor allem eine digitale Steuer, weil wir die digitalen Monopole zur Kasse bitten müssen. Die müssen in Europa Steuern bezahlen – also Google, Facebook, Apple und Amazon. Und wir brauchen eine Plastiksteuer. Das ist wirklich ein grüner, ein ökologischer Vorschlag des Haushaltskommissars. Ich unterstütze das. Mit diesen verschiedenen Maßnahmen kann man den Bürgern für die nächsten Wahlen insgesamt deutlich machen: Die EU liefert, die EU versteht die Nöte der europäischen Bürger.

Monica Macovei, *Raportoare pentru aviz, Comisia pentru libertăți civile, justiție și afaceri interne*. – Domnule președinte, viitorul Uniunii depinde și de cum folosim banii sau, în primul rând, de cum folosim banii. Din perspectiva LIBE, câteva lucruri sunt importante.

În primul rând, securitatea Uniunii și securitatea fiecărui cetățean din Uniune. Avem nevoie de fonduri pentru programele de securitate, agențiile din justiție, agențiile care protejează granițele externe, agențiile din domeniul afacerilor externe și interne și, bineînțeles, cele care protejează drepturile omului, pentru a asigura echilibrul și valorile europene.

Apoi, avem nevoie de fonduri pentru oprirea propagandei false rusești, care este folosită și pentru influențarea alegerilor naționale în multe state, inclusiv în state membre, pentru ruperea unor țări și chiar pentru ruperea Uniunii. Și asta afectează foarte mult securitatea – e cel mai mare pericol la adresa securității Uniunii.

Statul de drept – aici propun un sprijin financiar pentru Comisia de la Veneția, care, după cum știm, evaluează statul de drept, legile justiției în state membre și în state candidate. Pentru oprirea criminalității și confiscarea miliardelor de euro sau a altor monede furate, avem nevoie de un Fond european pentru protecția jurnaliștilor de investigație independenți, care găsesc toate aceste fonduri, găsesc criminali, își riscă viața, sunt șantajați și mor

(Președintele a întrerupt vorbitorul)

Mercedes Bresso, *relatrice per parere della commissione per gli affari costituzionali*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, innanzitutto dalla commissione AFCO un messaggio: noi crediamo che nel pacchetto delle riforme istituzionali di cui si sta discutendo sia fondamentale modificare l'attuale procedura relativa all'MFF, portando su un piede di parità Parlamento e Consiglio, il che vuol dire Parlamento con pieno potere decisionale e Consiglio con voto a maggioranza qualificata. È un tema di riforma, ma molto importante se vogliamo avere davvero una parità fra le nostre istituzioni.

In secondo luogo, mi rivolgo al Consiglio e alla Commissione di nuovo: a nuove sfide e nuove competenze, in un bilancio ordinato, devono corrispondere risorse aggiuntive, risorse che non devono essere prese dalle politiche che tendono a ridurre le disuguaglianze fra le regioni.

Da ultimo, io credo che possiamo arrivare al nostro 1,3 % che proponiamo, attraverso risorse aggiuntive proprie che si aggiungono ai contributi degli Stati, che non devono diminuire.

Iratxe García Pérez, *ponente de opinión de la Comisión de Derechos de la Mujer e Igualdad de Género*. – Señor presidente, señor comisario, el marco financiero es el instrumento político más potente que existe para hacer posibles y reales las prioridades políticas de la Unión Europea. Por eso, aunque todavía no se haya hecho ninguna referencia a lo largo de este debate, estoy segura de que comparto conmigo la necesidad de que este marco financiero tenga rostro de mujer. Porque es necesario incorporar a la política europea las políticas dirigidas a erradicar la discriminación entre hombres y mujeres. Porque es necesario hacer también de la lucha contra la violencia de género una prioridad de la política europea. Porque es necesario consolidar, desde la política europea, unos servicios públicos que favorezcan la conciliación entre la vida familiar y laboral. Porque es necesario hacer de la política europea un espacio donde consigamos hacer realidad el principio fundamental de la igualdad entre hombres y mujeres.

Espero que no lo olviden, que no lo olvidemos en el trabajo que tenemos por delante, para hacer de estas perspectivas financieras un instrumento político real que permita hacer de la igualdad de género también una realidad en Europa.

José Manuel Fernandes, *em nome do Grupo PPE*. – Senhor Presidente, queria cumprimentá-lo, saudá-los a todos, dar uma palavra especial ao Sr. Comissário pela sua competência e também pelo respeito dos «timings», pela sua envolvimento em relação a este tema e pelo trabalho em conjunto com o Parlamento Europeu.

É importantíssimo que este quadro financeiro plurianual pós-2020 responda aos anseios, às ambições e aos desafios da União Europeia. Queremos uma União Europeia mais competitiva, uma União Europeia mais coesa e, em simultâneo, também mais solidária.

Os desafios estão identificados. A política de coesão deverá continuar, bem como a política agrícola comum, e temos de reforçar a investigação e a inovação, o Erasmus+, o apoio às pequenas e médias empresas, devendo a juventude ser uma prioridade e, por isso, também o reforço da iniciativa para o Emprego dos Jovens.

Temos também o desafio da segurança e da defesa e, por isso, é importantíssimo que o orçamento da União Europeia esteja à altura destes objetivos e destas prioridades políticas.

1,3 % do rendimento nacional bruto não é nada de especial e é uma proposta realista que fazemos. Para além disso, este financiamento deve ser conseguido sem sobrecarregar os contribuintes europeus, os cidadãos europeus, e, por isso, a proposta que apresentamos é essencial com este objetivo, onde, por exemplo, as multas e os lucros do BCE podem vir a ser utilizados.

(O orador aceita responder a uma pergunta «cartão azul» (artigo 162.º, n.º 8, do Regimento).)

Maria Grapini (S&D), *Întrebare adresată conform procedurii „cartonașului albastru”*. – Stimate coleg, sunt de acord cu foarte mult din ceea ce ați spus. Nici din ce a spus domnul comisar, nici din dezbaterile colegilor, nu a rezultat că ne-am gândi pentru perioada următoare a cadrului financiar multinațional la un buget și pentru dezvoltarea turismului, deși turismul în Europa aduce un număr impresionant de locuri de muncă, contribuie la PIB.

Credeți că este bine ca, măcar din 2020, să avem linie bugetară și pentru turism. Și v-ați gândit ca acele surse suplimentare de care se vorbea aici să fie și din evaziunea fiscală? (*Președintele a întrerupt vorbitorul*)

José Manuel Fernandes (PPE), *Resposta segundo o procedimento «cartão azul»*. – Até parece que foi combinado, porque eu próprio, com outros colegas, apresentei uma proposta para que o próximo Quadro Financeiro Plurianual tenha uma linha para o turismo, e no nosso relatório...

(*Devido à ausência de interpretação, o orador termina a intervenção em língua inglesa.*)

We do not have interpretation. We have a line for tourism in our proposal, in our report. That's in our report.

President. – I understand that it was not a set-up, that was not agreed.

(*Interjection from Mr Fernandes: 'I can try again'*)

No, that's fine, sorry, it was a misunderstanding. It was just that you said that it looks like a set-up, so I was saying to you it was not a set-up, I understand it is not a set-up.

Daniele Viotti, *a nome del gruppo S&D*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, grazie naturalmente al Commissario per la sua relazione che ha voluto farci oggi pomeriggio, per il lavoro che sta facendo e che faremo per i prossimi mesi.

Stiamo discutendo di qualcosa di veramente importante, perché stiamo disegnando non soltanto due documenti della nostra Unione europea, ma stiamo disegnando il futuro dell'Unione europea stessa. Sono dei documenti, delle relazioni d'iniziativa del Parlamento, e poi il lavoro che verrà fatto dalla Commissione, che devono dare un segnale nuovo dell'Europa, un segnale diverso. Ma per dare un segnale, un'idea, un'immagine differente, bisogna che ci siano anche delle politiche differenti, che siano delle politiche nuove e delle politiche che diano una visione e un futuro.

Sono due i lavori su cui ci siamo concentrati in questi mesi, in queste settimane: uno sul nuovo quadro finanziario e uno sulle risorse proprie. Sul nuovo quadro finanziario, ha già detto il collega Fernandes poco fa, e l'ha detto anche Lei in realtà poi, Commissario, l'1,3 % di orizzonte che ci diamo non è un sogno, è qualcosa che è ampiamente realizzabile. Non credo che questo Parlamento sia un Parlamento esoso, è un Parlamento molto responsabile, io penso.

Sappiamo cosa chiedono i cittadini e sappiamo quali sono le risposte che dobbiamo dare, e noi dobbiamo essere il valore aggiunto per i cittadini e per le nostre imprese, soprattutto per le piccole e medie imprese, su enormi questioni come la ricerca, come lo sviluppo, come i giovani, come la crescita, l'ambiente, l'energia, l'agricoltura: è già stato tutto ricordato, sono gli obiettivi enormi che dobbiamo darci. Per questo abbiamo bisogno di risorse aggiuntive. Lei ha detto che non devono essere aggiuntive ma devono essere parallele; io dico che devono essere risorse sufficienti per fare queste politiche: risorse ambiziose.

Noi dobbiamo chiedere meno soldi agli Stati membri, l'ha detto bene Lei, e io credo che sia molto corretto. Ma nel documento che hanno predisposto i relatori, che io ringrazio, il relatore sia del documento sulle risorse proprie sia il relatore sul quadro economico e finanziario, queste risorse ci sono, la loro individuazione è molto chiara, e si sono individuate le aree di lavoro su cui dobbiamo lavorare.

Dobbiamo essere però molto attenti e dobbiamo dare un messaggio molto chiaro ai cittadini, per cui noi non vogliamo aumentare le tasse ai cittadini, non vogliamo incrementare le tasse ai cittadini, non vogliamo mettere delle nuove tasse ai cittadini e neppure alle piccole e medie imprese. Quello che noi vogliamo fare è risistemare il sistema delle risorse proprie dell'Unione europea e avere un'Europa più equa e più giusta sul sistema finanziario, un'Europa più verde, un'Europa in cui le transazioni finanziarie vengono finalmente tassate.

Chiudo, Presidente, facendo riferimento ai tempi. Lei ha detto che abbiamo bisogno – e noi concordiamo assolutamente con Lei – abbiamo bisogno di chiudere entro questo mandato questi due documenti, quello sul nuovo quadro economico e finanziario e quello sulle risorse proprie, ma abbiamo bisogno di chiudere questi documenti in fretta, ma di chiuderli anche bene, perché abbiamo bisogno che le risposte che verranno date ai cittadini e le prospettive che avranno i cittadini dal 2021 siano prospettive e risposte veramente sufficienti, che siano in abbondanza per le richieste che le imprese e il mondo della ricerca, dello sviluppo, e i cittadini stessi ci fanno.

Bernd Kölmel, *im Namen der ECR-Fraktion*. – Herr Präsident! Der neue mehrjährige Finanzrahmen ist die Nagelprobe dafür, welche EU wir in der Zukunft haben wollen. Mehr oder weniger alle reden hier von mehr Subsidiarität, Entbürokratisierung und Sparsamkeit. Aber der vorliegende Entwurf entspricht dem eben gerade nicht. Und mein Vorredner von den Sozialisten hat gesagt, wir brauchen mehr Geld, denn wir wüssten, wie man die Wirtschaft ankurbelt, wir wissen, wie man Start-ups entsprechend erfolgreich machen kann und so weiter. Meine sehr verehrten Kollegen, das glaube ich nicht. Ich glaube nicht, dass wir das besser wissen als die echten Lenker von Firmen. Die wissen, wie man die Wirtschaft vorantreibt.

Wir sollten die richtigen Rahmenbedingungen schaffen, aber wir sollten nicht in den Mitgliedstaaten Geld einsammeln, um es dann über Brüssel umzuverteilen. Das ist genau das Gegenteil einer schlanken EU. Wir sollten hier Freiräume schaffen. Entbürokratisierung geht damit los, dass man eben weniger regelt und nicht mehr. Und wenn ich weniger regeln will, dann darf ich auch nicht für mehr Haushaltsmittel sorgen. Ich muss mich doch immer fragen, was ich denn tatsächlich erreichen kann. Und da ist doch zunächst mal ganz klar: Der Haushalt der EU ist überwiegend ein Programmhaushalt. Und in einem Programmhaushalt müsste es das Natürlichste der Welt sein, dass die Programme entsprechend zurückgefahren werden, wenn ein Mitgliedsstaat ausscheidet. Aber stattdessen schlägt man hier vor, dass man die Beiträge der Mitgliedstaaten bezogen auf das Bruttonationaleinkommen um 30 % erhöht. Das ist das Gegenteil einer schlanken und sparsamen EU. Die Bürger wollen aber eine schlanke und sparsame EU.

Deshalb plädiere ich für neue Mittel nur dann, wenn wir einen echten politischen Ansatz zur Lösung von Krisen haben, beispielsweise im Migrationsbereich, beispielsweise in der Eurokrise. Aber da muss erst der politische Wille dafür definiert werden. Stattdessen sehen wir, dass jetzt die Mittel für den ehemaligen ESM in eine eigene Haushaltslinie überführt werden sollen, ein temporäres Element ...

(Der Präsident unterbricht den Redner)

Jean Arthuis, *au nom du groupe ALDE*. – Monsieur le Président, je voudrais saluer l'engagement prometteur de M. le Commissaire et rendre hommage à nos quatre rapporteurs. Si nous votons les deux rapports d'initiative demain, nous prendrons les moyens de conclure sans doute avec le Conseil avant la fin de cette législature, ce qui permettra d'éviter l'inertie que nous avons connue en 2014 et en 2015 et également de réduire la tyrannie du juste retour.

Cela étant, mes chers collègues, je pense que nous devons garder une marge de flexibilité. Nous voyons combien il a été difficile, pendant l'exécution du cadre financier pluriannuel actuel, de faire face à certaines situations de crise.

La mondialisation met les États membres face à des défis sans précédent en matière de sécurité, de défense, de migration, d'économie numérique, de climat et de lutte contre le terrorisme mondialisé. Nous devons nous préparer à assumer collectivement ces enjeux car nous avons des biens communs européens à défendre et il est évident qu'un certain nombre d'États, à l'échelon national, n'ont aujourd'hui plus les moyens de faire face à ces défis.

Il devrait donc être possible, Monsieur le Commissaire, au lendemain des élections européennes en 2019, si nous avons une majorité, si les États membres en conviennent, d'aller au-delà de 1, 1,1, 1,2 ou 1,3. Une puissance mondiale européenne avec un budget de 1,3 ne va pas faire frémir les États-continentaux, pas plus que les multinationales du numérique ou de la financiarisation. Donc, il devrait être possible de transférer des dépenses qui étaient engagées au plan national, pour les mettre à disposition du budget européen et là, Monsieur le Commissaire, vous aurez le moyen de démontrer ce qu'est la valeur ajoutée européenne parce que nous serons plus efficaces en mettant des moyens nationaux au budget européen. Nous démontrerons que nous pouvons accroître le budget européen sans augmenter globalement la dépense publique en Europe. Voilà le souhait que j'exprime.

Jordi Solé, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Mr President, this Parliament has to send a clear message to the Commission and to the Member States concerning the next Multiannual Financial Framework (MFF). If we want an ambitious EU, a Union that is able to deal with key challenges of our times and to deliver real outcomes in terms of progress, sustainability, equality and fundamental freedoms, then we need to reverse the downward trend in the amount spent by the EU, a trend that has been aggravated by the current MFF.

If we need to fight against growing populism and euroscepticism, the worst thing we could do would be to adopt proposals from populists and from eurosceptics, because with a small budget the European Union will be unable to deliver. Thus it would be even more meaningless to those many people who already don't see what the EU is here for. In other words, to demonstrate the added value of the EU, we need to invest more and more efficiently in policies where the EU can really make a difference. This has to be the first key message to the Member States: Don't use Brexit to make further cuts in our budget and diminish our ambitions.

Secondly, the next MFF needs to focus more on delivering results in sustainability and in the fight against climate change. The EU must translate its commitment to the Paris Agreement into a real budgetary majority. That's why our Group stressed so much the importance of aligning the EU budget with the sustainable development goals and to significantly increase climate-related spending to reach at least the 30% target as soon as possible.

Younous Omarjee, *au nom du groupe GUE/NGL*. – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, nous nous rapprochons peu à peu de ce moment fatidique où il n'y a plus de doute sur l'avenir budgétaire de l'Union européenne. Je pense ne pas prendre trop de risques en disant que, après 2020, nous continuerons à être enfermés dans des logiques austéritaires. Faire plus avec moins, dépenser mieux, coupes budgétaires intelligentes, voilà les seules logiques – convenez-en, pas très dynamiques, tout de même – qui nourrissent les négociations actuelles et qui font déjà le deuil des ambitions européennes, de vos ambitions européennes, de nos ambitions européennes. Dans ce contexte, la question que nous nous posons, et qui nous inquiète, est «Ce budget sera-t-il celui du début de la fin de la politique de cohésion et de l'affaiblissement de la PAC?».

Je veux vous dire que, si c'est sur le dos de la politique de cohésion que l'on compte trouver les ressources nécessaires pour financer de nouvelles priorités qui ne sont pas, d'ailleurs, des obligations de l'Union, alors vous nous trouverez sur votre chemin pour le dénoncer.

Sophie Montel, *au nom du groupe EFDD*. – Monsieur le Président, chers collègues, le Brexit, les référendums que vous perdez partout en Europe, les législatives italiennes, aucun de ces événements ne semble encore avoir atteint la tour d'ivoire dans laquelle vous vivez.

Je dis cela car, en haut de cette tour d'ivoire, je vois les européistes gagas que vous êtes demander un budget de l'Union européenne plus important. Je vous vois zélotes de la religion européiste demander une Europe de la défense et une armée européenne. Je vous vois idéologues fanatisés demander l'instauration d'un impôt européen. Mais comment faut-il vous le dire pour que vous le compreniez? Votre Union européenne, les peuples n'en veulent pas. Les 24 langues de l'Union européenne n'y suffisent pas, faut-il vous le dire en espéranto pour que vous déniez prêter l'oreille à ceux qui vous payent pourtant généreusement?

À vrai dire, chers collègues, cette semaine vous multipliez les projets, tous plus fous les uns que les autres. Mais qu'on ne s'y trompe pas: cette bouffée de chaleur n'est pas de celles qui annoncent les étés radieux, mais de celles dont sont faites les ménapauses. Votre Union va disparaître et, croyez-moi, cet événement sera fêté avec bonheur par les peuples.

Marco Zanni, *a nome del gruppo ENF*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, credo che quando parliamo di nuovo quadro finanziario pluriennale e risorse proprie, dobbiamo tenere a mente due principi guida.

Il primo principio riguarda nessun aggravio nei contributi per gli Stati membri, soprattutto non aumentare il gap per gli Stati che già contribuiscono in maniera netta al bilancio europeo. E il secondo principio riguarda le tasse: non vogliamo nuove tasse che arrivano dall'Europa e che gravino sui cittadini europei, perché l'UE non ha legittimazione nell'imporre nuova tassazione.

Purtroppo vedo che nella posizione della maggioranza su questi due dossier, questi due principi rischiano di non venire rispettati. Si chiede uno sforzo ulteriore agli Stati membri, soprattutto quelli che già contribuiscono in maniera importante al bilancio dell'Unione europea, e si nascondono nuove tasse europee dietro il nome di «risorse proprie». La tassa sulla CO₂ è una tassa, la tassa sulla plastica è una tassa, la tassa sulle transazioni finanziarie è una tassa, e sappiamo bene la capacità che hanno le multinazionali nel ribaltare costi aggiuntivi che imponiamo su di loro sui consumatori finali.

Purtroppo da questo punto di vista ci sarà da fare una discussione più ampia, perché la tendenza soprattutto nelle tornate elettorali dei popoli europei e dei cittadini europei è che vogliono meno Europa e più Stati membri, e noi nel bilancio ne dobbiamo tenere conto.

Λάμπρος Φουντούλης (NI). – Κύριε Πρόεδρε, επανειλημμένα η Ευρωπαϊκή Ένωση χρησιμοποιεί ευπαρουσίαστους και κάπως αφαιρετικούς όρους, για να περιγράψει πράγματα που στην πραγματικότητα είναι απλά και ξεκάθαρα: Η Ένωση είναι ένα σύνολο διοικητικών οργανισμών. Ως εκ τούτου δεν μπορεί να έχει ίδιους πόρους, διότι δεν παράγει κάτι ούτε προσφέρει υπηρεσίες επί πληρωμή. Όσα περιγράφονται στις εκθέσεις ως πόροι της Ένωσης δεν είναι παρά έσοδα που αφαιρούνται από τους κρατικούς προϋπολογισμούς ή που αντλούνται από τους πολίτες των κρατών μελών. Ο ΦΠΑ, για παράδειγμα, εάν δεν κατέληγε στην Ένωση, ή τα κράτη θα είχαν μεγαλύτερα έσοδα ή, αν αφαιρούσαν το ποσό που καταλήγει στην Ένωση εντελώς, οι πολίτες θα είχαν σημαντικά μικρότερη επιβάρυνση. Επιπλέον, το εάν τα οφέλη που προσφέρει η Ένωση είναι αντίστοιχα του κόστους που καλούνται να καταβάλλουν τόσο τα κράτη όσο και οι πολίτες είναι ένα ερώτημα το οποίο δεν το εξετάζουν οι εκθέσεις αυτές και κυρίως δεν τέθηκε ποτέ στους ίδιους τους πολίτες.

Τελικά τα οφέλη είναι τέτοια που να δικαιολογούν τη συντήρηση ενός τεράστιου γραφειοκρατικού μηχανισμού; Μήπως με πολύ μικρότερα όργανα απλού συντονισμού μεταξύ των κρατών και χρησιμοποιώντας τους ήδη υπάρχοντες παράλληλους κρατικούς οργανισμούς θα είχαμε τα ίδια οφέλη με πολύ μικρότερο κόστος;

Alain Lamassoure (PPE). – Monsieur le Président, je félicite le commissaire et les rapporteurs. Nous sommes enfin à l'heure de vérité. Plus personne ne peut prétendre qu'avec 1 % du revenu national, il est possible de financer les politiques européennes traditionnelles, les décisions déjà prises sur la politique migratoire, le changement climatique ou la défense, et les futures priorités des années 2020. La meilleure preuve, c'est que le budget européen a, d'ores et déjà, explosé. Au petit budget communautaire resté scotché au niveau d'il y a vingt ans s'ajoutent maintenant une constellation de budgets satellites sous des noms variés. Il y a la vieille lune du Fonds européen de développement, il y a quatre fonds fiduciaires d'urgences diverses, deux fonds d'aide à la Grèce, le mécanisme européen de stabilité, la facilité de prêts aux pays extérieurs à la zone Euro, le Fonds Juncker, etc., et l'année 2018 s'ouvre sur l'annonce d'un nouveau satellite impressionnant: le Fonds «Défense».

Ainsi, les négociations du prochain cadre financier auront un triple enjeu: combien sommes-nous prêts à affecter au financement des politiques européennes? Comment les financerons-nous, par quelles économies, par quelles nouvelles ressources? Comment sera assuré le contrôle démocratique, c'est-à-dire le contrôle parlementaire?

Osons au moins poser les bonnes questions.

Eider Gardiazabal Rubial (S&D). – Señor presidente, señor comisario, hoy estamos ante uno de los debates más importantes de todo el mandato, porque estamos hablando, ni más ni menos, de qué Europa queremos construir en la próxima década. Y esto no es solo un debate presupuestario, sino que es, sobre todo, un debate político, porque allí donde pongamos los recursos estarán las verdaderas prioridades de la Unión.

En esta legislatura hemos firmado muchos acuerdos trascendentales: el Acuerdo de París de lucha contra el cambio climático, los acuerdos de Gotemburgo por un verdadero pilar social; incluso hemos firmado los Objetivos de Desarrollo Sostenible. Y es ahora cuando tenemos que decidir cómo los vamos a financiar y, por lo tanto, es ahora cuando vamos a demostrar cuál es el grado de nuestro compromiso.

En estos últimos meses estamos oyendo grandes frases filosóficas cuando hablamos de presupuesto —lo decía también el señor Omarjee—: unos dicen que hay que modernizarlo y, otros, que hay que hacer más con menos. Esto puede quedar muy bien en un titular, pero esto, presupuestariamente hablando, no es posible —más con menos, no se puede hacer— Y que queramos modernizar un presupuesto no significa que lo podamos recortar, sino más bien todo lo contrario.

Y este Parlamento tiene las ideas muy claras de lo que queremos para el futuro marco financiero y lo podríamos definir en tres bloques.

Primer bloque: mantenimiento de la financiación de las políticas tradicionales, es decir, de la agricultura y la cohesión. Estamos pidiendo a nuestros agricultores y ganaderos que produzcan con criterios medioambientales; que nos ofrezcan productos de calidad a precios asequibles; que mantengan la población en el medio rural y que, encima, los jóvenes se animen a entrar en el sector. Y todo esto no se puede hacer con menos apoyo presupuestario. Y también defendemos una política de cohesión fuerte para que Europa siga manteniendo la competitividad, para que sus regiones reduzcan desigualdades, para que se invierta en innovación y, sobre todo, para que esa competitividad no sea a costa de los salarios y los derechos sociales de los trabajadores y las trabajadoras.

Segundo bloque: las políticas que podríamos llamar «de futuro». Aquí no solo queremos mantener la financiación, sino que queremos aumentar las becas Erasmus, los programas de investigación o los programas de inversión.

Y tercer bloque —y esto es un mensaje muy claro—: nuevas necesidades necesitan nuevo presupuesto; y no queremos contraponer, como decía el señor comisario, unas prioridades contra las otras.

Y quiero destacar, para acabar, dos ideas que espero que la Comisión escuche atentamente.

Primera propuesta: la condicionalidad de los fondos con respecto al cumplimiento de las reglas, porque proponemos un sistema de sanciones para aquellos países que no cumplan las reglas ni sus compromisos, pero desligamos por completo estas sanciones de los fondos de cohesión —los ayuntamientos, las regiones o los parados no son los responsables de que sus Gobiernos incumplan sus compromisos—

Y segunda propuesta: teniendo en cuenta los compromisos de la Unión en la lucha contra el cambio climático, muchas regiones europeas van a tener que hacer una transición energética y productiva radical. La Unión tiene que ayudar a esas regiones y, por eso, proponemos un fondo de transición justo que ponga el acento no solo en las regiones, sino también en los desafíos sociales de esta transición.

Y ¿cómo financiamos todo esto? Ya se ha dicho aquí: con nuevos recursos propios; con impuestos a sectores que ahora no contribuyen al sector público; con impuestos al sector financiero; y con impuestos a las grandes empresas que aprovechan que no hay una regulación europea para evadir sus impuestos.

Y acabo, señor presidente, porque quiero agradecer, de verdad, a los cuatro ponentes el magnífico trabajo que han hecho; por la negociación y por la generosidad a la hora de negociar, porque así podemos tener un acuerdo fuerte, apoyado por la mayoría de los grupos de esta Cámara.

Zbigniew Kuźmiuk (ECR). – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Zabierając głos w tej debacie, chcę bardzo mocno podkreślić, że delegacja polska w grupie ECR opowiada się za wypełnieniem luki finansowej po brexicie, a także zapewnieniem dodatkowych środków na nowe priorytety unijne. Naszym zdaniem obciążenia składką mogą sięgnąć 1,3 % DNB państw członkowskich. Postulujemy likwidację wszystkich rabatów w związku z likwidacją rabatu brytyjskiego, zaprzestanie zwrotów niewykorzystanych w danym roku środków do poszczególnych państw członkowskich, wprowadzenie do budżetu wpłaty z tytułu dostępu Wielkiej Brytanii do rynku unijnego i wreszcie ewentualne ustanowienie unijnego obciążenia finansowego w postaci podatku cyfrowego.

Konieczne jest zapewnienie w budżecie unijnym po roku 2020 przynajmniej na dotychczasowym poziomie środków na politykę spójności i WPR. W ramach tej ostatniej domagamy się zaprzestania trwającej od blisko 15 lat dyskryminacji rolnictwa krajów Europy Środkowo-Wschodniej i wyrównania poziomu dopłat bezpośrednich w nowych i starych państwach członkowskich. Zdecydowanie sprzeciwiamy się uzależnieniu wpłat z przyszłego budżetu Unii od przestrzegania wartości określonych w art. 2 Traktatu, ponieważ niemożliwe jest ustalenie jakichkolwiek obiektywnych kryteriów w tym zakresie. Nawet już istniejąca warunkowość dotycząca przestrzegania dyscypliny finansów publicznych, mimo że oparta na twardym, obiektywnym kryterium, tzw. kryterium z Maastricht, jest przez Komisję stosowana wybiórczo: np. przez kolejnych sześć lat Francja go nie przestrzegała i nigdy nie została ukarana konsekwencjami wynikającymi z paktu stabilności i wzrostu....

(Przewodniczący odebrał mówcy głos)

(Mówca zgodził się odpowiedzieć na pytanie zadane przez podniesienie niebieskiej kartki (art. 162 ust. 8 Regulaminu))

Jens Geier (S&D), *Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“*. – Herr Präsident! Herr Kuźmiuk, ich habe Ihren Ausführungen intensiv zugehört. Wenn ich Sie richtig verstanden habe, ist Ihre Position ziemlich genau das Gegenteil von dem, was der Kollege Kölmel Ihrer Fraktion vor ein paar Minuten ausgeführt hat. Meine Frage an Sie ist deswegen: Gibt es eine kohärente Position der europäischen Konservativen und Reformer oder gibt es sie nicht?

Zbigniew Kuźmiuk (ECR), *odpowiedź na pytanie zadane przez podniesienie niebieskiej kartki*. – Rzeczywiście w tej sprawie w grupie ECR nie ma jednolitego stanowiska. Jako delegacja polska opowiadamy się za zdecydowanie większym budżetem, wyrównaniem zarówno luki po brexicie, jak i sfinansowaniem dodatkowych priorytetów Unii Europejskiej. Tak się składa, że w grupie ECR w fundamentalnych sprawach nie ma dyscypliny budżetowej. Polska delegacja w tej grupie opowiada się za większym budżetem.

Nils Torvalds (ALDE). – Mr President, there is not much that can be said about structural problems in the multiannual financial framework in one minute, but I will try.

There is a very interesting study out there: ‘Economic Challenges of Lagging Regions’, and there is a case study in that study about Campania. Campania is the region around Naples. There is a saying about Naples – see Naples and then die. As soon as the cohesion funds come to Naples, they die.

Naples has been part of the system for sixty years, since the start of the regional and structural funds, and still today Naples is lagging behind. A normal person with normal intelligence and a person with normal intelligence in the Commission should probably understand that this form of structural funds doesn’t work.

(The speaker continues to speak in German)

Das geht nicht so weiter! Und ich glaube und ich hoffe, dass Kommissar Oettinger das ein wenig verbessert.

President. – On the other hand, I must say that there are other beautiful things about Campania which are definitely on the peak. But anyway, I think we understood the message.

Heidi Hautala (Verts/ALE). – Mr President, I would like to draw the Commissioner’s attention to one concern that my Group and I have. We saw last week a paper, probably leaked, that the Commission is planning to combine 12 external instruments into one.

My question to the Commissioner is: do you have a proper impact assessment on what this means for attaining, for instance, development effectiveness goals? What does it mean for defending such wonderful, very focused, rather small instruments as the European Instrument for Democracy and Human Rights? What does it mean for the goals that we want to achieve through the instrument contributing to stability and peace?

My concern is that this new idea, which I think to some extent seems to be a response to the need for flexibility, will be a big mistake. I understand that flexibility is needed, but I don’t think it should be done like this. I also believe that the European Parliament will lose a lot of its scrutiny rights if you do that.

Xabier Benito Ziluaga (GUE/NGL). – Señor presidente, con un minuto, seré directo y claro. Necesitamos un presupuesto europeo mayor, pero que no vaya en detrimento de la capacidad fiscal de los Estados miembros: deben complementarse. Y también hemos de contar con modelos progresivos sobre las rentas del capital.

Necesitamos más recursos públicos, no menos, para hacer frente a los retos que preocupan a los europeos y europeas, principalmente desempleo, medio ambiente, precariedad y pobreza o fraude fiscal; las ganancias obtenidas con la lucha contra el fraude fiscal serían una excelente fuente de ingresos, junto a nuevas figuras de ecotasas o un impuesto sobre las transacciones financieras.

Sin embargo, las prioridades parecen ser otras. Parece ser más bien el refuerzo de la Europa fortaleza y su militarización, aumentando o, incluso, duplicando el gasto en defensa. No compartimos estas prioridades que marca la Comisión Europea. Las prioridades deberían ser otras: política de empleo, apoyar a pequeños y pequeñas agricultoras, cumplir con la legislación internacional de asilo, y la transición sociológica de nuestras economías y regiones. Y, para ello, necesitamos un presupuesto más fuerte, pero sobre todo más justo.

Marco Valli (EFDD). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, condivido alcune delle parole dette in questa plenaria dagli oratori sulle priorità del prossimo bilancio e del quadro finanziario pluriennale, ovvero la disoccupazione giovanile, la gestione del fenomeno migratorio e anche la lotta contro il surriscaldamento globale.

Il problema è che, dal mio punto di vista, prima di chiedere dei soldi ancora agli Stati, e quindi ai contribuenti, ai cittadini, bisognerebbe in qualche modo innanzitutto fare una seria valutazione delle performance, e mi rivolgo proprio a Lei, Commissario, che è un tedesco e su questo dovrebbe avere massima attenzione di come vengono spesi i soldi dei contribuenti europei, valutare singolarmente ogni singolo programma per vedere se questo porta dei risultati ed è efficiente, e fare una *spending review* interna prima di andare ancora dagli Stati a chiedere sacrifici, soprattutto con gli Stati che hanno in questo momento difficoltà nella gestione delle finanze pubbliche, non solo magari per colpa loro, come dice il collega Torvalds dall'alto della sua posizione di deputato del Nord Europa.

Però ci sono degli squilibri interni nell'eurozona, che andrebbero risolti prima di andare, appunto, a chiedere altre risorse e gestire queste questioni di bilancio. Quindi i capi di Stato su questo devono trovare una soluzione o la situazione rischia appunto un'implosione totale, proprio perché la disoccupazione e i problemi legati alla domanda non si possono risolvere solo con un bilancio europeo che ha una dotazione proprio molto bassa.

E sulle risorse proprie, anche qua, non possiamo avere nuove tasse, perché i cittadini europei non vogliono nuove tasse, vogliono che venga tassata, giustamente, la speculazione finanziaria, vogliono che vengano tassate le grandi multinazionali, ma non vogliono caricarsi loro di ulteriori oneri che hanno in mente alcuni burocrati qua a Bruxelles. Quindi dobbiamo assolutamente trovare una quadra, ovviamente rivolta verso i cittadini, e non come al solito verso i grandi portatori di interesse.

Steeve Briois (ENF). – Monsieur le Président, les propos tenus tout à l'heure par Isabelle Thomas, en introduction, sont révélateurs de l'échec de l'Union européenne puisque notre collègue a évoqué un budget sous-dimensionné, caractérisé par – je la cite – «un manque d'ambition et de sérieux, et même une impuissance budgétaire».

Considérant que les politiques européennes sont inefficaces pour l'emploi, la croissance et le pouvoir d'achat, considérant que les marges de manœuvres financières des États membres – que vous avez mis à la diète – sont réduites, le bon sens voudrait que l'Union européenne se concentre exclusivement sur sa PAC et sur la politique de cohésion et que le Brexit, d'ailleurs, se traduise par une baisse des dépenses de l'Union. Or, vous proposez l'inverse en demandant à l'Union d'absorber de nouvelles prérogatives comme la sécurité et la défense. Ces deux fonctions régaliennes ne doivent en aucun cas être transférées à l'Union, elles doivent évidemment rester dans le giron des États membres. D'ailleurs, pour financer ce fédéralisme délirant, vous allez même jusqu'à ponctionner 2 % des recettes de la TVA ou même inventer d'autres nouvelles taxes.

Par conséquent, avant d'imposer l'austérité aux peuples européens, que l'Union européenne se l'impose à elle-même.

Siegfried Mureşan (PPE). – Mr President, the next Multiannual Financial Framework should reflect the political priorities which we expect from the Union in the next decade. It should be a balance between traditional priorities on the one side and new priorities on the other side. Traditional priorities – agriculture and cohesion policy – continue to be important, because they are about rural development and food security, and cohesion is about competitiveness. It is about helping the least developed regions of the Union.

To these traditional priorities, new priorities are being added. The citizens of Europe expect us to do more on security, defence, tackling the migration crisis and combating terrorism. If, at the end of the day, we expect the Union to do more, it is not normal to offer it a smaller budget. Commissioner, we also have to stand together in the negotiations with the Member States and the Council and tell them that, if we expect a more robust Union which has more tasks, then a smaller budget is not realistic. We have to spend money well, and we have to update and modernise our policies, reform them and convince citizens that the money is well spent, but at the end of the day, new competences also mean a robust budget.

We have to tell those Member States who are concerned that paying more does not mean that you are in a worse situation. If the Union is to do more and if we are also to contribute more, then it means that we will also receive more in terms of security, combating terrorism and everything that the citizens expect. This is in the interest of all the governments of the Union.

Just to conclude, one sentence on timing. Commissioner Oettinger, we will vote on Parliament's position tomorrow and then you will make the proposal at the beginning of May. The Parliament, our team, will be ready to negotiate. Commissioner, please stand together with us in Parliament in negotiations with the Council to convince them that, the sooner we adopt the next MFF, the better. The Council should not adopt the next MFF when it is politically convenient for them, but when it is good for the beneficiaries in the Member States – for farmers, students, researchers and young unemployed people. The sooner we adopt it, the better for the beneficiaries.

(Applause)

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

Puhetta johti HEIDI HAUTALA

varapuhemies

Tibor Szanyi (S&D), *Kékkártyás kérdés, melyet Siegfried Mureşan képviselőhöz intéz.* – Képviselő Úr! Önnek is köszönöm, hogy fogadja a kérdésemet. Nem egészen értettem az Ön álláspontjában a mezőgazdasági, illetve a kohéziós pénzeknek a részaránycsökkenése, az egyben az Ön felfogásában jelenti-e ezeknek az összegszerű csökkenését is egy nagyobb költségvetés figyelembevételével? Az én álláspontom az, hogy összegben nem szabad ezeket csökkenteni.

Siegfried Mureşan (PPE), *blue-card answer.* – Mr Szanyi, my position is the following: we have to start these complicated discussions with setting the political priorities. We should not start by speaking about the amount, because if we start by speaking about the amount, every participant in the negotiations will want to pay as little as possible and to receive as much as possible. Then the discussions will be divisive, difficult and inconclusive. Firstly, we should find a political common denominator on what we want to achieve with regard to the budget, and only afterwards should we speak about the precise amounts in absolute terms or in relative terms.

Jens Geier (S&D). – Frau Präsidentin, sehr geehrter Kommissar Oettinger, verehrte Kolleginnen und Kollegen! Wir stehen vor einer sehr wichtigen Entscheidung für die Zukunft der Europäischen Union. Denn – wie wir in Deutschland sagen: Ein Haushalt ist in Zahlen gegossene Politik. Und jetzt geht es darum: Welche Politik soll diese Europäische Union in den Jahren 2021 bis 2027 denn verfolgen und wie wollen wir sie am Ende finanzieren? Hier warten wir auch auf Rückmeldungen der Mitgliedstaaten, damit sie uns endlich mal sagen, welche Union sie eigentlich wollen, und uns dann hoffentlich auch mit den notwendigen Mitteln dafür ausstatten.

Es ist gut, wenn wir hier in diesem Haus Regulierungen schaffen, um die politischen Ziele der EU umzusetzen. Aber diese Ziele müssen sich dann letztendlich auch in den Ausgaben der EU widerspiegeln. Das ist nicht weniger wichtig. Durch den Austritt des Vereinigten Königreichs sinken die Einnahmen, und einige Mitgliedstaaten und – wie wir auch gehört haben – einige Mitglieder dieses Hauses sind der Ansicht, dass dann folglich auch die Ausgaben sinken müssten. Angesichts der geschiedenen Aufgaben, die uns nicht zuletzt von den Mitgliedstaaten zugewiesen werden, stellt sich die Frage: mehr leisten mit weniger Geld? Das lässt sich allenfalls in LalaLand realisieren oder vielleicht auch in Interviews in skandinavischen, niederländischen oder österreichischen Zeitungen – und da mir eine blaue Karte gezeigt wird, in britischen sicherlich auch –, aber nicht in der europäischen Realität. Es sei denn, Herr Oettinger, Sie hätten den berühmten Goldesel aus dem Märchen der Gebrüder Grimm im Keller, der vorne Stroh frisst und auf der anderen Seite Gold ausscheidet. Da das aber wahrscheinlich nicht der Fall ist, ist die Frage: Wie finanzieren wir das denn alles in der Zukunft?

Frontex – diese Agentur soll zu einer echten Grenzschutzagentur umgebaut werden, der Europäische Fonds für Verteidigungsforschung wird gefordert, wir brauchen die europäische Arbeitsagentur, um endlich sauber die Einhaltung der Entsenderichtlinie überwachen zu können. Wir wollen Mobilität für Jugendliche erhöhen, wir wollen mehr für die Bekämpfung von Fluchtursachen unternehmen, und in der Forschungspolitik kann die EU nur jedes siebte erfolversprechende Forschungsprojekt wirklich finanzieren. Es fehlt vorne und hinten an Geld. Ich könnte diese Aufzählung fortsetzen.

Wenn das alles gewollt ist, wo wollen wir denn das Geld dafür hernehmen? Wenn wir also ein leistungsfähiges Europa haben wollen, dann geht das nur mit mehr Mitteln, entweder aus den nationalen Haushalten oder – was ich befürworten würde – mit neuen Eigenmitteln der Europäischen Union. Lassen Sie uns mit diesem Werk anfangen!

(Der Redner ist damit einverstanden, eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“ gemäß Artikel 162 Absatz 8 der Geschäftsordnung zu beantworten.)

Bill Etheridge (EFDD), blue-card question. – Thank you for accepting the blue card. You mentioned the reduction in revenues following Brexit. Would it not be sensible for you to be looking at actual reductions in the scope of the ambition of this Union, to suit the new financial reality that will come from the – far less – revenue you will get following Brexit, rather than seeking to continue to be all things to all men, even when you know that the money is going to run out?

Jens Geier (S&D), Antwort auf eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“. – Herr Etheridge, Sie haben offensichtlich nur auf ein *catchword* gewartet und mir dann nicht weiter zugehört, denn genau diesen Punkt habe ich dann weiterentwickelt. Es liegt doch an den Mitgliedstaaten, welche EU wir hier haben. Ich kann mir unheimlich viel vorstellen. Ich kann mir vorstellen – damit bin ich in meiner Fraktion wahrscheinlich in der Minderheit –, dass wir die Landwirtschaftspolitik renationalisieren und dann nur noch Konkurrenzschutzregeln haben, damit wir uns nicht zu Tode koordinieren. Das kann ich mir alles vorstellen. Ich kann mir auch die Verzehnfachung von Erasmus vorstellen, damit mehr Jugendliche Auslandserfahrung haben. Das kann man alles machen. Nur müssen die Mitgliedstaaten entscheiden, welche EU sie denn eigentlich haben wollen. Mein Punkt ist: Mehr leisten wollen, weniger Geld dafür zahlen und genauso viel kassieren, wie man vorher gekriegt hat – das geht nun wirklich nicht.

Pirkko Ruohonen-Lerner (ECR). – Arvoisa puhemies, keskusteltaessa EU:n rahoituskehystä olisi otettava huomioon Britannian EU-eron vaikutukset unionin tuloihin ja samassa suhteessa kiristettävä vöitä. Jotta tulojen laskusta selvitään heikentämättä tavoitteiden saavuttamista merkittävästi monivuotisessa rahoituskehyksessä, olisi keskityttävä selvää eurooppalaista lisäarvoa sisältäviin aloihin ja hankkeisiin, toisin sanoen sellaisiin, joissa Euroopan tasolla toimiminen voi oleellisesti parantaa tuloksia verrattuna kansallisen tason toimiin. Tällaisia ovat esimerkiksi ilmansaasteita kuten pie-nhiukkasia vähentävät toimet, tiedettä edistävä perustutkimus tai terveyden- ja vanhustenhuollon ongelmia vähentävä robotisaation edistäminen.

Maahanmuuton saaminen hallintaan on lisäksi parasta turvallisuuspolitiikkaa jäsenmaissa, samoin parasta sosiaali- ja sivistyspolitiikkaa.

Rahoituksen suuntaamisen tulisi perustua rahoituksesta riippumattomiin vaikutusarviointeihin. Etukäteisarvioinneissa tulisi selkeästi listata, mille oletuksille arvioinnit pohjautuvat ja vaikutusarviointien tulisi olla läpinäkyviä ja kriitikkille avoimia.

Искра Михайлова (ALDE). – Г-жо Председател, уважаеми г-н Комисар, уважаеми колеги, преди всичко искам да поздравя авторите на докладите за това, че те успяха да подготвят Европейския парламент с позиция и то навременна позиция, за да можем да влезем в преговори и със Съвета, и да подкрепим Европейската комисия в очакваното предложение за многогодишната финансова рамка.

Изключително важно е, че в тези доклади се обръща внимание на необходимостта от достигане на елемента „добавена стойност“ от инвестициите на европейския бюджет на европейската финансова рамка. Допълняемостта и комбинирането на финансовите линии могат да доведат до по-висока ефективност и биха дали възможност за гъвкавост в бъдещото прилагане на финансовата рамка.

Искам да подчертая, че тази гъвкавост може да бъде постигната и с привличането на допълнителни частни ресурси и комбинацията между публични и частни ресурси в бъдеще. Ясната връзка между европейския семестър и финансовата рамка на Европейския съюз биха дали баланса, необходим в бъдещото изпълнение.

Bas Eickhout (Verts/ALE). – Madam President, I really fear the outcome that you can already see being sketched. Coming from the Netherlands, I have a prime minister who is saying ‘oh yes, I want to make the budget future-oriented, but mainly there needs to be less money’. What I feel here is that people are saying ‘yes, we want to make the budget future-oriented but maintain the policies on the two big spending blocks, on agriculture and cohesion.’ I can tell you what will come out of those negotiations: it will be less money but maintaining the same old policies that we have right now. Then all the people that are critical of the EU will have a free-for-all day to criticise that outcome.

Therefore, I also plead to this House to focus on what it wants on the contents. Focus on modernisation, on really making the EU budget future-oriented, on really making agriculture green and on making it deliver sustainable food. Look at the infrastructure to really connect us Europeans, really go for innovation, really fight youth unemployment. Then we can talk about future-oriented policies: otherwise, it will be less of the same.

Martina Michels (GUE/NGL). – Frau Präsidentin, liebe Kolleginnen und Kollegen! Es ist eine Frage, wie man eine Brexit-Haushaltslücke ausgleichen kann, aber im Kern geht es doch um die Frage: Wie soll die Zukunft der Europäischen Union aussehen? Wird es ein solidarisches Europa, bei dem die Angleichung der Lebensverhältnisse oberste Priorität hat? Übersetzen wir das in die Debatte um den finanziellen Rahmen, muss vor allem das vorhandene konkrete solidarische Instrument, die Kohäsionspolitik, gestärkt werden. Von der Kommission erwarte ich dazu endlich klare und eindeutige Aussagen anstatt immer neuer Kürzungsszenarien. Wir fordern: keine Kürzung bei den Strukturfonds, keine Verwendung von Fördermitteln zu Sanktionszwecken und schon gar nicht zu Rüstungszwecken. Keine Region darf aus der Förderpolitik ganz herausfallen.

Eine Verantwortung liegt aber auch bei den nationalen Regierungen, denn ihre Sparideologie hat alle Krisen immer nur verschärft. In Brüssel lautstark von der EU Lösungen einzufordern und zu Hause in den Mitgliedsstaaten Wege zu blockieren, sei es die Transaktionssteuer oder andere Einnahmenveränderungen, verhindert auf Dauer die Investition in ein gerechteres, sozialeres, nachhaltiges und friedliches Europa des Zusammenlebens.

Jörg Meuthen (EFDD). – Frau Präsidentin, Herr Kommissar, verehrte Kollegen! Ich kann kaum glauben, dass wir uneinig sind, wie der nächste Haushalt der EU auszusehen hat. Nach dem Brexit kann es doch keine zwei Meinungen mehr geben. Der EU-Haushalt muss nicht größer werden, wie hier diskutiert wird, sondern er muss natürlich kleiner werden. Die EU verliert ihren drittgrößten Nettozahler. Großbritannien hat in den letzten fünf Jahren fast 40 Milliarden Euro netto beigesteuert, das sind acht Milliarden pro Jahr netto. Statt den Haushalt zu kürzen, fordern Sie nun auch noch EU-Steuern auf Plastik und Diesel und dazu höhere Steuern von den Mitgliedsstaaten. Das macht mich wirklich sprachlos. Wollen Sie das wirklich Ihren Wählern erzählen? Falls nicht: Ich übernehme das gerne.

Wir haben eine klare und sinnvolle Alternative, nämlich das EU-Budget radikal zusammenzustreichen. Keine EU-Armee, eine radikale Rückführung der Kohäsionsfonds, eine deutliche Rückführung der Agrarsubventionen, diese Abteilungen der Kommission entsprechend schließen. Dann werden wir – guter Herr Geier, da Sie sagen, für was Sie alles mehr Geld haben müssen – genug Geld haben, um zum Beispiel sinnvolle Projekte wie Erasmus weiter zu speisen. Das Geld kann man locker x-fach einsparen, wenn man die unsinnigen Subventionen kürzt. Die Bürger haben einfach genug von dieser bürgerfernen EU. Hören Sie den Bürgern zu, sonst werden Sie erleben, dass man bald auch anderswo Servus zur EU sagt.

André Elissen (ENF). – Voorzitter, de grote lijn van de voorstellen is dat de meerjarenbegroting flink omhoog moet gaan, vanwege de brexit, torenhoge ambities en schimmige deals met Turkije, Libië en personeel. Dat betekent dat de lidstaten meer zullen moeten gaan betalen.

Om te voorkomen dat Nederland hiervan de dupe wordt, heb ik de volgende amendementen ingediend. De nettobetallende landen worden opgeroepen om geen euro meer te gaan betalen dan ze nu doen. En de huidige jaarlijkse afdrachtkorting voor Nederland dient behouden te blijven. Het standpunt van mijn partij is helder: Nederland moet niet méér, maar veel minder betalen aan het mislukte EU-project. Als premier Rutte ballen heeft, maakt hij eindelijk eens gebruik van zijn vetorecht om deze meerjarenbegroting te torpederen.

Ten slotte, Voorzitter, – dat moet me van het hart – het is schandalig hoe Juncker zijn ambtenaar Selmayr omhoog heeft gerommeld. Wat ons betreft kan deze Commissie maar beter zo snel mogelijk naar huis worden gestuurd. Dan kan de meerjarenbegroting ook direct naar de prullenbak.

Tomáš Zdechovský (PPE). – Paní předsedající, já nevím, jestli jenom já mám takový pocit *dějà vu*, když poslouchám tuto debatu, nebo jestli jej mají i ostatní kolegové. Kolega Geier přece nemluvil, kolego z Nizozemska, o tom, že chce navyšovat rozpočet. On neříkal, že chce po Nizozemsku víc peněz. On mluvil o tom, že musíme hledat vlastní zdroje pro financování Evropské unie.

Když hledáme vlastní zdroje, to znamená, že přece budeme chtít méně peněz po členských státech. Jestliže se tady nebudeme poslouchat a budeme tady pronášet politické proklamace, tak tato debata je naprosto zbytečná. Kdo jste zažil tuto debatu o vlastních zdrojích tady, tak víte, že je zde vedena čtyři roky ve velmi otevřeném duchu. Vždycky ta debata sklouzne k tomu, že se sekneme u nějakého bodu, ať už u bodu, jestli to má být ekologická daň nebo to má být daň z nějakých služeb, transakcí a tak dále, ale všichni se nakonec shodneme, že by Evropská unie měla být méně závislá na příjmech jednotlivých členských států.

Já nejsem pro to, jak jste říkal, kolego, navyšovat bezhlavě rozpočet. Siegfried Mureşan tady řekl, že peníze tady musí být efektivně využity a o tom je tato debata. My tady nemluvíme o tom, že po vystoupení Velké Británie nahradíme příjmy Velké Británie nějakými příjmy ostatních členských států. My zde dnes diskutujeme o tom, jaký způsob najdeme a ten způsob by měl být dlouhodobý. My neřešíme perspektivu pěti let, ale perspektivu daleko delší. Omlouvám se, že můj projev byl delší.

Silvia Costa (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, ringrazio i quattro relatori e dico che di fronte alle aspettative dei cittadini, di fronte ai rischi che sono apparsi dalla Brexit, dobbiamo capire che il nuovo MFF ha un grande valore politico.

Penso che sia importante, invece, attivare finalmente le risorse proprie, ma aggiuntive, non solo sostitutive, dei fondi nazionali, anche se i fondi nazionali, come alcuni governi hanno anticipato, possono cofinanziare di più la coesione, purché si tolgano gli investimenti dal patto di stabilità. Ma possiamo finalmente adottare tasse sulle transazioni finanziarie, la *web tax*, e quindi non tassando necessariamente i cittadini, ma le grandi aggregazioni che spesso eludono non solo le tasse, ma eludono anche il riconoscimento del lavoro intellettuale, come nel campo del digitale.

Dobbiamo però individuare – ha ragione chi l'ha detto, il relatore in particolare – le priorità strategiche. I due versanti secondo me sono i giovani e la cultura. Noi dimostriamo ogni giorno quanto l'investimento sui giovani riporti una grande speranza nell'Europa, ma anche nel futuro e nello sviluppo sostenibile. È vero, abbiamo chiesto una triplicazione dei fondi Erasmus. Noi vorremmo arrivare a dieci volte tanto, perché oggi solo il 5 % dei giovani può utilizzare questo strumento importante, anche per il loro futuro e il loro lavoro.

E chiediamo anche di essere più coraggiosi nelle politiche culturali, di investimento nella risorsa europea che è il patrimonio culturale e le imprese culturali e creative. Ci sembra che siano ancora troppo marginali nel dibattito pubblico.

Charles Goerens (ALDE). – Madame la Présidente, 1 %, 1,05 %, 1,1 %, 1,2 %, l'énumération de ces quelques ratios ne vise pas à nous introduire dans l'homéopathie, ni dans la nanoscience mais ce sont bien les options chiffrées qui reflètent le maximum que certains États membres daignent accorder au budget de l'Union européenne.

Le cadre financier pluriannuel est censé préparer l'avenir de notre continent, on veut plus de sécurité aux frontières, plus de sécurité intérieure, consolider la cohésion de l'Union économique et monétaire, plus de résilience aux crises, plus de lutte contre les inégalités, davantage d'investissements pour tirer la croissance, rendre Erasmus accessible à un plus grand nombre de jeunes, c'est très bien de vouloir mais il faut aussi pouvoir.

On sait que le commissaire Oettinger a beaucoup de qualités mais il n'est pas le Père Noël. À qui profite le refus de doter l'Union européenne des moyens dont elle a besoin pour relever les défis auxquels je viens de faire référence? Aux populistes, bien évidemment. Ils veulent le retour à l'Europe du XIXe siècle. Je ne voudrais pas qu'on dise dans 30 ans que le déclassement des États européens a commencé autour des années 2015-2025 parce que la classe politique à l'époque n'aurait pas été à même d'aller au-delà du moins-disant budgétaire et autres comptes d'apothicaire.

Le commissaire Oettinger, nos rapporteurs ainsi que le vaillant président de la commission budgétaire, Jean Arthuis, très conscients des enjeux actuels, mériteraient d'être soutenus avec un peu plus de conviction et de ferveur dans la cause qu'ils plaident avec beaucoup de talent.

Thomas Waitz (Verts/ALE). – Frau Präsidentin! Wir begrüßen die Beibehaltung der Gelder für Landwirtschaft und ländliche Entwicklung, sofern es dabei gelingt, den zentralen Herausforderungen unserer Zeit zu begegnen. Wir werden die Klimaziele von Paris nicht erfüllen können, wenn wir die europäische Landwirtschaft nicht ökologisieren. Wir werden die Arbeitsplätze im ländlichen Raum nicht erhalten können, wenn wir alle Gelder für ländliche Entwicklung und Landwirtschaft kürzen. Wir werden die europäische Biodiversität nicht retten können, wenn wir die europäische Landwirtschaft nicht ökologisieren. Deshalb rufe ich Sie dazu auf, die Landwirtschaftsbudgets nur unter der Voraussetzung einer ordentlichen Ökologisierung der Landwirtschaft beizubehalten.

Ein Wort noch zu den zusätzlichen Einnahmen: So etwas wie eine Kerosinbesteuerung ist längst an der Zeit. Ich sehe nicht ein, warum ein Zugticket hier nach Straßburg oder nach Brüssel deutlich mehr kostet als ein Flugticket. So eine Steuer kann nur transnational eingehoben werden. Dasselbe gilt für eine Finanztransaktionssteuer. Oder wollen wir auf die nächste Finanzkrise warten, wo wir es doch eigentlich schon besser wissen müssten?

Miguel Viegas (GUE/NGL). – Senhora Presidente, o Quadro Financeiro Plurianual representa a prova dos nove relativamente às reais intenções políticas da União Europeia.

Portugal tem divergido da média da União Europeia. Os salários em Portugal, nos últimos quinze anos, desceram mais de 2 %, enquanto os salários na Alemanha aumentaram quase 3 %, e isto resulta do atual quadro financeiro, onde as verbas da coesão já sofreram um corte substancial quando comparado com o quadro anterior.

Portanto, o que nós queremos é um quadro financeiro plurianual reforçado, com mais meios orientados para a coesão, e não um orçamento virado para a segurança e a defesa. Ou seja, a nossa escolha hoje passa por saber se queremos efetivamente uma Europa mais solidária, uma Europa de paz, uma Europa de coesão, ou se queremos uma Europa fortaleza, uma Europa militarizada e cada vez mais belicista.

Bill Etheridge (EFDD). – Madam President, cut your coat to suit your cloth; spend to suit your income. The anti-logic of this place rejects sound and sane economics. Instead, you look to ever more desperate ways to squeeze the taxpayer until the pips squeak. Interference in Member State tax systems, introduction of new EU-wide taxes, abolition of national vetoes. In short, spend, spend, spend and spend again.

Soon, reality will hit. The truth is that sooner or later you will run out of other people's money. The time will come when the grand ideas of this project will be unaffordable, and this will reach even this place. Some reality is starting to come through now, but when the real truth of financial sanity really hits you, that will be the end of this place and this project.

Barbara Kappel (ENF). – Frau Präsidentin, Herr Kommissar Oettinger! Der Austritt Großbritanniens aus der EU reißt mit 14 Milliarden Euro ein großes Loch, das nicht leicht zu stopfen sein wird. Immerhin reden wir über 10 % der Eigenmittel bei einem Finanzrahmen von rund 1000 Milliarden Euro. Dazu kommen neue politische Schwerpunktsetzungen im Bereich der Sicherheitspolitik, der Terrorismusbekämpfung oder der Migration, die teuer im Budget aufschlagen. Der MFR 2027 stellt also sowohl auf der Einnahmen- als auch auf der Ausgabenseite eine große Herausforderung dar. Im letzten Finanzrahmen flossen rund 72 % des Budgets in die gemeinsame Agrarpolitik und in die Strukturfonds. Hier wird es möglicherweise zu Kürzungen kommen, und es regt sich bereits erster Widerstand.

Daneben gibt es zwei Programme, die sinnvollerweise nicht gekürzt werden sollen, und das sind Horizont 2020 und Erasmus +. Programmlinien wie COSME oder die Connecting Europe Facility sind ebenfalls wichtige Treiber für Wachstum und Beschäftigung. Widerstand gibt es natürlich auf der Einnahmenseite von den Nettozahlern. Hier hat das Parlament einen Anteil von 1,3 % vorgesehen. Eine Gruppe von fünf europäischen Nettozahlern, darunter auch Österreich, hat sich bereits gegen eine Erhöhung der Nettobeiträge und gegen eine lineare Fortschreibung des Budgets ausgesprochen. Sie stehen also vor einer schwierigen Aufgabe, denn ohne massive Einsparungen und eine Reform der Eigenmittel wird es nicht möglich sein, eine nachhaltige Finanzierung des EU-Haushalts sicherzustellen und gleichzeitig all jene Projekte und Programmlinien auf den Weg zu bringen, die politisch erwünscht sind und die tatsächlich einen europäischen Mehrwert bringen.

Czesław Adam Siekierski (PPE). – Pani Przewodnicząca! Bezpieczeństwo naszych obywateli należy do unijnych priorytetów. Pamiętajmy, że do jego podstawowej formy należy bezpieczeństwo żywnościowe, które zostało osiągnięte dzięki wspólnej polityce rolnej. WPR jest to jedna z pierwszych polityk w pełni finansowana ze środków unijnych. Określenie poziomu finansowania WPR wymaga dokonania analizy stanu sytuacji w rolnictwie. W większości krajów członkowskich brakuje młodych rolników. Następuje starzenie się rolników. Gdzie są przyczyny? Otóż dochody rolników średnio wynoszą tylko 50% dochodów innych grup zawodowych, z czego połowę stanowią środki unijne. Jeśli nie zapewnimy odpowiednich środków dla rolnictwa, to będzie nasilał się upadek, bankructwo gospodarstw rolnych. Zaniknie model europejskiego rolnictwa, rolnictwa przyjaznego dla środowiska, które spełnia wysokie normy i standardy. Rolnictwo wpisuje się także w realizację szeregu nowych wyzwań – odnawialne źródła energii to poprawa bezpieczeństwa energetycznego, klimatu – oraz daje nowe miejsca pracy. Rolnictwo to produkcja szeregu surowców dla przemysłu, a także produkcja różnych dóbr publicznych związanych ze środowiskiem i klimatem.

Eric Andrieu (S&D). – Madame la Présidente, Monsieur le Commissaire, les choix budgétaires ne doivent pas se faire, ne peuvent pas se faire – et nous le savons tous – au détriment des enjeux de sécurité alimentaire et de son corollaire, la souveraineté alimentaire.

Oui, les Européens évoluent dans leurs modes de consommation, et oui, les modes de production doivent évoluer encore plus pour garantir aux 500 millions d'Européens une alimentation saine, synonyme de bonne santé pour aujourd'hui et pour demain. Oui, l'agriculture doit évoluer pour être actrice de l'enjeu climatique, mais aussi celui des migrations. Oui, l'agriculture doit préserver notre sol, notre air, notre eau.

Mais pour faire évoluer les pratiques agricoles, il faut avant tout sécuriser le revenu des agriculteurs et pour ce faire, il faut que le budget de la PAC soit maintenu, comme celui de la cohésion. Nous ne pouvons pas demander au monde agricole de changer en supprimant les moyens dédiés au moment où, dans les autres États-continentaux, les moyens donnés à l'agriculture et à l'alimentation progressent.

Merci, Monsieur le Commissaire, de nous aider à convaincre le Conseil de la nécessité d'un budget ambitieux.

Terry Reintke (Verts/ALE). – Madam President, the name of the EU budget, the Multiannual Financial Framework, makes it seem that we are talking about something really technical, but in fact this Multiannual Financial Framework is deeply political and it will give us the possibility either to build a European Union for the future, based on values and principles, or to go back to the past. That is why the MFF should address the shrinking space for civil society that we are observing all over the European Union. Because human rights defenders have to be able to count on us. Faced with Donald Trump and with Vladimir Putin, the European Union is the stronghold of fundamental rights and values, and that is why, dear Commissioner, as well as keeping up the good work of, for example, the EU's human rights instruments, we should also, within the European Union, create a fund to defend the rule of law and fundamental rights in the EU itself. The MFF is direly needed. We need it to build a Europe for the future.

Angelo Ciocca (ENF). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, come deputato italiano dico no alla possibilità di aggiungere altre tasse ai cittadini italiani. Cioè, no ad altre tasse europee, no alla follia, appunto, di continuare ad alimentare con tasse il carrozzone europeo.

Oggi se serve recuperare risorse, le risorse vanno recuperate laddove l'Europa butta risorse. Questa sede, la doppia sede ne è un esempio, gli sprechi che abbiamo visto per finanziare la Turchia, gli sprechi che abbiamo visto per finanziare la cultura culinaria degli insetti! Ecco, è impensabile continuare con questa direzione criminale.

Guardate, in questo recipiente è raffigurata una famiglia: una mamma, un papà e un bambino. Come vedete, il livello della pressione fiscale in Italia annega le famiglie italiane. Il bambino è annegato, la possibilità di far figli è annegata nel nostro paese. Allora non possiamo pensare che in una situazione così drastica, così drammatica, così terribile, si aggiungano altre tasse che sono quelle che voi vedete come quelle europee, cioè altre tasse europee danneggerebbero ovviamente le famiglie italiane.

Le famiglie italiane nelle elezioni di domenica hanno chiesto una cosa semplice: portare la tassazione al 15 %, ridurre il livello della tassazione al 15 % per dare respiro ai figli e alle famiglie.

Ivana Maletić (PPE). – Gospođo predsjednice, pozdravljam povjerenika Oettingera i zahvaljujem i čestitam svim izvjestiteljima i kolegama koji su radili na mišljenjima na ova dva izvješća.

Četiri su glavne poruke. Prvo da je EU proračun zaista premal i ne možemo s njime riješiti sve izazove pred kojima se nalazimo.

Druga poruka je da upravo zbog toga trebamo puno više koordinacije i sinergije s proračunima država članica.

Treća poruka je da su kohezijska i poljoprivredna politika ključne jer jačaju jedinstveno tržište, a od toga koristi imaju svi, a najviše najrazvijenije države članice koje su ujedno neto uplatiteljice u EU proračun.

I četvrta: ovom porukom se pridružujem kolegi Murešanu, koji je istaknuo da naš cilj mora biti što brži dogovor i što brže usvajanje proračuna ako želimo provedbu proračuna imati na vrijeme.

Tiemo Wölken (S&D). – Frau Präsidentin! Jahr für Jahr das gleiche unwürdige Schauspiel: Die Mitgliedstaaten würden am liebsten ihre Beiträge zum MFR kürzen, und gleichzeitig verlangen sie, dass die Europäische Union mehr Aufgaben übernimmt, wie zum Beispiel die Verteidigungsunion. Es ist an der Zeit zu sagen: Wenn wir unsere Verteidigung europäisch organisieren können, dann können wir auch einen echten eigenen europäischen Haushalt organisieren, und zu diesem Haushalt gehören mehr Eigenmittel.

Sprechen wir das böse Wort aus: Eigenmittel. Neue Eigenmittel für die Europäische Union – es tut gar nicht so weh, das Wort zu sagen. Aber Eigenmittel sind kein Selbstzweck, sie sind keine Allmachtsfantasie der Proeuropäer. Sie würden den lähmenden MFR-Prozess aufbrechen, sie wären effizienter, sie wären effektiver, sie würden nationale Haushalte entlasten und sie würden den EU-Haushalt zu einem echten, zu einem europäischen Haushalt machen. Sie würden dafür sorgen, dass wir mehr Geld für die Angleichung der Lebensverhältnisse haben, dass wir Erasmus haben, dass wir die Jugendarbeitslosigkeit bekämpfen können, dass wir die digitale Transformation zu Ende bringen können, die mehr ist als Flugtaxi und Breitbandausbau. Von hier und heute muss an die Staats- und Regierungschefs das Signal ausgehen: Europa muss uns mehr wert sein. Ich würde mir immens wünschen, dass diese Message ankommt.

Андрей Новаков (PPE)). – Г-жо Председател, да искаме все повече от Европейския съюз, да искаме още граждани да вярват в него, а в същото време да говорим за намаляване на бюджетите, е сякаш да пробием резервоара на една кола и в същото време да очакваме, че тя ще се движи вечно. Да бъдем честни един с друг и с хората, които ни гледат.

Да имаш хубав път, ремонтирано училище и повече работни места не е ценност само на новите държави членки. Това е нещо, което искат всички хора, всички граждани от всяка държава на Европейския съюз. И ако това е обща цел и общо благо, ни трябва общи дейности. За тях ни трябва добро финансиране.

Основното послание днес от тази зала трябва да бъде, че вече няма източна или западна Европа, няма северна или южна Европа. Има само една Европа и това е обединена Европа. За нея ни трябва силна кохезия. Краткосрочното решение: нека да намалим средствата там заради Брексит, където хората най-малко ще го усетят. А дългосрочното решение: истински собствени приходи, които не зависят от вноските на държавите членки.

Georgi Pirinski (S&D). – Madam President, the exemplary report before us makes the stark conclusion that the current Multiannual Financial Framework (MFF) quickly proved its inadequacy to meet actual needs and political ambitions. It was pushed to its limits after only two years. There must be no repetition of the situation post-2020 or the Union will further slip into terminal existential crisis. Additional priorities, such as defence, should not be financed at the expense of solidarity.

Today, the Commission is presenting its so-called Social Fairness Package. This and the social pillar cannot remain toothless statements. There must be all the necessary resources for, among other things, a real child guarantee – overturning the paradox of a Union of riches with children in poverty – and, not least, resources for an upgraded European Social Fund able to foster social investment by also blending with financial instruments where appropriate and feasible.

Λευτέρης Χριστοφόρου (PPE). – Κυρία Πρόεδρε, έχω την ισχυρή πεποίθηση ότι, για να μπορέσουμε να επιτύχουμε με το νέο πολυετές δημοσιονομικό πλαίσιο, οφείλουμε να στοχεύσουμε σε μια πιο κοινωνική, πιο αποτελεσματική, πιο ασφαλή, πιο ισχυρή Ευρώπη. Για να το πετύχουμε αυτό, οφείλω να πω ότι πρέπει να καταθέσουμε συγκεκριμένες πολιτικές που να ανταποκρίνονται στο σήμερα και στο μέλλον της Ευρώπης, και αυτές οι πολιτικές πρέπει να είναι: πρώτον, η ενίσχυση όλων των προγραμμάτων και των πολιτικών για τους νέους μας, γιατί μόνον έτσι μπορεί να έχει η Ευρώπη μέλλον και προοπτική· δεύτερον, να κάνουμε πράξη αυτό που διαρκώς απαιτούμε και ζητούμε όλοι μας, την πραγματική ισότητα μεταξύ ανδρών και γυναικών· τρίτον, να στηρίξουμε την κοινωνική συνοχή· τέταρτον, να εφαρμόσουμε πολιτικές που να ενισχύουν μικρές και απομονωμένες χώρες, όπως είναι η Μάλτα και η Κύπρος, οι οποίες μειονεκτούν σε συγκεκριμένα ζητήματα: πέμπτον, να εφαρμόσουμε μια ολοκληρωμένη πολιτική άμυνας και ασφάλειας, που πραγματικά θα διασφαλίζει την αξιοπρέπεια της ίδιας της Ευρωπαϊκής Ένωσης διαφυλάσσοντας τα σύνορά της και διασφαλίζοντας τις χώρες μέλη· έκτον, οφείλουμε να ενισχύσουμε την ενεργειακή πολιτική στηρίζοντας τα ενεργειακά αποθέματα και τον φυσικό πλούτο όλων των χωρών· έβδομον, να ενισχύσουμε περαιτέρω την ύπαιθρό μας, που αποτελεί ουσιαστικά αυτό που ενισχύει την παραγωγή της χώρας· όγδοον, οφείλουμε –και τελειώνω– να ενισχύσουμε τις μικρομεσαίες μας επιχειρήσεις και να μπούμε δυναμικά στη νέα ψηφιακή εποχή. Μόνο έτσι θα έχουμε πραγματικά μια Ευρώπη του μέλλοντος, που θα ανταποκρίνεται στις απαιτήσεις των λαών αλλά και των πολιτών.

Jonás Fernández (S&D). – Señora presidenta, querido comisario, tenemos hoy un debate muy importante que va a marcar el futuro de la Unión Europea, porque necesitamos ampliar y mejorar los recursos propios de la Unión Europea. Y, dentro de ese paquete de los recursos propios, en estos informes se apunta la necesidad de que los beneficios del Banco Central Europeo contribuyan al presupuesto de la zona del euro, que contribuyan a construir, además, ese pilar fiscal en el conjunto de la zona del euro. Es un instrumento útil. Es un instrumento que podría aportar en torno a 1 000 millones de euros anuales. Un instrumento que además no tiene una naturaleza tributaria, no estaríamos pidiendo a los ciudadanos europeos una mayor carga fiscal. No hay impuestos detrás de este canal de recursos propios. Y, además, no se necesitaría una reforma agravada de los Tratados, como ha dicho la propia Cámara, la propia asesoría jurídica de esta Cámara.

Necesitamos poner en valor la pertenencia al euro. Necesitamos dignificar el euro. El Parlamento y la Comisión están unidos en este camino y el Consejo debe escuchar.

Francisco José Millán Mon (PPE). – Señora presidenta, las próximas perspectivas financieras son muy importantes para muchas regiones y ciudadanos. La financiación europea ha desempeñado un papel crucial en la política agrícola común y también para reforzar la cohesión económica, social y territorial. Tiene que seguir siendo crucial. No podemos defraudar a nuestros ciudadanos y dar argumentos a los antieuropeos y a los populistas. Por todo ello, todos los Estados miembros deben hacer un esfuerzo en este futuro marco financiero, para que nuestros agricultores, ganaderos y pescadores sigan atendidos por la financiación europea y también para que avancen las políticas de cohesión.

Voy a citar algunos desafíos concretos que requieren financiación europea: desde el declive demográfico y el programa Erasmus+ hasta la seguridad y la defensa; también, la investigación e innovación; igualmente, el fortalecimiento de fronteras y la ayuda a los países vecinos y subsaharianos para conseguir estabilidad y bienestar que eviten la inmigración ilegal.

Los retos, señorías, son muchos. La financiación europea es imprescindible. Para que haya esta financiación el esfuerzo de todos los Estados miembros es indispensable, tanto más ahora que faltará la contribución británica debido al *brexit*.

Elly Schlein (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, all'Unione serve un bilancio pluriennale all'altezza delle sfide globali che dobbiamo affrontare insieme, e per questo servono adeguate risorse proprie. L'UE e i suoi Stati membri continuano a essere il primo donatore mondiale di aiuti allo sviluppo, ed è essenziale che il nuovo bilancio pluriennale sia all'altezza degli impegni presi in questi cinque anni.

Diciamoci la verità: il mondo è già molto cambiato da quando sono stati adottati i nuovi obiettivi di sviluppo sostenibile, l'agenda di Addis Abeba, l'accordo di Parigi, con grandi attori che si sfilano. O l'UE saprà farsi guida ed esempio nell'attuazione di questi obiettivi, o rimarranno sulla carta.

Bene la semplificazione degli strumenti finanziari, ma solo nel pieno rispetto dei principi di coerenza delle politiche, trasparenza, e di efficacia degli aiuti, e mantenendo separati gli strumenti specifici per lo sviluppo e l'aiuto umanitario. Fondi fiduciari sono accettabili solo per obiettivi specifici, a durata limitata, con comprovato valore aggiunto. Il loro uso non deve modificare gli obiettivi originari degli strumenti che, per quanto riguarda la cooperazione, deve essere in primis lo sradicamento della povertà e non certo bloccare i flussi migratori.

Da ultimo, rendiamoci conto: servono investimenti a lungo termine nello sviluppo per vincere le sfide globali, altrimenti non perderanno altri, perderemo tutti.

Inese Vaidere (PPE). – Godātie kolēģi! *Oettinger kungs!* Šī būs pirmā DFS, kad vispirms runājam par to, ko gribam izdarīt, un tad meklējam līdzekļus, kā to īstenot. Vissvarīgākais cilvēkiem ir drošība, tāpēc ir jārod līdzekļi ārējo robežu aizsardzībai, kontrolei. Tad arī Šengena funkcionēs pilnvērtīgi. Papildu finansējums ir jāatrod jaunatnes programmām, zinātnei, mazajiem un vidējiem uzņēmumiem, t. i., mūsu konkurētspējas stiprināšanai.

Cilvēki vēlas dzīvot labāk visā Eiropas Savienībā, tāpēc kohēzijas politikai jāizlīdzina atšķirīgie dalībvalstu ekonomikas līmeņi. Te būtiska ir infrastruktūra. Nedrīkstam aizmirst Eiropas infrastruktūras savienošanas instrumentu, tai skaitā *Rail Baltica*. Mūsu nākotne ir videi draudzīga un resursus taupoša ekonomika, tāpēc īpaša uzmanība veltāma jaunajām tehnoloģijām un izpētei. Pārāk atšķirīgs ir dalībvalstu finansējums kopējai lauksaimniecības politikai, tāpēc jāturpina darbs pie šo atšķirību izlīdzināšanas, bet, lai aizpildītu iztrūkumu, kas radīsies *Brexit* rezultātā, ir jāpalielina dalībvalstu iemaksas un, ietaupot administrācijas izmaksas, jāakceptē jaunie pašu resursi.

Ivo Belet (PPE). – Voorzitter, mijnheer de commissaris, beste collega's, ik denk dat we mogen zeggen dat de Europeanen terecht van de Europese Unie verwachten dat we werk maken van veiligheid, van sociale bescherming, van defensie en van maatregelen voor het klimaat natuurlijk. De mensen verwachten van de Europese Unie dat we hen en ons allemaal beschermen in al deze opzichten en dat we investeren in Europese projecten met een heel duidelijke Europese meerwaarde. Daarvoor – dat mogen we zeggen – zijn er extra middelen nodig. Die kunnen onder andere komen van de extra inkomsten uit de groeiende inkomsten van het emissiehandelssysteem, zoals wij vanuit de Commissie milieubeheer ook hebben voorgesteld.

Dat wil niet zeggen, beste collega's, dat we niet slim kunnen besparen. Uiteraard kan dat en uiteraard moet dat, maar we moeten de mensen niks wijsmaken. Besparen op bijvoorbeeld de cohesiefondsen betekent in onze regio, in Vlaanderen, 250 miljoen op jaarbasis minder. Ook dat mogen we de mensen zeggen.

We mogen ook zeggen dat we de verkondigers van *fake news* – diegenen die zeggen dat Europa zijn prioriteiten niet op orde heeft en dat we te veel geld uitgeven – dat we die moeten aanklagen en dat de maskers eindelijk kunnen vallen.

Pyynnöstä myönnettävät puheenvuorot

Cláudia Monteiro de Aguiar (PPE). – Senhora Presidente, estamos efetivamente perante um dos debates mais importantes deste mandato, porque estamos precisamente a definir prioridades para o próximo Quadro Financeiro Plurianual.

O Parlamento Europeu elaborou e apresentou as suas prioridades. Fizemos o nosso trabalho e amanhã faremos por aprovar compromissos que vertem essencialmente os anseios dos cidadãos europeus que representamos.

Peço, por isso, à Comissão que acolha, que reconheça e que apresente, já em maio, um orçamento forte e coerente com esta posição, com a posição deste Parlamento.

Aproveitava este momento para fazer dois destaques, duas grandes prioridades, que peço que a Comissão tenha em especial atenção. O próximo quadro financeiro plurianual tem e deve contemplar inequivocamente, no pós-2020, um reforço da política de coesão, sobretudo indo ao encontro daquela que é a nova estratégia para as regiões ultraperiféricas.

Estamos a falar de manutenção de derrogações específicas para um apoio nos transportes, nas pescas, o POSEI Pescas, também na agricultura, no reforço para os jovens e também para as pequenas e médias empresas.

Por último, especificamos uma criação de uma linha específica para o turismo, que é um setor importantíssimo e que nós defendemos e queremos que a Comissão acompanhe.

José Blanco López (S&D). – Señora presidenta, no habrá más Europa con menos recursos. No habrá más cohesión social ni vertebración territorial si recortamos los fondos de cohesión, si recortamos la política agrícola común o los fondos pesqueros, tan importantes para regiones como la mía, Galicia. No se podrán afrontar nuevos desafíos, como el cambio climático, la innovación o la despoblación, con recursos cada vez más menguantes. Y no superaremos la desigualdad, esa brecha que se ha abierto con la crisis y que ha llevado a que muchos lugares de la Unión Europea en lugar de converger hayan divergido, si no somos capaces de aumentar el presupuesto.

Hay fórmulas para aumentar el presupuesto: está el impuesto de transacciones financieras, está la ecotasa, están los beneficios del Banco Central Europeo —como se acaba de poner de manifiesto—. Más recursos para hacer frente a ese gran objetivo que es hacer una mayor construcción europea, una Europa más social, más cohesionada y más vertebrada territorialmente.

Ese es el gran desafío al que tenemos que hacer frente con las nuevas perspectivas financieras.

John Howarth (S&D). – Madam President, there is no greater impediment to the creativity of an economy, no more destructive force to social cohesion in a nation, and no greater threat to the future of Europe than the fear and reality of unemployment. It is with a great deal of pride that I can support the priority my group is giving to combating unemployment, particularly youth unemployment, in the next MFF. We need, Commissioner Oettinger, the programmes that the European Union runs in this area to be effective and to be properly taken up.

The priority is indeed jobs, but the priority is also the transformation of the economy through investment in knowledge, technology, innovation, investment, science and research, because the old economy that we have will not do. It will not deliver the jobs that those young people need. If the future of Europe is the future of freedom, then it is also the future of hope for the next generation.

Ruža Tomašić (ECR). – Gospođo predsjednice, kohezijska politika iza 2020. dovedena je u pitanje, barem u ovom obliku u kakvom danas postoji. Slažem se s izvjestiteljima da bi ona trebala ostati glavna ulagačka politika Unije jer bez smanjenja razlika u razvijenosti između članica ne možemo imati potpuno funkcionalno jedinstveno tržište.

Dok god postoji očita razlika u razvijenosti, bit će i percepcije da razvijenije države koriste one siromašnije i na njima profitiraju. Takva percepcija nužno dovodi do nezadovoljstva i nepovjerenja, a na tome se ne može graditi stabilna Unija.

Kohezijska politika mora postojati i jačati, ali i ostati fokusirana na ono u čemu je najuspješnija. Zato ne mogu podržati uspostavu Evropskog fonda za demokraciju iz kojega bi se ulagalo u civilno društvo, jer postoje puno učinkovitiji načini za ostvarenje kohezijskih ciljeva.

Povezivanje politike azila, migracije i integracije s kohezijskom politikom također nije dobar prijedlog jer širi fokus na pitanja oko kojih nema konsenzusa, što je štetno za samu kohezijsku politiku.

Jan Huitema (ALDE). – Voorzitter, beste commissaris, wat me opvalt vanmiddag is dat we het helemaal niet gehad hebben over hoe we het Europees geld efficiënt kunnen inzetten, welke keuzes we maken en dat we ervoor staan dat we zuinig omgaan met het geld van onze belastingbetaler. Begrijp me niet verkeerd. Ik ben een groot voorstander van een sterke Europese Unie en ik vind dat we moeten investeren, opdat we dat in de toekomst blijven.

Waar ik tegen ben is de automatische reflex van dit Parlement om dan maar te zeggen dat we meer geld nodig hebben, zonder dat we gaan kijken waar kan worden bezuinigd. Voor elk huishouden, elk bedrijf en ook de nationale parlementen is het heel duidelijk dat ze keuzes moeten maken. Als we ergens anders meer geld willen besteden, moet we ergens anders gaan kijken waar we het geld weg kunnen halen. Ik vind het jammer dat wij hier, in dit Parlement, zeggen dat alles bij het oude moet blijven en dat we vers en nieuw geld nodig hebben. En niet een klein beetje, nee, maar liefst 30 %.

Waar is alsjeblieft die discussie over de vraag of we in deze veranderende wereld niet ook ons beleid moeten moderniseren en of we niet kritisch moeten zijn op hoe we het Europees geld uitgeven?

Maria Lidia Senra Rodríguez (GUE/NGL). – Senhora Presidente, Senhor Comissário, no fundo deste debate está a Europa que temos e a que queremos ter. Por isso, importa esclarecer que os países chamados contribuintes líquidos foram os mais beneficiados.

Quem contribui tem que saber que os seus impostos favorecem a concentração da riqueza. Os fundos europeus não lograram o desenvolvimento dos países da sua periferia económica, mas desmantelaram o seu tecido produtivo, em nome da modernização. Isto aconteceu na Galiza, com a agricultura, as pescas ou o setor naval, por exemplo.

Os fundos garantiram a ocupação dos mercados dos países da periferia, ao mesmo tempo que asseguraram que o investimento em infraestruturas responde aos interesses do capital europeu e das suas elites. Agora que têm os objetivos alcançados, dizem já estamos desenvolvidos. Que ironia! Quando a nossa juventude volta a emigrar para poder viver. Claro que agora precisam dos fundos para tentar fazer o mesmo noutros países.

Senhor Comissário, até ao presente não houve solidariedade. Há que mudar as prioridades dos fundos.

Patricija Šulin (PPE). – S sredstvi Evropske unije uresničujemo skupne evropske cilje. Dobro delujoča Evropska unija prinaša korist vsem članicam. To je treba glasno povedati in upoštevati v evropskih proračunskih razpravah.

Tako bomo zagotovili zadostna sredstva za tradicionalne izzive, kot je notranji trg, kmetijska in kohezijska politika, ki sta zelo pomembni tudi za Slovenijo. Med novimi izzivi je ključna varnost in obramba zunanjih meja, kajti brez tega so ogrožene vse naše štiri temeljne svoboščine.

V sedanjem sistemu nacionalnih prispevkov se evropski fokus izgubi v nacionalnih željah. Evropska unija tako ostaja marioneta, namesto da bi bila glavni igralec, ki pri svojih šestdesetih ni več otrok, ki bi ji starši morali odmerjati žepnino.

Izstop Združenega kraljestva je idealna priložnost za uresničitev ciljev iz Rimske pogodbe o financiranju Evropske unije z lastnimi sredstvi. Evropski proračun potrebuje reformo sistema virov lastnih sredstev. Skupina na visoki ravni za lastna sredstva je pripravila poročila, ki jih mora Evropska komisija čim prej preučiti.

Cristian-Silviu Bușoi (PPE). – Doamnă președintă, ne aflăm în prezent într-un moment în care propaganda externă, alături de curentul populist, atacă în mod constant atât competențele, cât și credibilitatea instituțiilor europene, iar o soluție eficace și eficientă este aceea de a ne apropia de cetățenii europeni.

Atunci când dezbatem cadrul financiar multianual, este esențial să stabilim prioritățile bugetare într-un mod direct proporțional cu așteptările cetățenilor europeni și, dincolo de migrație și terorism, tema economică este o temă prioritară pentru cetățenii noștri. Susțin continuarea și întărirea unor programe esențiale: programul de cercetare, COSME, Erasmus +. Avem nevoie de mai multe resurse suplimentare, pe lângă eventualele resurse proprii noi, de creșterea contribuțiilor statelor membre, dar și de o mai mare flexibilitate.

Vreau, însă, să atrag atenția că trebuie să susținem în continuare fondurile de coeziune, pentru că atât politicile de coeziune, cât și politicile agricole reprezintă un liant fundamental al construcției europene și de ele beneficiază un număr extrem de important de cetățeni europeni.

(Pyynnöstä myönnettävät puheenvuorot päättyvät)

Günther Oettinger, *Mitglied der Kommission*. – Frau Präsidentin, meine Damen und Herren Abgeordnete, meine Damen und Herren! Wir haben die beiden letzten Stunden intensiv zugehört und mitgeschrieben und werden alle Ihre Argumente, Wortmeldungen, Erwartungen, aber auch Ihre Kritik auswerten und in das weitere Verfahren zur Erarbeitung eines MFR-Entwurfs bis zum 2. Mai einbeziehen. Ich will namentlich denen meinen Respekt zollen, die wie ich von Beginn bis Ende anwesend waren und geblieben sind: Herrn Arthuis, dem Ausschussvorsitzenden, den Kollegen Thomas, Lewandowski, Deprez und Olbrycht. Denn ich glaube, dass das Gesamtbild aller Wortmeldungen wichtig ist.

Warum sage ich dies? Einen Haushaltsrahmen bekommt man nicht hin, wenn man seine eigene Meinung einbringt, aber nicht sieht, dass Demokratie Mehrheit oder gar Einstimmigkeit benötigt. Ich brauche am Ende in diesem hohen Hause die Mehrheit der Abgeordneten, und ich brauche im Rat die Einstimmigkeit: 27 Finanzminister, 27 Minister im Rat „Allgemeine Angelegenheiten“, in Wahrheit 27 Staats- und Regierungschefs, alle Parlamente auf nationaler Ebene. Deswegen sage ich mir und Ihnen: Freunde, lasst uns engagiert reingehen, aber locker bleiben. Wenn nicht jeder Flexibilität anbieten würde, hätten wir keine Chance auf einen nächsten Haushaltsrahmen für das nächste Jahrzehnt.

Ich möchte vorschlagen, dass wir die Aufgaben durchgehen, die wir im Interesse der europäischen Bürger zu erfüllen haben – seien es Bürger in Rom, in Stuttgart, in Dublin, in Warschau, seien es italienische, polnische, irische, deutsche Bürger oder europäische Bürger – in jedem Fall leben sie alle auf dem europäischen Kontinent. Auch die, die Europa nicht so sehr mögen, leben auf dem europäischen Kontinent. Mein Vorschlag ist: Wir sollten die Aufgaben dort erfüllen lassen, wo man sie am besten, am effizientesten erfüllen kann. Wir brauchen eine klare Kompetenzordnung.

Deswegen bieten wir das Argument des Mehrwerts an. Ich will kein Projekt fördern, kein Programm vorschlagen, keinen Euro investieren, wenn nicht der Mehrwert auf europäischer Ebene von uns dargetan werden kann. Und umgekehrt erwarte ich von Ihnen, dass dann, wenn der Mehrwert dargetan, nachgewiesen werden kann, wir auch das Geld dafür bekommen, weil es im Interesse unserer Bürger und Steuerzahler ausgegeben wird. Wenn man europäisch investiert und einen Mehrwert realisiert, ist dies kostengünstiger, als 27 Mal parallel oder 100 Mal oder 200 Mal in Regionen parallel. Können wir uns darauf einigen? Wir brauchen das Geld, damit wir den Mehrwert realisieren können – nicht weniger und nicht mehr. Das ist die beste Form der Investition im Interesse unserer Steuerzahler.

Ich nenne Beispiele: Wir träumen nicht von einer europäischen Armee. Wir wollen keinen Militarismus. Aber wir wissen, dass ein Amerikaner für jeden Dollar eine weit größere Gegenleistung in Form von Waffen und Sicherheitssystemen bekommt als ein Österreicher, ein Deutscher oder ein Franzose, weil uns die Größenordnungen fehlen, weil die Skaleneffekte nicht erzielt werden. Wäre es nicht sinnvoll, wir würden etwas Geld in den europäischen Haushalt einstellen, Waffengattungen standardisieren, gemeinsam ausschreiben, Skaleneffekte realisieren und damit Geld sparen? Nicht mit mehr, sondern mit weniger mehr an Gegenleistung realisieren. Mein Opa hat in der württembergischen Armee gedient. Ich träume von einer europäischen Sicherheitsstrategie, nicht von einer europäischen Armee, von einer Sicherheitsstrategie. Denn wir müssen in Zeiten von „America First“ die äußere und innere Sicherheit unserer Bürger gemeinsam gewährleisten.

Nun glaube ich zweitens, dass der Mehrwert im Bereich Forschung dargetan werden kann. Sie im Hohen Hause und wir in der Kommission reden immer von 3 % für Forschung – 3 % unseres *GDP*. Wir liegen bei knapp 2 %. Ich bin aus Baden-Württemberg und bin auf ein einziges stolz: 4,9 %. 4,9 % für Forschung in meinem Heimatland. Und ich sage unsere italienischen Freunden – ich liebe Italien – 1 % ist zu wenig. Damit wird man im Wettbewerb auf Dauer nicht mithalten können. 3 % hieße bei einem *GDP* von EU-28 450 Milliarden Euro. Bei knapp 300 Milliarden liegen wir. Auf Horizont entfallen 12 Milliarden. Wäre es nicht sinnvoll, mehr in europäische Forschungsprojekte zu investieren?

Deswegen will ich bei zwei Programmen Kürzungen vermeiden. Ich will die Programme „Horizon Europe“, „Horizon post 2020“ und Erasmus+ im Interesse unserer Kinder aufstocken, damit sie in jungen Jahren die Kultur, die Sprachen, die Vielfalt auf dem europäischen Kontinent lernen und sehen.

Ansonsten ist auch mir klar, dass der Brexit ein *game changer* ist. Ich sage es mal sportlich: Wenn ein reicher Onkel nicht mehr zu Weihnachten kommt, liegen eben nicht mehr so viele Geschenke unter dem Weihnachtsbaum. Aber umgekehrt alles durch Kürzungen zu erbringen, würde Programme wie Agrar und Kohäsion gewaltig beschädigen.

Es wurde mir vorher vorgeworfen, die Kommission wolle die Landwirte bestrafen. Genau dieses wollen wir nicht! Wir wollen den Landwirten helfen, damit auch die nächste Generation im ländlichen Raum saubere und gute Nahrungsmittel für unsere Ernährungssicherheit produziert, auch in Steillagen im Schwarzwald, in den Alpen, und gleichzeitig Auflagen für Klimaschutz, Umwelt, Grundwasser, Boden und Nachhaltigkeit erfüllt. Dafür brauchen wir Geld.

Meine Kürzung wird bei 5 bis 10 % sein – nicht weniger und nicht mehr. Mit 5 bis 10 % Kürzung schließen wir einen Teil der durch den Brexit entstehenden Lücke, aber wir zerstören die Gemeinsame Europäische Agrarpolitik nicht.

Kohäsion: Wenn man sieht, welcher Nachholbedarf an Infrastruktur, an Standards, an Sanierung von Gebäuden, an Sozialem und Umwelt in einigen Mitgliedstaaten, zum Beispiel in den ländlichen Räumen Rumäniens oder in Bulgarien, besteht, dann finde ich schon, dass die Kohäsionspolitik unverändert wichtig ist. Und wir können am Beispiel Estlands, Lettlands, Litauens und der Slowakei nachweisen: Die Kohäsionspolitik wirkt, die Länder kommen zunehmend in den Durchschnitt des europäischen *GDP per capita*. Und wenn wir Geld in wirtschaftlich schwächere Regionen geben und diese an uns heranführen, halte ich dies für einen Beitrag zu einer sinnvollen Union der Solidarität. Man muss im Grunde genommen sehen, dass alle eine Perspektive haben, und nicht nur einige Regionen allein.

Grenzschutz – eine ganz konkrete Frage. Ich höre immer von nationalen Regierungen: Wir brauchen den Grenzschutz in Österreich, in Deutschland dann nicht mehr, den zwischen Italien und Österreich dann nicht mehr, den von Ungarn dann nicht mehr, wenn der äußere Grenzschutz wirksam ist, wenn man die Außenhülle in Bulgarien, Griechenland, Malta, Zypern, Italien und Spanien wirkungsvoll schützt. Es wäre viel kostengünstiger, wir hätten eine starke europäische Grenzschutzbehörde, die Bulgarien, Griechenland, Italien, Spanien, Malta, Zypern wirkungsvoll unterstützt, und im Inneren hätten wir wieder Freizügigkeit. Ich bin gestern von Kehl nach Straßburg gekommen und stand eine halbe Stunde im Stau. Unmöglich! Ich fordere Freizügigkeit innerhalb Europas für Waren, Güter und Menschen, und Grenzschutz im Äußeren. Aber dann brauchen wir doch auch das Geld, damit man die Mitarbeiter entsprechend bezahlen kann. Deswegen meine Frage, gerade an das Hohen Haus: Wenn ich einen Mehrwert nachweise, unterstützt Ihr mich dann, das Geld europäisch auszugeben und damit effizienter und kostengünstiger als 27 Mal national oder 250 Mal regional?

Aber eines geht nicht. Mir zu sagen: keine Kürzung bei der Kohäsion, wie es neun Landeshauptleute in Österreich tun und mir Unterschriftenmappen vorlegen, keine Kürzung im Agrarbereich, wie es die Ministerin getan hat, mehr Vorbeitrittshilfen für den Westbalkan, mehr für Forschung, und 1,0 als *ceiling*. Also, Adam Riese sollte ein Kollege von uns sein und uns beraten. Die Quadratur des Kreises schaffen weder Sie noch ich.

Und allein, wenn Sie sagen, bei Rubrik V können wir kürzen. Liebe Freunde, lasst uns ernsthaft bleiben! Wir sollten uns bemühen, den Haushaltsrahmen ab 2. Mai als Priorität zu sehen. Wir bieten unsererseits jede Transparenz an. Auch in den nächsten Wochen legen wir vor, was Sie wissen sollten, damit Sie sich vorbereiten können. Denn durch die Wahl haben wir eine zweigeteilte Zeitspanne, bis der Haushaltsrahmen in Kraft tritt. Das Schlechteste wäre, wir hätten keinen Haushaltsrahmen. Denn egal, wo man steht: Landwirte, Forscher, Regionen, Kommunen brauchen Klarheit. Je früher sie Klarheit haben, desto besser können sie planen, desto besser vorbereitet geht jeder Bürger – egal, ob er ein Deutscher ist, ein Pole ist oder sich als Europäer fühlt – in das nächste Jahrzehnt.

Wir werten Ihre Wortmeldungen intensiv aus; besten Dank dafür. Und wir freuen uns auf die Beratungen, die am 2. Mai beginnen.

(Beifall)

Jan Olbrycht, *sprawozdawca*. – Pani Przewodnicząca! Panie Komisarzu! Pan komisarz lubi ostatnio mówić o Komisji jako dostawcy usług. Jeżeli Komisja jest dostawcą usług, to pojawia się pytanie, w jaki sposób będzie je świadczyć? Po pierwsze, musi uzyskać jednogłośnie państw członkowskich, ale również zgodę Parlamentu Europejskiego. A chciałbym tu wyraźnie powiedzieć, że Parlament ma kilka pytań, które pragnie zadać przed 2 maja. Nie poruszyliśmy tej kwestii w czasie debaty, a warto, żeby dzisiaj padło to pytanie. Oczekujemy mianowicie od pana komisarza i Komisji Europejskiej odpowiedzi na pytanie o linię budżetową dla strefy euro. Na czym ma ona polegać, z jakich źródeł będą pochodzić środki i w jaki sposób ma być umieszczona w budżecie? Zatem pierwsze pytanie brzmi: jak ma wyglądać linia budżetowa dla strefy euro?

Drugie pytanie do pana komisarza: co z polityką spójności i Europejskim Funduszem Społecznym? To jest pytanie, które nurtuje dzisiaj Parlament Europejski. Czekamy na odpowiedź 2 maja. Po trzecie, czekamy na odpowiedź dotyczącą jednego funduszu inwestycyjnego. Na czym ma polegać ta koncepcja? Tu też oczekujemy informacji od pana komisarza 2 maja.

Dobrze wiemy, że czeka nas wszystkich bardzo trudne zadanie w postaci uzyskania jednogłośnie. Dlatego chciałbym przekazać panu komisarzowi, że liczymy na wspólne działanie, ale również na odpowiedź na nurtujące nas pytania dotyczące wewnętrznych uzgodnień w Komisji Europejskiej.

Isabelle Thomas, *rapporteure*. – Madame la Présidente, Monsieur Oettinger, je salue sincèrement votre engagement et vous remercie d'indiquer que nos travaux feront leur chemin dans la proposition législative et – avez-vous dit – ceci à 90 %. Pourvu que le diable ne se cache pas dans les 10 % restants. Et par exemple, au hasard, la cohésion, Monsieur le Commissaire, réduire les écarts de richesse par pays, c'est bien, mais réduire les écarts de richesse entre villes et campagnes et aussi dans les quartiers pauvres de nos pays riches, c'est encore mieux. Savez-vous que dans votre pays, 100 % des Länder ont signé une lettre ouverte pour le maintien des montants de la politique de cohésion.

Figurez-vous que 1,3 %, c'est peu, c'est même économe de notre part, et il faut être conscient que si nous devons descendre sous ce seuil, il y aurait des politiques sacrifiées. Je répète ce chiffre: 1,25 % en 1999 avec la moitié moins de missions de la part de l'Union européenne et avec la contribution du Royaume-Uni.

Je ne suis pas surprise de voir les députés anti-européens se dresser contre nos rapports parlementaires mais au moins, chers collègues ne le faites pas sous des prétextes fallacieux, assumez! Aucun des rapports ne propose l'augmentation de la participation des États membres, au contraire! C'est pour cela que nous avons lié le consentement sur le rapport du cadre financier pluriannuel à celui sur les ressources propres. Et, de même, les ressources que nous proposons ne reposent aucunement sur les citoyens.

Ce qui me surprend beaucoup plus, c'est d'entendre mes collègues qui se targuent d'être européens, parfois plus européens que tous, nous expliquer qu'on peut faire plus avec moins. Cela n'est pas exact. Comme l'a dit notre collègue M. Lamassoure, l'heure de vérité approche. En matière budgétaire, il n'y a pas d'échappatoire possible et on verra qui est réellement européen et qui fait semblant.

Si nous parvenons, dans cette assemblée, à rassembler plusieurs centaines de députés autour d'un compromis malgré nos divergences, on peut espérer, Monsieur le Commissaire, que les États membres pourront faire la même chose à 27 seulement.

Gérard Deprez, *rapporteur*. – Madame la Présidente, je suis très heureux de ce débat et de la tonalité générale des interventions d'une grande majorité de collègues, en ce qui concerne en particulier la nécessité de nouvelles ressources propres. Oui, le budget de l'Union européenne a besoin de nouvelles ressources propres. Oui, nous avons raison de lier l'acceptation du cadre financier pluriannuel à l'incorporation de nouvelles ressources propres.

J'ai noté avec plaisir, Monsieur le Commissaire, que vous vous inscrivez dans cette ligne. Si ma mémoire est fidèle, vous avez laissé entendre que la Commission travaillait déjà sur quatre ou cinq possibilités de nouvelles ressources propres. Continuez dans cette voie, Monsieur le Commissaire, persévérez! Vous êtes dans le bon, et si vous restez dans le bon, vous bénéficierez d'un soutien massif de notre Parlement.

Je veux aussi répondre à quelques interventions de collègues qui ont énergiquement mis en garde, à l'occasion de l'introduction de nouvelles ressources propres, contre une augmentation des taxes payées par les citoyens. Ressources propres, chers collègues, ne veut pas nécessairement dire taxes supplémentaires pour les citoyens. Si, demain, on parvient à un accord sur la taxation des grandes entreprises numériques qui, actuellement, jouent avec nos pieds et ne paient quasiment pas d'impôts, alors qu'elles font des milliards de bénéfices, on ne taxe pas davantage les citoyens. Si, demain, on trouve le moyen adéquat pour prélever quelques centimes d'euros sur les transactions financières spéculatives, on ne taxe pas les citoyens, au contraire. Si, demain, on répartit autrement les bénéfices de la Banque centrale européenne, on ne taxe pas les citoyens. Il faut arrêter avec les fantasmes. Nous avons besoin de nouvelles ressources propres et nous avons besoin de ces nouvelles ressources propres, parce que nous avons plus que jamais besoin d'Europe.

Janusz Lewandowski, *rapporteur*. – Madam President, I hope for a solid vote tomorrow in this House. Once more, many thanks to everybody who has been involved with this dossier.

Puhemies. – Keskustelu on päättynyt.

Äänestys toimitetaan keskiviikkona 14. maaliskuuta 2018.

Kirjalliset lausumat (työjärjestyksen 162 artikla)

Michel Dantin (PPE), *par écrit*. – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, la Commission proposera début mai un projet de cadre financier pluriannuel 2021-2027 (CFP). Le prochain CFP devra être d'autant plus ambitieux qu'il devra relever le défi d'absorber la perte de la contribution nette du Royaume-Uni, soit 6 à 9 milliards d'euros. Beaucoup d'acteurs appellent à dépecer les «vieilles politiques». Dans ce sens, vous avez déjà annoncé une baisse du budget de la PAC de 7 %. Une telle baisse correspondant à 4 milliards d'euros par an, cela signifie faire peser l'intégralité de la perte de la contribution britannique à la PAC actuelle sur la PAC de demain tout en lui demandant de contribuer aux nouvelles politiques à hauteur de 20 %. Je tiens à vous rappeler, Monsieur le Commissaire, que cette politique est essentiellement une politique de soutien au revenu. Une telle baisse aura un impact direct et quasi-proportionnel sur le revenu des paysans. Combien d'exploitations disparaîtront du fait de l'absence de soutien ? Nous défendons au Parlement européen le maintien du budget de la PAC tout en la réformant: mieux répartir les aides, recentrer la PAC sur une politique économique et intégrer les enjeux environnementaux et climatiques de manière intelligente sont nos objectifs.

Tamás Deutsch (PPE), *írásban*. – Üdvözljük, hogy az Európai Parlament kimondja: a Közös Agrárpolitika és a Kohéziós Politika esetében meg kell őrizni a jelenlegi pénzügyi kereteket, az új politikai prioritásokra adott uniós szintű válaszokat pedig új forrásokból és nem a már működő programok kárára kell finanszírozni. Sikerült kiharcolni, hogy a Parlament állásfoglalása szerint a Közös Agrárpolitika esetében meg kell őrizni annak külön költségvetési fejezetét, ugyanakkor nem támogatjuk, hogy az EP a Kohéziós Politikát „szolidaritás” címszó alatt összemosná a migrációval és egy költségvetési fejezetbe tenné a migráció kezelésére fordított forrásokkal. Félő, hogy ezzel az Európai Unió felzárkóztatási forrásokat csoportosíthatna át migrációs célokra. Kohéziós források elosztásánál fontos, hogy a Parlament kimondja: a régiók fejlettségének kell maradnia az egyik kritériumnak. Ugyanakkor nem támogatjuk meg nem alapozott, szociális, környezetvédelmi és demográfiai alapon kiválasztott mutatók bevezetését. Az EP által javasolt kiegészítő feltételek veszélye, hogy a hazánknak jutó források csökkenhetnének, a demográfiai feltétel egyik célja, hogy a bevándorlók arányához kösse a források elosztását. A költségvetés bevételi oldala kapcsán támogatjuk, hogy a brexit miatt kieső bevételeket pótolni kell, az uniós költségvetés nem csökkenhet, Magyarország is hajlandó növelni befizetéseit. Fontosnak tartjuk, hogy új uniós bevételi források bevezetése esetén tiszteletben kell tartani a tagállamok pénzügyi szuverenitását, valamint azt, hogy nem nőhetnek a polgárok adóterhei.

Benedek Jávor (Verts/ALE), *in writing*. – Cohesion policy is an important tool of solidarity within the EU, reducing differences of development among MS. The European flow of sources had a great effect on the economic and social circumstances of most of the new Member States.

There are various discussions on the efficiency and effectiveness of the cohesion policy, which included suggestions to link cohesion policies to conditionalities related to the rule of law, to the participation in certain common European policies or to the EPPO.

However, that cohesion policy is an economic tool rather than a political one and that the potential suspension of payment will punish first and foremost the citizens, thus leading to an unfair situation.

Given that corruption hinders the core of the aims of the policy, an ideal mechanism would include institutional guarantees and conditionalities linked to fighting corruption and ensure the capacity to issue sanctions.

EPPO would be instrumental in this sense, as corruption often lies at the top of the political caste, which generally holds control over law enforcement agencies.

Additionally, a system of ongoing evaluation and analysis of corruption and anti-corruption performance, as well as intervention based on direct management upon necessity, are to be put in place.

Андрей Ковачев (PPE), *в писмена форма*. – Дългосрочният бюджет е важен елемент от дебата за бъдещето на ЕС, защото не можем да реализираме европейските политическите приоритети, без да разполагаме с достатъчни и предвидими финансови ресурси. Следващата многогодишна финансова рамка трябва ясно да отразява приоритетите ни. Смятам, че трябва да бъде увеличен дялът на общия бюджет на ЕС, отпуснат за мерките на политиката на сближаване след 2020 година, като се отчете големият принос на европейските фондове за подобряването на жизнения стандарт на европейските граждани и за преодоляването на социално-икономическите различия между регионите.

Законодателният процес за приемане на следващата МФР трябва да приключи преди изборите за Европейски парламент, за да осигури достатъчно време за преговорите по секторното законодателство на ЕС и да се избегнат забавяния при изпълнението на новите програми. ЕС трябва да продължи да предоставя финансова помощ на България за извеждане от експлоатация на спрените ядрени мощности, за да се осигури ефективна защита на околната среда и общественото здраве.

Нито една държава членка не може да се пребори с трансграничните здравни предизвикателства сама. Европейският бюджет трябва да подкрепя държавите членки в борбата със здравните неравенства, които подкопават социалното сближаване и пречат на европейската интеграция, както и да обезпечи ефективна европейска външна политика и политика на сигурност.

Момчил Неков (S&D), *в писмена форма*. – Първата важна задача при реформирането на МФР е да се подсигурим, че Брексит няма да има отрицателни последици върху финансирането на програми, които са доказали своята европейска добавена стойност. Такава програма е Еразъм+, която въпреки своя безспорен успех представлява едва 1,36% от общия бюджет на ЕС за периода 2014-2020 г. През текущия програмен период от нея ще се възползват едва четири милиона млади хора и то предимно студенти.

Отстоявам позицията, че бюджетът на Еразъм+ трябва да се увеличи неколкосткратно в бъдещата МФР и програмата да стане по-достъпна, като обхване не само студентите, но и учениците, стажантите и младите хора със скромни финансови възможности. Освен подсилване на успешните програми ще имаме нужда от средства и за нови политики в областта на образованието и уменията.

В момента 70 милиона европейци нямат базови умения, а 44% са цифрово неграмотни. Функционалната и медийната грамотност в ерата на фалшивите новини също са голямо предизвикателство, с което трябва да се справим. Ако ЕС не инвестира в образованието на своите граждани, няма как да очаква просперитет.

Pavel Poc (S&D), *písemně*. – Evropský víceletý finanční rámec téměř od svého začátku prokazoval několik nedostatků. Vysokou úroveň nesplacených závazků už v roce 2014 počínaje a nedostatkem prostředků na nové priority, který se Komise s Radou rozhodly nesystematicky řešit ad hoc přesunem obálek z úspěšných programů, konče. Vítám zprávu o budoucím VFR: příprava pozice Parlamentu k VFR po roce 2020, protože považují za nutné se těchto chyb do budoucna vyvarovat. Evropané potřebují silnou Unii, která dokáže reagovat na zásadní problémy. Unii s udržitelným hospodářským růstem, kvalitními pracovními místy a podporou hospodářské, sociální a teritoriální koheze. Zástupci členských zemí už nesmí blokovat unijní příspěvky určené na opatření na boj proti změně klimatu. Ty jsou mimořádně důležitým podřídkem hluboko pod úrovní 20 %, ke kterým se samotné členské státy zavázaly. Je potřeba navýšit prostředky plynoucí do programu LIFE, jež vykazuje vysokou úspěšnost, ale který vůči ostatním evropským programům trpí chronickým podfinancováním. Jsem velmi rád, že se Parlamentu podařilo vytvořit silnou pozici. Jsem také osobně

velmi rád, že Evropský parlament otevřeně uznal, že financování nové zemědělské politiky musí jít ruku v ruce se zavedením praktik šetrnějších k životnímu prostředí i ke zdraví obyvatel.

Soraya Post (S&D), *in writing*. – I call for the next MFF to be feminist – to be non-discriminatory and promoting human rights.

I call for maintaining the designation of 'Roma people' as beneficiaries of the ESF and the ERDF fund, and to explicitly exclude segregational practices from funding.

I call for an improved regulation of the YEI and Erasmus+ to safeguard non-discriminatory participation for young people coming from a disadvantaged socio-economic background, thereby closing the gap between the Roma and non-Roma youth and guaranteeing that also young Roma can fulfil their true potential. And similarly, any other groups, such as people with disabilities, who are now not reached by these programmes.

I believe that the internal aspect of the security of European residents, such as the right to live free from gender-based and interpersonal violence, has been neglected by the EU, so I demand that the next MFF should provide relevant solutions.

I call for human rights, democracy, and rule of law to be integral in the next MFF, including the protection and support of NGOs and human rights defenders, who are under pressure; the next MFF must maintain a dedicated EIDHR, one of the strongest tools we have to promote human rights and democracy.

Evelyn Regner (S&D), *schriftlich*. – Wenn wir über den neuen EU-Haushalt debattieren, dann heißt es auch, dass das Feilschen um Macht und Geld beginnt. Ich plädiere dafür, dass wir eine ehrliche Diskussion über das EU-Budget führen. Denn am Ende muss ein vernünftig ausgestalteter Haushalt stehen, der die aktuellen Herausforderungen stemmen kann. Wenn Ministerin Köstinger sagt, es dürfe keine Einbußen für die Bauern geben, erwarte ich mir das auch für die Beschäftigungsinitiative. Landwirtschaft darf nicht automatisch Vorrang vor arbeitslosen Jugendlichen haben. 700 Millionen für arbeitslose Jugendliche stehen 55 Milliarden für den Löwenanteil des EU-Budgets entgegen. Die lange andauernde Arbeitslosigkeit gehört zu den größten sozialen Problemen der Gegenwart. Der Kampf gegen Jugendarbeitslosigkeit muss sich auch im EU-Haushalt widerspiegeln. Im EU-Parlament haben wir uns bereits klar für zusätzliche Finanzinstrumente ausgesprochen – jetzt müssen endlich auch die Mitgliedstaaten ernsthaft über diese Instrumente für den EU-Haushalt diskutieren. Mit europäisch koordinierten Abgaben wie der Finanztransaktionssteuer, der Digitalsteuer oder der CCCTB könnte der EU-Haushalt unterstützt werden, ohne dass die nationalen Haushalte zusätzlich belastet werden.

Henna Virkkunen (PPE), *kirjallinen*. – Arvoisa puhemies, EU:n tulevaa rahoituskehystä vuosille 2021-2027 esitetään kasvatettavaksi nykyisestä yhdestä prosentista bruttokansantuloa 1,3 prosentin tasoon. Paine budjetin kasvattamiseen on kova Brexitin sekä lisääntyvien tehtävien, kuten puolustusyhteistyön ja muuttoliikkeen hallinnan vuoksi, mutta silti pidän ehdotusta ylivoimaisesti. EU:n budjetista käytetään nykyään 70 prosenttia maatalouteen ja koheesiotukiin. Rahoituksen painopistettä tulisi siirtää vahvemmin tulevaisuuden kasvua tukeviin hankkeisiin, kuten innovaatioihin, tutkimukseen ja turvallisuuteen. Parlamentin esityksessä tulevan tutkimusohjelman rahoitusta kasvatetaan 1,5-kertaiseksi ja nuoriso-ohjelmien, kuten Erasmus-rahoina jopa kolminkertaiseksi. Suunta on täysin oikea. Nämä ovat Euroopan tulevaisuuden kannalta keskeisiä ja tärkeitä alueita. Samanaikaisesti ei kuitenkaan haluttaisi leikata muualta. Tämä ei ole realistista. On selvää, ettei määrärahoja voida pelkästään lisätä, myös painopistettä on kyettävä muuttamaan. Samalla myös rahoituskriteerit on uudistettava. On täysin kestäväntöntä, että tuemme jättimäisillä koheesiovaroilla maita, jotka viisiveisaavat Euroopan unionin yhteisistä arvoista ja rikkovat oikeusvaltioperiaatetta. Euroopan unionin perusarvojen kunnioittaminen on otettava rahoituksen ehdoksi.

Maria Gabriela Zoană (S&D), *în scris*. – Este important să admitem că Europa se confruntă cu două mari provocări: îmbătrânirea populației și depopularea zonelor rurale. Viața la țară nu mai este atractivă pentru tineri din punct de vedere educațional, economic și social. Sunt probleme imense legate de infrastructură, dar și de inexistența serviciilor de calitate în domeniul sănătății în zonele rurale.

Migrarea masivă a populației din mediul rural în mediul urban a condus la găuri importante în economie. Populația majoritară rămasă în zonele rurale este reprezentată de persoane cu vârste ridicate, care nu mai au capacitate de muncă. Cadrul financiar post 2020, în mod obligatoriu, trebuie să mențină Politica Agricolă Comună, iar pilonul I este esențial. Numai cu investiții masive în zonele rurale vom reuși să atragem tinerii, investiții care se vor concretiza în locuri de muncă bine plătite, instituții de învățământ de bună calitate, conexiuni de internet de mare viteză, centre de divertisment, infrastructură. Altfel, ne vom confrunta cu o lipsă acută de lucrători în sectorul agricol.

Ne dorim nu doar securitate alimentară, ci și suveranitate alimentară. Acest lucru se poate realiza doar printr-un proces de reformă a politicii comerciale și a politicii de dezvoltare în beneficiul cetățeanului.

Carlos Zorrinho (S&D), *por escrito*. – O relatório sobre o quadro financeiro plurianual reflete um compromisso político alargado e contém posições de bom senso e ambição que devem consideradas em todo o processo de decisão.

Destaco em particular a proposta de aumentar para 1,3% do PNB os contributos nacionais para o orçamento da UE e o princípio de que novas prioridades devem ser financiadas com novos recursos, sejam transferências nacionais, sejam recursos próprios obtidos pela União.

As propostas contidas no relatório salvaguardam os compromissos europeus com o desenvolvimento sustentável, com o cumprimento do Acordo de Paris e com a implementação do pilar dos direitos sociais, além de defenderem o mesmo nível de financiamento e maior eficácia na aplicação da política de coesão e da política agrícola comum.

Saliento algumas das prioridades contidas na resolução, designadamente o reforço das políticas para os jovens, incluindo a duplicação dos apoios ao emprego dos jovens e a triplicação dos fundos para o programa Erasmus, a proteção das crianças em risco de pobreza e exclusão, os incentivos aos países que acolhem refugiados e o fundo de transição para apoiar a reconversão do setor da energia e a descarbonização. É uma proposta de convergência para um bom acordo para o futuro da UE.

14. Entrega de documentos: ver Ata

15. Orientações para o orçamento de 2019 — Secção III (debate)

Puhemies. – Esityslistalla on seuraavana Daniele Viottin budjettivaliokunnan puolesta laatima mietintö vuoden 2019 talousarvion suuntaviivoista – Päätöskäytäly III (2017/2286(BUD)) (A8-0062/2018).

Daniele Viotti, *relatore*. – Signora Presidente, onorevoli colleghi, se mi consente un dato personale appena prima di iniziare: per me è un grande onore aprire questo anno di bilancio e questa prima discussione, e sarà un onore per me ricoprire il ruolo di relatore di bilancio, e voglio ringraziare l'esempio che mi hanno dato i relatori degli anni precedenti – con cui ho avuto modo di collaborare come relatore ombra lo scorso anno – il collega Mureșan, ma anche il collega Geier, il collega Fernandes e la collega Gardiazabal. E naturalmente auguro buon lavoro al Commissario Oettinger, con il quale immagino lavoreremo nelle prossime settimane e nei prossimi mesi per tutto l'anno.

È difficile naturalmente riassumere in pochi minuti il contenuto delle linee guida su cui abbiamo lavorato in queste settimane con i colleghi, e ne approfitto anche per ringraziare i relatori ombra con cui c'è stato un proficuo lavoro e anche un franco e proficuo lavoro in queste settimane per arrivare a un documento che possa avere il più ampio voto in quest'Aula. Citerò soltanto alcuni temi, perché è impossibile naturalmente rileggere tutto il documento e tutto il testo.

Naturalmente noi abbiamo il dovere, come Parlamento, come Unione europea, di rivolgere le nostre attenzioni soprattutto a quanti ancora oggi soffrono della crisi economica e finanziaria che ha colpito il nostro continente, che ha colpito il mondo intero negli anni passati e sulla quale probabilmente non è stato fatto abbastanza. Penso in particolare ai lavoratori e alle lavoratrici, penso in particolare ai giovani, penso alle piccole e medie imprese, che spesso hanno dovuto chiudere o che ancora oggi sono in difficoltà e con grande coraggio cercano di andare avanti nonostante la crisi e nonostante poche rassicurazioni e pochi interventi che sono stati fatti nei loro confronti.

Penso anche, e vorrei riassumere soprattutto sulla questione giovanile le mie attenzioni di contenuto in particolare. Ne abbiamo parlato fino adesso, rispetto al dibattito sul prossimo quadro finanziario pluriennale e al tema delle risorse proprie: noi abbiamo bisogno assolutamente, come Europa, di puntare tutte le nostre possibilità, tutti i nostri sforzi, tutte le nostre risorse, non soltanto economiche, sulle giovani generazioni.

Per questo noi abbiamo bisogno che anche dal prossimo anno, al di là del nuovo quadro finanziario, l'iniziativa giovani sia una iniziativa che abbia una corposa dotazione e abbia una reale dotazione, Commissario, perché possano essere veramente implementate le iniziative negli Stati membri. E penso a Erasmus e a Erasmus +, sul quale dobbiamo dare garanzie a tutti i giovani che chiedono di poter accedere, perché lo diceva benissimo Lei, rispondendo a un collega italiano che ha una visione un po' distorta dell'Unione europea: noi abbiamo bisogno che da subito quanti più giovani possibile possano diventare parte di questo continente.

Vado velocemente su altri due elementi: uno è il tema della difesa, sul quale sta facendo moltissimo l'Unione europea, e su questo noi dobbiamo impegnarci, naturalmente, e sulla questione dei fenomeni migratori. Dobbiamo sì, guardare dall'interno i fenomeni migratori, e quindi essere capaci di accogliere quanto è giusto accogliere e avere le risorse per poter accogliere, ma dobbiamo anche guardare all'esterno ed essere capaci di prevenire, nel lungo termine, le fasi migratorie.

Due ultime considerazioni: vorrei parlare ancora dell'ambiente, naturalmente, del 20 % del nostro quadro finanziario da dedicare all'ambiente, e vorrei parlare soprattutto di un'Europa sociale. Ci sono due bilanci che vanno di pari passo: una è l'Europa degli investimenti e l'altra è l'Europa che invece deve stare a fianco ai cittadini che non ce la fanno, che sono più poveri, che hanno difficoltà anche ad accedere alla sanità, oppure sono in fase di disoccupazione. I nostri Stati non sono in grado di dare risposte e noi dobbiamo essere vicini ai nostri Stati membri.

Le ultimissime due considerazioni: la prima è un principio che dobbiamo darci, che è un principio caposaldo del nostro Parlamento e che vogliamo portarci dietro anche nel prossimo negoziato. Per ogni nuovo progetto devono essere previste nuove risorse e nuovi soldi. Lei prima ha fatto l'esempio della cucina, Commissario europeo, noi siamo soltanto i cuochi e siamo la cucina. Bene, se a questa cucina vengono chieste più portate, se a questa cucina vengono chiesti più piatti – arrivo subito alla conclusione, Presidente – questa cucina deve avere anche una cambusa che abbia molte più risorse.

Infine sul negoziato: se la Commissione – e finisco – se la Commissione sarà una Commissione ambiziosa troverà questo Parlamento, come sa, assolutamente alleato. Se il Consiglio avrà voglia di trattare sin dall'inizio troverà questo Parlamento prontissimo a trattare sin dall'inizio. I populismi non si combattono – guardi, Presidente – i populismi non si combattono solo con le parole, ma si combattono con le politiche e possiamo combatterli anche con il bilancio del prossimo anno.

Günther Oettinger, Mitglied der Kommission. – Frau Präsidentin, meine Damen und Herren Abgeordneten, meine Damen und Herren! Ich will eingangs Herrn Abgeordneten Viotti danken und Respekt bekunden für die handwerklich und inhaltlich wertvolle Arbeit, mit der er die Leitlinien des Parlaments vorbereitet hat. Und gern sage ich Ihnen, Herr Viotti, mein Interesse an einem regelmäßigen Gedankenaustausch in den nächsten Monaten zu, denn wir sollten versuchen, die Kommissionsarbeit und die Parlamentsprioritäten ab heute, vom März bis zum Herbst, wenn die Entscheidungen zwischen dem Rat, dem Parlament und auch der Kommission zu treffen sind, größtmöglich abzustimmen.

Einerseits, so will ich behaupten, sind Ihre Schwerpunkte und die der Kommission beim Haushalt 2019 weitgehend vergleichbar mit denen des Jahres 2018. Was Ihnen in diesem Jahr wichtig war, bleibt Ihnen auch im nächsten Jahr wichtig. Andererseits ist es ein Haushalt, bei dem die britischen Freunde erstmals nicht mehr das ganze Jahr als Mitglieder dabei sind – der Brexit wirkt wahrscheinlich ab Ende März nächsten Jahres. Aber nach den Beratungen der Unterhändler und meinem Kontakt mit unserem Chefverhandler Michel Barnier gehen wir davon aus, dass die Briten bereit sind, nicht nur am Beratungsverfahren im Rat als ein Mitgliedstaat konstruktiv mitzuwirken, sondern mit allen Rechten und allen Pflichten im nächsten Jahr auch für das gesamte Jahr am Haushalt teilzunehmen. Dies kann die Arbeit erleichtern.

Ihre Schwerpunkte sind unsere Schwerpunkte. Es geht um Wachstum und Beschäftigung und damit um die Bekämpfung der in zahlreichen Regionen Europas noch immer zu hohen Arbeitslosigkeit, insbesondere auch der Jugendarbeitslosigkeit. Es geht zweitens darum, dass wir genehmigte Maßnahmen auch finanzieren und genau sagen, dass wir dort Wort halten, wo wir Programme haben. Unsere Partner haben Erwartungen in die Programme und müssen ihre Programme so durchfinanzieren, dass die Mittelbereitstellung entlang der gemachten Zusagen auch gewährleistet ist. Das gilt für Horizont 2020, es gilt für die Connecting Europe Facility, es gilt für COSME, für die kleinen und mittleren Unternehmen und es gilt für Erasmus +. Nur ein Beispiel: Connecting Europe, eine Infrastruktur, egal ob Straße, Schiene, Energie, wird grenzüberschreitend beantragt, geprüft, genehmigt, vergeben, gebaut und abgerechnet.

Das heißt, wir haben große Projekte, die wir vor ein, zwei, drei Jahren begutachtet und genehmigt haben und die jetzt auch im nächsten Jahr mit einem entsprechenden Finanzanteil bedient werden müssen. Diese Erwartung haben die Mitgliedstaaten, haben die Investoren und hat die entsprechend bauausführende Firma. Wort halten bei den gemachten Zusagen ist ein Teil unseres Haushaltsvorschlags und dessen, was durch Sie dann später zu genehmigen ist. Es geht darum, dass wir die Möglichkeiten der Flexibilität im nächsten Jahr nutzen, um gerade dort, wo neue Aufgaben bestehen, die ansteigende Bedeutung haben, auch die Aufgabenwahrnehmung zu finanzieren: Bereitstellung von humanitärer Hilfe, Migrationsmaßnahmen, Stärkung der Kontrollen an den Außengrenzen, Unterstützung der am meisten betroffenen Mitgliedsstaaten, wenn es um die Flüchtlingsaufgaben geht.

So kann ich Ihnen sagen, dass die Kommission Ihnen heute Morgen die Fazilität für Flüchtlinge in der Türkei in einer zweiten Tranche vorschlagen will. Jetzt ist die Zeit reif. Die drei Milliarden, die Sie und die Mitgliedstaaten vor zwei Jahren bereitgestellt haben, sind durch *commitments* mittlerweile voll belegt, und die Zahlungen werden alsbald die drei Milliarden erreicht haben. Wir müssen jetzt über eine zweite Tranche von diesen drei Milliarden beraten und entscheiden. Nur ein Beispiel: Wir haben für Hunderttausende von Flüchtlingskindern Schulangebote, Unterricht in den entsprechenden Unterbringungszentren und -lagern. Wir müssen jetzt für das nächste Schuljahr, das im September beginnt, für 5000 Lehrer die Gehaltsgrundlagen schaffen, damit man ihren Vertrag für das nächste Schuljahr entsprechend unterschreiben kann. Dafür brauchen wir Klarheit, die zweite Tranche, und eine anteilige Mitfinanzierung wird im *Draft Budget 2019* enthalten sein.

Wir schlagen vor, dass der europäische Haushalt auf der Wegstrecke bis zum Ende des MFR eine Milliarde bereitstellt und die Mitgliedstaaten zu ergänzenden zwei Milliarden bereit sein sollten. Der Rat, Ihr Partner, unser Partner, hat seine Leitlinien am 20. Februar dieses Jahres beschlossen. Wenn man die Leitlinien des Rates und den Entwurf des Kollegen Viotti vergleicht – allzu große Unterschiede bestehen nicht. Zwischen der Position des Parlaments, die Sie heute beraten, der des Rates, die verabschiedet ist, und dem, was wir vorbereiten, gibt es überbrückbare Unterschiede, die beim guten Willen aller Beteiligten, obwohl sich langsam der Tag der europäischen Wahl nähert, auf der Wegstrecke bis Oktober/November eigentlich in Einklang gebracht werden sollten. Um diese gemeinsame Entscheidung für einen Haushalt 2019 zeitgerecht bis November zu erreichen, wollen wir alles tun, um zu vermitteln, aber auch Ihnen Auskunft zu geben, was Sie vertiefend in den nächsten Wochen für Ihre Beratungen an Auskünften über den Haushaltsvollzug 2018 und unsere Planaufstellung für 2019 wissen müssen. Wir legen Ihnen und dem Rat dann wohl noch im Mai das *Draft Budget 2019* vor. Der Zeitplan bis Herbst ist von uns allen schon entsprechend in der Vorbereitung. Besten Dank für Ihre Mitwirkung!

PREȘEDINȚIA: IOAN MIRCEA PAȘCU

Vicepreședinte

Monika Hohlmeier, im Namen der PPE-Fraktion. – Herr Präsident, Herr Kommissar, liebe Kolleginnen und Kollegen! Zunächst einmal darf ich mich am Anfang bei meinem Kollegen Viotti ganz herzlich bedanken, nicht nur für die gute Zusammenarbeit, sondern vor allem auch dafür, dass er wirklich eine sehr gute Basis von *guidelines* für das Haushaltsjahr 2019 vorgelegt hat.

Lieber Herr Kommissar, ich freue mich, dass wir eine so breite gemeinsame Basis haben, insbesondere was Horizont 2020 und was auch Erasmus anbelangt. Bei Horizont 2020 haben Sie besonders das Thema COSME erwähnt. Ich möchte darüber hinausgehend auch noch *Future Emergence Technologies* erwähnen – ein tolles Programm, das aber ziemlich unterfinanziert ist und bei dem es sehr viele herausragende Projektanträge gibt, wo wir auch überlegen müssen, ob wir in irgendeiner Weise im Jahr 2019 Mithilfe leisten können.

Des Weiteren haben wir eine sehr intensive Priorität auf die Frage gelegt, wie wir vermeiden können, dass junge Menschen arbeitslos sind. Ich wünsche mir, dass es uns gemeinsam mit der Kommission und den Mitgliedstaaten gelingt, die *Youth Employment Initiative* weiter so zu stärken, dass die jungen Menschen wirklich dauerhaft Arbeitsplätze finden und nicht nur eine vorübergehende Unterbringung. Denn unser Ziel ist es, junge Menschen dauerhaft zu qualifizieren und ihnen dann dauerhaft einen sicheren Arbeitsplatz beziehungsweise zukunftsträchtige Arbeitsplätze zu geben.

Des Weiteren haben wir es weiterhin mit den Themen Sicherheit und Migration zu tun. Die Sicherheit wird weiterhin eine sehr, sehr große Rolle im Zuge des nach wie vor vorhandenen Terrorismus spielen und uns herausfordern.

Ich glaube, dass wir im nächsten Jahr vor allem darauf Wert legen müssen, dass wir uns nicht von Diskussionen wie über den Brexit und anderem leiten lassen, sondern inhaltlich intensiv an der Fortentwicklung der Europäischen Union arbeiten, um die anstehenden Aufgaben zu bewältigen.

Isabelle Thomas, *au nom du groupe S&D*. – Monsieur le Président, je tiens d'abord à féliciter chaleureusement notre rapporteur Daniele Viotti pour son excellent travail.

En adoptant les orientations pour le budget 2019 de l'Union européenne, le Parlement assure son rôle d'autorité budgétaire et envoie, à ce titre, un signal ferme aux autres institutions en vue des négociations à venir.

Deux regrets qui sont autant d'alarmes pour les procédures à venir.

Le premier concerne la Commission européenne, qui n'a pas joué toute la transparence lors de la dernière conciliation pour le budget 2018 en dissimulant qu'elle envisageait de transformer l'augmentation consentie sur l'initiative pour la jeunesse en une simple avance sur les budgets 2019-2020.

Nous rappelons à la Commission en tant qu'autorité budgétaire qu'il s'agit bien d'une augmentation numéraire de ce programme. Nous attendons de nos partenaires qu'ils soient plus sincères lors des négociations à venir.

J'alerte également sur une formulation ambiguë qui laisse à penser que le Parlement renoncerait à sa position historique, sur laquelle de nouvelles initiatives pourraient être financées par des coupes dans d'autres programmes. Pour mon groupe, il n'en est rien. Ainsi, les nouveaux programmes de sécurité ne pourront en aucun cas se substituer aux programmes de solidarité.

Le Parlement doit maintenir son cap et déjouer toutes sortes de manipulations. Nous serons plus prudents lors des prochaines conciliations budgétaires.

Bernd Kölmel, *im Namen der ECR-Fraktion*. – Herr Präsident, Herr Kommissar Oettinger! Vielen Dank für Ihre Ausführungen. Ich kann Ihnen in vielen Bereichen zustimmen. Sie haben zwei wunderbare Beispiele genannt: Migrationspolitik, da müssen wir tatsächlich Schwerpunkte setzen. Schwerpunkte im Haushalt heißt, wir brauchen ausreichend Geld, und zwar auf verschiedenen Ebenen. Einerseits müssen wir zum Beispiel Frontex stärken, denn wir müssen die Außengrenzen sichern. Wir brauchen auch vernünftige Verfahren für alle ankommenden Menschen. Gleichzeitig müssen wir aber natürlich auch in den Ländern, wo diese Menschen herkommen, Schwerpunkte für die Ausgaben setzen, denn jeder Euro, den wir dort investieren, ist wesentlich besser investiert als wenn wir warten, bis diese Menschen eine gefährliche Überfahrt über das Mittelmeer machen und wir erst hier investieren.

Genauso gibt es auch Investitionen in grenzüberschreitende Projekte. Da kann die EU eindeutig einen Mehrwert liefern. Dennoch glaube ich, dass die Gesamtstruktur unseres Haushalts immer noch verkehrt ist. Wir erwecken völlig falsche Eindrücke bei den Bürgern, wenn wir so tun, als ob wir in der EU mit einem Budget der EU die Arbeitslosigkeit in Europa definitiv bekämpfen könnten. Wir können einzelne Maßnahmen treffen, die sind aber regelmäßig nicht so nachhaltig, als wenn wir tatsächlich die Wirtschaft von vielen bürokratischen Fesseln befreien würden, wenn wir die Rahmenbedingungen dafür schaffen würden, dass die Wirtschaft wachsen kann. Dazu gehört zum Beispiel, dass man endlich die Disparitäten in der Eurozone bekämpft. Da müssten wir ansetzen und nicht bei irgendwelchen Subventionen, die letztlich eigentlich nur ein Strohfeuer sind.

Gérard Deprez, *au nom du groupe ALDE*. – Monsieur le Président, je veux tout d'abord féliciter notre collègue, M. Viotti, pour son investissement, sa créativité, sa façon toute italienne et son sens des compromis. Et je veux lui dire «Monsieur Viotti, vous êtes béni par les dieux». Je viens d'entendre – si la traduction est correcte – M. le commissaire dire «Monsieur Viotti, vous avez placé vos accents, ils sont les nôtres», et j'ai entendu ensuite le commissaire dire, en examinant les propositions du Conseil, «elles sont pratiquement les vôtres». Mais c'est remarquable, Monsieur Viotti.

Je ne vais donc pas en profiter pour répéter ce que mes collègues et le commissaire ont dit en matière de priorités, je veux simplement insister sur deux choses, qui me paraissent importantes au stade actuel. Premièrement, les jeunes, tous les jeunes doivent expérimenter concrètement, dans leur vie, que l'Union européenne est faite pour eux, qu'elle investit en eux, qu'elle compte sur eux. C'est pourquoi, nous le répétons tous, il faut renforcer considérablement les moyens mis à la disposition d'Erasmus + et l'élargir aux jeunes des milieux populaires par les apprentis. Il faut évaluer les mesures prises en soutien à l'emploi des jeunes et renforcer les programmes les plus performants. Il faut mettre en œuvre rapidement le corps européen de solidarité pour renforcer, chez les jeunes, les valeurs d'entraide et de solidarité.

Deuxièmement, les classes populaires qui ont progressivement été gagnées par l'euroscepticisme et le populisme doivent être réconciliées avec l'idée européenne. L'Europe – et c'est un membre du groupe ALDE qui vous le dit – ne peut pas être seulement l'affaire des milieux dirigeants, des entrepreneurs, des milieux universitaires et de la classe moyenne intellectuelle.

Il y a peu, les trois institutions ont solennellement proclamé le socle européen des droits fondamentaux. Proclamer, c'est bien, mais mettre en œuvre, c'est mieux. Nous devons chercher, tous ensemble, là où il y a moyen d'ajouter une valeur européenne dans le domaine social.

Indrek Tarand, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Mr President, as so often happens in the Committee on Budgets, I agree with Mr Deprez – so I could save the next 50 seconds and not say anything – but I will still make four quick points.

I appreciate that the rapporteur has brought to the attention of the Commission and Council the need for a properly managed negotiation process, and I hope this serves as a warning to encourage the full engagement of all parties. We need to do that. I am glad as well that the Youth Employment Initiative, Erasmus, research and climate will lead these future negotiations because it was about time to acknowledge that our climate action goals are falling short and it is about time we engaged decisively to achieve them.

Finally, I am speaking on behalf of my group, but I have a slightly different approach to defence issues. So give us more defence. Otherwise, we will all be killed by some kind of nerve agent.

Patrick O'Flynn, *on behalf of the EFDD Group*. – Mr President, for all the posturing that went on in the Chamber this morning during the Brexit debate, one might suppose that the EU is in a position to send Britain packing with no departure agreement. However, this motion blows such an idea out of the water when it notes that the December deal to launch phase two of Brexit talks included an undertaking that the UK 'will contribute to and participate in the implementation of annual budgets for 2019 and 2020 as if it had remained in the Union'. In cold hard cash over two years, this equates to nearly EUR 20 billion net, yet as Brexit Secretary David Davis made clear, nothing is agreed until everything is agreed.

Were the UK simply cut adrift, you would have an enormous immediate financial black hole and no obvious means of filling it. The conclusion surely is that it is time for the EU to drop the brow-beating and the bullying and come to a sensible deal. The truth is that it cannot afford to do otherwise.

Bernard Monot, *au nom du groupe ENF*. – Monsieur le Président, ce rapport sur les orientations générales du budget 2019 est emblématique de la vision dogmatique de l'Union européenne. Vos arguments politiques pour justifier vos dépenses budgétaires inutiles sont une litanie d'intentions totalement déconnectées des réalités et des besoins des Européens. Les dirigeants européens vivent dans l'illusion de se croire indispensables. Comme si, avant l'Union européenne fédéraliste, il n'y avait rien! Mais vous êtes les seuls à le croire. Votre souci existentiel maintenant est que la majorité des citoyens rejette de plus en plus votre Union européenne mondialiste et ultralibérale. En Autriche, en Italie – Monsieur Viotti –, en France, dans les pays de l'Est et même en Allemagne, les peuples se réveillent et n'acceptent plus votre idéologie mondialiste et la submersion migratoire que vous imposez.

Dans votre angoisse, vous attribuez ce phénomène de révolte populaire aux mouvements politiques eurocritiques qui défendent la culture, l'identité nationale et les économies de chaque pays. Mais qui est au pouvoir depuis des décennies? Qui est responsable du chômage de masse, de la désindustrialisation, de ses ravages sociaux? Qui a organisé la soumission atlantiste des pays d'Europe? Qui a favorisé l'émergence du terrorisme islamiste et de l'insécurité des Européens? Ce ne sont pas les partis «populistes», c'est vous!

Alors, ne venez pas jeter sur nous vos propres turpitudes et assumez vos incompétences!

José Manuel Fernandes (PPE). – Senhor Presidente, queria saudar o Senhor Comissário, dar os parabéns aos relatores, ao relator principal e aos relatores-sombra e recordar – e é sempre bom recordar – que o orçamento da União Europeia é um orçamento de investimento. Só 6% é que são destinados às despesas de administração e de funcionamento. Isto significa que este é um orçamento com um grande valor acrescentado.

Em alguns Estados-Membros mais de 70% do investimento público resulta do orçamento da União Europeia. Ainda que corresponda apenas a 1% do Produto Interno Bruto, tem um valor acrescentado enorme, insisto nesta afirmação.

O orçamento de 2019 deverá ser um orçamento que deve continuar a promover a coesão económica, social e territorial, a solidariedade, e deve ser um orçamento para a juventude. O desemprego jovem tem valores que são inaceitáveis. O orçamento da União Europeia, através dos montantes que disponibiliza, mesmo na política de coesão, através do Erasmus+, do reforço da iniciativa Emprego Jovem, deve ajudar a que este flagelo seja minorado. Para além disso, o apoio às pequenas e médias empresas, à investigação e à inovação são essenciais.

Termino dizendo que, se estamos de acordo, Conselho e Comissão, no que diz respeito às prioridades, não será difícil também nos pormos de acordo em relação aos montantes necessários para executarmos essas mesmas prioridades.

Eider Gardiazabal Rubial (S&D). – Señor presidente, después de haber tenido un intenso debate sobre perspectivas financieras, abordamos ahora las orientaciones generales para el presupuesto de 2019, y me quiero sumar a las felicitaciones que se han hecho al ponente, Daniele Viotti, por el magnífico trabajo que ha realizado junto a los ponentes alternativos.

Son unas orientaciones que siguen haciendo hincapié en los principales desafíos que tenemos para el próximo año. Porque, a pesar de que hemos salido de la crisis económica en términos macroeconómicos, es verdad que las desigualdades no hacen más que crecer, y tenemos que poner el presupuesto del lado de los más desfavorecidos. Y tenemos que ver en este presupuesto reflejado el acuerdo sobre el pilar social que se firmó en Gotemburgo para que esto no se quede, una vez más, en una bonita declaración de intenciones.

Y el desempleo juvenil también tiene que seguir siendo una prioridad. Sigue siendo muy alto en muchas de nuestras regiones y, desde luego, es intolerable que mi país no sea capaz de utilizar estos fondos para acabar con el desempleo juvenil. Y aprovecho —ya lo han hecho otros oradores también— para reiterar que la voluntad del Parlamento al negociar los presupuestos de 2018 era aumentar el dinero disponible para la Garantía Juvenil. Y me gustaría pedirle al comisario que nos aclare cuál es la postura de la Comisión.

Y acabo: también tenemos que seguir invirtiendo en nuestro planeta. Porque nuestros compromisos contra el cambio climático, a favor de una transición energética y, en definitiva, a favor de un modelo de desarrollo sostenible tienen que tener su reflejo en este presupuesto.

Una última frase: las prioridades del Parlamento y del Consejo suelen coincidir, pero, luego, a la hora de poner los recursos, el Parlamento siempre pone el dinero y el Consejo siempre lo quiere recortar.

Siegfried Mureşan (PPE). – Mr President, I will tell you four things. Firstly, Commissioner, please take into account the main elements from the guidelines drafted by our colleague, Daniele Viotti, that will be approved by a large majority in plenary when you put forward the draft budget in May. I can say, speaking as a general rapporteur for the 2018 Union budget, that last year, when you presented the draft budget, you took account of the conclusions in our guidelines in a more than satisfactory manner, and that made the budgetary procedure much easier. The more you take into account, the higher the likelihood that we can find a good agreement in the conciliation procedure at the end of the year.

My second message is that trust is important. Trust between Parliament and the Commission and all of the Commission departments is important. Let's use the beginning of this budgetary procedure to establish such trust. Thirdly, Commissioner, last year we jointly decided in the conciliation procedure to increase the amounts for heading 1A – research, innovation, Erasmus scholarships, and small and medium-sized enterprises – because money was needed there. But in the 2019 budget guidelines the Council is now asking you to try to find ways to redeploy – and hence reduce – the budgets for 2019 and 2020 in those areas. Please stand together with us in defending the increases. The amounts were needed for that heading, and any reductions are a move in the wrong direction.

My fourth and last message, very briefly, is let's find ways in the budget for next year to finance measures to tackle fake news and disinformation propaganda. Fake news is a threat to the Union and to our Member States. Let's find ways to act.

Jean-Paul Denanot (S&D). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, oui, esquisser les contours d'un budget européen dans le cadre contraint que nous connaissons n'est pas chose facile, et je souhaite remercier mon ami, Daniele Viotti, des propositions qu'il fait et qui peuvent permettre de relever les défis les plus urgents auxquels l'Union européenne est désormais confrontée: gestion des migrations, bien sûr, lutte contre le chômage des jeunes, lutte contre le changement climatique, soutien à la recherche fondamentale et à l'innovation, encouragement de la mobilité et de l'investissement, autant de politiques qui ne doivent, en aucun cas, être financées au détriment des politiques structurelles que sont les politiques de cohésion et de la PAC.

Je l'ai rappelé à nombreuses reprises dans cette assemblée, notre Union mérite les moyens de ses ambitions. La balle est désormais dans le camp de la Commission et du Conseil, qui doivent entendre l'appel des élus européens qui veulent absolument éviter la montée des populismes et des extrémismes. Ils doivent accepter de financer ces politiques avec des ressources propres.

Je voudrais simplement rappeler, pour terminer, que la lutte contre la fraude fiscale et ce que certains appellent pudiquement l'optimisation fiscale mériteraient d'avoir un budget convenable pour l'Union européenne.

Intervenții la cerere

Nicola Caputo (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, le scelte sul bilancio dell'Unione per il 2019 si svolgeranno parallelamente alle scelte sul prossimo quadro finanziario pluriennale e sulla riforma del sistema delle risorse proprie. Cercare un accordo ambizioso e globale è indispensabile per influenzare in modo positivo i negoziati paralleli.

Al centro dell'attenzione vanno posti i problemi della sicurezza e della disoccupazione, in particolare quella giovanile. Preoccupanti sono i ritardi nell'attuazione della politica di coesione, così come quelli nell'attuazione del programma contro la disoccupazione giovanile.

Bene gli aumenti degli stanziamenti, ma occorre migliorare le sinergie tra tale programma, il fondo sociale e bilanci nazionali, per evitare che l'iniziativa per l'occupazione giovanile vada semplicemente a sostituire i finanziamenti nazionali per i giovani cosiddetti NEET.

Un accenno infine alla lotta al cambiamento climatico e alla *green economy*: in un periodo in cui gli Stati Uniti non sono più disposti a rispettare i loro impegni nella lotta al cambiamento climatico, ritengo che il bilancio 2019 debba rafforzare il ruolo di prima linea dell'Unione, prevedendo per esempio un sostegno finanziario supplementare per il programma LIFE.

Arne Gericke (ECR). – Herr Präsident! Lieber Herr Kommissar Oettinger, vielen Dank für Ihre Ausführungen zum Haushalt 2019, vorher zum mehrjährigen Finanzrahmen – eine echte Diskussionsgrundlage. Ich darf Sie zitieren: Herr Ober, ich möchte gern bestellen im Namen der Bürger unseres gemeinsamen Heimatlandes Deutschland: eine Runde Rothaus für den Stammtisch. An den sollten wir uns gemeinsam setzen, um zu hören, was die Leute draußen zu dem sagen, was Sie hier erklären: Deutschland muss mehr zahlen. Ein Drittel des Brexit-Lochs sollen unsere Steuerzahler füllen. Das heißt, drei bis vier Milliarden Euro Miese mehr pro Jahr. 13 bestehende plus 4 macht 17, durch 82 Millionen macht 208 Euro pro Kopf oder umgerechnet 13 Kästen Tannenzäpfle für jeden deutschen Bürger – ein stolzer Preis!

Sparen wir uns das! Oberkante! Deutschlands Steuerzahler können nicht mehr zahlen, keinen Cent mehr, lieber Herr Oettinger. Bitte berücksichtigen Sie das. Dann sind Sie im heimischen Biergarten weiter willkommen. Prost!

Ελευθέριος Συναδινός (NI). – Κύριε Πρόεδρε, ο προϋπολογισμός της Ένωσης αποτελεί την έκφραση ενός παρωχημένου και αντιπαραγωγικού συστήματος, το οποίο δεν διορθώνεται με αποσπασματικές παρεμβάσεις ή με αντιμετώπιση μόνο των συμπτωμάτων των στρεβλώσεων και όχι των αιτιών τους. Είναι ουτοπικό να πιστεύουμε ότι οι επιπτώσεις της χρηματοπιστωτικής, οικονομικής και κοινωνικής κρίσης αποτελούν πλέον παρελθόν, όπως απαράδεκτη είναι και η συλλήβδην στοχοποίηση πολιτικών κινήματων και πολιτικών αντιπάλων μέσω του προϋπολογισμού.

Ο στόχος του προϋπολογισμού δεν αφορά μόνο την τυπική κατανομή πιστώσεων αλλά παραμένει απόλυτα θεωρητικός. Δεν οδηγεί σε βιώσιμη ανάπτυξη, δεν αντιμετωπίζει επαρκώς τις υπάρχουσες προκλήσεις ή διαφαινόμενες απειλές και εντείνει τις οικονομικές ανισότητες μεταξύ των εύρωστων και ασθενέστερων κρατών μελών. Δυστυχώς στην ενωμένη Ευρώπη, όπου τα κράτη μέλη ασκούν την οικονομική και φορολογική τους πολιτική καθ' υπαγόρευση και έχουν πλέον απωλέσει την πλήρη εθνική τους κυριαρχία, η ευμάρεια των πολιτών ανατίθεται σε τρίτους δίχως εξασφαλίσεις για τη χρηστή, αμερόληπτη και ανεξάρτητη διαχείριση των διαθέσιμων πόρων.

Maria Gabriela Zoană (S&D). – Domnule președinte, domnule comisar, Uniunea Europeană este supusă constant la o serie de provocări și, pentru a rămâne competitivă, trebuie să țină seama de schimbările rapide care au loc, de intensificarea concurenței la nivel mondial și de modificările profunde cauzate de digitalizare în toate sectoarele.

Cercetarea, competitivitatea, inovația și IMM-urile active sunt esențiale pentru a permite creșterea economică și crearea de locuri de muncă în Uniunea Europeană. Dar, pentru aceasta este important să se ofere acestor societăți un mediu favorabil pentru a clădi o economie a Uniunii Europene cu adevărat competitivă la nivel mondial, respectiv programe care să țină cont de cerințele specifice și de resursele administrative reduse ale acestora.

Bugetul Uniunii Europene pe 2019 ar trebui să consolideze toate instrumentele relevante pentru combaterea șomajului în rândul tinerilor, în special în regiunile Uniunii Europene rămase în urmă din punct de vedere economic, acordând o atenție deosebită îmbunătățirii competențelor antreprenoriale și profesionale, recunoașterii calificărilor la toate nivelurile de educație și de formare profesională, inclusiv promovarea competențelor digitale și a spiritului antreprenorial în domeniul digital.

Νότης Μαριάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, ο προϋπολογισμός του 2019 καλείται να αντιμετωπίσει πολλές προκλήσεις: η ανεργία των νέων, η συνοχή, η μετανάστευση είναι τρία βασικά θέματα. Για την ανεργία των νέων τα κονδύλια που διατίθενται είναι ψίχουλα. Αν λάβει κανείς υπόψη ότι ο κ. Draghi έχει μέχρι στιγμής διαθέσει 2,5 τρισεκατομμύρια ευρώ στην ποσοτική χαλάρωση, τα ποσά που διαθέτει η Ευρωπαϊκή Ένωση για τη στήριξη της απασχόλησης των νέων πραγματικά δεν δημιουργούν καμία δυναμική για σημαντική απασχόληση, πολύ δε περισσότερο για χώρες όπως η Ελλάδα, όπου αυτή τη στιγμή είμαστε πρωταθλητές στην ανεργία των νέων ενώ πάνω από πεντακόσιες χιλιάδες νέοι έχουν μεταναστεύσει.

Ταυτόχρονα, πρέπει να διατεθούν κονδύλια για τη στήριξη της περιφέρειας, για να έχουμε περιφερειακή συνοχή, και, τέλος, κονδύλια για τη μετανάστευση –στήριξη της Ελλάδας, η οποία πραγματικά δεν αντέχει άλλους πρόσφυγες και παράνομους μετανάστες, κύριε Oettinger.

Doru-Claudian Frunzuliță (S&D). – Mr President, I would say to the Commissioner that while all these things are very important – youth unemployment, immigration, Brexit – I would like to refer to the European defence plan that was recently established.

The European Union cannot continue to be a soft power only. The European Union needs to build security and defence capabilities because the main concern of European citizens nowadays is security. We have to respond to these concerns, giving more money, more funds, to European defence and security institutions like Europol, like the European Counter-Terrorism Centre, to Frontex and so on and so forth.

Of course, the new PESCO policy has to play a very important role because, as I said, we cannot continue to rely only on economic relations, on trade or on humanitarian aid or development aid. Europe, if it wants to become a global actor, needs stronger security and defence capabilities.

(Înceierea intervențiilor la cerere)

Günther Oettinger, *Mitglied der Kommission*. – Herr Präsident, meine sehr verehrten Damen und Herren Abgeordnete! Ich kann zur letzten Wortmeldung sagen, dass ich eben dies genauso sehe. Europa muss für seine äußere und innere Sicherheit mehr leisten als in der Vergangenheit, weil die Gefahren und Risiken für unsere europäischen Bürger nicht abgenommen, sondern zugenommen haben. PESCO ist dafür ein Konzept, das von den Mitgliedstaaten weitgehend unterstützt wird, und wir werden mit einer Pilotphase 2019/2020 den Mehrwert im Bereich Verteidigungsforschung und Verteidigungsindustrie austesten und auf der Erfahrung aufbauend im nächsten Haushaltsrahmen 2021ff deutlich mehr Geld in unseren Vorschlag einbeziehen, mit der Bitte, diesen auch entsprechend hier zu beraten und zu unterstützen.

Mehrere Kollegen haben sich auf das Thema Jugendarbeit bezogen. Ich bin mit Ihnen sehr einig, dass die nachhaltige und weitere Bekämpfung der Jugendarbeitslosigkeit für viele junge Menschen in zahlreichen Regionen Europas entscheidend ist. Deswegen werden wir auch im Haushaltsrahmen 2019 entsprechende Mittel zur Fortführung unserer Projekte vorschlagen.

Wir stellen zwei Punkte hier fest: Zum einen die Sorge, dass in einigen Mitgliedstaaten, in denen eigentlich diese europäischen Mittel hochwillkommen sein sollten und auch willkommen sind, die Absorption längst nicht zu 100 % gelingt. Das heißt, es gelingt nicht, die Mittel abzurufen und in Projekte, in Arbeitsplätze umzusetzen. Entweder, weil die Kapazitäten und die Aufnahmefähigkeiten im Markt nicht bestehen oder weil die Verwaltungskraft nicht ausreicht. Deswegen steht dieses Thema der Absorption, der Abschöpfung, für mich im Vordergrund, denn mehr Mittel machen nur dann Sinn, wenn sie auch abgerufen werden und über Projekte in Arbeitsplätze für junge Menschen umsetzbar sind. Wir haben da zwischen den Mittelansätzen und der Mittelverwendung in zahlreichen Mitgliedstaaten noch immer eine erhebliche Differenz.

Das zweite Thema wird im Zuge der Verhandlungen mit dem Rat zu besprechen sein. Sie wissen, bevor ich für den Haushalt verantwortlich geworden bin, gab es den *Midterm Review*; das ist Ihr Verdienst. Und in diesem *Midterm Review and Revision* haben wir 1,2 Milliarden Euro auf der Wegstrecke bis Ende 2020 an zusätzlichen Mitteln gemeinsam mit dem Rat für Jugendarbeit beschlossen. 2017 — auch dies war vor meiner Zeit — wurden dafür 500 Millionen in den Haushalt eingesetzt. 2018 — da war ich dabei — haben wir 350 Millionen eingesetzt. Auf dem Weg zu 1,2 Milliarden haben wir jetzt noch den Restbetrag von 350 Millionen. Wenn man die auf die beiden Jahre aufteilt, kann man damit nicht viel an Mitteln verstärken. Wenn wir sie im nächsten Jahr einsetzen, haben wir 2020 ein Problem. Also bleibt die Frage: Ist die Deckelung auf 1,2 Milliarden vom Rat verbindlich, oder kann man hier nochmals über Veränderungen, Umschichtungen oder Aufstockungen nachdenken? Wir kommen darauf mit Sicherheit im Trilog und in der *Conciliation* im Herbst zurück.

Eine kleine Ergänzung: Ein Kasten Rothaus-Bier, Tannenzäpfle, kostet 19,60 Euro. Damit bekommen Sie mit dem Betrag nur acht Kisten und nicht 13, wie von Ihnen veranschlagt.

President. – It probably depends on the kind of beer!

Daniele Viotti, *relatore*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, io da italiano posso intervenire parlando del costo del vino, più che di quello della birra, ma tornerei in argomento. Non so se sono stato benedetto da Dio, come ha detto il collega Deprez, certo è che la discussione è stata molto molto utile, mi ha fatto piacere sentire le parole in apertura del Commissario europeo e anche adesso in chiusura, e anche le parole dei colleghi che hanno sottolineato quei punti su cui io non ho potuto addentrarmi nel corso della mia relazione iniziale.

Voglio dire che noi abbiamo due doveri, e questo è chiaro dalla discussione che abbiamo fatto quest'oggi pomeriggio e dagli obiettivi che ci diamo, che non sono sempre gli stessi, cambiano di anno in anno ma vanno sempre nello stesso filone. I due obiettivi sono quello di dare crescita e sviluppo alle nostre imprese e al nostro continente, e dall'altro canto è quello di rendere un pochino più sereni i nostri cittadini europei.

L'ha citato, credo, la collega Gardiazabal il fatto che abbiamo un dovere, che si sono presi anche gli Stati membri, di dare contenuto al cosiddetto pilastro sociale dell'Unione europea. Io credo che saremo in grado con il lavoro della Commissione, con il lavoro del Parlamento — e come ho detto noi siamo disponibili a metterci a lavorare da subito — e voglio sperare anche con il lavoro del Consiglio, a dare le risposte a questi due problemi.

Per il momento mi sembra che siamo, come dire, sulla buona strada. Come al solito i problemi arrivano intorno al 27-28-29 luglio, quando il Consiglio presenta la sua prima versione, quella tutta sforbiciata, del progetto di bilancio presentato dalla Commissione. Speriamo che quest'anno il lavoro sia un pochino più facile. Per il momento ringrazio tutti i colleghi che sono intervenuti per i suggerimenti che ho annotato, così come ha fatto il Commissario, e lavoreremo sulla base degli orientamenti che questo Parlamento voterà domani.

Președinte. – Dezbateră a fost închisă.

Votul va avea loc joi, 15 martie 2018.

16. Declarações da Vice-Presidente da Comissão/Alta Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança

Președinte. – Înainte de deschiderea următoarei dezbateri privitoare la Siria, așa cum s-a convenit, doresc să dau cuvântul doamnei vicepreședintă a Comisiei și Înaltei Reprezentante a Uniunii pentru Afaceri Externe și Politică de Securitate, doamna Mogherini, care va aborda pe scurt 2 chestiuni:

— progresul privind pactele globale ale ONU referitoare la refugiați și pentru asigurarea unei migrații legale, desfășurate în condiții de siguranță și de ordine.

— perspectivele de pace pentru peninsula Coreeană în lumina ultimelor evoluții.

Federica Mogherini, Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy. – Mr President, on the UN Global Compact on Migration and Refugees, let me start with good news, a good story for once, a little big European achievement over the last few months.

You might remember last December I came to Strasbourg and here in this hemicycle we talked about the detention centres in Libya. I took, in front of you and most of all in front of all those people suffering inside these detention centres in Libya, a commitment to bring back to their homes 15 000 migrants from within the detention centres to their countries of origin in a safe manner, with assisted voluntary returns made with our assistance through the International Organization for Migration (IOM). At that moment we had just reached an unprecedented agreement between our European Union, the African Union and the United Nations, in particular the United Nations agencies for migrants and refugees, at our EU-Africa Union Summit in Abidjan.

Thanks to these agreements, in the first two months of this year, January and February, we managed to rescue and free more than 16 000 people from the camps in Libya. In two months we managed to achieve more than in the previous year and already in 2017 the results were 10 times better than the previous one, than 2016. Now, in the detention camps there are still some 4 000 to 5 000 people. That is far too much and we are going to continue our work with the United Nations and with the African Union to empty the camps. We've managed to bring 16 000 people out of there in two months. I believe we can make it and empty them completely within the coming maximum couple of months.

This has been possible for one reason. We joined forces, first of all within Europe, second with our African partners and friends and, on a global scale, within the UN system. I'm glad to start with this positive note, acknowledging that again still the work to be done is a lot but because sometimes we forget to focus on the achievements we managed to build. I think that humans are important to lead us towards the solutions and the way.

This is only one piece of the puzzle we are trying to put together. The work on safe and dignified returns goes together with saving lives and arresting human traffickers both at sea and on land, it goes together with our Trust Funds to tackle the root causes of migration and with our new External Investment Fund to create jobs and growth in the most fragile regions of origin. The challenge of human mobility in our century is huge. We have experienced it directly, but continents like Africa experience it every day even more. But experience tells us that it is manageable. No country can manage this alone, but together we can set up a humane, dignified and secure mechanism for governing human mobility.

This is the spirit of the New York Declaration that we approved two years ago – solidarity, shared responsibility, multilateralism and engagement. Around these four pillars we have built a common ground. This should be also the spirit of the two Global Compacts on Refugees and Migrants. It is not by standing aside or pretending we can put a wall between us and the rest of the world that we will shape common solutions. We remain convinced that all states can benefit from closer international cooperation, be they countries of origin, transit or destination – and some countries are all three at the same time. Some countries are experiencing the situation of being at the same time countries of origin, transit and destination.

Work on both Global Compacts has now concluded on the consultative phase, and negotiations and formal consultations on the actual text started last month. I believe this is a unique opportunity to bring forward the European vision on migration and bring there, at the global level, the experiences, the lessons, we have learned and the partnerships we have built. It is a vision grounded on human rights, responsibility and mutual solidarity; a vision where traffickers and smugglers and the connected criminal organisations find no place, where we reduce irregular migration and instead we have the courage to invest in more regular and safe channels for migrants. To achieve this we will need strong UN coordination under the leadership of the IOM and the UNHCR, under the respective Compacts.

The first and second negotiating sessions in New York on the Global Compact on Migration are now behind us, showing a strong concordance of voices across the globe. There is still a lot of work to do but there is a good basis to develop a common understanding on how to humanely and efficiently manage migration together now and in the long term.

Also, on the Global Compact for Refugees, formal consultation has started in Geneva and it is important to ensure a balanced and inclusive outcome for refugees and also for the host communities. For the past 18 months the European Union has established strong leadership in the process, thanks also to the partnerships we have developed in these years. Now with the withdrawal of the United States from the Compacts back in December, the Compacts need more than ever a strong and united Europe.

Let me say that I regret that one of our Member States has recently presented a position that is not in line with the position of the 27 other Member States. Here our common work and also your contribution as a Parliament will be essential because together we can push towards inclusive and balanced Compacts to improve the lives of millions of people, to address the concerns of European citizens and to turn migration from a common challenge into a shared opportunity for human development.

I will now move from the UN to the Korean peninsula. For months and years now we have been working as a European Union to avoid the nightmare scenario of a nuclear crisis on the Korean peninsula and we have, let's say, gained some experience in work on nuclear negotiations. Since the Winter Olympics, the news coming from the Far East has given us some hope. The situation on the Korean peninsula could turn from a potential catastrophe into a demonstration of the power of multilateral diplomacy and, let me add, wise leadership. I especially want to thank and recognise the efforts that the President of the Republic of Korea, President Moon, has exercised over this month.

Last week, the Democratic People's Republic of Korea (DPRK) communicated, through the voice of the South Korean special envoy, its willingness to enter into negotiations on denuclearisation. Reportedly, North Korea would refrain from testing nuclear weapons or missiles during these negotiations. If these announcements were to be confirmed they could create the necessary conditions towards a negotiated solution.

The summit meeting between President Moon and Kim Jong Un in April could start to build the necessary trust, de-escalate tensions and improve inter-Korean relations. President Trump's potential readiness to accept the invitation to a summit by the month of May represents another possible element of a breakthrough towards a diplomatic solution.

The unity of the international community will be an essential factor to determine whether we collectively succeed or fail. We Europeans, the European Union and the Member States, are ready to do our part, as we always did. Our policy of critical engagement with the DPRK is more valid than ever. We stand for maximum pressure and dialogue. Both are necessary to avert the danger of war. We have always stressed the need to come to full denuclearisation – irreversible, verifiable denuclearisation of the Korean peninsula – through peaceful diplomatic means.

The European Union sanctions regime on the DPRK is currently the most restrictive towards any country in the world. We implemented all the UN Security Council resolutions on the DPRK and we adopted additional autonomous measures. We also worked with third countries to help enforce the full implementation of all resolutions and we will continue this approach and shortly will launch a new outreach to third countries. We will maintain, in this way, the direct and indirect pressure on DPRK.

But we have always believed that sanctions are a tool and not a goal in themselves. Our objective is, has always been and remains, to help open the political path for a peaceful, negotiated solution of North Korean denuclearisation. That is why we encourage and support this new high-level diplomatic initiative.

I would like again to praise the leadership and courage shown by the Republic of Korea, President Moon and the entire government. I am happy and proud to say that next Monday in Brussels, I will welcome the Korean Foreign Minister to our Foreign Affairs Council to discuss together the way forward and how the European Union can continue to support their work to accompany these efforts, as we have constantly done during this month, in an even more effective manner.

Our goal, as I said, is the complete, verifiable and irreversible denuclearisation of the Korean peninsula. I believe this is a goal that we can achieve with wisdom, unity and the determination that I think we have shown together with our partners internationally in this month.

(Applause)

Președintele. – Acest punct a fost închis.

17. Situação na Síria (debate)

Președintele. – Următorul punct de pe ordinea de zi este dezbaterea privind situația din Siria (2018/2626(RSP)).

Federica Mogherini, *Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy.* – Mr President, this week marks the tragic anniversary of the Syrian war. It has been seven years and the war is not over yet. After some encouraging signs of de-escalation in the second half of last year, we have been warning, as the European Union last month, about the risks of a new escalation, and we have tried to prevent it, mainly with our work in the Security Council of the United Nations that led to the adoption of the Security Council Resolution 2401.

What we see today is a dramatic re-escalation of military activities. Afrin first, then the tragedy of eastern Ghouta. With every new escalation a new level of horror is reached. In eastern Ghouta we have witnessed the intentional bombing of civilians and medical facilities and snipers shooting at those who are trying to flee.

There is only one rational and moral thing we can do. We can only keep working together with the United Nations to achieve what has not been achieved so far: a political solution in Geneva as the foundation of a just and lasting peace.

We believe the most urgent task now is to stop the fighting and bring relief to the civilian population. At the end of February, as I mentioned, the UN Security Council adopted unanimously, thanks also to our work, the work of our Member States in the Security Council, the Resolution 2401, demanding a 30-day cessation of hostilities all around Syria, with the only exception of operations against Daesh and al-Qaeda.

At our meeting of the EU Member States Foreign Affairs Ministers, our Foreign Affairs Council on 26 February, we were united in calling for a full and immediate implementation of the Resolution. And right after we met, the same day, I wrote to the Foreign Ministers of Russia, Iran and Turkey, the three guarantors of the Astana Process, because they have committed to creating four de-escalation zones in Syria – and let me recall that eastern Ghouta is one of these four zones. So they have taken a clear responsibility and we expect them to fulfil it.

In my letter I called on them to contribute to the full and immediate implementation of the Security Council Resolution, and this includes taking all necessary steps to ensure that the fighting stops, that humanitarian access is ensured, and to allow for life-saving deliveries of assistance and medical evacuations. In eastern Ghouta over 1 000 people are now in need of evacuation as doctors, medicines and medical appliances are lacking.

Thanks also to our work, together with the United Nations, on the first days of March a UN aid convoy was finally allowed to enter Duma. It was the first aid convoy since November and it brought some much-needed relief to thousands of people trapped in eastern Ghouta. Our first concern is always saving lives; it is always the humanitarian needs. But the shelling resumed while the operations were still ongoing and the convoy had to leave before the aid could be fully unloaded. This shows that a daily five-hour truce can be a first step, but it is clearly not sufficient. Syria needs a full cessation of hostilities as agreed by the UN Security Council, and it is also unacceptable that the Syrian regime removed critical medical items from the convoy in clear violation of international humanitarian law.

As our diplomatic work for a truce continues every single day, as our humanitarian support to Syrians continues, we must also keep focusing on peace talks, on a political solution in Geneva. I know it is difficult to talk about peace negotiations, and even more to engage in peace negotiations, while thousands are still dying, but let us keep in mind two things. First, that peace is all the more urgent when the fighting gets worse; and second, that peace can only come from a comprehensive political agreement under UN auspices. I believe we should have learned that by now. Limited agreements do open windows of hope, and bring limited improvement, but have always collapsed owing to the lack of broader political agreement on the future of Syria.

The new escalation of violence in eastern Ghouta, but also in Afrin, can push further away the chances for a political solution to the conflict and can easily lead to an even more dramatic escalation, even in these hours. We need to concentrate all our energies in supporting and revitalising the UN-led negotiations in Geneva in a determined and consistent manner, gathering the efforts of all the partners in the region and the international community.

Support in Geneva will be one of the key goals of the second Brussels conference we will host on the future of Syria and the region at the end of April. We will gather the international community, the regional players, around three objectives. First, to renew our humanitarian support to the people of Syria, both inside Syria and in the neighbouring countries. Second, we will work on the recovery of areas where the fighting has ended, particularly the areas liberated from Daesh, bringing back services and normal life to communities, men, women and children, that aspire to a sort of normal life. Reconstruction, as we said several times and very clearly – and we will repeat in Brussels at the end of April – will only begin after a credible and inclusive political agreement has been reached, but the perspective of reconstruction can help the Geneva process. This is why we continue to work also to prepare for peace as the most powerful leverage we have to encourage a positive dynamic and outcome of negotiations.

This is the first objective of the Brussels conference in April: use our convening power, which is quite remarkable, together with the United Nations, to unite a real international and regional consensus, to give a political push to intra-Syria negotiations in Geneva. This is not because we are naive or blind – on the contrary, after seven years we know how difficult it is to end this war, and even those that have tried partial political avenues to gather different formats have realised very clearly the limits of this exercise. It is only through collective UN effort that we can get there.

But we know that it would simply be impossible to bring peace to Syria without everyone's contribution. This is why we are insisting on strong political commitment to negotiations to be expressed in a united manner at the Brussels conference coming up in a couple of months from now, because we cannot afford to stop working for peace, and it is exactly in the darkest moments that the work for peace is most needed. We, the European Union, are not giving up on the Syrian people and will call on the rest of the world to do the same.

Cristian Dan Preda, *au nom du groupe PPE*. – Monsieur le Président, Madame la Haute représentante, nous ne pouvons plus vraiment parler d'une guerre civile en se référant à la Syrie. Il s'agit plutôt d'un massacre. L'horreur des images nous provenant de la Ghouta orientale nous laisse sans voix. Je pense tout particulièrement aux enfants qui subissent un traitement barbare de la part du régime syrien et de ses alliés.

Nous sommes forcés de constater la paralysie totale de la communauté internationale face à ce drame humanitaire. Non seulement les résolutions du Conseil de sécurité de l'ONU sont violées aussitôt votées, mais, pire encore, les bombardements se sont intensifiés depuis le vote de la résolution.

Poutine, au sommet de sa forme, est en train de jouer à son jeu favori de pompier pyromane, en apportant d'un côté un soutien sans faille au régime Assad et, de l'autre, en nous proposant une trêve de cinq heures, qui est à la fois irréaliste et cynique. Aucune aide humanitaire digne de ce nom ne peut être apportée aux civils pris au piège dans la Ghouta en l'espace de cinq heures. Le régime syrien et ses protecteurs russe et iranien ne laissent qu'un seul choix aux populations: partir ou mourir. Mais partir où? Dans une autre région sous les bombes?

Une seule chose est sûre: on ne peut pas massacrer des centaines de milliers de civils et ensuite espérer les réintégrer dans une future société syrienne dirigée par le clan Assad. Il n'y aura aucune reconstruction sans que les bourreaux payent pour leurs crimes.

Victor Boştinaru, *on behalf of the S&D Group*. – Mr President, all our efforts to implement a ceasefire in eastern Ghouta are failing one after another. Assad's regime, under the complacent eyes of its allies, Russia and Iran, is continuing with full impunity the bombing of villages, civilians, hospitals and ambulances and continuing to drop chemical weapons. Children now account for a quarter of civilian deaths. The humanitarian situation is only worsening and the humanitarian aid cannot get in. It is unbearable to stand by in front of such a human tragedy and suffering. Russia is continuing to undermine UN credibility and mocking the international community, while every day we are watching the 'Butcher of Damascus' exterminating his own people.

There is no peace process without a ceasefire all over Syria, including in Afrin, Ghouta and Idlib. The only result from what is happening in Syria is more and more suffering, war and radicalisation spread all over the region. This is why we should acknowledge the impressive solidarity demonstrated by the neighbours of Syria towards the refugees. The S&D Group calls on the Member States to step up financial support for host countries and welcomes the fact that the Brussels II conference on Syria will aim to channel more support for the international community to refugee hosting countries. The UN-led process is the only way forward for Syria. In the meantime, we have to make sure that the ceasefire is implemented and all evidence and testimony of human crime in Syria is preserved in order to ensure that international justice will prevail in that country.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

Jean-Luc Schaffhauser (ENF), *question «carton bleu»*. – Cher collègue, ma question sera assez brève. Il y a des témoignages de chrétiens qui soulignent que, depuis maintenant très longtemps, des missiles – on parle même de bombes défendues – seraient envoyés à partir de la Ghouta sur le reste de la population syrienne, qui est en fin de compte attaquée, et qu'il ne s'agirait pas de rebelles mais de terroristes. Donc, soutenez-vous des terroristes qui s'attaquent depuis plusieurs années à des civils à partir de la Ghouta?

Victor Boştinaru (S&D), *blue-card answer*. – Mr Schaffhauser, let's be serious. This debate and the resolution to be voted on by the plenary is based on evidence provided by the UN and the UN Security Council, strong evidence which speaks of crimes committed, not allegations. This is why I treat all the victims as just human beings, not belonging to this or that faith or ethnic group. They are all human beings who are being completely destroyed. I am devastated by the violence. So the ceasefire is good for all, and I really hope that you will stop peddling allegations in this House.

Anna Elżbieta Fotyga, *on behalf of the ECR Group*. – Mr President, there has been no progress in eastern Ghouta since the adoption of UN Security Council resolution 2401. Moreover, even more war crimes have been perpetrated by the forces of Bashar al-Assad, even with the support of Security Council members. Yesterday there was a special area formula meeting of UN Security Council members, with testimony of the Syrian negotiating commission members urging UN Security Council members for a binding resolution with the adoption of Chapter 7 measures and all measures possible to achieve a real cessation of hostilities and bring lasting peace.

I support the draft joint resolution and I would like to stress there should be no future and post-conflict Syria for Bashar al-Assad.

Marjetje Schaake, *on behalf of the ALDE Group*. – Mr President, we have seen hospitals – in Aleppo, Idlib, Damascus – being bombed, and bombed again soon after, to target aid workers like the White Helmets. And again, we have seen children choke on sarin and mustard gas. And again, people reduced to red lines crossed. And again we hear how these people were actually terrorists and therefore legitimate targets for Assad, Putin and Iran's Revolutionary Guards. And again, we hear there is no military solution as bombs create realities on the ground. And again, vetoes for UN Security Council Resolutions. And again, a blank statement from the UN out of words. And again, vital aid convoys blocked and robbed. And again...

High Representative Mogherini and colleagues, are you not also getting sick of this debate again and again and again? The toxic, cynical and bloody cycle that is the war in Syria must stop. It is not too late for us in the EU to play a more effective and meaningful role towards peace, justice and accountability for Syrians.

Barbara Lochbihler, *im Namen der Verts/ALE-Fraktion*. – Herr Präsident! Durch die Militäroffensive in Ost-Ghuta sind mehr als 1200 Zivilisten getötet und Tausende verletzt worden. Die syrische Regierung und ihre Verbündeten begehen mit ihren massiven Bombardierungen der belagerten Zivilbevölkerung Kriegsverbrechen. Es muss sofort einen Waffentillstand geben, und der Zivilbevölkerung muss unverzüglich humanitäre Hilfe zukommen. Auch im Norden Syriens müssen die Waffen schweigen, und die NATO muss die Türkei auffordern, ihren völkerrechtswidrigen Einmarsch in die Region Afrin zu beenden.

Für eine Konfliktlösung wird es nötig sein, alle Parteien an den Verhandlungstisch zurückzuziehen. Keinesfalls dürfen aber die erforderlichen Gespräche dazu missbraucht werden, Beziehungen mit Kriegsverbrechern zu normalisieren. Ich verurteile es entschieden, wenn, wie berichtet, der italienische Innenminister den Vertreter des syrischen Geheimdienstes und mutmaßlichen Kriegsverbrecher Ali Mamluk zu einem Treffen in Rom empfängt. Die EU muss sich weiterhin entscheiden dafür einsetzen, dass die Kriegsverbrecher zur Rechenschaft gezogen werden. Die Mitgliedstaaten sollten dazu die Strafverfolgung von syrischen Kriegsverbrechern vor ihren nationalen Gerichten verstärken und unterstützen. Die Brüsseler Geberkonferenz zu Syrien im April muss die humanitäre Hilfe in der Region langfristig garantieren. Gleichfalls müssen aber auch Geflüchtete aus Syrien durch großzügige *Resettlement*-Programme und durch legale Zugangswege in Europa Schutz finden.

Javier Couso Permuy, *en nombre del Grupo GUE/NGL*. – Señor presidente, me parece estar viviendo un *déjà vu* en esta Cámara. Tuvimos el caso Aleppo. Todos movilizados porque se estaba derrotando a los terroristas. Hasta un ex secretario general de la OTAN, presunto criminal de guerra en Yugoslavia, tuiteaba: «¡Qué tragedia si cae Aleppo!». Pero Aleppo no cayó. Fue liberado. Liberado del terror, de la persecución religiosa, de un califato islamofascista. ¿Estuvo alguno en Aleppo? Yo sí. Vi a su población retornar. Vi sus iglesias abiertas de nuevo. Vi un Aleppo que volvía a renacer.

Hoy se clama por los rebeldes de Guta oriental. ¿Rebeldes!? Ni Yaish al-Islam ni Failaq al-Rahmán ni por supuesto la Al-Qaeda renombrada son rebeldes. Son terroristas que usan armas químicas; que usaron en 2015 a quinientas mujeres como escudos humanos en jaulas; que disolvieron a tiros en 2007 manifestaciones civiles; que bombardean con morteros Damasco; que usan la población como rehenes y que impiden los corredores humanitarios.

Esta guerra terrible en la que se ha utilizado la carta terrorista para un cambio de régimen debe terminar, pero no con indignación forzada, no con sanciones, no con la reiteración del error estúpido. Con una salida negociada y realista que lleve a conversaciones con todas las partes no terroristas. Hace dos días conmemorábamos el 14.º aniversario del 11 de marzo. ¿Saben? Ciento noventa y tres personas en mi país asesinadas por Al-Qaeda.

Es un insulto que algunos en este Parlamento le hagan el trabajo sucio a los terroristas que matan sirios, pero también europeos.

Fabio Massimo Castaldo, a nome del gruppo EFDD. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, il 24 febbraio il Consiglio di Sicurezza delle Nazioni Unite approva la risoluzione 2401 chiedendo un immediato cessate il fuoco per permettere la consegna di aiuti umanitari e l'evacuazione di malati e di feriti dalle zone di conflitto.

L'impatto di questa risoluzione sul campo: nullo. L'offensiva di Assad a Goutha Est e Idlib e quella turca ad Afrin non si sono fermate nemmeno per un istante. Le ultime notizie ci parlano di migliaia di civili in fuga dalla regione di Afrin, con le truppe turche pronte ad assediare la città. Una possibile catastrofe nella città di Duma, con l'imminente attacco delle truppe governative ed i bombardamenti su zone residenziali di Idlib, incluso un asilo nido.

Allo stesso tempo, le iniziative politiche arrancano. Il processo di Ginevra è di fatto bloccato, le zone di distensione previste da quello di Astana non sono mai state implementate. Più che altro si stanno affermando delle zone di spartizione vera e propria; non una, ma tante Sirie, tutti alla ricerca della fetta più grande. E pur sperando che la conferenza di Bruxelles del 4 e 5 aprile possa contribuire a sbloccare in qualche modo la situazione, ho paura che si riveli un semplice promemoria dell'incapacità della diplomazia e della comunità internazionale, inefficaci e finora irrilevanti.

La verità è che le varie forze sul campo in Siria stanno giocando una partita a scacchi letale, ognuna perseguendo i propri interessi strategici, accomunate solo dal fatto di nutrire un completo disinteresse verso le vite dei civili. Sotto la falsa premessa della lotta al terrorismo, le alleanze e le realtà mutano vorticosamente. Basti pensare alla paradossale relazione tra Stati Uniti e Turchia, fino a ieri, storici alleati della NATO, di cui sono il primo, il secondo esercito, ora in una contrapposizione geopolitica tale da indurre i generali di un'America sempre meno superpotenza a tuonare ammonimenti verso una possibile avanzata turca, oltre Afrin e verso Manbij.

In Siria, il fine giustifica i mezzi, tuonano i cannoni e tace la ragione in questa situazione tragica e caotica, dove la diplomazia ha finora vistosamente fallito. Con lo spettro di una escalation involontaria sempre incombente, voglio lanciare un appello e un ammonimento: ad Assad ed Erdogan, chiedo di dimostrare un briciolo di responsabilità e anche di umanità; sospendano immediatamente tutte le attività militari e permettono agli aiuti umanitari di raggiungere i bisognosi. E a tutti gli attori che operano sul terreno, incuranti delle tragiche conseguenze umane delle relazioni invece dico: state e stiamo camminando sull'orlo dell'abisso, è un cammino sempre più sdruciolevole ed una volta che si scivola, quello che ci attende è una lunga, lunga caduta.

Franz Obermayr, im Namen der ENF-Fraktion. – Herr Präsident! Syrien ist ein Paradebeispiel der Doppelzüngigkeit internationaler politischer Akteure. Auf der einen Seite kritisiert das Weiße Haus die Opfer an syrischen Zivilisten in der Region Ost-Ghuta, europäische Politiker pochen martialisch auf eine Feuerpause, und auf der anderen Seite schweigen dieselben Protagonisten und sehen tatenlos zu, wenn der NATO-Partner Türkei mit Unterstützung von fundamentalistischen islamischen Freischärlern in Syrien einmarschiert und eindeutig Völkerrecht bricht. Derweil lässt man wieder die Kurden, die auch die christlichen Minderheiten gegen den IS verteidigten, im Stich, überlässt die Region Afrin und seine Zivilbevölkerung ihrem Schicksal, und damit nimmt man auch den Tod von Kindern und Frauen, was in Zukunft durchaus passieren kann, stillschweigend zur Kenntnis.

Wenn Frau Mogherini jüngst am 6. März die gute Zusammenarbeit zwischen der NATO und der EU betont, so ist es für mich eine Verhöhnung der Männer und Frauen von Afrin, die sich gegen die türkische Armee zu verteidigen versuchen. Was für ein Zynismus: Diese Frauen und Männer in Afrin verteidigen sich mit NATO-Waffen gegen einen NATO-Aggressor.

Ελευθέριος Συναδινός (NI). – Κύριε Πρόεδρε, η κατάσταση στη Συρία είναι το πλέον χαρακτηριστικό παράδειγμα πολιτικής και ανθρώπινης παράνοιας. Η ανθρώπινη παράνοια έγκειται στο ότι όλες οι εμπλεκόμενες δυνάμεις έχουν επιδοθεί σε έναν άτυπο διαγωνισμό απάνθρωπων επιθέσεων και βομβαρδισμών που παραπέμπουν ευθέως σε εγκλήματα πολέμου. Η πολιτική παράνοια φαίνεται από το γεγονός ότι υπάρχει μια συνεχής ρευστότητα σε στρατηγικές συμμαχίες, όπου σύμμαχοι λόγω συμφερόντων του χτες, σήμερα αλληλοβομβαρδίζονται.

Η Ευρώπη, από την άλλη, καταδικάζει τον Άσαντ, ο οποίος μάχεται ενάντια στη Λεγεώνα αλ-Ραχμάν και την Τζαΐς αλ-Ισλάμ, οι οποίες υποκινούνται από το Κατάρ και τη Σαουδική Αραβία αντίστοιχα. Αυτές όμως οι οργανώσεις έχουν καταδικαστεί από την ίδια την Ευρώπη, διότι οι μαχητές της έχουν διαπράξει τρομοκρατικές ενέργειες, ενώ παράλληλα δεν ακούγεται καμία φωνή για τη φίλη σας Τουρκία, η οποία έχει εισβάλει παράνομα στη Συρία με θύματα αθώους στο Αφριν. Δυστυχώς αυτή η πολιτική διπολική διαταραχή μεταφράζεται σε φόρο αίματος αθώων ανθρώπων και η Ευρώπη της ατολμίας έχει καταστεί ηθικός αυτουργός.

Tunne Kelam (PPE). – Mr President, in today's *Le Monde*, Syrian and Lebanese politologists conclude that the international community is resigned to the current, monstrous scenario, which has become a 'new normal'. Let us be clear, the Assad regime would not have existed today if Russia and Iran had not have forcefully intervened to prop it up.

They intervened and there was a void left by the absence of a clear commitment by the EU and US. We also need to be clear that there are terrorist groups, but also terrorist regimes. All of them have to be assessed on the basis of the criminal deeds and mass murders.

The EU has planned to take strategic approach to this conflict, to use all means to enforce Security Council resolutions. There is one thing we have to be very clear about: there can be no sustainable peace without accountability for the crimes committed. There is no doubt about the main actors responsible. While ISIS has been mainly defeated, there remains the Assad regime, Russia and Syria and now Iran.

Therefore, these main actors cannot be allowed to walk away from the economic and human consequences of their military intervention and indiscriminate use of force. There must be strong international moral and political pressure not only to end the intervention, but to make them contribute fully to the reconstruction of Syria.

Additional targeted sanctions should be imposed on Russia and Iran following their role in the bombardment of the Syrian population in eastern Ghouta.

Elena Valenciano (S&D). – Señor presidente, en realidad, yo creo que la alta representante ha expresado clarísimamente lo que nosotros podemos hacer. A mí me agota un poco la reiteración de que la Unión Europea no hace nada. Yo creo que sí; el problema es que no sé yo si está en manos de la Unión Europea la solución.

Creo, señora Mogherini, que usted ha hecho un enorme esfuerzo —y lo sabemos todos— por conseguir una posición unánime en el Consejo de Seguridad de la parte de los Estados miembros, lo que no siempre es sencillo; en este asunto, menos. Y creo que es una excelente idea promover una reunión en Bruselas que pueda impulsar el proceso de Ginebra.

Creo que la Unión Europea, en el espacio que la Unión Europea tiene y que la señora Mogherini representa, está haciendo todo lo posible. Eso no significa que Siria sea el gran fracaso de la comunidad internacional de los últimos años. Probablemente, es el caso más sangrante, el más grave de todos. Porque han fracasado todos los intentos de negociación y porque han saltado por los aires todas las reglas del Derecho internacional, del Derecho internacional humanitario y de la humanidad más básica. Porque están muriendo muchísimos civiles, muchísimos niños y niñas.

¿Cuál es nuestro papel? Nuestro papel es justamente impulsar que sea posible una negociación política que detenga este infierno. Y hay responsables a los que habrá que juzgar en su momento, desde luego. Creo que, tal vez, sí podríamos presionar un poco más a Turquía. Turquía está haciendo un doble juego intolerable, y creo que en eso la Unión Europea tiene que ser clara.

Charles Tannock (ECR). – Mr President, I would say to the High Representative that just hours after UN Security Council Resolution 2401 was passed for a 30-day ceasefire in Syria, on 24 February, the Assad regime's Air Force was recorded to be bombing across eastern Ghouta again. This was a fateful start to a ceasefire that was declared this week a failure by the US ambassador to the UN, Nikki Haley. I note her warnings that if a solution cannot be imposed by the UN, then the US may be forced to take action independently.

Further comments from Russia suggesting that it would retaliate against the US directly in the event of any attacks against the Assad regime must be a cause for the gravest of alarms. As tensions between the UK and Russia increase following the recent assassination attempt of a former Russian spy on British soil, such high stakes diplomacy come at the worst possible time. The dismissal today of one of the most sensible voices in the US administration by President Trump – that is US Secretary of State, Rex Tillerson – is also of grave concern for what's going on in the world.

Right now our priority for the EU must be securing a durable ceasefire in Syria and getting the Geneva process of negotiation back on the table.

Hilde Vautmans (ALDE). – Voorzitter, mevrouw Mogherini, u heeft het zelf gezegd, de situatie in Syrië is dramatisch. Zeven jaar, vierhonderdduizend doden. De laatste drie maanden alleen al zijn meer dan drieduizend kinderen gedood en hebben 13 miljoen mensen humanitaire hulp nodig. Daar komt dan bovenop dat we eindelijk, na lang aandringen, die VN-resolutie hebben aangenomen, maar die wordt dan vervolgens niet ten uitvoer gelegd. Wat erger is, de hulpkonvoien geraken niet tot bij de slachtoffers. Collega Schaake heeft het al gezegd, ziekenhuizen worden gebombardeerd, ambulances worden gebombardeerd. Hoe onmenselijk kan onmenselijkheid eigenlijk nog zijn? Soms heb ik het gevoel dat we eigenlijk een beetje gewend aan het raken zijn aan die beelden. Kinderen met schuim op de lippen, mosterdgas, bombardementen, massale vernielingen op zo'n afschuwelijke schaal. En we kijken ernaar en we praten.

Ik vind het goed dat u heeft gezegd dat we moeten zorgen dat het staakt-het-vuren wordt gerespecteerd. We moeten zorgen dat er een *no-flyzone* is. We moeten zorgen dat er hulp bij de slachtoffers komt. Dat is nu prioriteit nummer één.

Maar ik heb hier helaas weinig horen zeggen over het feit dat we toch moeten zullen gaan spreken met Iran, met Turkije, met Rusland. Als Europa echt zijn taak ter harte neemt, is dat iets wat ik u vraag te doen. Neem die rol op! U bent een sterke vrouw! U kan dat!

En het tweede punt is: we zullen de daders moeten terechtstellen voor welk tribunaal dan ook.

Bodil Valero (Verts/ALE). – Herr talman! Under förra sammanträdesperioden i Strasbourg tog jag upp Turkiets attacker mot Afrin – attacker som i stället för att minska har eskalerat. Häromdagen kom ett nödrop från en kurdisk man i min *messenger*. Han ber oss i parlamentet att fördöma och att agera mot Erdoğans attacker. Han menar att om de turkiska attackerna inte stoppas kan vi stå inför ett nytt Srebrenica.

Nu finns det också starka bevis på att Natolandet Turkiet ända till nyligen har låtit tusentals ton material för tillverkning av sprängmedel nå Daesh. Det är oacceptabelt, och EU-länderna borde omedelbart stoppa all export av sådana varor samt vapen till Turkiet. Vi vet också att en stor del av de vapen som Daesh använder kom från EU-länder. Både från Bulgarien och Rumänien har vapen nått Syrien via USA och Saudiarabien, vilket är i strid med artikel 7 i den gemensamma ståndpunkten.

Jag tycker därför att det är anmärkningsvärt att tre partigrupper har blockerat att alla referenser till Daeshs vapen nämns i resolutionen. Sanningen är att när världen tack vare kurderna lyckats stoppa Daesh, så används Daeshs vapen mot dem vi borde vara ytterst tacksamma mot. Det är skamligt!

Τάκης Χατζηγεωργίου (GUE/NGL). – Κύριε Πρόεδρε, δεν νομίζω ότι θα πω κάτι για το οποίο υπάρχει οποιοσδήποτε εδώ μέσα που διαφωνεί. Εγώ ντρέπομαι που μιλάμε για τη Συρία ξανά και –επαναλαμβάνω– νομίζω ότι εκφράζω όλους. Για ποια Συρία μιλάμε, αγαπητοί συνάδελφοι; Και ποίων άλλων επιχειρημάτων χρειαζόμαστε, για να παραδεχτούμε ότι η Ευρωπαϊκή Ένωση δεν κατάφερε να πλησιάσει την ειρήνη; Και δεν επιφορτίζω ευθύνες στην κ. Mogherini, αναφέρομαι στην Ευρωπαϊκή Ένωση συνολικά. Να παραδεχτούμε ότι δεν τα καταφέρνουμε. Δεν μας ακούει ούτε ο κ. Πούτιν ούτε ο κ. Άσσαντ ούτε ο κ. Τραμπ ούτε ο πρόεδρος της Τουρκίας Ερντογάν.

Υπάρχει σωρεία πληροφοριών για το τι τρέχει στη Γούτα και –πολύ σωστά– μαθαίνουμε τι ακριβώς συμβαίνει εκεί, με τόσες χιλιάδες νεκρούς. Έχει πέσει ένα πέπλο μυστηρίου πάνω από το τι συμβαίνει στο Αφρίν, που το επέβαλε ο πρόεδρος της Τουρκίας. Δεν ξέρουμε τίποτα. Ακροθιγώς μπορούμε να ακούσουμε κάτι. Και εμείς όλοι που υπερασπιζόμασταν τις κουρδικές δυνάμεις όταν πολεμούσαν το ISIS σήμερα σιωπάμε. Ντροπή!

Raymond Finch (EFDD). – Mr President, recent events in Syria have shown just how drastic a rethink Western policy needs. We have reached a point where a supposed cornerstone ally, Turkey, is conducting military operations against fellow allies in the fight against both ISIS and the Assad regime. Whilst this is nothing new, the audacity of their fight in bringing them on a collision course with American personnel in the region is.

But the issues go much deeper. The Syrian people have suffered for seven long years. For what? To remove Assad when it is now clear such an objective is unachievable without further mass slaughter and further instability? How many lives does your naive power politics take? All your foreign policy has done is destabilise the Middle East. We have seen for decades now the suffering caused by your failures both at home and abroad. What will it take for you to wake up and change direction? Let's look at how we can speak honestly with every nation and look for solutions without choosing sides for military adventurism. Interference in the internal affairs of sovereign nations is only neo-colonialism and stores trouble.

Κωνσταντίνος Παπαδάκης (NI). – Κύριε Πρόεδρε, Συρία: Εφτά χρόνια, 350.000 νεκροί, 20.000 παιδιά. Μακελειό που προκλήθηκε με τον πόλεμο που κήρυξαν οι Ηνωμένες Πολιτείες, το NATO και η Ευρωπαϊκή Ένωση σε ανταγωνισμό με τη Ρωσία και το Ιράν για τον έλεγχο πηγών και περασμάτων ενέργειας. Μεγάλες είναι οι ευθύνες του ευρωατλαντικού μπλοκ, της Σαουδικής Αραβίας και άλλων συμμάχων τους για τη συγκρότηση και εξοπλισμό του ISIS. Με την ήττα του ISIS εντείνεται ο ανταγωνισμός για τη λεία με επίθεση της Τουρκίας, απειλές και επιθετικές ενέργειες του Ισραήλ.

Δεν είναι όμως μόνο η Συρία. Κλιμακώνεται η επιθετικότητα της Τουρκίας στο Αιγαίο, την Κύπρο, το Ιράκ όπως και με τη σύλληψη και κράτηση δύο Ελλήνων στρατιωτικών, την οποία καταγγέλλουμε και ζητούμε την άμεση απελευθέρωσή τους. Οι δυνάμεις, μεταξύ αυτών και η ελληνική κυβέρνηση, που προωθούν την πολιτική της γεωστρατηγικής αναβάθμισης μιλούν για λογαριασμό μεγάλων οικονομικών ομίλων και του ανταγωνισμού τους σε βάρος των λαών. Οι λαοί σήμερα πρέπει να απαντήσουν καταδικάζοντας τους ιμπεριαλιστικούς πολέμους και τις επεμβάσεις. Καμιά αλλαγή συνόρων και συνθηκών που θα την πληρώσουν οι λαοί με το αίμα τους.

VORSITZ: RAINER WIELAND

Vizepräsident

David McAllister (PPE). – Mr President, as we have just heard, the seven-year-long conflict in Syria is a tragedy and having in mind Russia's, Iran's and Turkey's meddling we all know that this became a proxy war years ago. I can only underline what the High Representative / Vice-President stated. The European Union, despite all the difficulties, must continue to push strongly for a political solution of the conflict to end the appalling atrocities. Together with the United States, we have to insist on the implementation of the 2015 UN Security Council Resolution 2254, as well as Resolution 2401, which was adopted just three weeks ago.

Full implementation would ensure the delivery of immediate, safe, unimpeded and sustained humanitarian assistance. Full implementation would ensure the evacuation of the critically sick and wounded, and full implementation would ensure that the suffering of the Syrian people would be brought closer to an end. I welcome the EU-hosted second Brussels conference in April which will aim at supporting the UN-led Geneva process, focusing on humanitarian support to Syrians inside and outside Syria.

Dear Federica Mogherini, we all sincerely hope that you will succeed in keeping the attention and response to the Syrian crisis at the top of the international agenda. Thank you for your work.

Neena Gill (S&D). – Mr President, eastern Ghouta is fast becoming a hell on earth. Assad continues to drop bombs not on terrorists but on civilians and to loot their health supplies. Four chlorine attacks have been reported since the start of the year. President Putin dismissed these as ‘fake news’ and ‘boring’. The UN Security Council is weaker than ever. The US is right to push for a new resolution closing loopholes that allow attacks on terrorists by Russia and Assad.

The EU is the largest humanitarian donor in this conflict and has leverage. How will we use it? So my questions to you, High Representative are: how are you preparing the ground for a unified EU position that increases pressure on Russia? What is being done to ensure a revision of the UN operating principles so we can stop Assad from dictating the global aid response? One of the most harrowing reports last week was that of women and girls across Syria facing abuse in accessing aid. It is important that the April conference finds effective ways to stop this ...

(The President cut off the speaker)

Bas Belder (ECR). – Dank u wel, Voorzitter, mevrouw Mogherini, ik wou eigenlijk uw aandacht vragen voor een drietal belangrijke militaire ontwikkelingen op het Syrische slagveld en hoe u daartegen aankijkt.

Ten eerste, de bronnen die ik raadpleeg in de regio zelf, informeerden mij dat de staking van de strijd tegen ISIS momenteel gebeurt, omdat de Syrische Koerden richting Afrin zijn vertrokken, een resultante van de Turkse militaire operatie aldaar. Het is een slechte zaak voor de Europese veiligheid als de strijd tegen ISIS opdroogt, dus op het ogenblik niet gebeurt.

En dan ten tweede, u heeft goede connecties met Teheran, met Iran. Welnu, de opbouw van een volledige militaire infrastructuur in de Syrische Golan is natuurlijk een groot gevaar voor een totale regionale oorlog waarin de buurlanden Libanon, Syrië, Israël en natuurlijk ook Jordanië meegezogen zullen worden. Praat u erover in Teheran? Dat is een groot risico. Onderkent u de ernst?

En dan ten derde, Idlib, daar is op het ogenblik de grootste concentratie van jihadisten. Turkije werkt ermee samen. Hoe kijkt u daar tegenaan? Dat is ook een enorm gevaar voor onze veiligheid in Europa.

Yannick Jadot (Verts/ALE). – Monsieur le Président, Madame la Haute représentante, sept ans de guerre civile et d'horreur, 400 000 morts dont une majorité de civils. Dans la Ghouta orientale, à Idlib, à Afrin, la communauté internationale est impuissante face aux massacres.

Raser des villes, raser des écoles, raser des hôpitaux, ce n'est pas combattre le terrorisme, c'est du terrorisme. Le message de Poutine, d'Assad, d'Erdoğan et des dirigeants iraniens est clair: vous voulez plus de démocratie, vous aurez la guerre, vous voulez plus de liberté, vous aurez la mort. Ce n'est pas en déroulant, au château de Versailles, le tapis rouge à Poutine qu'on va régler la question des massacres.

Oui à l'aide humanitaire, oui au processus de paix onusien, mais l'Europe a une responsabilité et nous devons sanctionner les responsables de ces horreurs là où cela leur fait mal: leur liberté, leur argent, leur orgueil. Leur liberté, battez-vous pour un tribunal international sur les crimes en Syrie; leur argent, faisons une liste Magnitski élargie, confisquons leurs biens, interdisons leur territoire; et leur orgueil, organisez, poussez le boycott politique de cette coupe du monde...

(Le Président retire la parole à l'orateur)

Σοφία Σακοράφα (GUE/NGL). – Κυρία Επίτροπε, είπατε ότι η ειρήνη μπορεί να επιτευχθεί με πλήρη πολιτική συμφωνία υπό την αιγίδα του ΟΗΕ. Ή σε άλλο κόσμο ζούμε ή άλλο κόσμο περιγράφουμε. Πριν επτά ημέρες το ισχυρότερο θεσμικό όργανο στον πλανήτη, το Συμβούλιο Ασφαλείας του ΟΗΕ, αποφάσισε ανακωχή στη Συρία για να παραδοθεί επιτέλους ανθρωπιστική βοήθεια. Και μέχρι σήμερα συνεχίζουμε να θρηνούμε εκατόμβες αμάχων. Γιατί; Για τον ίδιο λόγο, κυρία Επίτροπε, που δεν εφαρμόζουν τα κράτη μέλη την κοινή θέση για την απαγόρευση πωλήσεων ευρωπαϊκών όπλων. Οι ευρωπαϊκές πολεμικές βιομηχανίες κάνουν διαρκώς ρεκόρ κερδών. Πού τα πουλάνε, κυρία Επίτροπε; Έχετε κάποια συγκεκριμένη πρωτοβουλία να μας πείτε που μπορεί να αναλάβει η Ευρωπαϊκή Ένωση εκτός από αναλύσεις και ευχολόγια; Μπορεί η Ευρωπαϊκή Ένωση να επιβάλει εμπάργκο όπλων προς τα κράτη της περιοχής που βομβαρδίζουν στη Συρία, στην Υεμένη και αλλού; Η Τουρκία έχει εισβάλει στη Συρία και βομβαρδίζει ανηλεώς τους Κούρδους και απειλεί όλους τους γείτονές της. Μπορεί η Ευρωπαϊκή Ένωση να επιβάλει άμεσα κυρώσεις στην Τουρκία; Εάν δεν μπορείτε –εγώ πιστεύω ότι δεν θέλετε–, η δεύτερη σύνοδος του Απριλίου θα αποδειχθεί μια φάρασα.

Udo Voigt (NI). – Herr Präsident, Kolleginnen und Kollegen! Frau Mogherini, warum erwähnen Sie nicht, dass in dieser Woche der syrische Gesandte bei den Vereinten Nationen klargemacht hat, dass die syrische Verwaltung in den befreiten Gebieten 24 Tonnen Giftgas-Kampfmittel gefunden hat, dass sich Syrien 140 Mal an die Vereinten Nationen gewandt und um Hilfe und Unterstützung gebeten hat, um festzustellen, von wem diese Kampfstoffe kommen? Dass die Syrer hier klar festgestellt haben, dass Kampfmittel aus der Türkei und ebenso aus dem Irak nach Syrien an die Terroristen geliefert werden. Heute ist doch eigentlich eine historische Stunde: Um 13.03 Uhr warnte der russische Generalstab vor einem möglichen Angriff nach einem inszenierten Giftgasangriff, wo offensichtlich alle Komparsen in Stellung gebracht sind, dass in wenigen Tagen möglicherweise die Vereinigten Staaten Damaskus und Syrien mit einem massiven Raketenangriff angreifen wollen. Das ist doch Ihre Stunde, jetzt für Frieden zu sorgen, das öffentlich zum ...

(Der Präsident unterbricht den Redner)

Jaromír Štětina (PPE). – Dámy a pánové, dnešní nejčerstvější zprávy potvrdily, že turecká armáda obklíčila město Afrín a zahájila jeho obléhání. Zdá se, že se v provincii Afrín bude opakovat situace z východní Ghúty. V Afrínu je stejně jako v Ghútě několik desítek tisíc civilních obyvatel. Jak v Afrínu, tak v Ghútě blokáda brání vjezdu humanitárních konvojí. Jak v Afrínu, tak v Ghútě byly zabity stovky civilních obyvatel. V obou městech je hlad a nedostatek vody.

Rozdíl je v tom, kdo se zločinu na civilních obyvatelích účastní. V Ghútě to jsou letadla Assáda a ruské armády, Afrín bombarduje armáda turecká. A já se ptám: Je turecká armáda, která vraždí civilisty, stále naším spojencem? S každým zemřelým dítětem je trháno mezinárodní humanitární právo na kusy. Za toleranci zla v této nejhorší podobě neseme polovinu my všichni. Žádné spojenectví nemůže ospravedlnit zabíjení civilistů.

Ana Gomes (S&D). – Senhor Presidente, não basta sossegar más consciências com apoio humanitário e promessas de futura reconstrução da Síria. A União Europeia tem de fazer ouvir-se contra a campanha militar que a Turquia prossegue massacrando curdos em Afrin, incluindo cortando-lhes energia, água e comida, através do controlo de uma barragem. E contra a corresponsabilidade pelos ataques químicos assassinos de Assad por parte da Rússia e do Irão.

A União Europeia tem, também, imediatamente, de combater o fornecimento ilegal de armas a terroristas na Síria e para além dela. Um relatório da *Conflict Armament Research* conclui que 90% das armas utilizadas pelo Daesh e outras forças terroristas são produzidos na Europa de Leste, oriundos de Estados-Membros como a Bulgária, compradas e depois revendidas sem consentimento dos produtores e em violação do Tratado sobre o Comércio de Armas ou a posição comum da União Europeia relativa à exportação de armas. Estas armas de fabrico europeu acabam nas mãos de grupos terroristas.

À medida que o Daesh perde terreno no Iraque e na Síria e investe em atos de terrorismo, o comércio ilegal de armas e a responsabilidade dos Estados Unidos, mas também da União Europeia, da Arábia Saudita e da Turquia, têm de ser travados urgentemente pela União Europeia.

A Europa não...

(O Presidente retira a palavra à oradora)

Anders Primdahl Vistisen (ECR). – Hr formand! År efter år, måned efter måned ser vi den frygtelige borgerkrig i Syrien fortsætte. Og den simple konklusion er, at vi i Europa og i USA tog fejl, da vi ikke besluttede os for ikke for alvor at intervenere, før situationen endte helt galt. Desværre kan man sige, at vi i Europa i mange, mange år før det havde være meget efter amerikanerne hver gang, de havde forsøgt at intervenere i forhold til humanitære katastrofer, og nu står vi med resultatet: Resultatet, hvor Iran, Tyrkiet og Rusland er blevet lukket ind som centrale aktører i Mellemøsten, resultatet, hvor vi ser en borgerkrig, der bare fortsætter og fortsætter uden nogen realistisk ende i sigte. Derfor er der kun én ting tilbage at håbe, nemlig at den fejlslagne politik, som Obama og som EU har ført over for Syrien, må stoppe, og at vi begynder at indse, at kun hvis vi tager situationen alvorligt, kun hvis vi intervenserer rigtigt, kan situationen i Syrien bringes til en ende og lidelserne for civilbefolkningen stoppe.

Lorenzo Cesa (PPE). – Grazie Presidente, onorevoli colleghi, Alto rappresentante Mogherini, purtroppo, ancora una volta ci troviamo in quest’Aula a parlare di Siria: sette anni di conflitto, come Lei ha detto, non si intravede una soluzione ad una guerra civile che ha messo in ginocchio il popolo siriano, forti tensioni tra i paesi del Medio Oriente, appelli per il cessate il fuoco del Consiglio di sicurezza dell’ONU sistematicamente inascoltati, aiuti umanitari che continuano ad essere impediti o filtrati dal regime e non riescono purtroppo a raggiungere le popolazioni martoriate.

Allora di fronte a questo che fare noi europei? Occorre tornare ad essere centrali cercando di compensare la mancanza di iniziativa degli Stati Uniti. Dobbiamo colmare il progressivo disimpegno di alcuni Stati membri, che solo sulla carta mantengono un incondizionato appoggio all’opposizione siriana, sostenere fortemente l’ONU e soprattutto la prossima conferenza sul futuro della Siria che si terrà ad aprile dovrà rappresentare un punto di svolta fondamentale, diciamo, mettiamocela la tutta, Alto rappresentante Mogherini.

Per arrivare ad uno straccio di pace, occorre dare una forte spinta propulsiva, facciamo valere il nostro impegno europeo, non dico solo il Suo, ma di tutte le cancellerie europee, è una scommessa che possiamo vincere nell’interesse del popolo siriano e nell’interesse dell’Europa.

Wajid Khan (S&D). – Mr President, two weeks after UN resolution 2401 was passed, the situation has only got worse in eastern Ghouta. Bombs continue to rain down with impunity on homes, schools and hospitals, and the evacuation of the wounded remains impeded. More than two million people, half of them children, are living under siege and have been prevented from receiving a single aid convoy of vital food and medicine.

All these actions are a breach of international humanitarian law. The ceasefire was blatantly ignored. There is a complete disregard for civilian lives. I welcome the UN investigation into these crimes to bring those responsible to justice.

We call on all parties to fully implement the UN resolution urging the Syrian Government to abide by international humanitarian law and immediately allow the safe delivery of humanitarian aid across the country. My hope is that the upcoming conference on the future of Syria will be an opportunity to mobilise international support for a UN-led political solution.

After seven years of raging war, unspeakable suffering and collective failures, it is high time we give Syrians a positive message.

Sajjad Karim (ECR). – Mr President, it has been seven years now that the Syrians have been asking us: what have we done to deserve this? A matter of days ago, the UNHCR found a four year-old wandering the desert trying to escape, but today he was stunned and silent, no longer even putting that question anymore. What is happening in eastern Ghouta is that Russia and its cohorts are carrying out bombings and causing people to flee. Then, that very same state, Russia, is poisoning the minds of Europeans against those fleeing Syrians when they come here seeking refuge.

What is happening today in Syria is nothing but a stain on the conscience of humanity, and the international community’s inability to face the perpetrators within a UN framework is paid for in the blood of Syrians.

High Representative, you face an impossible situation, and yet today in this very House, we hear voices that are sympathetic to the Russian line. We must be ready to face...

(The President cut off the Speaker).

Ελένη Θεοχάρους (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, κυρία Ύπατη Εκπρόσωπε, αυτό που συμβαίνει στη Συρία είναι αληθινή γενοκτονία. Όσα συμβαίνουν στη Γούτα είναι τραγικά, αλλά όσα συμβαίνουν στο Αφρίν είναι ακόμη τραγικότερα. Οι Κούρδοι υφίστανται μαζικές σφαγές, είναι μόνοι, χωρίς υποστήριξη, και, αφού πολέμησαν γενναία το Ισλαμικό Κράτος, τους έχουμε εγκαταλείψει να υφίστανται την επιδρομή και τις φρικαλεότητες του Ερντογάν και του τουρκικού στρατού, ο οποίος επιτίθεται με ευρωπαϊκά άρματα μάχης και ευρωπαϊκά κανόνια. Ο τουρκικός στρατός δεν πρόκειται να σταματήσει στο Αφρίν και όποιες περιοχές καταλάβει θα τις κρατήσει για πάντα.

Είναι απαραίτητη η εκχειρία αυτή τη στιγμή σε όλη τη Συρία και η αποχώρηση όλων των ξένων δυνάμεων για τη στήριξη του άμαχου πληθυσμού. Παράλληλα, κυρία Εκπρόσωπε, υπάρχει κίνδυνος σύρραξης ρωσικών και αμερικανικών δυνάμεων σε περίπτωση προβοκατόρικων χτυπημάτων με χημικά όπλα. Η Ευρωπαϊκή Ένωση επιβάλλει κυρώσεις στη Ρωσία. Το ερώτημα είναι γιατί η Τουρκία παραμένει ανενόχλητη να εγκληματεί κατά της ανθρωπότητας, να επιτίθεται κατά της Ελλάδας, της Κύπρου, της Συρίας, κάθε γειτονικής της χώρας. Δεν μπορούμε να αδιώκουμε συνεχώς το εγκληματικό βασίλειο του Ερντογάν. Ευχαριστώ, κύριε Πρόεδρε.

Der Präsident. – Wir kommen jetzt zu den spontanen Wortmeldungen. Ich bedaure sehr, sagen zu müssen, dass ich fast viermal so viele Wortmeldungen habe, als wir eigentlich vorgesehen haben. Deshalb habe ich mich dazu entschlossen, so zu verfahren, dass wir von jeder Fraktion einen Redner nehmen, und von den anderen Fraktionen berücksichtigen wir die Nationalitäten, die schon gesprochen haben. Selbst dann passt es noch nicht ganz.

Es tut mir deshalb doppelt Leid, weil ich verschiedenen Leuten das Wort entziehen musste, weil sie zu viel Redezeit gebraucht haben. Es fällt übrigens auf, dass von jenen, denen ich das Wort entzogen habe, weil sie zu lange gesprochen haben, die große Mehrzahl nicht mehr da ist, während diejenigen, die sich an die Redezeit gehalten haben, fast alle noch da sind. Man bemerkt es von hier oben schon, dass einige zu lange sprechen und dann sofort gehen.

Spontane Wortmeldungen

Teresa Jiménez-Becerril Barrio (PPE). – Señor presidente, llevamos siete años hablando, siete años adoptando resoluciones de las Naciones Unidas, como la 2401, que nadie respeta. Todos los esfuerzos de la comunidad internacional han fracasado, y mientras solo en enero y febrero mil niños murieron o fueron heridos, nada pasa, nada cambia. El 25 % de los cuatrocientos mil muertos son niños.

Desde Europa, tenemos que trabajar para que en Siria quienes están violando los derechos de los niños sean juzgados por crímenes de lesa humanidad. Tienen que cesar los ataques a hospitales y colegios. Tenemos que insistir en los corredores humanitarios en Guta oriental y en Afrín, porque los niños están atrapados. Desde Europa podemos hacer mucho más por visibilizar el sufrimiento de los menores y por exigir al régimen sirio, con Rusia, con Irán, y a Turquía y a quienes no respetan las resoluciones que paren ese baño de sangre de niños inocentes y de civiles.

Arne Lietz (S&D). – Herr Präsident, Hohe Vertreterin! Ich unterstütze die klare Resolution des Europäischen Parlaments zur Situation in Syrien. Die EU muss jede Ressource nutzen, um sich diplomatisch in den Syrienkrieg einzubringen, der bisher Hunderttausenden von Menschen das Leben gekostet hat und weiteren Millionen von Menschen das Leben zur Hölle auf Erden macht. Diese Resolution soll auch eine klare Botschaft an den Iran und Russland senden, die sich durch Bombardierungen und Militäreinsätze mitschuldig am Töten der Zivilbevölkerung machen. Diese Einsätze gehören vor internationale Gerichte. Beide Länder müssen zur Deeskalation beitragen und die Vereinbarungen zum Waffenstillstand einhalten. Die humanitäre Hilfe der UN muss zudem ins Land gelassen werden.

Zudem fordere ich die Türkei auf, ihren Einmarsch in Afrin in Nordsyrien sofort zu beenden. Als ich vergangene Woche selber an einer Fachtagung in Libyen – unter anderem zu Syrien – teilnahm, besuchte die AfD-Delegation aus Deutschland Syrien selbst. Die AfD traf sich mit syrischen Machthabern und wollte in einer ausgesprochen zynischen Weise darauf hinweisen, dass Syrien ein sicheres Herkunftsland sei. Herr Meuthen, es ist perfide und außenpolitisch gefährlich, wenn Vertreter Ihrer Partei durch so einen Besuch versuchen, die eigene Abschiebungspolitik zu kaschieren.

Branislav Škripek (ECR). – Mr President, as we speak around 500 000 people are surrounded in Afrin by Turkish-backed jihadists who openly threaten the people of Afrin to convert to their extremism or be beheaded. When will we understand that Turkey is indeed carrying out a jihad with the goal of ethnic cleansing and genocide? Turkey has said so itself. We cannot continue to ignore these facts. We have to understand that the goal of Turkey is to expand its borders and wipe out the people of northern Syria and Iraq. Turkey threatened this week to invade Iraq.

We have to draw the conclusion that we cannot continue with Turkey as we did. If we continue with Turkey the same way, we will have no argument left to judge anyone else based on human rights issues. We need to downsize our relations with Turkey and upgrade our relations with the Federation of Northern Syria and the Kurdistan Regional Government and reassess our relations with the Kurds in Turkey. If we do not, we would be allowing Turkey to kill Kurds anywhere it wants. We cannot allow that.

Miguel Viegas (GUE/NGL). – Senhor Presidente, esta agressão à Síria, que dura há sete anos, é apoiada pelos Estados Unidos e os seus aliados e está sustentada numa sistemática propaganda de guerra que, objetivamente, branqueia a ação criminosa dos grupos terroristas responsáveis por hediondos crimes.

Esta propaganda fomenta falsidades, escondendo que os grupos terroristas mantêm refém populações, em Ghouta, têm rejeitado as tentativas de negociação de paz, têm boicotado os esforços de auxílio às populações, têm impedido a utilização de corredores humanitários. Quem defenda os direitos do povo sírio e a paz não pode converter grupos terroristas em oposição e não pode ser conivente com agressores nas suas monstruosas criações.

Somos solidários com as vítimas desta guerra e apelamos aos esforços para pôr fim à agressão à Síria e concretizar uma solução negociada no respeito pela soberania do povo sírio.

Jean-Luc Schaffhauser (ENF). – Monsieur le Président, nous sommes face à plusieurs faits. Premièrement, une intervention extérieure pour déstabiliser un régime démocratiquement élu, contre les lois internationales, comme cela s'est vu en Iraq et en Libye.

Deuxième fait: la Russie empêche cela, change le rapport de force, rétablit le pouvoir légitime qu'on croyait perdu.

Troisième fait: l'Occident, face à cela, n'a plus que les fausses informations: l'observatoire international des droits de l'homme, mené par les Frères musulmans, organisation considérée comme terroriste pour certains, dénonce l'utilisation de gaz interdits, sauf qu'on ne le trouve que parmi les rebelles, qui sont, en fin de compte, des terroristes. C'est un fait de guerre d'utiliser, contre les lois de la guerre, les hôpitaux et les écoles pour se protéger et envoyer des bombes comme le font ces terroristes.

Enfin, l'assassinat d'une personne, un espion russe, me fait penser au cas de David Kelly, que devraient se rappeler les Anglais.

Enfin, je vous dis oui, nous devons faire la paix, mais nous devons la faire d'une manière solidaire, en regardant la vérité.

(L'orateur accepte de répondre à une question «carton bleu» (article 162, paragraphe 8 du règlement))

Indrek Tarand (Verts/ALE), blue-card question. – Mr Schaffhauser, I want to ask you a question. How would you react to the question that the cornerstone of Middle East peace is an independent Kurdish state which would cut Iraq and Syria into different territories?

Jean-Luc Schaffhauser (ENF), réponse «carton bleu». – Cher collègue, c'est une affaire complexe et je ne crois pas qu'on puisse traiter la question kurde qui est extrêmement difficile. Je pense que les Kurdes ont fait un bon travail. Est-ce que cela leur donne pour autant le droit d'avoir un État, c'est une autre question, que nous ne pouvons pas traiter si facilement ici et maintenant.

Γεώργιος Επιτήδειος (NI). – Κύριε Πρόεδρε, μετά τη στρατιωτική ήττα των δυνάμεων του ISIS στη Συρία πολλοί πίστεψαν ότι η επικράτηση της ειρήνης στην περιοχή ήταν θέμα χρόνου. Δυστυχώς όμως αυτό δεν συνέβη για δύο λόγους: Ο πρώτος ήταν διότι επεδείχθη ανοχή και βοήθηθηκαν να επιτεθούν οι αντικαθεστωτικές δυνάμεις της Συρίας στις δυνάμεις του Άσαντ και παράλληλα η διεθνής κοινή γνώμη επέτρεψε στην Τουρκία να εισβάλει στο Αφρίν. Έτσι επανήρχισαν οι συγκρούσεις, επανελήφθησαν οι απώλειες σε αμάχους και εμπολέμους, οι άμαχοι εξεκολούθησαν να βομβαρδίζονται και τελικώς η κατάσταση ξέφυγε από τον έλεγχο και έχει πλέον περιέλθει σε ένα τέλμα.

Για να μπορέσει να βρεθεί λύση σ' αυτό το πρόβλημα, θα πρέπει να πιεστεί η Τουρκία να αποχωρήσει από τη Συρία, να σταματήσει τις επιχειρήσεις στο Αφρίν και να εκκενωθούν οι άμαχοι από την ανατολική Γούτα, διαφορετικά θα είμαστε απλοί θεατές μιας καταστάσεως την οποία δεν μπορούμε να ελέγξουμε.

(Ο ομιλητής δέχεται να απαντήσει σε ερώτηση με γαλάζια κάρτα (άρθρο 162 παράγραφος 8 του Κανονισμού))

Arne Gericke (ECR), *Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“*. – Sie fordern Lösungen für Syrien. Wir reden ja vom gleichen Land. In welcher Weise würden Sie nicht konsequent auch eine neue Lösung für Zypern verlangen?

Γεώργιος Επιτήδειος (NI), *απάντηση σε ερώτηση με γαλάζια κάρτα*. – Η υποστήριξη μας προς την Κύπρο είναι συνεχής και σταθερή. Βεβαίως, η Τουρκία είναι αυτή η οποία παραβιάζει τις διεθνείς συμβάσεις, το διεθνές δίκαιο, επιτίθεται σε χώρες στις οποίες δεν πρέπει να επιτίθεται και διατηρεί την κατοχή τμήματος της Κύπρου επί τόσα χρόνια. Άρα σαφώς είμαστε εναντίον της Τουρκίας και σαφώς ζητούμε να αποχωρήσουν τα τουρκικά στρατεύματα από την Κύπρο και να σταματήσει γενικώς η Τουρκία να συμπεριφέρεται σαν ένα κράτος-πειρατής.

Marijana Petir (PPE). – Gospodine predsjedniče, gospođo povjerenice, 353 935 – to je broj ljudi ubijenih u ratu u Siriji, tijekom sedam godina njegova trajanja i čiji identitet je poznat. Sirijski observatorij za ljudska prava procjenjuje da ukupan broj žrtava prelazi i brojku od pola milijuna.

Za točno dva dana zakoračit ćemo u osmu godinu rata u Siriji koji je dvanaest milijuna ljudi ostavio bez krova nad glavom i učinio ih izbjeglicama. U sedam godina u Siriji su se nizali jedan masakr za drugim. Jedan je to od najkrvavijih sukoba ikada, koji je prouzročio najveću humanitarnu krizu koju svijet pamti. Ne zaboravimo ni to da je u jeku rata Daesh u napaćenj Siriji proveo genocid nad kršćanskim stanovništvom. Siriji treba mir, ne daljnja eskalacija nasilja.

Privremena primirja nisu dala trajno rješenje. Humanitarni koridori ne mogu postati način života sirijskih građana koji su postali izbjeglice unutar i izvan vlastite zemlje.

Zakazali smo jer je rat u Siriji otišao predaleko i vrijeme je da mu dođe kraj.

(Govornik je pristao odgovoriti na pitanje postavljeno podizanjem plave kartice (članak 162. stavak 8. Poslovnika))

Κώστας Μαυρίδης (S&D), *απάντηση σε ερώτηση με γαλάζια κάρτα*. – Κύριε Πρόεδρε, ευχαριστώ, παρ' όλο που θα κάνω ένα παράπονο: Ορισμένοι από εμάς ήρθαμε νωρίς εδώ, αλλά η διαχείριση του χρόνου δεν ήταν σωστή. Το ερώτημά μου είναι πολύ απλό: Η Τουρκία, από όλα τα μέρη που εμπλέκονται στη Συρία, παραβιάζει το ομόφωνο ψήφισμα του Συμβουλίου Ασφαλείας. Είναι ηθικά σωστό, όπως το ανέφερε η κ. Mogherini, να παρέχουμε εμείς δισεκατομμύρια ευρώ στην Τουρκία για να διαχειρίζεται τους Σύρους προσφυγές και ταυτοχρόνως να κάνει επίθεση στο Αφρίν, για να έχουμε νέους Σύρους πρόσφυγες; Αυτό είναι ένα ερώτημα που πρέπει να απαντήσουμε όλοι μας.

Marijana Petir (PPE), *odgovor na pitanje postavljeno podizanjem plave kartice*. – Osobno smatram da bi uloga Europske unije trebala biti drugačija i proaktivnija i čini mi se da je upravo sve ovo danas čemu svjedočimo u Siriji, ali i općenito na Bliskom istoku, jedan pokazatelj nedovoljne aktivnosti naše vanjske politike u Europskoj uniji. Najlakše je prebaciti odgovornost ili novac nekom drugom da rješava probleme. Mislim da bi bilo puno korisnije i za Siriju i za cijeli Bliski istok da pokažemo drugačiju vrstu odgovornosti.

José Inácio Faria (PPE). – Senhor Presidente, não pode cortar a palavra aos seus colegas que estão nesta casa, que pediram, há duas horas, a palavra para o procedimento «catch the eye», e autorizar «cartões azuis» durante o «catch the eye». Não pode fazer isso, Sr. Presidente, não pode. Não são as regras desta casa. Eu quero falar. Só peço ao Sr. Presidente que cumpra a sua obrigação e me dê o direito de falar.

Der Präsident. – Vielen Dank, Herr Kollege Faria.

Erstens bemühe ich mich, hier nach Treu und Glauben die Regeln anzuwenden und auszulegen. Da können Sie lange mit dem Finger schütteln, jetzt hören Sie mir zu. Wir haben nach der Tagesordnung eigentlich fünf Minuten für spontane Wortmeldungen vorgesehen. Das bedeutet fünf Redner. Ich habe regelmäßig den Fall, dass ich eine erheblich größere Zahl als fünf Redner habe, und dann muss ich eine Auswahl treffen.

Ich bedaure sehr, Ihnen sagen zu müssen, dass Sie sich weder als erster gemeldet haben, noch zwei Stunden gewartet haben, dass ...

(Zwischenrufe von Herrn Faria)

Sie sollten ganz einfach zuhören. Ich sage: Sie haben sich als erster gemeldet, ja. Aber weder sich als erster gemeldet zu haben noch zwei Stunden gewartet zu haben, ist ein Kriterium. Lassen Sie sich von Herrn Marias erklären, dass ich da halt streng sein muss. Und ich habe klar erklärt, dass ich mich in diesem Fall bei der Auswahl auf die Nationen beschränke, die noch nicht zu Wort gekommen sind. Das ist ein Kriterium, das ist fair, und daran müssen auch Sie sich halten, auch wenn Sie zu meiner Fraktion gehören.

(Ende der spontanen Wortmeldungen)

Federica Mogherini, *Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy*. – Mr President, I think we all described the same situation. In your words I found the same frustration, the same horror, the same atrocities, the same counting of victims and years, and I think the analysis is clear and broadly shared. Not unanimously, but broadly.

We also indicated all the same things that need to happen to bring peace: a ceasefire, humanitarian access, accountability not impunity, political negotiations and the preservation of diversity. I could continue with a list that I am sure is reflected in the documents you are going to discuss and vote on and on which the European Union is, and continues to be, the first player.

I have heard different tones and different accents, but I have not heard different proposals on things we should do differently. What are we doing? We are, and will continue to be, the first humanitarian donor. I put this first because I keep insisting on this. It is about saving lives

We are the convening power that for more than a year now has been the one gathering the international community, keeping – as some of you said – Syria on top of the international agenda – there are not many others doing that at this moment – and continuing to work with the United Nations to unite the international community in sustaining, or trying to sustain, intra-Syrian talks.

We are the only ones supporting the united Syrian opposition in Geneva, in Brussels – everywhere – and giving concrete support to their preparation for entering into direct negotiations in Geneva. We are the only ones that talk to all the international and regional players.

Some of you said that it is time that we started talking about this or about that with this actor or with that actor. We are already doing that. What do you think I discuss when I discuss with the Turkish Foreign Minister, the Iranian Foreign Minister, the Russian Foreign Minister, the Saudi Foreign Minister, the Jordanian Foreign Minister or the US Secretary of State? I could continue.

We are doing this every single day and we are the only ones, apart from the United Nations – and this is why we are working so closely together – who are talking to everyone with the same agenda, which is not our agenda. It is the Syrian's people agenda. We are the only ones that have no hidden agenda other than the end of the war in a way that is possible and inclusive, which means with a transition. Because everybody knows that without a comprehensive political agreement any solution would last for what, one week, one month, six months? And then things would start again.

So it is out of realism and also out of European interest because we share the same region that we are continuing to do this. Let me say that sometimes I feel we have remained – I am not sure if this is proper English, but the interpreters will help me – the only voice of reason in this conflict. I don't know if you noticed but common sense is not necessarily the natural thing to apply in this world today.

So are we doing enough? We are doing all we can. Is it producing results? Not all the results we would like to see. I think we are doing the right things, the things that are in our capacity to do and there are many of them. I am not saying the European Union role is limited. No, we have a huge role.

If you took away all the things we are doing on the political, diplomatic and humanitarian side, the situation would be so much worse. It is not a justification. It is a tragedy, but it is like this.

Are you asking me if this always works? No, this doesn't always work. Some of you said this or that leader is not listening to us. I don't know if you have noticed but we are not living in times in which many people listen to many others. We live in difficult times.

We're doing our best. I think we are achieving some results. It is frustrating because we have achieved many results, especially on saving lives and on stopping the fighting. We are far from reaching what we want, but we have to insist because we have been left with a big responsibility. Again, our work does not always bring results but this is what we have to continue to do with unity, because this is something I am quite proud of.

Many say that we are divided, not only on this crisis but on most, if not all, the other things we are doing on external action and foreign policy. But not only have proved to be united as Europeans, if you look at the UN Security Council resolutions, we have helped build the unity of the international community.

It is thanks to the European Union Member States and the work we have coordinated in New York that unanimity was reached in the Security Council. Not only were the Europeans united, but we managed to unite the international community, as we will do again in Brussels on 24 and 25 April.

We have to continue playing this role because there is no one else left doing this. Is it enough? I repeat, no it is not enough. But we live in difficult times and we have to insist on doing this for as long as we do not manage to gather a sufficient international consensus and enough international support under the UN umbrella to find a solution to this conflict.

Der Präsident. – Zum Abschluss der Aussprache wurden gemäß Artikel 123 Absatz 2 der Geschäftsordnung sieben Entschließungsanträge eingereicht.

Die Aussprache ist geschlossen.

Die Abstimmung findet am Donnerstag, 15. März 2018, statt.

Schriftliche Erklärungen (Artikel 162 GO)

Urmas Paet (ALDE), kirjalikult. – Humanitaarkatastroof Süürias jätkub ning süveneb Süüria ja tema liitlaste Venemaa ja Iraani tegevuse tõttu. Selle tõttu on elu kaotanud juba üle 400 000 inimese; Süürias on 6,1 miljonit sisepagulast ning mujal riikides 5 miljonit Süüria pagulast. Jätkuvad keemiarünnakud ja pommitamised tsiviilelanike, abi- ja meditsiinitöötajate ning tsiviiltaristute vastu peavad koheselt lõppema. Süüria, Venemaa ja Iraan peavad austama ÜRO Julgeolekunõukogu resolutsiooni 2401. Humanitaarabile tuleb tagada turvaline ligipääs konfliktipiirkondadesse. EL peab jätkama sanktsioonide karmistamisega ning tuleb seista selle eest, et nende kohutavate kuritegude toimepanijad saaksid kohaselt kohtu ette toodud ning karistatud.

Csaba Sógor (PPE), írásban. – A szíriai helyzet kapcsán folyamatosan ugyanazokba a kérdésekbe ütközünk. Valóban érdekében áll-e a feleket támogató erőknél, hogy véget érjen a vérontás, és elkezdődhessen az újjáépítés és a politikai rendezés? Függetlenül attól, hogy éppen melyik oldal állt nyeresre a konfliktusban, ez a kérdés mindig felmerült és megnyugtató válasz sosem érkezett rá. Az európai országok mozgásteret nem tűnik túl nagynak, továbbra is csak megfigyelők vagyunk a folyamatban, amelyben a globális hatalmak mellett a térségi regionális hatalmak is alakítói a rendezésnek, miközben a menekültek közül sokan élnek ma közöttünk Európában. Egyesek szerint a harci cselekmények esetében már győztessé lehet hirdetni, de egyáltalán nem biztos, hogy a „béke megnyerése” egyszerű lesz. Az biztos, hogy a Szíriában élő millióknak és az onnan elmenekült embereknek is az az érdekük, hogy visszakapják az országukat végre. De ki áll mellettük?

18. Perspetivas da UE para a primeira reunião do Conselho Conjunto UE-Cuba (debate)

Der Präsident. – Als nächster Punkt der Tagesordnung folgt die Aussprache über die Erklärung der Vizepräsidentin der Kommission und Hohen Vertreterin der Union für Außen- und Sicherheitspolitik zu den Perspektiven der EU für die erste Sitzung des Gemeinsamen Rates EU-Kuba (2018/2528(RSP)).

Federica Mogherini, *Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy.* – Mr President, the path of dialogue and cooperation, as we just discussed, is not always the easiest, but it is always a path worth taking. As Europeans we have always believed and invested in dialogue. I would say even more so when we have differences and difficulties.

Last summer this Parliament voted to open a new phase in our relationship with Cuba. We decided, all the European institutions together, to continue to build, or to undertake to build, new channels for a deeper and stronger dialogue with Cuba. Because we believe this is the best possible way, not only to build a more peaceful and cooperative international environment, but also to improve the daily lives of our people, both in Europe and, crucially, inside Cuba.

It is quite clear that we do not see eye-to-eye on all issues, we do have several disagreements with the Cuban Government. But only through dialogue and engagement can we address our differences, explore avenues of cooperation in different sectors and accompany Cuba in its modernisation, in particular in these times of change, with the end of President Castro's mandate coming up.

Today, we are here to discuss the preparations for the first joint Council between the European Union and Cuba and the way ahead. But let me start with a quick mention of what has happened since we signed our political dialogue and cooperation agreement.

Our cooperation has started to make a positive difference for the people, and this is, I believe, what counts the most. I have seen it during my visit to Cuba at the beginning of this year. I have visited the centre for Cuban youth that we have opened in old Havana, together with UNICEF, that is providing young Cubans with the skills they need to live better lives and the space to meet and work on common projects in many different fields. I have also seen the new Centre for EU-Cuba Cultural Relations in the historic Palacio del Segundo Cabo.

International cultural relations for the people of Cuba are an opportunity to meet the world and to look beyond their island, as well as to strengthen their own cultural tradition. And finally, while there, I heard the stories of 180 000 men, women and children who were hit by Hurricane Irma.

We, the European Union, intervened immediately with our humanitarian aid in their support, and we are also helping them restart their farms and rebuild their homes in a more sustainable way so that the next hurricane will be less devastating than the last one.

These are three examples of concrete projects that have already improved the life of the Cuban people thanks to our cooperation. For me, this is the sign of how promising this new season in our relations can be. The first joint Council meeting which we plan to hold in mid-May will be the opportunity to consolidate and expand this work. Together with the Foreign Minister Bruno Rodríguez, we expect to launch a number of sectoral dialogues in new areas of cooperation.

Let me mention just three of them. First, renewable energy, which is key for both of us. Second, sustainable agriculture, especially for the areas hardest hit by the hurricane. Third, culture. I mentioned that already. Let me stress in particular as we mark the year of European Culture and in the year when the City of Havana celebrates its 500th anniversary. This is a field where I see enormous potential for our relations to be increased and deepened.

Of course the Joint Council will also be an opportunity to discuss other issues, for instance the US embargo and its extraterritorial effects. As you know, the European position is very clear. We have already expressed it several times, we believe the embargo does not achieve the goal of improving the lives of the Cuban people. On the contrary, it is only damaging the Cuban people and the Cuban economy.

As we prepare for the Joint Council, we are also working to formalise our annual human rights dialogue. As you know, such dialogue already started informally in 2015. Since then, it has allowed us to exchange on human rights issues directly, in a very open, frank, constructive manner with the Cuban authorities. And let me say if we care about human rights in Cuba – and we in this room all care – if we care about widening the space for civil society, this is the best path to follow, to the benefit of the Cuban people.

Our political dialogue and cooperation agreement is the tool we need to better accompany and support a process of economic and social reform. It is the best tool we have to work for sustainable development, social justice, democracy and human rights. We do have disagreements as I said, and I am sure our Cuban friends would say the same.

But there is also a lot that unites the European people and the Cuban people. We both believe in international cooperation and dialogue as the best way to address international disputes. We believe that a multilateral global order is possible and it would help us build a more sustainable development world-wide. And I won't mention here all the cultural, historic links, the social links that are there between our people.

So let us continue to engage, aware of the differences, ready to address them, in a spirit of dialogue, respect and frankness, aware also of the opportunities for our common work in different sectors of cooperation, and continuing to work on our side in unity.

The European Parliament, together with all other European institutions, continues to invest in dialogue respectfully, without hiding the differences and the difficulties, but also while taking all the opportunities that this dialogue can bring about.

Luis de Grandes Pascual, *en nombre del Grupo PPE*. – Señor presidente, señora Mogherini, parece que, a pesar de que las relaciones entre instituciones sigan avanzando con normalidad, Cuba no está cumpliendo con sus compromisos. Es cierto, señora vicepresidenta: el camino del diálogo es el mejor para abordar los desacuerdos, pero yo creo que no hay voluntad política.

El régimen cubano sigue utilizando las detenciones arbitrarias, los despidos de funcionarios y el hostigamiento para silenciar las críticas. No son mis palabras. Con esta contundencia comienza el informe que Amnistía Internacional publicó hace unas semanas sobre Cuba. En un momento en que el país se encuentra ante un supuesto relevo generacional, la realidad es que han elegido 605 miembros de la Asamblea Nacional entre 605 miembros designados previamente por el régimen.

A pesar de la supuesta apertura de Cuba al mundo, la isla mantiene la censura en internet, así como restricciones indebidas al acceso a la información y a la libertad de expresión. Solo el año pasado, la Comisión Cubana de Derechos Humanos y Reconciliación Nacional registró al menos 5 155 arrestos de opositores. Entre tanto, Eduardo Cardet, miembro del Movimiento Cristiano Liberación, permanece en la cárcel desde el año 2016.

Creemos, señora Mogherini, que, junto a las formas diplomáticas, debiera exigir, cuando menos, el cumplimiento de los acuerdos al régimen. Muchos creemos que el fin del castrismo abre una oportunidad a las nuevas generaciones del pueblo cubano. Y ello a pesar de que existan indicios de que nada se quiere cambiar.

La Unión Europea no puede mirar a un lado. La realpolitik tiene límites, y no todo deben ser alfombras rojas. Sigamos esperanzados en que a todas las dictaduras les llega el fin.

La Unión Europea no solo puede contribuir, sino que debe participar activamente, con diplomacia, sí, pero no avalando nuevas formas totalitarias.

Elena Valenciano, *en nombre del Grupo S&D*. – Señor presidente, hace ocho meses aprobamos en esta Cámara el Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación con Cuba. Fue difícil esa aprobación. Muy pocos meses después, a principios de año, la alta representante viajó a Cuba. Creo que fue un viaje importante y que demostró la voluntad de la Unión Europea de establecer un diálogo constructivo con La Habana. Claro, las cosas no van a cambiar en tan poco tiempo, eso es evidente. Pero nuestro impulso desde el inicio ha sido ese: tratar de construir una relación que fundamentalmente pretenda mejorar la vida de los cubanos y también de los europeos, porque es una relación que tiene que ser simétrica.

Ciertamente, en Cuba hay todavía un bloqueo político que deberá resolverse, probablemente en los próximos meses. Y entonces, cuando se haya resuelto el recambio en Cuba y se haya mantenido en mayo la reunión del Consejo Conjunto, entonces creo que será el momento de decirle a la señora Mogherini que venga a esta Cámara a explicar cuánto hemos avanzado. No he entendido muy bien la obsesión de algún grupo por hacer el debate hoy, cuando todavía no se ha reunido ese Consejo, es decir, cuando el mecanismo aún no se ha puesto en marcha. Hoy lo único que podemos hacer es felicitar a la señora Mogherini por su viaje a Cuba, porque eso marca una diferencia fundamental en lo que van a ser nuestras relaciones con la isla, con el conjunto, además, de América Latina, porque todos sabemos la importancia estratégica que tiene esa isla por muy pequeña que sea.

Así que yo emplazo a la señora Mogherini a que más adelante, cuando realmente hayamos podido medir y construir ese trabajo que hemos decidido hacer, venga a esta Cámara -a la que siempre viene, por otro lado, cuando se la llama— a explicarnos los avances que se hayan podido producir.

Nosotros vamos a seguir reclamando de las autoridades cubanas democracia, libertad, desarrollo y equilibrio en el país, porque esa es la función que tenemos nosotros como diputados en este Parlamento.

Le agradezco mucho a la señora Mogherini, una vez más, su esfuerzo.

Bas Belder, *namens de ECR-Fractie*. – Voorzitter, mevrouw Mogherini, ik heb in de aanloop van dit debat – en dat probeer ik altijd serieus voor te bereiden – gesproken met een aantal personen uit mijn eigen land, Nederland, die er sinds vele jaren jaarlijks komen.

En wat ik heb gehoord over – en dit gaat niet over democratie, mevrouw Valenciano, dit gaat over elementaire zaken: voedselschaarste, geen mogelijkheid om directe buitenlandse hulp te aanvaarden omdat de staat dat blokkeert. Het is gewoon – ik heb het gisteren uit vele monden gehoord – een schrijnende situatie. Waar blijft het buitenlandse hulpgeld? Wordt het geïnvesteerd in toerisme? Ondertussen lijdt de bevolking en is zij behoeftig. Een gaarkeuken in de industrie in de havenstad Cienfuegos mag niet, omdat de staat dat blokkeert.

Ik heb er grote moeite mee als hier gesproken wordt over de “Cubaanse vrienden”, want zulke vrienden zijn onbarmhartig jegens hun eigen bevolking. En dan spreken we nog niet over de meer dan 300 arbitraire arrestaties die vorige maand hebben plaatsgevonden: 347. Vanmorgen vroeg mij een Cubakenner: “Wat doet de EU precies qua mensenrechten?” Hij was werkelijk ontzet over het stilzwijgen van de EU. Mevrouw Valenciano, ...

(De spreker wordt door de Voorzitter onderbroken.)

María Teresa Giménez Barbat, *en nombre del Grupo ALDE*. – Señor presidente, señora Mogherini, en su primera visita tras la firma del primer Acuerdo Unión Europea-Cuba, usted no encontró tiempo para reunirse con opositores, ni con los premios Sájarov, ni con ningún representante de la sociedad civil, que llevan años sufriendo las consecuencias del régimen dictatorial de la isla.

Se habló de los beneficios de este Acuerdo para incrementar el comercio, las inversiones de la Unión Europea, pero ¿qué ocurre con la situación de los derechos humanos? ¿Dónde está esa modernización de la que hablaba en sus primeras declaraciones? Cuba sigue siendo una sociedad políticamente cerrada, donde partidos políticos y organizaciones de la sociedad civil independiente no pueden funcionar legalmente.

Los informes anuales sobre derechos humanos de asociaciones internacionales, como Human Rights Watch o Amnistía Internacional, nos advierten de que la situación no ha mejorado. Las últimas víctimas de las prácticas de ese Gobierno han sido, por ejemplo, la señora Dulce Amanda Durán, amenazada con ir a la cárcel si no renuncia a su trabajo en la Comisión Cubana de Derechos Humanos y Reconciliación Nacional; el señor José Díaz Silva, líder del movimiento Opositores por una Nueva República; y el sacerdote Jonniel Rodríguez Riverol, que, además, ha sufrido violencia física por parte de las fuerzas del régimen.

Esa comisión cubana nos advierte de que en febrero el número de detenciones arbitrarias ha aumentado: ha llegado a 347, lo que significa más de doce por día. Desde que se iniciaron los diálogos entre la Unión Europea y Cuba, no se ha producido ningún avance de la situación de los derechos humanos y no me queda claro cuáles son las expectativas del diálogo de derechos humanos que se tiene abierto.

Lo que sí tengo claro es que no podemos afirmar que la Unión Europea esté más cerca de Cuba y del pueblo cubano si se da la espalda a toda esa parte de la sociedad que ignoramos y ese Acuerdo de Diálogo Político se convierte en un acuerdo con objetivos puramente económicos.

Ernest Urtasun, *en nombre del Grupo Verts/ALE*. – Señor presidente, tengo que empezar también por decir que no sé exactamente a qué se debe la urgencia este debate, teniendo en cuenta que no se ha reunido aún el Consejo Conjunto, que debe reunirse en mayo. Coincido con la compañera socialista en que deberíamos haber esperado a esa reunión para hacer una evaluación y entonces tener un debate con la alta representante. A no ser que haya algunos grupos en esta Cámara más preocupados por torpedear el Acuerdo, en la línea de la Administración Trump, que por realmente mirar al futuro e intentar que este Acuerdo sea un auténtico éxito, que es lo que todos deseamos.

A mí simplemente en este debate me queda felicitar a la señora Mogherini por su labor en esto. Creo que la nueva relación que se abre con Cuba es un éxito de la diplomacia europea, uno de los grandes éxitos de este mandato. La felicito por su viaje y, además, quiero decirle que me parecen bien las cuestiones planteadas para el próximo Consejo. Ha mencionado el ámbito de las energías renovables, de la agricultura sostenible y de la cultura. Me parecen desde luego tres ámbitos en los que se puede avanzar. Y, sobre todo, quiero pedirle que insista en el avance de este Acuerdo y en que la cooperación pueda ir lo más lejos posible, porque todos sabemos, evidentemente, que tenemos a la Administración Trump, que quiere torpedear ese Acuerdo, y es muy importante que la Unión Europea...

(el presidente retira la palabra al orador).

João Pimenta Lopes, *em nome do Grupo GUE/NGL*. – Senhor Presidente, Cuba e o seu povo são vítimas, há quase seis décadas, de um criminoso bloqueio que se agrava, com brutais impactos e consequências. Nenhuma área ou setor é poupado.

Não obstante, o povo cubano tem afirmado com determinação e confiança a escolha soberana de cumprir os valores da revolução para o desenvolvimento do país. É desse esforço coletivo e de uma incomparável capacidade de resiliência e superação que Cuba alcançou feitos sociais notáveis e reconhecidos avanços, nomeadamente na Medicina – conquistas que poucos países da América Latina ou mesmo da Europa lograram, sobretudo se pensadas no contexto da atroz agressão que o bloqueio representa.

A União Europeia, hoje o segundo maior parceiro comercial de Cuba, deve contribuir para o derrube desse bloqueio e consolidar o acordo de diálogo e cooperação, garantindo a ratificação de todos os Estados-Membros, com vista a cimentar as relações entre as duas partes, na base do respeito mútuo. O Parlamento Europeu deve valorizar os avanços positivos das relações bilaterais entre as duas partes e contribuir para o seu sucesso.

James Carver, *on behalf of the EFDD Group*. – Mr President, whilst the collapse of the Soviet Union heralded an advance in democracy, in individual liberty and economic wealth unprecedented in human history, as we know, its ideology lingered on in some quarters.

Having visited Cuba and knowing how warm and welcoming the people are, I was pleased to see the thawing of relations between the Western world and Cuba, led by the United States. They have suffered for too long under a dictatorial communist government, and I have no doubt that their reintegration into the global system will highlight once again the benefits of the Western liberal order.

Madam High Commissioner, if the EU is to help in the process of reintegration it must do so by working with the Cuban people in a fair and equitable manner, and not impose the usual neo-colonialist trade agreement that benefits the few and penalises the majority.

Mr President, it is my fervent hope that as Cuba develops the last echelons of this particularly nasty brand of Socialism practised in Venezuela, North Korea and elsewhere will likewise follow suit.

David McAllister (PPE). – Mr President, as previous speakers have already pointed out, the signing of the political dialogue and cooperation agreement established a new legal framework for the relations between the European Union and Cuba, while maintaining our EU's interests. The agreement attempts to support human rights, to improve the living conditions and social rights of Cuban citizens, and to strengthen trade between the EU and Cuba. So far so good. But, obviously, the success of this agreement depends on its implementation and compliance with it. In my opinion, we should not just focus on economic relations, but work systematically in promoting the values of democracy and human rights, including the rule of law and good governance.

I would like to point out that, in the past 15 years, this European Parliament awarded the Sakharov Prize three times to Cubans who fought for fundamental human rights. The Castro regime represses nearly all forms of political dissent; its rank of freedom of expression is among the worst in the world. Just to point out one recent example: last Wednesday, the former Presidents of Colombia and Bolivia, Andrés Pastrana and Jorge Quiroga, tried to travel to Havana to receive an award on behalf of a democratic initiative of Spain and the Americas. They were detained at Havana airport and denied entry to Cuba. With these actions, the Castro regime once again unsuccessfully tries to silence the voice of freedom and democracy in the country.

A final remark: I regret, especially after the adoption of the European Parliament's July 2017 resolution, that it has so far not been possible to organise a visit of a Committee on Foreign Affairs (AFET) delegation to Cuba. Those responsible sit in Havana.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

Maria Lidia Senra Rodríguez (GUE/NGL), pregunta de «tarjeta azul». – Me gustaría preguntarle de qué derechos humanos está hablando, porque me gustaría que me dijera si usted sabe que en el Estado español hay presos políticos y si usted sabe que en el Estado español el derecho a la vivienda y el derecho a la salud están seriamente cuestionados.

David McAllister (PPE), blue-card answer. – Honourable colleague, I don't know whether you expect an answer to this kind of question. I think it is completely inappropriate to compare the situation in a democracy like Spain, a valued Member State of the European Union, with a regime in Havana led by the Castros, who have been suppressing people for decades. There are political prisoners and much more. You should go to Cuba and look for yourself at what a devastating state this country is in. How dare you ask a question like that!

Ramón Jáuregui Atondo (S&D). – Señor presidente, yo no sé si la intención de traer este debate hoy aquí era cuestionar el trabajo de la señora Mogherini y el Acuerdo que la Unión Europea firmó con Cuba, pero, si es así, realmente tengo que decir, en nombre de nuestro Grupo, que queremos felicitar a la alta representante por su trabajo y queremos felicitarnos por el Acuerdo que hicimos con Cuba.

Creo que este es un Acuerdo importante. La pregunta no es si hay derechos humanos o no en Cuba, sino cómo defendemos que los derechos humanos se aseguren en Cuba, cómo aseguramos las libertades, y este Acuerdo precisamente va en esa dirección.

Señorías, se acaban de replegar los Estados Unidos, el señor Castro se va el mes que viene y la Unión Europea tiene un Acuerdo con Cuba. Y, en ese contexto, ese Acuerdo lo que hace es abrir relaciones.

Europa es un amigo de Cuba y ese amigo de Cuba va a abrir precisamente su democracia y va a abrir sus tecnologías; va a abrir sus economías y sus empresas.

La idea, precisamente, es que este Acuerdo favorece el desarrollo de estas ideas y de estos derechos, no los perjudica. Porque quienes cuestionan este Acuerdo, ¿qué quieren? ¿Volver al bloqueo? ¿Es que quienes están defendiendo libertades y derechos humanos en Cuba creen que con el bloqueo a Cuba o dando la espalda a Cuba se van a asegurar esos derechos? ¿No es, por el contrario, lo que estamos haciendo en Europa y lo que está haciendo la señora Mogherini lo que favorece el desarrollo de libertades y derechos para los cubanos?

Pavel Telička (ALDE). – Mr President, I say to the Vice-President that you have referred to friends in Cuba. Well, I have also met friends, but very different from the ones that you spoke of. Our representatives of 30 organisations, including those that hold the Sakharov Prize, have come up with a declaration which I will read out to you, at least the major part of the content.

«Through this declaration we manifest our total rejection of the spurious and anti-democratic process that is about to take place in our country of birth. In these Cuban elections, millions of Cubans who reside outside the island are not allowed to vote. For those within Cuba, the choice is limited to the one and only candidate listed for each available position. That leaves Cuban citizens, of course, with no freedom of choice.

We also recognise that the most important issue in the process of Cuban democratisation is the holding of free elections with a plurality of political parties and programmes allowed to compete on equal terms. Cubans within the island and those abroad should be allowed to participate and the elections should be held in the presence of supervision of international observers.

We appeal to High Representative / Vice President Mogherini to finally and unconditionally support the plea for free and democratic elections.»

(The President cut off the speaker)

Der Präsident. – Herr Kollege Telička! Ich habe Sie nicht ermahnt, weil Sie schon wesentlich über der Zeit waren. Aber Sie haben wesentlich zu schnell gesprochen. Es ist für die Dolmetscher unmöglich, zu übersetzen. Sie sollten als jemand, der gelegentlich selber die Sitzung leitet, darauf Rücksicht nehmen.

Javier Couso Permuy (GUE/NGL). – Señor presidente, celebramos el avance del Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación suscrito entre en la Unión Europea y Cuba, porque este Acuerdo entierra definitivamente la infame Posición Común de los que no quieren relaciones normales sino rendición. Este Acuerdo es un buen ejemplo del buen desarrollo de las relaciones internacionales, cuando se abordan desde el respeto a la soberanía, el diálogo entre iguales y el paraguas de la Carta de las Naciones Unidas.

Además, es una muestra de lo que puede lograr una Unión Europea que no siga la unilateralidad de los Estados Unidos y que apueste por una política exterior independiente. Esperemos que la reunión del primer Consejo Conjunto, en mayo, profundice en ese camino, y esperamos que este modelo de relaciones internacionales sustituya a la deriva injerencista de irrespeto que se tiene con otros países de la región, como Venezuela.

Jarosław Wałęsa (PPE). – Mr President, the Political Dialogue and Cooperation Agreement gives the opportunity for better cooperation between the European Union and Cuba in the future. We should continue to promote such dialogue but in a responsible way, with focus on the sustainable development, democracy and human rights.

Our aim is to stimulate reforms in this country but their actual implementation is no less important. Respect for human rights in Cuba remains our biggest concern. An improvement in this area will be necessary in order to achieve the proper implementation of the agreement between Cuba and the EU. The agreement still needs to be ratified by all the Member States. So, we have time to observe the ongoing reforms and, if necessary, to put additional pressure on the Cuban authorities.

I believe that the EU-Cuba Cooperation Agreement opens up a new space for improved relations. But the European Union must keep its human rights and fundamental freedoms as a basis of this new relationship. Substantial improvements must become a condition for further talks with the Cuban Government.

If we want Cuba to become a modern country, this process must begin with respect of their fundamental rights and freedoms. Hence, the EU policy towards Cuba must remain conditional on democratic changes in this area.

Francisco Assis (S&D). – Senhor Presidente, a celebração de um acordo de diálogo e cooperação entre a União Europeia e Cuba constituiu, em si mesmo, um ato positivo, que, estou convencido, suscita o apoio maioritário dos europeus e pode contribuir para incrementar o relacionamento político, económico e comercial com um país com quem temos fortes ligações históricas e que têm uma importância estratégica significativa.

Agora, há uma coisa que é preciso dizer. É que estes avanços não podem significar o esquecimento daqueles que, em Cuba, continuam a ser vítimas da repressão de um sistema fortemente autoritário, que não tem dado sinais nenhuns de abertura do ponto de vista político.

Pelo contrário, como já aqui foi dito, continuam a verificar-se situações de prisões completamente arbitrárias, a liberdade de expressão é completamente posta em causa, o direito de associação não existe e há muitos homens e mulheres da cultura, dessa cultura, em torno da qual se quer estabelecer um diálogo com Cuba, há muitos homens e mulheres de cultura que, pela simples razão de discordarem do regime, têm visto a sua voz ser silenciada.

As expectativas de que as alterações ocorridas nos últimos anos pudessem levar a uma maior abertura do regime foram, até aqui, completamente postas em causa. Por isso, a União Europeia deve, do meu ponto de vista, apostar no incremento deste relacionamento, mas ao mesmo tempo deve ser de uma exigência absoluta em matéria de respeito pelos direitos humanos, porque estes são sistematicamente postos em causa em Cuba.

Michael Gahler (PPE). – Herr Präsident! Ich finde auch: Dialog ist besser als kein Dialog, insbesondere dann, wenn man unterschiedlicher Auffassung ist. Ich bin im Übrigen auch schon seit langem gegen die US-Sanktionen, und ich unterstütze auch das, was wir an Projekten bereits auf den Weg gebracht haben. Aber ich finde, es geht um mehr als nur darum, den Raum für die Zivilgesellschaft zu erweitern. Und es geht auch nicht abstrakt um Menschenrechte, sondern konkret um Bürgerrechte. Denn die Kubaner gehören einer Nation an, die wirklich auch dem europäischen Kulturraum zugehört, Spanisch spricht und auch eine Tradition in echter Demokratie entwickeln sollte. Das Land ist das einzige Land in der westlichen Hemisphäre, wo Opposition per se illegal ist. Und das geht nicht! Ich finde, wenn wir Venezuela und das Regime dort richtigerweise kritisieren, dann sollten wir Kuba umso mehr kritisieren, denn in Venezuela wird die Opposition zwar unterdrückt, aber sie ist nicht per se illegal.

Ich finde, was wir am 11. März erlebt haben, diese Wahlfarce, war ein Rückschritt und war kein Schritt in die Zukunft. Das ist ein Ausdruck politischer Unmündigkeit gewesen, in der diese Menschen dort gehalten werden. Ich habe ein Bild von Reuters gesehen, da standen zwei Jungpioniere, vielleicht so zehn Jahre alt, in Hab-Acht-Stellung neben Wahlurnen und haben dort die Wähler in Empfang genommen. Das ist etwas, was mich wirklich an die Vergangenheit erinnert.

Ich frage Sie: Treffen Sie sich bei diesem Treffen mit der Opposition? Sind Sie bereit, dort konkret zu verlangen, dass die nächste Wahl eine demokratische Wahl ist? Das wäre eine konkrete Frage.

Pina Picierno (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, intanto per ribadire – è già stato detto ma lo voglio ribadire anch'io – come questo strumento che abbiamo in questa sede adottato, ratificato nella scorsa estate, come sia uno strumento fondamentale, colleghi. Fondamentale per tante ragioni, alcune di merito, che sono state ben illustrate dalla commissaria Mogherini, ma anche per altre ragioni un po' più profonde, vorrei dire.

Perché la storia ci ha insegnato che l'isolamento aiuta sempre gli estremismi e non aiuta mai le popolazioni che vengono sempre penalizzate dall'assenza di dialogo. E per un'altra ragione importante allo stesso modo, io credo, perché il dialogo è l'unico modo per rafforzare i trend positivi e per contrastare i trend negativi, ancora di più nel campo dei diritti umani.

Allora, io non posso che esprimere apprezzamento – ringraziamento, vorrei dire persino – alla commissaria Mogherini per il lavoro importante che ha già svolto, per la nuova stagione di relazioni che ha inaugurato, per questa capacità di dialogo forte, perché voglio dire – e ho chiuso – il dialogo è l'unica possibilità...

(Il Presidente ritira la parola all'oratrice)

Francisco José Millán Mon (PPE). – Señor presidente, el Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación con Cuba puso fin a una situación excepcional: la carencia de un acuerdo de este tipo con la isla.

La reunión próxima del Consejo Conjunto, señora Mogherini, se produce en un momento muy especial, justamente cuando los veteranos dirigentes de la revolución están siendo relevados.

A mi juicio, los cambios en los altos cargos deberían ir más allá: deberían acarrear, impulsar cambios políticos y económicos en Cuba, cambios que la aproximen a los principios y estándares que los europeos consideramos universales y que, en todo caso, son ya mayoritarios en América Latina —me refiero a la democracia pluripartidista, el respeto de los derechos fundamentales, el Estado de Derecho, la economía abierta y también el Estado social—.

Este diálogo en el Consejo Conjunto debe favorecer los intereses de la Unión y de sus ciudadanos y también los de los ciudadanos cubanos, sin abdicar de nuestros principios y valores. Por eso, los derechos humanos deben estar presentes en su agenda —y basta con citar una figura, ya evocada por el señor Luis de Grandes: la figura de Eduardo Cardet, un líder opositor que sigue detenido después de quince meses—.

Los ciudadanos cubanos están muy cerca de los europeos. Recuerdo el elevado número de personas de origen español y de mi tierra gallega que residen en Cuba. Es lógico que yo quiera para ellos todo lo que quiero para nosotros, es decir, el marco de libertades y de bienestar del que, en general, disfrutamos los europeos.

Este es el Parlamento del Premio Sájarov en favor de la libertad de expresión, que tantas veces ha galardonado a ciudadanos cubanos —tres veces, si recuerdo bien—. Confío en que este dato, señora Mogherini, le sirva de guía, de fuerza inspiradora en su próximo diálogo con las autoridades cubanas.

Laima Liucija Andrikiienė (PPE). – Mr President, the Political Dialogue and Cooperation Agreement (PDCA) between the EU and Cuba can be seen as a new chapter in EU-Cuba relations. This agreement provides for enhanced political dialogue, improved bilateral cooperation and joint action in multilateral fora.

For the EU, the PDCA is a tool for supporting a process of change and modernisation in Cuba. For Cuba, it represents the so-called normalisation of the relationship with important and economic and trade partners and helps to diversify its external obligations.

The forthcoming EU-Cuba joint ministerial council is an important gathering which should aim to discuss important political issues, trade and investment, as much as human rights. Economic, political and social modernisation is vitally important for the country. However, protection of human rights and fundamental freedoms must go hand in hand with placing EU-Cuba relations on a higher level.

We know that the human rights situation is getting worse. Violations of freedom of religion or belief in Cuba have been on a steep rise. In this situation, the EU cannot be sidelined. The possibility of applying human rights clauses as an integral part of the agreement must be clearly and openly discussed during the Joint Council meeting. And the EU should raise the question of religious freedom in Cuba and should encourage Cuba to fully ratify the International Covenant on Civil and Political Rights.

Spontane Wortmeldungen

Νότης Μαρτιάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, οι σχέσεις Ευρωπαϊκής Ένωσης-Κούβας θα μπορούσαν να αποτελέσουν μια νέα ιστορική ευκαιρία για τις δύο πλευρές, υπό τον όρο ότι η Ευρωπαϊκή Ένωση είναι διατεθειμένη να ακολουθήσει ένα νέο πλαίσιο συνεργασίας. Στο οικονομικό πεδίο η συνεργασία πρέπει να στηριχθεί στο αμοιβαίο όφελος και στο δίκαιο εμπόριο. Δεν θα πρέπει να επιδιώξει Ευρωπαϊκή Ένωση να εγκαθιδρύσει ένα νέο αποικιακό καθεστώς στην Κούβα. Ο λαός της Κούβας έχει υποφέρει από την αποικιοκρατία επί αιώνες και έχει δείξει πώς αντιδρά.

Σε πολιτικό επίπεδο πρέπει να ενισχυθεί η συνεργασία, η ειρηνική συνύπαρξη, ο σεβασμός της εθνικής κυριαρχίας και η αρχή της μη επέμβασης στα εσωτερικά της Κούβας. Χρειάζεται βεβαίως να εμπедωθεί η Δημοκρατία στην Κούβα και να ενισχυθούν τα ανθρώπινα δικαιώματα. Όμως η προάσπιση των ανθρωπίνων δικαιωμάτων δεν πρέπει να αποτελέσει άλλοθι για τη Δύση προκειμένου να επιβάλει λύσεις απ' έξω και να ανατρέψει την κατάσταση η οποία έχει διαμορφωθεί και θα διαμορφωθεί απ' τον ίδιο τον κουβανικό λαό.

Ana Miranda (Verts/ALE). – Señor presidente, «seamos realistas y hagamos lo imposible», decía el Che Guevara. El Acuerdo de Diálogo Político y de Cooperación, señora vicepresidenta de la Comisión y alta representante, es un momento histórico porque abre un capítulo nuevo en las relaciones de reciprocidad y, por eso, también la felicitamos. Por fin, la Comisión Europea deja de seguir una posición oscura, como fue la promovida por el presidente Aznar — aquel de la foto del trío de las Azores—, porque Cuba no necesita tutelas, sino un nuevo ciclo que comienza.

El levantamiento del bloqueo es un ejemplo. Europa no debe de ser el adalid internacional de ningún bloqueo. Y, además, Cuba deja de ser el único país de América Latina y el Caribe que no tiene una relación bilateral con la Unión Europea.

Ángela Vallina (GUE/NGL). – Señor presidente, desde luego, este Acuerdo debe servir para consolidar unas relaciones estables entre Cuba y la Unión Europea en el marco, además, del Derecho internacional y de la Carta de las Naciones Unidas, en el marco de la legalidad, del respeto de la soberanía de los Estados, y en el marco de los valores y principios marcados en la política exterior de esta Unión.

Desde mi Grupo deseamos que continúen los pasos hacia la normalización de relaciones políticas y comerciales, el respeto de Cuba como sujeto político internacional, de su identidad propia, y el respeto de su modelo económico y social de vía alternativa al capitalismo.

Le solicito por último, señora Mogherini, que siempre tenga en mente las palabras que usted dijo en su reciente visita a La Habana, porque la Unión Europea, en su política exterior, debe tender puentes y abrir puertas mediante la cooperación y el diálogo: es la única vía y la única diplomacia. Ánimo.

Fabio Massimo Castaldo (EFDD). – Signor Presidente, signora Alto rappresentante, onorevoli colleghi, nel gennaio del 1959 il movimento del 26 luglio rovesciava il regime di Batista e dava avvio al primo Stato socialista dell'America Latina. Oggi, a distanza di quasi 60 anni, Cuba si sta preparando ad aprire un nuovo capitolo nella sua storia.

L'accordo di cooperazione e di dialogo UE-Cuba è un primo traguardo verso un futuro di vicinanza tra cubani ed europei, un segnale forte di sviluppo sostenibile e collaborazione contro la politica miope di Donald Trump, ostinato a perpetuare un anacronistico *bloqueo* dalle conseguenze inaccettabili.

Sono dunque d'accordo, Alto rappresentante, con le parole che Lei ha detto all'Avana: dobbiamo costruire ponti e aprire porte attraverso la cooperazione e il dialogo, permettendo a Cuba di uscire dall'isolamento e aprirsi al mondo. La nostra mano è tesa, ma ricordiamoci che si tratta di un passo a due. L'Unione europea si aspetta da Cuba risposte concrete, fatti e non parole, soprattutto nel campo del rispetto dei diritti umani e del ruolo della società civile, che deve poter operare liberamente.

Sarà compito di noi parlamentari monitorare che la barra del timone resti dritta verso la difesa dei diritti dei cittadini cubani.

(Ende der spontanen Wortmeldungen)

Federica Mogherini, *Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy*. – Mr President, many of you referred to Cuban civil society, and I agree that it has a critical role to play and to fulfil in cooperation with our delegation. Indeed it is not true and it has never been true that we do not have bilateral relations between the European Union and Cuba. There is a Cuban Ambassador in Brussels who is accredited to the European Union, and our delegation is active in Havana and all over the island, not only for diplomatic exchanges, but also for running the various projects, including the humanitarian and development projects that we run on the island. We definitely have a strong and active diplomatic channel and presence, both of Havana in Brussels and of the European Union in Havana.

Through our delegation in Havana, the role of civil society is constantly being encouraged. Meetings and regular exchanges take place. I myself, during a recent visit and previous visits, have always managed to meet members of civil society, although my visits were always extremely short.

As many of you have said, that it is clear that our ideas, principles and practices in terms of human rights and democracy are different. This is no mystery. Isolation has never proven to be a way to encourage positive development. What can encourage positive development and channel our approach, our principles and our expectations is a strong, open, frank and constructive dialogue based not only on respect, but also on very clear messages that we never hide. It is more communication and more cooperation that will bring about positive developments, including in the area of fundamental freedoms.

It is no mystery that Cuba, the Member States and the European Union as a whole have different political systems; this is obvious to all of us. The role of civil society and the issue of human rights and fundamental freedoms are part of our dialogue and our common work. One key element of the agreement we have is also the formalisation of the human rights dialogue. This is also one of the reasons why this Parliament approved and backed the agreement we negotiated.

As I said, isolation has failed over decades to bring any positive developments, either in the island, or in our relations, including as regards relations between the European Union and the region. Some of you referred to the fact that Cuba also has a regional role in the Caribbean and in Latin America. Having this channel of dialogue open can be useful and helpful.

Isolation, on the contrary, has traditionally strengthened conservative forces. This is why we all consider it important that this agreement has entered into force and why this Parliament gave its consent last year to adopt this historical agreement, which the Member States by unanimity adopted it. This is the expectation with which we enter into this process. Some of you rightly mentioned: now we have the agreement and the institutional backing on the European side to this agreement, we know all the opportunities and challenges are still in front of us. We simply have the instruments to enter into a different phase.

The point is now to implement this agreement using this instrument, and I count on this Parliament to accompany this process as we proceed with the implementation of the agreement in all its different sectors, which also means holding the first Joint Council in May. When I was in Havana in January, we also discussed opening different sectoral dialogues, exploring the different opportunities that open up, as well as addressing the difficulties we might have, including the formulation of the human rights dialogue. I would expect that this Parliament will accompany us in this implementation phase, keeping clear our perspectives, our differences and our points of convergence.

Let me finish by supporting very much what David McAllister, Chair of the Committee on Foreign Affairs (AFET), mentioned about the opportunity to have an AFET delegation visiting Cuba. I raised this personally with the Cuban authorities during my visit in January, including with the President of the National Assembly of the Parliament there, who welcomed this idea. Obviously, I will continue to encourage a move in this direction, because I believe that contacts need to be deepened in respect of the differences and in openness of the differences at all levels – institutions, civil society, human rights activists and the Parliament have an important role to play here.

I thank you for this debate and I thank you most of all for the work you will continue to do to accompany me in the implementation of this agreement.

PRESIDE: RAMÓN LUIS VALCÁRCEL SISO*Vicepresidente*

El presidente. – Se cierra el debate.

19. Nova agenda para as relações UE-Ásia Central no quadro da 13.ª reunião ministerial anual (debate)

El presidente. – El punto siguiente en el orden del día es el debate a partir de la Declaración de la vicepresidenta de la Comisión y alta representante de la Unión para Asuntos Exteriores y Política de Seguridad sobre la nueva agenda para las relaciones UE-Asia Central en el marco de la 13.ª reunión ministerial anual (2018/2526(RSP)).

Federica Mogherini, Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy. – Mr President, last summer, the Council of the European Union asked me and the Commission to propose a new EU strategy on Central Asia, to be adopted next year.

As you might know, a few months ago, during my second visit to the region, I visited three of the five Central Asian countries. I was in Samarkand, where we had a very positive EU-Central Asia ministerial meeting. We have that ministerial meeting every year, which proves to be extremely useful and I am glad for the European Parliament's continuous contribution to our work and also for your efforts to put this issue on the agenda, where it should be.

Central Asia is often perceived as a remote part of the world but, in fact, Europe and the five Central Asian countries are now closer than ever. I believe this is more important now than before. Their neighbourhood is our neighbourhood.

The Silk Road is not only a literary memory of the past, but one of the most important global infrastructure projects. Central Asia is, even more than in the past, a crossroads between Europe and the Far East, between Russia and South East Asia. Events in Afghanistan or in the Middle East are as important for us as for our partners in Central Asia. Their security is clearly also our security.

We see clearly that, as the world is changing, this region is changing, too. Free elections and peaceful transitions of power are becoming a more regular feature. Central Asia has become more independent and stronger, a partner for the East and for the West, not the chessboard for some great game among empires. Today, Central Asian countries are seeking a closer partnership with the European Union.

This is the clear message I got from all the leaders and ministers I have met from the region, especially in the last year: they are eager to deepen and increase cooperation with the European Union in all the different sectors. I believe this is a political will and the political signal we should get. They see us, the European Union, as a reliable, predictable, cooperative power with no hidden geopolitical agenda. And they see us as an indispensable partner for sustainable development and for modernisation.

I would like to focus on three aspects of our relationship where we have already achieved a lot and where I see a lot of potential for greater progress.

First, we are partners for change. For instance, we have supported Kyrgyzstan, Tajikistan and Kazakhstan on their way to joining the World Trade Organisation, and we want to do the same for Uzbekistan and Turkmenistan.

European companies are keen to invest in the region, to the benefit of both the European Union and Central Asia, and improving the business environment is an interest we share. Also, to this end, we have launched a new generation of enhanced partnership and cooperation agreements. We signed one with Kazakhstan, we are negotiating one with Kyrgyzstan, and we look forward to opening negotiations soon with Uzbekistan. These agreements are also an incentive for domestic reforms, in line with international values, norms and standards, so I hope that the European Parliament will soon give its consent to the ratification of our Partnership and Cooperation Agreement with Turkmenistan.

When we talk about change, it is not just about business. I want to be very clear on this. It is, first and foremost, about expanding rights all around the region for the sake of the people of Central Asia.

With independent media and an open space for civil society, institutions in Central Asia will be more credible, states will be more resilient in times of crisis, and economists would be more solid and attractive. Uzbekistan and Kyrgyzstan are engaged in important reform processes. We want to accompany them on this path. This is what I discussed during my visit last December, if I am not mistaken, to both countries and we want to work for that example to be followed by others in the region.

Second, we are partners for regional cooperation. Central Asia remains one of the least integrated regions in the world. In Samarkand I saw great interest in our European experience on how to solve common problems through regional cooperation. Central Asia faces many challenges that no single country can address alone, from water scarcity to the fight against international trafficking, from trade to the issue of foreign terrorist fighters and the radicalisation of, especially, the younger generations.

When it comes to intercontinental trade routes, Central Asian countries want to be more than just transit countries. They hope that these big infrastructure projects will bring sustainable development to their countries and support trade within the region, not only through the region. These are demands we can only support.

It is also for this reason that I intend to present to the October Foreign Affairs Council a new strategy on connecting Europe to Asia. It will highlight the key principles which we believe should guide international work to promote connectivity. This new strategy will aim to give our partners, including Central Asian countries, more than one choice. It should help them avoid the debt trap and the trap of poor-quality projects.

Last, but not least, the third sector of cooperation. The European Union and Central Asia are partners for security. We have a shared interest in supporting, for instance, an Afghan-led and Afghan-owned peace process. Uzbekistan will co-host a regional conference on Afghanistan at the end of March, in a few weeks from now.

This is essential for our own security, and I will be there, personally, with the Afghan Government, with our Central Asian partners and with all our international interlocutors. International cooperation is the only way to tackle challenges that are cross-border by definition, such as radicalisation or the phenomenon of foreign terrorist fighters.

We cooperate on border management with Central Asian countries and we have recently decided to deploy an EU counter-terrorism expert to Central Asia, who will be based in Bishkek in Kyrgyzstan. We will also participate in the high-level regional conference on counter-terrorism which Tajikistan will be hosting in early May.

It is quite clear, also from the debates we have had previously, that we live in a world that is moving fast but not always in the right direction, which is quite dangerous and challenging. We are probably living in the most delicate moment since the end of the Cold War and there is very little space for positive news.

Still, when I travel to a region like Central Asia I see more opportunities to take than threats to tackle: opportunities for change, for democratic perspectives, for economic growth and for cooperation on the different sectors I have mentioned now. This will be the core of our work, and our new strategy that the Council asked for, and the European Parliament has an important role to play in this process.

So let us invest together in this partnership because security and development in Central Asia is also our own security and development.

Laima Liucija Andrikienė, *on behalf of the PPE Group*. – Mr President, Central Asia has the potential to be a major gateway between Europe and Asia with a growing market and significant potential for investment and trade, so the EU's new Strategy for Central Asia should provide a more forward-looking and goal-oriented vision and supporting tools. It would also help to respond adequately and timely to current challenges such as the ongoing democratisation processes in the region, fighting terrorism and extremism, as well as environmental issues.

In general, over the past years the geo-political environment has changed significantly in the region. The US has lost prestige, and its presence and its interest is decreasing in the region. The European Union, in spite of losing a bit of attraction because of the financial and refugee crisis and Brexit, can stay as active as China and Russia in the region – of course, not in a similar scope yet, but the EU is still key to Central Asia and its future.

Two new regional initiatives, China's OBOR and the Russian-led Eurasian Economic Union, are taking the lead in investment and could potentially transform Central Asia's political landscape, so the necessary instruments should be implemented in Central Asian countries in order to keep Russia's and China's political and economic influence under control.

The EU should focus on realistic initiatives that fit with the existing regional projects, and the EU needs to be more actively present in each country of Central Asia in order to address the emerging geopolitical challenges and expand cooperation with the countries of the region.

Liisa Jaakonsaari, *S&D-ryhmän puolesta*. – Arvoisa puhemies, maailmassa on liian vähän hyviä uutisia tällä hetkellä, ja pieni toivon pilkahdus sisältyy nyt tähän Keski-Aasiaan ja kehitykseen. Aivan niin kun korkea edustaja Mogherini sanoi, siellä halutaan tehdä yhteistyötä ja halutaan vakautta alueelle. Se on tänä päivänä erittäin tärkeää.

Tämä EU:n keskeinen strategia on senkin takia tärkeä, että siinä halutaan sitoa enemmän alueen valtiot tähän kokonaisuuteen. Kysyisinkin korkealta edustajalta, voitaisiinko ajatella, että myös Venäjä voitaisiin ottaa kaikkine ongelmineen, joita tällä hetkellä on, enemmän mukaan tähän prosessiin. Erityistä huomiota pitää todellakin kiinnittää puolueettomaan oikeuslaitokseen, hyvään hallintoon, ihmisoikeuksien toteuttamiseen ja Kansainvälisen työn järjestön ILO:n standardeihin. Tämä on tärkeä asia, ja tässä on paljon uutta.

Ryszard Czarnecki, *w imieniu grupy ECR*. – Państwo Przewodniczący! Azja postsowiecka to bardzo ważny region, region zróżnicowany, choć może za mało o tym mówimy. Jest tam pięć dawnych republik radzieckich i jest też Mongolia, która formalnie nie była częścią Związku Radzieckiego. Jest to kraj, o który toczy się – nie ma co ukrywać – geopolityczna wojna. Rosną tam wpływy Turcji. Kiedyś goszczący w Brukseli przedstawiciel parlamentu jednego z tych krajów powiedział mi: no cóż, jeden naród turecki i dwa państwa: tureckie i właśnie jego. Rosną wpływy Iranu. Istotne są nasze europejskie wpływy. Są też wpływy amerykańskie. Pytanie tylko, czy nie są może trochę mniejsze, niż były. I są też wpływy rosyjskie, chociaż myślę, że są one coraz mniejsze niż kiedyś. Jest to region ważny w wymiarze ekonomicznym. Jest to region również istotny w naszych relacjach w kontekście Chin.

Jozo Radoš, *u ime kluba ALDE*. – Gospodine predsjedniče, gospođo visoka predstavnice, karakteristika položaja srednje Azije danas je negativno nasljeđe sovjetskog vremena, nerazvijene demokratske institucije, nekonkurentno gospodarstvo, ekološki problemi, uklještenost između dvije velike sile, Kine i Rusije, čiji geostrateški interesi ne moraju biti u skladu s napretkom i prosperitetom srednje Azije, gospodarska i energetska ovisnost o Rusiji i izloženost nestabilnosti i terorizmu s juga.

Podržavam izjave Komisije i zaključke Vijeća o srednjoj Aziji, a posebno one koji se tiču poticanja korištenja obnovljivih izvora, povećanje energetske učinkovitosti, snaženje borbe protiv terorizma, efikasna zaštita granica, puno korištenje obrazovne inicijative, i mislim da posebno treba naglasiti potrebnu pomoć Europske unije u mirnom rješavanju otvorenih pitanja i sporova koji postoje među pet zemalja srednje Azije.

Želio bih ipak pohvaliti prevladavajući pozitivan ton koji je visoka predstavnica, ukazujući na sve probleme, ipak iskazala kada je govorila o perspektivama i potencijalima srednje Azije. Ali, puno se toga promijenilo 2007. godine, kada je donesena strategija odnosa Europske unije i srednje Azije. Kina je danas puno ambicioznija i snažnija, Rusija ima agresivniju politiku, a ugroze terorizma su daleko veći nego što su bili te 2007. godine.

Stoga podržavam zahtjev Vijeća i stav Parlamenta da se što je moguće prije donese nova strategija odnosa srednje Azije i Europske unije.

Helmut Scholz, *im Namen der GUE/NGL-Fraktion*. – Herr Präsident, Frau Hohe Vertreterin! Das Gemeinsame Kommuniqué von Samarkand zeigt, dass die erfolgreiche Erarbeitung der neuen Zentralasienstrategie mindestens zwei Brüche gegenüber der bisherigen Politik der EU erfordert: Soll die neue Strategie – wie gewünscht – gemeinsam mit den zentralasiatischen Partnerländern entstehen, kann das nur durch einen Interessenausgleich erfolgen, der die konkreten Herausforderungen und Rahmenbedingungen beider Seiten abbildet. Der bisherige Ansatz, der vor allen Dingen auf die Durchsetzung und Absicherung primär wirtschaftlicher Interessen zielt, ist kein Erfolgsmodell.

Soll sich die neue Strategie – wie im Ratsdokument benannt – wirklich an den SDGs ausrichten, dann muss sich zwangsläufig auch unsere Sicht auf den Entwicklungsstand der Länder ändern. Es wird dann weniger um die Frage nach dem Zustand von Infrastrukturen und die Frage der Verfügbarkeit von natürlichen Ressourcen gehen, sondern vielmehr darum, wie Beziehungen aussehen sollen, die einen relevanten Beitrag zur Lösung der bestehenden gravierenden sozialökonomischen Probleme und Umweltprobleme sowie zur Modernisierung und Demokratisierung der Gesellschaften und des Staatswesens leisten.

Jean-Luc Schaffhauser, *au nom du groupe ENF*. – Monsieur le Président, Madame la Haute représentante, chers collègues, avons-nous à nous occuper de l'Europe centrale et à faire payer aux États membres, ainsi qu'à leurs citoyens, le prix peut-être de nos échecs? Car nous risquons l'échec.

Nous n'avons aucune compétence pour nous occuper d'une zone complexe travaillée par l'islamisme et au carrefour du grand jeu entre la Russie, l'Amérique, l'Iran, l'Inde et la Chine. L'échec cuisant de l'Afghanistan en est le témoignage.

Nous n'avons, en outre, aucune légitimité pour interférer dans ces zones qui ne sont pas européennes de culture ou d'histoire et n'ont aucune raison de le devenir.

Nous risquons aussi l'échec si nous avons la même logique mortifère que celle du partenariat oriental dans le Caucase où l'Union européenne a tenté de déraciner des nations de leur environnement historique, ou en Ukraine.

Nous devons par contre apporter d'une manière équilibrée notre pierre au développement économique de la région, car sinon, si nous restons dans ces logiques précédentes, nous risquons un bilan à nouveau catastrophique de l'action extérieure.

Eduard Kukan (PPE). – Mr President, in the past few years the relations between the EU and five Central Asian partners have intensified. This is documented not only by the frequency of high-level meetings, but also by the amount of upgraded agreements that this House has passed.

I think it is an encouraging development, notably in regard to the new EU Central Asia Strategy anticipated next year. The EU should continue in this trend of active engagement with the region. It has a unique balancing position in Central Asia, and is perceived as a positive force. Our bilateral relations should focus on common security challenges, supporting the resilience of partners, enhancing our economic relations and backing regional cooperation. Particular attention should be dedicated to improving the rule of law and respect for fundamental freedoms in five countries. The EU should be clear of the areas where improvement is needed and should stand ready to assist.

Brando Benifei (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, l'Asia centrale è una regione in evoluzione, un partner strategico per l'Europa. È un'area in cui la nostra azione può fare la differenza, in cui abbiamo ottenuto diversi risultati, come la quasi eradicazione del lavoro minorile in Uzbekistan nel settore tessile, anche grazie al lavoro di questo Parlamento.

In vista della nuova strategia, oltre alle opportunità economiche e di commercio, appena consolidate dalla ratifica della partnership con il Kazakistan, dobbiamo proseguire la cooperazione per il consolidamento delle istituzioni, la lotta alla corruzione, ma soprattutto occorre una rinnovata attenzione agli aspetti sociali e ai diritti umani, su cui c'è ancora molto da fare, come mostrano i tanti casi di persecuzione politica. Penso ad esempio a Maks Bokaev e Iskander Erimbetov, riferendoci proprio al Kazakistan.

Un'Asia centrale stabile e resiliente è cruciale, viste anche le sfide in termini di sicurezza poste dalla frontiera afgana, o per esempio dagli scontri per il controllo dell'acqua. Da questo punto di vista il nuovo impulso nella cooperazione infraregionale è certamente da incoraggiare ed è interesse dell'Europa.

Francisco José Millán Mon (PPE). – Señor presidente, desde el colapso de la Unión Soviética, la región del Asia Central se ha ido consolidando como una especie de subcontinente emergente. Su situación geográfica, sus ingentes recursos naturales y económicos, así como los retos a los que se enfrenta, la convierten en un área de notable interés para la Unión Europea. Y yo celebro el interés —como usted nos ha dicho, señora Mogherini— que existe en la región por la Unión Europea, y que se esté trabajando para la renovación en 2019 de la Estrategia de la Unión Europea para Asia Central.

Debemos seguir acompañando a estos países en sus reformas hacia la modernización política y económica. Son países —iba a decir— en transición. Ya se ha recordado aquí alguno de sus retos: la mejora en términos de gobernanza democrática, la seguridad y el auge del yihadismo, los tráfico ilícitos, los recursos naturales —tanto energéticos como hídricos— y la gestión de estos. Podemos ayudar en todo ello y debemos seguir impulsando su integración regional y reforzando nuestra presencia y visibilidad allí.

La Unión Europea debe perseverar en su posicionamiento como un actor global, en particular, en aquellas regiones cercanas —los vecinos de nuestros vecinos—, dado que lo que allí acontece tiene repercusiones directas en nuestro día a día. Lo vemos en el caso del Sahel, de Oriente Medio, y lo vemos también en el caso de Asia Central.

Jo Leinen (S&D). – Herr Präsident, Frau Mogherini! Vielen Dank für Ihr Engagement in Zentralasien. Zu lange war das doch ein weißer Fleck auf der politischen Landkarte hier in Europa. Wir haben ja gehört, welche Einflusszonen es rund rum gibt, Russland, Türkei, Iran und insbesondere China. Da ist natürlich die Einflussnahme direkt und massiv. Sie sagen, die Regierungschefs begrüßen eine engere Partnerschaft mit uns. Aber was haben wir zu bieten?

Wir sind eine SoftPower, wir ermahnen sie zu Reformen, mehr Demokratie, mehr Menschenrechten, und China macht die großen Investitionen. Also gibt es neben der SoftPower noch etwas, was wir diesen Ländern noch anbieten können? Aus der östlichen Nachbarschaft müssen wir lernen, dass wir die Länder einzeln betrachten. Ich glaube, wir brauchen maßgeschneiderte Programme für die einzelnen Länder. Ich würde aber auch begrüßen, was sie sagten, dass wir die regionale Kooperation stärken. Das haben wir in Afrika mit Erfolg gemacht, das können wir auch in Zentralasien machen: den Ländern dort das Beispiel der EU anbieten, dann werden sie insgesamt stärker.

Ramona Nicole Mănescu (PPE). – Mr President, I first want to thank Ms Mogherini for her statement on Turkmenistan. As rapporteur for Turkmenistan, I can only express my concerns on the situation in this country: lack of respect for human rights, corruption and low democratic standards. Such topics are indeed sensitive and difficult to approach through direct talks, producing little or no result through the classic diplomatic tools. A constant new presence in Turkmenistan would be constructive and efficient, more than isolation, if we want to achieve our goals and not just talk about them.

Most of my colleagues share this position, and this is why the European Parliament has already requested a fully-fledged delegation in Ashgabat. If we all consider that a Partnership and Cooperation Agreement (PCA) with Turkmenistan as a legal support will offer a strong platform for constructive relations, then I can only ask High Representative Ms Mogherini to give us full support to achieve this goal as soon as possible.

Andrejs Mamikins (S&D). – Mr President, the European Union strategy for Central Asia, which is currently under revision, must become a strong instrument for our foreign policy. The security challenges in this region are also our security challenges, and we need to work collectively against Islamic radicalisation. Among the five countries, only Kazakhstan has an enhanced partnership and cooperation agreement, which includes strong provisions on security. I hope that in the near future we will be able to develop similar agreements with the remaining four countries.

High Representative Ms Mogherini, I know that during your last visit to Samarkand you laid the basis for the creation of common counter-terrorism action, and we really appreciate your diplomatic efforts in this. Indeed, there is no place for geopolitical competition when we speak about security-building, because China, Russia and Afghanistan all have a role to play in it, and I am sure today that you have enough diplomatic leverage to promote regional security cooperation.

Adam Szejnfeld (PPE). – Panie Przewodniczący! Azja Centralna to swego rodzaju subregion, który wydawałoby się, że został pozostawiony sam sobie, a przynajmniej Rosji i Chinom. Niewiele tam się zmieniło od czasów Związku Radzieckiego, zwłaszcza w kwestiach ustrojowych. Panują dyktatury, rządy autorytarne, nie ma demokracji.

Natomiast są to państwa bogate w różne zasoby: nie tylko gaz i ropę, ale i rudy metali, także metali szlachetnych. Narody i społeczności tych państw zasługują na to, żeby dołączyć do rodziny demokratycznych narodów świata. By tak się stało, nie ulega żadnej wątpliwości, że trzeba zwiększyć współpracę Unii Europejskiej z tymi państwami. To jest jedyna droga ku demokracji. Również współpracę gospodarczą, gdyż będzie ona służyła społecznościom i narodom tych państw.

Intervenciones con arreglo al procedimiento de solicitud incidental de uso de la palabra («catch the eye»)

Jiří Pospíšil (PPE). – Pane předsedající, paní Mogheriniová, já jsem velmi pozorně poslouchal váš projev. Mně se líbí stejně jako některým kolegům, že se snažíte posílit spolupráci se zeměmi Střední Asie. Považuji to za velmi důležité, protože jak už tady bylo řečeno, dnes narůstá zájem velmocí o tento region a my bychom neměli tento region přenechávat Číně a Rusku a měli bychom se v tomto regionu ekonomicky mnohem více angažovat. To je první důvod.

Druhý důvod zde byl také zmiňován, to je otázka nebezpečí terorismu. Pokud bychom nechali Střední Asii být, tak se nám do budoucna může stát, že se v této oblasti bude rekrutovat mnohem více mladých džihádistů, že zde bude narůstat islámský radikalismus, a to už je konkrétní ohrožení pro Evropu. Neplatí tedy teze některých kolegů, kteří tvrdí, že nás tento region nemusí zajímat, že nemá dopad na Evropu. Z hlediska mezinárodní bezpečnosti je to zkrátka oblast, která potenciálně, pokud nás nebude zajímat, může být pro nás rizikem. Takže vítám Vaši vyšší aktivitu a prosím, pokračujte v ní dále.

Νότης Μαρτιάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, η δέκατη τρίτη ετήσια σύνοδος υπουργικού επιπέδου της Ευρωπαϊκής Ένωσης με τις χώρες της Κεντρικής Ασίας πραγματικά είναι μία ενδιαφέρουσα συνάντηση· οφείλει να αντιμετωπίσει σοβαρά ζητήματα –και, όταν μιλούμε για τις χώρες της Κεντρικής Ασίας, μιλούμε για πλούσιες χώρες με φυσικό αέριο, πετρέλαιο, ορυκτά, αλλά ταυτόχρονα με φτωχούς λαούς. Η ατζέντα βεβαίως πρέπει να αντιμετωπίσει και τον πολιτικό διάλογο με σεβασμό στην εθνική κυριαρχία των κρατών αυτών και την ειρηνική συνύπαρξη, την οικονομία, με στόχο βεβαίως το αμοιβαίο όφελος και το δίκαιο εμπόριο, αλλά ταυτόχρονα πρέπει να ληφθούν μέτρα για το χτύπημα της εγκληματικότητας και της διαφθοράς, να επιβληθούν όροι εφαρμογής της εργατικής νομοθεσίας, να απαγορευθεί η παιδική εργασία, να υπάρξει περιβαλλοντική προστασία και ταυτόχρονα μία ολοκληρωμένη στρατηγική για την αντιμετώπιση του τζιχαντισμού και του ισλαμικού εξτρεμισμού.

(Fin de las intervenciones con arreglo al procedimiento de solicitud incidental de uso de la palabra («catch the eye»))

Federica Mogherini, Vice-President of the Commission / High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy. – Mr President, very briefly because I've seen that there's large convergence among you, amongst us, on the need to continue to invest strategically in our relations with Central Asia – as a region to increase their regional cooperation, but also with each individual country of the five. I am determined to continue to do so. I have seen, as I said in the beginning, clearly a trend in these last three years in all our ministerial meetings, in all the bilateral meetings I've had with them – Presidents and Foreign Ministers – that the intention from their side is to do more with us in all fields.

I will only say that I count on your support to continue doing this. I commit to doing this more and more in all the different fields from the economic to human rights and rule of law, to security and to regional developments, including the security issue, the geo-political dynamics, the crossroads between east and west and north and south, and obviously also on sustainable development and own resources, including water.

There is one question I would like to answer: what can we offer? What I have seen, what they expect us to offer, is the European way, is the standards, is the quality. They know I believe that this comes in a package. It's European standards on human rights and rule of law. It's European standards on economic investments and business climate and rules of the game for the economic environment. It's European standards and the European way on the way in which institutions work. It's the European way in which society develops.

The feeling I have is that they would like to take the European Union as a model for their societies, for their economies, for their regional relations, for their security models. They know it's a long way, but this is the direction I feel they intend to follow, without necessarily being trapped into the geo-political spheres of influence competition, but being able to move towards that kind of European way that we could offer. It is somehow a declination of the soft power we have, but it's also very concrete. It's true that from other places money could come more easily, but I think countries around the world, and in Central Asia included, are starting to realise that it is not necessarily the money that comes easily which is the best investment long term. I think this is the thing we can offer, which is sometimes complicated but always worthwhile trying.

El presidente. – Se cierra el debate.

Declaraciones por escrito (artículo 162 del Reglamento)

Ilhan Kyuchyuk (ALDE), in writing. – As you know EU-Central Asia relations are developed under the EU strategy for Central Asia signed in 2007 and reviewed in 2015. For nearly 11 years this EU strategy has played a vital role in reforming Central Asian states and making them important partners of the EU. Progress achieved in the countries under the partnership with the EU should be saved and build up. Therefore, I believe that the EU has to create and implement a new agenda which will develop stronger relations between EU and Central Asia states through strengthen dialogue and cooperation on important topics for both sides such as human rights, education, development, environment and security, particularly in the context of endless conflict in Afghanistan and growing threat of terrorism and Islamic fundamentalism in the region. In this context, it is important to note that region's stability and prosperity can be achieved only through active participation of the EU and its readiness to cooperate with Central Asia states on common challenges and interests. The new EU strategy towards the region should be based on this assumption.

20. Semestre Europeu para a coordenação das políticas económicas: Análise Anual do Crescimento para 2018 — Semestre Europeu para a coordenação das políticas económicas: aspetos sociais e relativos ao emprego na Análise Anual do Crescimento para 2018 (debate)

El presidente. – El punto siguiente en el orden del día es el debate conjunto sobre:

— el informe de Hugues Bayet, en nombre de la Comisión de Asuntos Económicos y Monetarios, sobre el Semestre Europeo para la coordinación de las políticas económicas: Estudio Prospectivo Anual sobre el Crecimiento para 2018 (2017/2226(INI)) (A8-0047/2018), y

— el informe de Krzysztof Hetman, en nombre de la Comisión de Empleo y Asuntos Sociales, sobre el Semestre Europeo para la coordinación de las políticas económicas: aspectos sociales y relativos al empleo del Estudio Prospectivo Anual sobre el Crecimiento para 2018 (2017/2260(INI)) (A8-0052/2018).

Hugues Bayet, rapporteur. – Monsieur le Président, Madame la Commissaire, je voudrais tout d'abord remercier tous ceux qui ont négocié ce texte et qui ont permis d'arriver à ce résultat. Merci à Tom, Bernd, Caroline, Miguel et Bas. Vous le savez, le rapport sur le Semestre européen que nous allons voter demain est une avancée sur la politique économique et budgétaire à mener et donne des pistes de solution afin de diminuer l'accroissement des inégalités socio-économiques au sein d'un même pays et de limiter la croissance du phénomène des travailleurs pauvres ou encore d'aller vers une convergence plus forte entre les États membres.

Je pense qu'on peut se réjouir: la situation économique s'améliore et un nouveau cap commence à se dessiner. C'est évidemment ce qu'on demande dans ce rapport et la Commission – que je remercie, d'ailleurs – a repris dans ses recommandations pays par pays quelques-unes de nos remarques. Elle a, en effet, décidé de mettre plus l'accent sur l'intégration du pilier des droits sociaux et des questions environnementales dans les lignes directrices de ses recommandations.

On le sait, le citoyen européen est demandeur d'un climat socio-économique stable et sain, dont l'objectif principal doit être le plein emploi. L'Europe reste le continent le plus riche au monde, avec des potentialités de développement encore importantes, comme, par exemple, dans le domaine de la transition énergétique, mais il est primordial que nos instruments socio-économiques servent la cause des citoyens, de leurs emplois et de leur bien-être. Les travailleurs sont confrontés quotidiennement à l'impact de la mutation rapide de l'économie et, comme hommes et femmes politiques, nous devons pouvoir réagir à ces changements, les accompagner pour éviter qu'ils en soient les premières victimes.

C'est pourquoi nous avons intégré dans ce rapport toute une série de points, mais je voudrais souligner cinq points qui me semblent majeurs. Le premier point se concentre sur l'importance et le besoin d'une augmentation des investissements privés et publics, afin d'investir dans l'économie réelle. Les investissements privés arrivent seulement au niveau de 2008, les investissements publics sont encore 40 % en-deçà des investissements de 2008. Nous avons également demandé à la Commission de faire une évaluation des obstacles à la mise en place des grands projets d'investissement, qui sont souvent des partenariats public-privé, et à leur amortissement dans le temps. Sans investissements publics, par exemple en termes d'infrastructures ou de soins de santé, il n'y a malheureusement pas d'investissements privés, et si on additionne ces deux facteurs, il ne peut y avoir de création d'emplois.

Le deuxième point porte sur les finances publiques responsables. En effet, nous insistons sur le fait que les orientations budgétaires, au niveau national et au niveau de la zone euro, devront permettre la viabilité à long terme des finances publiques, ainsi que leur bonne gestion. Cette bonne gestion doit aller de pair avec une hausse des salaires. C'est une proposition qui est soutenue également par le président de la BCE, Mario Draghi, afin de permettre aux travailleurs d'avoir un pouvoir d'achat plus élevé et, ainsi, de relancer l'économie dans son ensemble, peut-être plus efficacement que les mesures actuelles.

Ensuite, nous avons abordé la problématique des réformes structurelles, notamment pour renforcer la garantie pour la jeunesse, l'importance des politiques d'éducation, les aides aux microentreprises ou encore la garantie de la durabilité des systèmes de sécurité sociale. Bref, tout ce qui fait la plus-value de notre continent face au reste du monde. Ne nous cachons pas, cette plus-value est en danger et nous devons non seulement la préserver, mais aussi l'intensifier pour que l'Europe soit à nouveau synonyme d'espoir pour ces millions de jeunes.

On parle évidemment de l'harmonisation fiscale européenne, de tout le travail qui a déjà été réalisé par le Parlement européen et de la nécessité d'aller plus loin, vers un système commun d'imposition des sociétés équitable et, enfin, le dernier chapitre porte sur une plus grande intégration lors des négociations sur le Semestre des différents acteurs, tels que le Parlement européen, mais aussi les parlements nationaux et/ou régionaux ainsi que les partenaires sociaux. Je pense vraiment que l'appropriation du Semestre par ces différents acteurs est une condition sine qua non d'une meilleure application des recommandations pays par pays.

Ceci n'est évidemment qu'une première étape. D'autres mesures sont encore à prendre, comme, notamment, réformer le pacte de stabilité et de croissance afin de permettre aux États de réinvestir dans les services aux citoyens et de relancer l'emploi. Mais je pense que nous sommes sur la bonne voie pour un réel changement économique et social en Europe et j'espère que ce rapport aura une large majorité demain.

Krzysztof Hetman, *sprawozdawca*. – Panie Przewodniczący! Roczna analiza wzrostu gospodarczego formalnie rozpoczyna wdrażanie 8. cyklu koordynacji i zarządzania polityką gospodarczą Unii Europejskiej, czyli europejski semestr. W swoim komunikacie Komisja zaproponowała priorytety, na których państwa członkowskie powinny skupić swoją uwagę przy wdrażaniu krajowych polityk i reform w celu osiągnięcia trwałego wzrostu sprzyjającego włączeniu społecznemu w ramach tzw. szlachetnego trójkąta, zwiększania inwestycji, realizacji reform strukturalnych i zapewnienia odpowiedniej polityki budżetowej.

Główny sygnał płynący z tegorocznego sprawozdania na temat dorocznej analizy wzrostu wskazuje, że gospodarka europejska umacnia się. Po wielu latach spowolnienia gospodarczego wzrost PKB jest większy, niż prognozowano. Bezrobocie systematycznie spada. Poprawiła się sytuacja w finansach publicznych państw członkowskich i obserwujemy ożywienie inwestycyjne. Te pozytywne sygnały napawają optymizmem, dlatego też Unia Europejska i poszczególne państwa członkowskie muszą wykorzystać ten sprzyjający moment, aby kontynuować reformy i umacniać pozytywny trend.

Nie ulega bowiem wątpliwości, że przed nami jeszcze wiele pracy. Bezrobocie wśród młodzieży cały czas utrzymuje się na niepokojąco wysokim poziomie ponad 16 %. Aż 6,3 mln osób w wieku 15-24 lat nie pracuje ani nie uczy się. Wysoki pozostaje też poziom ubóstwa i wykluczenia społecznego. Widoczny jest problem z powrotem na rynek pracy osób długotrwale bezrobotnych, zaś aż 44 % pracowników brakuje podstawowych umiejętności cyfrowych. Borykamy się też z niedopasowaniem umiejętności pracowników do potrzeb pracodawców.

Proszę zwrócić uwagę na ten paradoks. Z jednej strony, w wielu miejscach wciąż mamy wysoki poziom bezrobocia, a z drugiej – przedsiębiorcy coraz częściej zgłaszają problem braku rąk do pracy. Dotychczas był to rynek pracodawcy, teraz jest to rynek pracownika. A problem ten, czyli osób wciąż pozostających bez pracy oraz pracodawców poszukujących pracowników, występuje w regionach zarówno bogatych, jak i peryferyjnych.

Nie wykorzystujemy również w pełni potencjału MŚP i nowych technologii. Tymczasem musimy mieć świadomość, że dynamicznie zmieniające się rynki pracy wymagać będą reform i wprowadzania nowych rozwiązań zarówno w obszarze edukacji i szkoleń, jak i organizacji pracy. Wyzwania obejmują też problemy demograficzne oraz szeroko pojętą równowagę między życiem prywatnym i pracą, w tym kwestię urlopów rodzicielskich i opieki nad dziećmi, ale także powrotu na rynek pracy czy opieki nad osobami długotrwale chorymi i starszymi.

Jestem zdania, że wymienione przeze mnie zagadnienia powinny stanowić najważniejsze priorytety, na których państwa członkowskie muszą skupić swoją uwagę przy wdrażaniu krajowych polityk i reform, aby osiągnąć trwały wzrost sprzyjający włączeniu społecznemu. Konieczne są dalsze intensywne działania na rzecz poprawy konkurencyjności gospodarki europejskiej i zwiększania produktywności naszych przedsiębiorstw.

Nie możemy jednak przy tym zapominać, że w centrum naszych działań musi znaleźć się człowiek, dlatego prace na rzecz poprawy kondycji europejskiej gospodarki muszą iść w parze z pracami na rzecz wzmocnienia naszej polityki społecznej. Uważam, iż włączenie od tego roku w cykl europejskiego semestru filaru praw socjalnych może stanowić skuteczne narzędzie do realizacji tego celu. Mam zatem nadzieję, że założenia filaru zostaną trwale połączone z zaleceniami dla państw członkowskich w ramach semestru. Chciałbym jednak podkreślić, że nawet najlepiej sformułowane cele i zalecenia nie będą miały przełożenia na realną pozytywną zmianę, jeżeli pozostaną wyłącznie na papierze. Dlatego niezwykle istotne jest, aby państwa członkowskie poprawiły poziom wdrażania zaleceń wydawanych w ramach semestru.

Nedzhmi Ali, *rapporteur for the opinion of the Committee on Budgets*. – Mr President, strong economic governance and better policy coordination between the Member States could not be done without the European semester. This year, the process of macroeconomic budgetary and structural policy coordination is particularly important for the Union in the context of the preparation of the next MFF. In this regard, a real synergy between budgetary and monetary policies should be introduced in order to stimulate growth and job creation as well as to revive investments. Ambitious reforms of the euro area governance should be proposed, including the introduction of a special instrument to support the adoption of the euro by the non-euro Member States who have committed themselves to adopting the euro. Important is the evolution of the European Stability Mechanism towards the European Monetary Fund. Public and private investment in infrastructure, research and development, innovation and education should be encouraged in order to achieve the goals of budgetary growth and employment policies. Most effectively, those goals could be achieved implementing a strong and well-resourced cohesion policy. Having in mind the situation with the jobs for young people in the EU, we should underline the importance of the implementation of the Youth Employment Initiative.

Monika Panayotova, *President-in-Office of the Council*. – Mr President, thank you for the opportunity to discuss today the European Semester, a topic of particular relevance in these times. The Council attaches great importance to the Semester, and I am pleased to exchange views with Parliament on this subject.

If we are to make Europe relevant to peoples' daily lives, we need to achieve good results on growth and jobs, high-quality education, social protection and inclusion, as well as environmental sustainability. We should stress here that it is question of ownership. Implementation of structural reforms under the European Semester is key for strengthening the resilience and potential growth of Member States and the European Union as a whole. An agreement on common objectives is therefore important. Your reports show that we see these common objectives, and I am glad that we have this opportunity to discuss them with you today and that you have done so recently with national parliaments.

To start on a positive note, evidence suggests that Europe's economy is strengthening, employment is growing, investment is recovering and public finances are improving. Yet, clearly, many challenges remain. You have identified a number of them in your reports. While the recovery is turning into expansion and is becoming more broad-based, some Member States still face major structural challenges. High debt levels and high youth unemployment rates remain a source of concern. Also, investment activity has not yet reached the levels we aspire to.

Boosting investment remains a priority in order to promote a more robust recovery and to secure healthy growth rates in the long run. The extension of the European Fund for Strategic Investment in terms of financial capacity is an important step towards achieving this goal. Let us continue to work together to stimulate social investment and human capital, to lift the remaining barriers, and to foster a truly favourable investment climate. Furthermore, we need to support growth with smart fiscal policies while paying close attention to the long-term sustainability of our budgets and debts.

We also need to implement the necessary structural reforms on our product and labour markets in order to prepare our economies for the challenges ahead. We must provide our young citizens with high-quality education and invest in their skills today.

The Single Market is a great EU asset, and we should join forces for its further development. During the presidency, we plan on making progress on the initiatives of the Digital Single Market Strategy, as we think digitalisation is crucial for the competitiveness of the industry in the European Union.

In view of these challenges, the Bulgarian Presidency has outlined the digital economy and skills for the future as one of our four priorities. We are committed to contributing to the process of completing the Digital Single Market as a source of growth and competitiveness, while also focusing on the development of skills and competences of the 21st century.

As we are now leaving crisis times behind us, the legacy of the crisis remains a concern. Some citizens are trapped in a cycle of poverty and social exclusion from which they cannot easily escape. This is an important issue for the presidency. Our policy efforts need to be geared toward those with the most disadvantages. They also need to be geared towards those regions and sectors which are undergoing the most difficulties. We need to think of new solutions to new problems whilst seizing the opportunities ahead of us.

The collaborative economy represents a huge potential, but it cannot be a reason to backtrack on employment and social rights. Employment and social policies need to adapt to the changes in the labour markets, but at the same time workers' rights should remain protected.

Environmental policy, together with the greening economy and greening the European Semester can contribute in a very significant manner to the broad policy objectives of stimulating sustainable growth and creating jobs. The environmental implementation review initiative will be again on the Council's agenda next year. What is key is to focus on the full implementation of the reforms and to carefully monitor the progress in each Member State. We should share our experiences and use best practices examples to learn from each other. Only by closely working together to constantly push for reforms, and to continuously support inclusive growth and job creation, will we be successful in creating tangible benefits for every citizen and in rebuilding trust in a strong and prosperous European Union.

Marianne Thyssen, *Member of the Commission*. – Mr President, it is a pleasure to talk this House today, and a special pleasure because it is nice to be able to bring some good news. This year's Semester takes place amid steady economic expansion. Europe is seeing the highest growth rate in a decade, investment is picking up, employment is at record levels and the unemployment rate is almost where it was before the crisis. The share of people at risk of poverty or social exclusion fell to the pre-crisis level. Public finances are improving and the banking sector is well capitalised. Our strategy of investment, structural reforms and responsible policies is working.

Still, in some Member States the legacy of the crisis is visible in the high levels of debt and non-performing loans, and in the unemployment rates. Indeed, also, the risk of poverty and social exclusion remain high in some countries and 18 million people are seeking a job. We need to use the current good times to strengthen our economic foundations, improve resilience and support convergence.

I take from the two reports on the Annual Growth Survey which we are discussing today, that we share views on the challenges and where the European Union and Member States should focus their efforts. We must make sure that today's growth is inclusive and sustainable and that our economies and societies are prepared to harness the opportunities and address the challenges that technology and globalisation bring.

So let me thank the two rapporteurs, Mr Bayet and Mr Hetman, and the rapporteur for the Committee on Budgets for these excellent reports.

Raising productivity is the only way to achieve higher living standards and greater prosperity. For this we need investment, not just in infrastructure but also in human capital, research and innovation, and this requires ensuring an investment-friendly environment including by tackling corruption and ensuring respect for the rule of law. Beyond that, only an educated, skilled labour force can seize new opportunities when the labour market changes, and only with proper social security can people make the necessary transitions in the new world of work. Human beings is indeed what Europe is about.

In terms of fiscal policy, we stress the need for the right balance between supporting growth and ensuring sustainable public finances. Good times should be used to build buffers and reduce high debts. Fair, growth-friendly taxation and well-targeted spending remain crucial. The European Semester has proven instrumental for the coordination of policies in the Union. We run it in a spirit of cooperation and partnership. We engage in discussions with the national authorities and stakeholders at national and at European level, including the national parliaments and social partners.

Last week, the Commission issued its assessment of the economic and social challenges for 27 Member States, including the relevant detailed analysis of macroeconomic imbalances. We see that the imbalances are receding in the context of a favourable economic environment. We de-escalated the macroeconomic imbalances procedures for four countries. Slovenia has successfully corrected its imbalances and left the procedure. France and Bulgaria were de-escalated from excessive imbalances to imbalances. So was Portugal, which still needs to address the high levels of public, private and external debt.

We also see that the implementation of country specific recommendations has slightly improved as compared with last May. Since 2011, Member States have made at least some progress on more than two-thirds of their recommendations. When implementing reforms, Member States can count on the support of our Structural and Investment Funds as well as our Structural Reform Support Service.

Last week we adopted the Annual Work Programme for the Structural Reform Support Programme to support 24 - Member States, with more than 140 projects.

Maybe the most important message of this Semester is that economic growth and social progress go hand in hand. This year's Semester is a landmark. Our country reports have never been so social. You know that we proclaimed the European Pillar of Social Rights at the Social Summit a few months ago, and this is our joint political commitment by the Commission, by the European Parliament and by the Council to move forward with the stronger social Europe. But the success of the pillar depends on the extent to which we implement it at European level, but especially at national level. The Semester is our key instrument to make the principles and rights included in the pillar a reality on the ground.

Following the proclamation, for the first time the principles of the pillar are now embedded in the Semester. To help with monitoring and implementation we have developed, together with the Member States, a social scoreboard with 14 headline indicators that cover the three dimensions of the pillar: equal opportunities and access to the labour market, to education also, dynamic labour markets and fair working conditions and public support, social protection and inclusion.

Ladies and gentlemen, we need to use the good times to build a resilient economy – one that is less vulnerable to economic shocks and more able to respond to them. For this, we need reforms that combine the goals of stability and efficiency with a strong focus on fairness and inclusiveness. That is why we are now starting the second phase of the 2018 European Semester by taking the dialogue to the Member States on the basis of the country reports, and such strengthened dialogue will be very valuable in the preparation for the 2018 set of country specific recommendations in May.

Nuno Melo, *relator de parecer da Comissão ENVI*. – Senhor Presidente, não querendo repetir argumentos recorrentes de todos os anos, queria sublinhar um aspeto em que insisti no relatório de opinião de que fui autor.

Entre os anos 2000 e 2017, pereceram, em incêndios, perto de 200 pessoas em Portugal. Em 2017, arderam mais de 440 mil hectares, que destruíram área de floresta, empresas, residências e veículos, só no meu país. Países como Itália têm sido regularmente sacudidos por terremotos trágicos que provocam inúmeras vítimas. O norte da Europa regista inundações, tal qual no sul as situações de seca se agravam. Desde 1980, para além da perda de vidas humanas, os Estados-Membros da União Europeia sofreram mais de 360 mil milhões de euros de prejuízos devido a fenómenos meteorológicos ou climáticos extremos.

A proteção civil é precisamente uma das áreas em que a União Europeia pode e deve intervir, com vantagem para todos, ajudando na prevenção e no combate mais eficazes destes fenómenos. Trata-se, como se compreende, de reforçar as capacidades europeias de reação e de ajudar os Estados-Membros que se confrontam com catástrofes e cujas capacidades nacionais se mostrem insuficientes. É um aspeto que este propósito faz todo o sentido seja considerado pelas instituições europeias.

Искра Михайлова, *докладчик по становището на комисията по регионално развитие*. – Г-н Председател, г-жо Комисар, г-жо Министър, уважаеми дами и господа, комисията по регионално развитие в своето становище приветства факта, че съществува положителна динамика, която да благоприятства продължаването на възстановяването чрез икономически растеж, социално сближаване, структурни реформи и териториално сближаване.

Приветстваме по-доброто фокусиране на специфичните за всяка държава препоръки, като изразяваме загриженост по отношение на неравномерната степен на изпълнението им в държавите членки. Подчертаваме важната роля на политиката за сближаване в процеса на възстановяване, тъй като тя е основната инвестиционна политика в Европа, като считам, че взаимодействието ѝ с европейския семестър следва да бъде подобро, за да се увеличи допълнителният мултипликативен ефект на инвестициите за сближаване и техния принос за устойчив и приобщаващ растеж.

Необходимо е взаимно допълване и синергия между кохезионните фондове, Фонда за стратегически инвестиции и останалите инструменти и програми на Общността, което ще допринесе за насърчаване на инвестициите. Специфичните за всяка държава препоръки следва да отразяват по-добре особеностите на държавите членки. Подчертавам и ролята на програмата за подкрепа на структурните реформи.

Julie Ward, *rapporteur for the opinion of the Committee on Culture and Education*. – This year's annual growth survey takes place in a new political landscape, with the recent adoption of the European pillar of social rights as well as the November communication from the Commission on strengthening European identity through education and culture. I welcome this political shift, but we must make sure it translates into concrete measures and results. The annual growth survey shows an overall reduction of unemployment, a reduction of early school leaving and a rise in high education attainment. This is good news, but we should not be fooled by raw figures: this progress does not benefit people from different social backgrounds in an equal way. Vulnerable young people and young people from lower social and economic backgrounds are still at high risk of unemployment. Their background and postcode still massively impact their educational path, as well as their future economic and professional opportunities. We must ensure that the jobs that are created are of high quality, in line with the ILO's Decent Work Agenda, and continue to fight precarious employment situations.

Evelyn Regner, *Verfasserin der Stellungnahme des mitberatenden Ausschusses für die Rechte der Frau und die Gleichstellung der Geschlechter*. – Herr Präsident, sehr geehrte Frau Kommissarin Thyssen, sehr geehrte Frau Panayotova! Die Botschaften des Frauenausschusses sind ganz einfach und klar. Von Arbeitslosigkeit, von Kürzungen der öffentlichen Ausgaben, von Armut, von sozialer Ausgrenzung sind immer wieder und auch vorwiegend Frauen betroffen. Es ist traurig, dass wir auch im Jahr 2018 noch immer vor allem eines fordern müssen. Aber keine Sorge, wir werden nicht müde, es zu tun: gleicher Lohn für gleiche Arbeit. Und dafür muss das Europäische Semester ein Instrument sein. Im Europäischen Semester fehlt jedoch die geschlechtersensible Perspektive. Die Gleichbehandlung und Chancengleichheit von Frauen und Männern muss in allen Bereichen gewährleistet und gefördert werden. Das ist der zweite Grundsatz der sozialen Säule, und das muss vollständig ins Europäische Semester integriert werden.

Tom Vandenkendelaere, *namens de PPE-Fractie*. – Voorzitter, allereerst wil ik collega Bayet bedanken voor de goede samenwerking en zijn harde werk aan dit verslag dat hij zonder twijfel tot en met de stemming morgen zal leveren.

We vonden een goed evenwicht, denk ik, in dit verslag rond drie speerpunten:

Allereerst wordt in het verslag geijverd voor een goede balans tussen publieke en private investeringen. Investeringen kunnen op korte termijn de vraag stimuleren, wat in de huidige economische context cruciaal is.

Ten tweede is een verantwoord begrotingsbeleid onontbeerlijk voor duurzame economische groei. Als we de overheidsfinanciën onder controle willen houden, dan moeten we ons echt beginnen voorbereiden op dé olifant in de kamer: de toenemende vergrijzing. Als we nu onze verantwoordelijkheid niet nemen en de betaalbaarheid van pensioenen en zorg niet prioriteit nummer één maken, dan is dit schuldig verzuim ten opzichte van elke jongere in Europa.

Ten derde: structurele hervormingen. Productiviteitsverhogende structurele hervormingen zullen niet alleen investeringen aantrekken, maar ook reële inkomens verhogen. Digitalisering en technologische vooruitgang zorgen voor een grondige hertekening van onze arbeidsmarkt. We moeten gaan voor dynamische arbeidsmarkten, ondersteund door toegankelijke socialezekerheidsstelsels.

De Commissie publiceert haar landenspecifieke aanbevelingen op 23 mei. Ik kan alleen maar een lans breken voor een grotere betrokkenheid van alle nationale parlementen in dit proces, alsook van de sociale partners.

Javi López, *en nombre del Grupo S&D*. – Señor presidente, el análisis del Semestre Europeo desde la perspectiva del empleo y de los asuntos sociales nos brinda la oportunidad —una oportunidad de oro— cada año, en este Parlamento, de tener un diagnóstico compartido pero, sobre todo, de dar respuestas concretas a las situaciones que padecen los europeos en este campo.

Hay que recordar la desigualdad, la pobreza, la precariedad laboral o el desempleo. Por eso, en esta situación, hoy, más que nunca, más que un diagnóstico compartido, son necesarias respuestas concretas. ¿Por qué? Porque estamos empezando a ver el fin del mandato europeo, de esta legislatura, porque el crecimiento está acompañando para que hoy podamos poner respuestas encima de la mesa de forma muy clara, y porque cada vez que abrimos las urnas nos encontramos la ira y el desencanto de los electores que nos gritan reclamando respuestas.

En este sentido, en el Grupo de los Socialistas y Demócratas Europeos hemos sido muy claros proponiendo flexibilidad fiscal para favorecer las inversiones sociales, proponiendo un marco de rentas mínimas que sea una herramienta para luchar contra la pobreza, y proponiendo tener mecanismos para abordar la brecha salarial de género en los centros de trabajo y también promover el diálogo y la negociación colectiva.

Son propuestas claras que tienen que ir de la mano de no dar ni un paso atrás en los compromisos que ya tiene este Parlamento en el ámbito del pilar europeo de derechos sociales o de flexibilidad fiscal. Porque queremos que este Parlamento sea ambicioso y acompañe las propuestas de la Comisión. Hay que recordar propuestas novedosas, como la autoridad laboral europea, o un marco de condiciones mínimas a nivel europeo. Esos análisis, esos mensajes tienen que ir acompañados de las propuestas y las respuestas que necesitan ya los europeos a los problemas.

Bernd Lucke, *im Namen der ECR-Fraktion*. – Herr Präsident! Ich möchte mich zunächst zur Geschäftsordnung äußern. Deshalb hatte ich gerade das Zeichen gemacht. Wenn Sie das also bitte noch nicht auf meine Redezeit anrechnen würden.

Ich möchte zur Geschäftsordnung die Bemerkung machen und die Bitte äußern, dass die deutsche Übersetzung des Berichts überprüft und korrigiert wird. Sie ist meines Erachtens nicht richtig. Ich möchte hier auf Ziffer 18 des Berichtes verweisen. Dort heißt es in der deutschen Übersetzung: „weist auf die Tatsache hin, dass der Anstieg des Reallohns in letzter Zeit hinter dem Produktivitätswachstum zurückblieb, auch wenn es zu Verbesserungen auf dem Arbeitsmarkt gekommen ist;“. Das entspricht nicht dem englischen Original. Ich möchte darauf hinweisen, weil die englische Originalformulierung in den Schattenberichterstattertreffen intensiv verhandelt worden ist. Im englischen Original ist eine Gleichzeitigkeit dieser beiden Entwicklungen festgehalten worden, also das Produktivitätswachstum war stärker als das Wachstum der Löhne, und gleichzeitig hat sich auf dem Arbeitsmarkt die Situation verbessert. In der deutschen Übersetzung hingegen wird der Eindruck erweckt, als sei das irgendwie eine widersprüchliche Entwicklung oder als bestünde ein Nachholbedarf bei den Reallöhnen. Genau das wollten wir im Bericht verhindern. Es müsste also eine deutsche Übersetzung meines Erachtens heißen: „währenddessen es zu Verbesserungen gekommen ist“.

Vielen Dank für Ihre Geduld, was diese Geschäftsordnungsbemerkung betraf. Wenn Sie gestatten, fange ich dann jetzt mit meinem Redebeitrag an.

Meine Damen und Herren! Wir haben hier zwei sehr unterschiedliche Stellungnahmen gehört, einerseits von der bulgarischen Ratspräsidentschaft und andererseits von Frau Thyssen, und ich habe mich darüber gewundert, wie unterschiedlich das ausgefallen ist. Frau Thyssen, Sie haben alles in den rosigsten Farben gemalt. Haben Sie wirklich gesagt: „Die Banken sind gut kapitalisiert“? Ich glaube, da gibt es viele Leute, die das ganz anders sehen. Haben Sie wirklich gesagt, die Arbeitslosigkeit sei wieder auf Vorkrisenniveau? Da möchte ich Sie doch bitten, sich mal die Statistiken anzugucken. In Italien, in Spanien, in Griechenland ist die Arbeitslosigkeit heute mehr als doppelt so hoch wie vor zehn Jahren, mehr als doppelt so hoch wie vor Beginn der Krise. Ich verstehe nicht, wie Sie ein solches Bild zeichnen können.

Was Frau Panayotova gesagt hat, war sehr interessant. Sie hat gesagt: „Ein großer Trumpf in der EU ist der Binnenmarkt.“ Ich stimme Ihnen völlig zu. Aber was Sie nicht gesagt haben, ist: „Ein großer Trumpf ist das andere große Integrationsprojekt der EU: der Euro.“ Warum haben Sie eigentlich nicht gesagt: „Der Euro ist ein großer Trumpf“? Haben Sie das vergessen zu sagen, oder sind Sie mit mir der Auffassung, dass der Euro kein großer Trumpf ist, dass der Euro vielleicht sogar ein Hemmnis ist? Denn wenn wir in diesen Bericht, der hier verabschiedet worden ist, hineinschauen, dann wird in Ziffer 2 genau das gesagt, woran es in der Eurozone krankt. Da heißt es dort: „Wir haben strukturelle Probleme, wir haben unzureichendes Wachstum des Produktionspotenzials, der Produktivität, der Wettbewerbsfähigkeit, wir haben einen Mangel an ehrgeizigen und sozial ausgewogenen Strukturreformen“. Ja, über diese Dinge kann man doch nicht sprechen, ohne dass man gleichzeitig sagt: Wir haben eine Währung, die keine Abwertung erlaubt und damit die Wiederherstellung von Wettbewerbsfähigkeit sehr, sehr stark erschwert.

Caroline Nagtegaal, namens de ALDE-Fractie. – Voorzitter, waar ik vandaan kom, Rotterdam, de grootste haven van Europa, hebben we een hele duidelijke moraal: zeg wat je denkt en doe wat je zegt. Geen woorden, maar daden.

Europa kan van die Rotterdamse mentaliteit wat leren en kan wel een beetje Rotterdam gebruiken. Als wij afspraken maken, moeten we die nakomen. Als wij samen een probleem hebben, moeten we er niet eindelijk met elkaar over praten, maar het samen oplossen. Alleen dan staan we sterker. Alleen dan helpen we Europa echt vooruit.

“Afspraak is afspraak” moet wat mij betreft ook gelden voor het economisch beleid van de Europese Unie. Want economie is ook op elkaar kunnen vertrouwen. Om een volgende crisis te voorkomen, moeten de lidstaten hervormen, zodat hun economie heel veerkrachtig is, ook als het tegenzit. Ze moeten de tering naar de nering zetten en zich klaarmaken voor de toekomst. Laten we elkaar vooral aan deze gemaakte afspraken houden. Dan trekken we elkaar omhoog in plaats van naar beneden.

Ik ben ervan overtuigd dat dit de weg voorwaarts is voor Europa. Dan zijn zaken als een eigen budget voor de eurozone of een verdere overdracht van bevoegdheden aan Brussel wat mij betreft niet nodig. De primaire verantwoordelijkheid moet liggen waar ze hoort, en dat is bij de lidstaten. Als de lidstaten hun economie hervormen, dan profiteren we daar samen van. En dat is nou precies wat mensen van Europa en ook van mij verwachten.

Jean Lambert, on behalf of the Verts/ALE Group. – Mr President, I think the Employment Report acknowledges the need to bring together the Semester, the Social Pillar – as we were hearing – and also the Sustainable Development Goals: I do not think we should forget those. I welcome the Council’s recognition of the need for the greening of the economy, employment and society, and that echoes some of what is in the Employment Report. I look forward to seeing us strengthen that dimension – that just transition dimension – within the Semester. It is important for the direction of amounts of investment, of training and, indeed, the development of the society in which we live. We heard some of the challenges from a colleague earlier. Also, I think we do need to be looking to see Member States adopt national action plans to reduce child poverty, because I think when we are looking at breaking that cycle we need to be doing much more. I think it is appalling that we are still seeing in Parliament reports requests for decent nutrition for children in one of the richest regions of the world.

Miguel Urbán Crespo, en nombre del Grupo GUE/NGL. – Señor presidente, a pesar de que nos hablan de una supuesta recuperación de la economía, la pregunta real es a quién está beneficiando esa recuperación de la economía. ¿A los de siempre? ¿A las multinacionales? ¿A los multimillonarios? Porque la realidad que se vive fuera de estas moquetas, en la calle, es de crisis permanente. Los derechos que se perdieron durante la crisis financiera no se han recuperado, la precariedad laboral no deja de aumentar y las pensiones están en peligro.

El vertiginoso aumento de la desigualdad es el verdadero reto que afronta Europa. Esta desigualdad es el resultado de la actual arquitectura económica de la Unión Europea, del Pacto de Estabilidad y Crecimiento, el Semestre europeo o nuevas instituciones, como el Fondo Monetario Europeo, que son parte del problema y no de la solución. Y esos son elementos que nos separan justamente de este informe. Porque esto no se arregla con una pequeña reforma de los mecanismos de gobernanza.

Señorías, para acabar con las profundas desigualdades que atenazan a Europa necesitamos reformas urgentes, que permitan un cambio de modelo productivo, social y ecológicamente sostenible, capaz de crear empleo de calidad en todos, en todos los países miembros. Un plan que no puede realizarse en los marcos estrechos del Pacto de Estabilidad y Crecimiento ni en los proyectos, como el plan Juncker. Lamentamos, por ello, no poder dar nuestro apoyo al informe, aunque estamos de acuerdo con muchas de las aseveraciones que hace.

Bernard Monot, au nom du groupe ENF. – Monsieur le Président, le Semestre européen constitue une étape de la mise sous tutelle économique complète de la France et des dix-huit autres États de la zone euro.

Depuis la soi-disant indépendance de la BCE, le pouvoir de contrôle démocratique a été retiré aux États et aux peuples. La crise de la dette de 2011 en a été la conséquence directe puisque la monétisation de l'endettement public est devenue impossible.

Deuxièmement, la fixation irrévocable du taux de change a engendré des divergences macroéconomiques profondes et croissantes entre les États de la zone euro. Aucun mécanisme correcteur n'existe, ce qui explique les super-excédents de l'Allemagne!

Troisièmement, avec l'union bancaire, le pouvoir de contrôle des banques est basé à Francfort. Le chantage à la stabilité financière des banques peut ainsi s'exercer sans que l'État ne puisse intervenir. Chypre en 2013 et la Grèce en 2015 en sont les cas d'école.

Enfin, les marges de manœuvre budgétaires des États sont progressivement éliminées.

Depuis le critère des 3 % de Maastricht, l'Allemagne a obtenu à la fois le pacte budgétaire et le Semestre européen: une camisole de force qui ne marche pas.

La prochaine étape sera l'instauration, avec l'aide de M. Macron, d'un fonds monétaire européen qui sera une camisole qui obligera les États à se soumettre à une politique budgétaire «à la schlague».

Σωτήριος Ζαριανόπουλος (NI). – Κύριε Πρόεδρε, ανέξοδες ευχές της έκθεσης για το ευρωπαϊκό εξάμηνο για δήθεν αυξήσεις μισθών θυμίζουν το ανέκδοτο της δίκαιης ανάπτυξης του ΣΥΡΙΖΑ στην Ελλάδα. Θα βγούμε, λέει, από τα μνημόνια, θα επιστρέψουμε όμως στο ευρωπαϊκό εξάμηνο του βούρδουλα της μόνιμης επιτροπείας και των μνημονίων. Ο ευρωπαϊκός κοινωνικός πυλώνας, οι κοινωνικοί του δείκτες, επιτάσσουν κι άλλη αύξηση των ορίων συνταξιοδότησης, γενίκευση ευέλικτης απασχόλησης και κινητικότητας, δηλαδή μετανάστευση και ξεριζωμός, φιλικό επιχειρηματικό περιβάλλον –βλέπε κατάργηση απεργιακού δικαιώματος, όπου πρωτοστατεί ο ΣΥΡΙΖΑ στην Ελλάδα–, κατάργηση συλλογικών συμβάσεων και σύνδεση του μισθού με τα κέρδη –δηλαδή πάντα θύμα των κερδών–, φτωχοί οι άνεργοι, οι μερικά απασχολούμενοι, τώρα φτωχοί και οι πλήρως απασχολούμενοι με φάρμακο το ελάχιστο εισόδημα εξαθλίωσης.

Λέτε «ευκαιρία η ανάκαμψη, αντιμετωπίζω το χρέος», δηλαδή κι άλλα μέτρα και χιλιάδες πλειστηριασμοί στην Ελλάδα· τζάμπα χρήμα και φοροαπαλλαγές για το κεφάλαιο. Καταπολέμηση της φοροδιαφυγής; Κοροϊδία! Ο Παναμάς εξαιρείται από τους φορολογικούς παραδείσους. Μόνιμη επώδυνος η τήρηση του Συμφώνου Σταθερότητας και οι μεταρρυθμίσεις, που υποτίθεται ότι οι εργαζόμενοι πρέπει να κάνουν δικιά τους υπόθεση. Μία υπόθεση έχουν οι εργαζόμενοι: οργάνωση και αγώνας για αυξήσεις και συλλογικές συμβάσεις, ανατροπή αυτής της πολιτικής.

David Casa (PPE). – Sur President, iva matul is-sena li għaddiet rajna li fl-Unjoni Ewropea l-qagħda tal-impjegi qieghda titjeb. Qegħdin ukoll naraw inqas faqar fl-Ewropa u inqas esklużjoni soċjali kif qalet tajjeb il-Kummissarju, però dan biżżejjed? Użgur li le. Naturalment kif intqal qabli għandna rata għolja ta' haddiema żgħażgħ illi mhumiex qegħdin isibu x-xogħol. Għandna problema tal-faqar fost it-tfal kif qalet il-kollega tiegħi Lambert, però naturalment irridu nkomplu u ma nieqfux hawn.

Irridu nkomplu naraw illi pereżempju l-investment isir wiehed illi jara titjib fis-swieq tal-prodotti u s-servizzi u dan biex iwassal għal tkabbir fit-tul u anke biex jgħin biex l-infiq tal-fondi pubbliċi jsir iktar sostenibbli. Irridu naraw kif ngħinu lill-kumpaniji żgħar u medji għaliex naturalment dawn joholqu hafna impjegi fl-Ewropa. Irridu naraw illi l-ekonomija tagħna u l-iżvilupp tagħha jimxu id f'id iva mar-realtajiet soċjali lil hinn mill-politika tal-populizmu, imma rridu ngħarfu li s-saħħa tal-ekonomija tagħna tiddependi fuq kemm inkunu qegħdin nitrattaw l-ekonomija fir-realtajiet illi jeżistu bħalissa fl-Ewropa.

Jiena nahseb illi jekk nahdmu flimkien u ma mmorrux la f'estrem u lanqas fieħor, is-suċċessi li kellna matul din l-aħħar sena terġa' tirrepeti ruhha jekk Alla jrid is-sena d-diehla.

Sergio Gutiérrez Prieto (S&D). – Señor presidente, señora comisaria, ustedes han convertido el Semestre Europeo en un buen elemento para el análisis, pero son incapaces de resolver a través del Semestre los problemas que denuncian.

Denuncian la alta precariedad del empleo, pero se niegan a poner encima de la mesa una directiva de condiciones justas que acabe con ella en toda la Unión Europea. Denuncian los bajos salarios como un riesgo para el crecimiento económico y también para la cohesión social, pero se niegan a llevar a cabo una política de coordinación de salarios o a establecer un marco europeo de salarios mínimos que acabe con los salarios bajos. Denuncian el alto riesgo de exclusión social, pero se niegan a poner encima de la mesa una directiva de rentas mínimas o a financiar políticas nacionales de renta que acaben con ese riesgo de pobreza que hay en la segunda economía del mundo.

Deben dar un paso adelante y deben dejar de ser buenos analistas y convertirse en buenos políticos, buenos políticos que resuelvan los problemas de la gente. Para eso se creó el Semestre Europeo, no solo para analizar la realidad, sino para acabar con las desigualdades que denunciamos a través de este instrumento político.

Ulrike Trebesius (ECR). – Herr Präsident! Das Europäische Semester ist ein jährlich wiederkehrender Prozess, der die wirtschaftliche und soziale Leistungsfähigkeit der EU verbessern soll. Der Hauptbericht in diesem Jahr ist angemessen, und wir werden ihn unterstützen. Ich habe jedoch als Schattenberichterstatteerin des EMPL-Ausschusses nur die arbeits- und sozialpolitischen Empfehlungen zu beurteilen.

Vor acht Jahren ist die Eurokrise ausgebrochen. Sie hat Europa und ganz speziell den Mitgliedstaaten der Eurozone bleibenden Schaden zugefügt. Sie hat gezeigt, dass in einem sehr heterogenen Wirtschaftsraum eine gemeinsame Währung für alle Staaten und Regionen nicht sinnvoll ist. Staaten und Regionen haben spezifische Probleme und brauchen spezifische Lösungen dafür.

Die Vorschläge meines Ausschusses gehen genau in die entgegengesetzte Richtung. Alle Forderungen zielen darauf ab, mehr Kompetenzen und Verantwortung auf die EU-Ebene zu heben. Wo immer es ein Problem gibt, wird der Ruf nach Zentralisierung und innereuropäischer Umverteilung laut. Beispiele sind der Ruf nach einer europäischen Arbeitslosenversicherung, mehr Kompetenzen für die neu zu schaffende Europäische Arbeitsmarktbehörde und mehr Mittel für die soziale Säule. In keinem einzigen Fall gibt es eine Forderung nach der Reduzierung der EU-Kompetenzen oder gar der Einsparung von Mitteln. Das ist mit Hinsicht auf den durch den Brexit fehlenden Geldfluss das falsche Signal. Bürgernähe, bürgernahe Demokratie und nationale beziehungsweise regionale Verantwortlichkeiten müssen gestärkt und nicht ausgehöhlt werden.

Yana Toom (ALDE). – Mr President, the proclamation of the European Pillar of Social Rights opens up new opportunities for us. Among the goals of the European Semester are structural reforms to create more jobs and growth. The pillar aims to provide equal opportunities on the labour market to improve social protection and inclusion.

The challenges of balanced economic growth and social protection are closely interconnected, since poverty undermines economic development. In addition, poverty is a security risk. Poverty reduces the people's trust in the European project and prevents support for important reforms. Poverty degrades human dignity and is not compatible with the European values that we defend in this institution. Poverty distorts democratic processes and gives a chance to irresponsible populists. Therefore, the pillar should become an important and necessary tool for ensuring a better future for Europe.

At the moment, the 20 principles of the pillar are important, but not legally binding declarations. To start the work of the pillar, we need legislative initiatives from the Commission. The progress of the country-specific recommendations shows that the Member States are reluctant to implement advice that is not based on legally binding norms. If there are no legislative initiatives, the pillar becomes an empty formality. Without a doubt, we cannot afford that now.

Bas Eickhout (Verts/ALE). – Mr President, first of all, I would like to thank the rapporteur, Mr Bayet, for his great work in trying to get Parliament together on a European Semester report, which is not always very easy. I think we managed to do very well, and I would like to thank him for that also – although he is now very much occupied, of course, but that is all right! On the plus side, what the report very clearly states is that there is more room for public investment. What is also a very important message to the Member States is that we really have to take the public investments agenda seriously now. Also, if you look at the Pillar of Social Rights and the implementation of that, I think the report has some good recommendations, equally that the reforms should be socially and environmentally just and also with the implementation of the Paris Agreement. Where the report is a bit weaker is on the reform of the Stability and Growth Pact, where we really know that reform is still very much needed. Also, on tax avoidance and the fight that Europe has to lead there, the report should be strengthened. On the annual anti-corruption report, I think the Commission should really take its responsibility to fight corruption within Europe. We tabled some amendments, and with that we can have a very good report adopted.

Κωνσταντίνα Κούνεβα (GUE/NGL). – Κύριε Πρόεδρε, κυρίες και κύριοι, τον περασμένο Νοέμβριο στο σόου του Γκέτεμποργκ πανηγυρίσαμε τη διακήρυξη του ευρωπαϊκού κοινωνικού πυλώνα. Τώρα τέρμα οι φιάσες και κάτω οι μάσκες! Ήρθε η ώρα της αλήθειας. Υιοθετούμε την έκθεση που ζητά ο σχεδιασμός της οικονομικής πολιτικής για τα κράτη μέλη, να ενσωματώσει επιτέλους οικονομικές πολιτικές. Οι προοδευτικές ομάδες του Ευρωπαϊκού Κοινοβουλίου καταφέραμε να βελτιώσουμε αρκετά το κείμενο· υιοθετήσαμε τα αυτονόητα, νομοθεσία, τη χρηματοδότηση για την υλοποίηση των στόχων, όπως λέει ο πυλώνας στον πρόλογό του, πως χρειάζεται για να γίνει η διακήρυξη πραγματικότητα.

Οι συντηρητικές ομάδες όμως θέλουν στην αυριανή ψηφοφορία στην Ολομέλεια να τα καταργήσουν. Σκίζει τα ρούχα του ο κ. Verhofstadt για την Ευρώπη αλλά ας μας πει: Πώς γίνεται να έχουμε κοινωνικές πολιτικές χωρίς νομοθεσία; Σήμερα ο κ. Timmermans έκλεισε τη συζήτηση για το συμβούλιο κορυφής λέγοντας πως η Ευρώπη των αξιών πρέπει να έρθει στο προσκήνιο. Περιμένουμε στις 22 Μαρτίου να μας πουν οι αρχηγοί κρατών και κυβερνήσεων πώς θα χτίσουμε αυτή την Ευρώπη των αξιών και εκεί θα φανεί ξεκάθαρα η θέση της κάθε χώρας και κάθε κόμματος. Εκεί θα φανεί ποιο κομμάτι της κοινωνίας στηρίζει ο καθένας μας και ποιος τραβάει την Ευρώπη πίσω.

Barbara Kappel (ENF). – Herr Präsident, Frau Ministerin, Frau Kommissarin! Die aktuelle Analyse zum Europäischen Semester ist in konjunkturpolitischer Hinsicht eine positive. Die Wirtschaft ist in den letzten 18 Quartalen stetig gewachsen. Ein Aufschwung macht sich in allen Mitgliedstaaten bemerkbar. Die Arbeitslosigkeit hat den tiefsten Stand seit zehn Jahren und damit fast Vorkrisenniveau erreicht. Das betrifft sowohl die Langzeit- als auch die Jugendarbeitslosigkeit. Die gute Konjunktur ist förderlich für die öffentlichen Finanzen und für die Investitionstätigkeit.

In den Länderberichten für das Europäische Semester 2018 weisen drei Mitgliedstaaten übermäßige und nur noch acht Mitgliedstaaten wirtschaftliche Ungleichgewichte aus. In Schlüsselbereichen wie der Haushaltspolitik, der fiskalischen Steuerung, bei den Finanzdienstleistungen und dem verbesserten Zugang zu Finanzmitteln werden Fortschritte erzielt, was zu einem höheren Umsetzungsgrad der länderspezifischen Empfehlungen führte.

Es gibt jedoch auch Schwachpunkte, nämlich die nach wie vor hohe öffentliche und private Verschuldung und die schleppende Umsetzung von Strukturreformen, mangelnde Produktivität und Wettbewerbsfähigkeit. Weitere Reformen sind also notwendig, gerade in Zeiten einer guten Konjunktur.

Dariusz Rosati (PPE). – Panie Przewodniczący! Pani Komisarz! Pani Minister! Chciałbym przede wszystkim powiedzieć, że w dużym stopniu podzielam tezy zawarte w tegorocznej analizie wzrostu gospodarczego, jak również oba sprawozdania przygotowane przez naszych kolegów, pana Huguesa Bayeta i pana Krzysztofa Hetmana. Chciałbym im bardzo za to podziękować. W analizie Komisja kreśli optymistyczny obraz sytuacji gospodarczej w Unii Europejskiej. Mamy powody do zadowolenia. Wzrost gospodarczy utrzymuje się na dość wysokim poziomie, po raz pierwszy przekraczając w strefie euro tempo wzrostu nawet w Stanach Zjednoczonych.

Jednak proszę pamiętać, że każde ożywienie ma swój kres, a obecny okres ożywienia gospodarczego w Stanach Zjednoczonych trwa już ponad 103 miesiące. To jest w tej chwili drugi w historii najdłuższy okres prosperity. W związku z tym prędzej czy później nastąpi spowolnienie. I w tym kontekście chcę powiedzieć, że Europa nie jest do końca przygotowana na to spowolnienie gospodarcze, które z całą pewnością za cztery, sześć, osiem kwartałów dotknie kontynent europejski.

Widzę dwa obszary zagrożeń. Po pierwsze inwestycje, w przypadku których obserwujemy słabą dynamikę. Poziom inwestycji jest ciągle poniżej poziomu z okresu 2007-2008, czyli 10 lat temu. I to jest pierwszy powód do niepokoju. Drugi powód to bardzo wysokie zadłużenie, zwłaszcza sektora prywatnego. Chciałbym zwrócić uwagę, że stosunek pożyczek do PKB w sektorze prywatnym w Unii Europejskiej w ciągu ostatnich siedmiu lat wzrósł o 10 %, a w strefie euro o 20 %. Są to dwa obszary, którymi musimy się zająć za pomocą działań strukturalnych, bo w przeciwnym wypadku nie będziemy przygotowani na nadchodzącą recesję.

Agnes Jongerius (S&D). – Mr President, if it were up to me, the Annual Growth Survey would be called the Sustainable Growth Survey, because that is what we should be aiming for – not just any growth, but sustainable, inclusive growth: growth that benefits not just the top, but also those at the bottom. Growth based on quality jobs, not on precarious jobs which will pay the rent but harm the soul.

I am an optimist by nature, but in my view the picture painted in the eight years is overly optimistic. Doing better does not yet mean doing well when it comes to poverty precariousness and inequality, and I am sure that the pensioners in Greece and the young graduates in Spain will know what I am talking about, as will the Romanian truck drivers and the workers in the Bulgarian garment sector.

Our internal market has brought some benefits, but also a huge number of disadvantages. We need European social policy to counterbalance this, which is why I am glad that today the Commission presented a recommendation on access to social protection. This is a first step towards the social sustainable Europe that I have in mind, but more is needed: we need binding social floors in our Member States which guarantee social protection for all, and don't just aim for it.

Czesław Hoc (ECR). – Panie Przewodniczący! Sprawozdanie porusza słuszne kwestie dotyczące wzrostu zatrudnienia i godnych miejsc pracy, ograniczania ubóstwa, wspierania osób ze skrajnych grup wiekowych, zwiększania dostępu do edukacji, troski o małych i średnich przedsiębiorców, integracji osób niepełnosprawnych na rynku pracy czy też inicjatywy na rzecz jednolitego rynku cyfrowego. Eurostat szacuje, że 44 % Europejczyków nie posiada umiejętności cyfrowych, podczas gdy 90 % wszystkich miejsc pracy wymaga ich posiadania. Jednak trudno zgodzić się, by Europejski filar praw socjalnych był zaprojektowany jako uzupełnienie krajowych systemów zabezpieczenia społecznego. Jego włączenie do procedur europejskiego semestru będzie próbą forsowania jednolitych standardów w polityce społecznej, która przecież pozostaje w kompetencji państw członkowskich. Regulacje unijne lub krajowe nie mogą tworzyć nowych barier na rynku wewnętrznym i osłabiać w ten sposób konkurencyjności gospodarki Unii Europejskiej. A proces budowy unii gospodarczej i walutowej musi być przejrzysty i zgodny z zasadami jednolitego rynku.

Thomas Mann (PPE). – Herr Präsident! Zunächst die gute Nachricht: Die Beschäftigungsquote in der EU hat in der zweiten Jahreshälfte 2017 einen Wert von mehr als 72 % erreicht. Das sind 235 Millionen Beschäftigte. Die Politik der Solidarität und der Solidarität hat Früchte getragen. Die EU ist auf dem Wachstumspfad, das belegt das Europäische Semester.

Doch die schlechte Nachricht: Die Lage unterscheidet sich stark von Mitgliedstaat zu Mitgliedstaat. Deshalb gehören Wirtschaftsstrukturen auf den Prüfstand. Um negative Entwicklungen künftig zu vermeiden, sollen Erfahrungen von *best practice* gesammelt werden und positive Triebfäden identifiziert werden. Eine der Problemzielgruppen sind nach wie vor die Langzeitarbeitslosen. Die gehören in den Fokus. Wir brauchen mehr soziale Investitionen. Auch bei der Jugendarbeitslosigkeit ist die Durchschnittsquote mit derzeit 17,9 % in der Eurozone zu hoch. Wir haben uns im EP für die Jugendgarantie stark gemacht. Die daraus folgende Jugendbeschäftigungsinitiative ist mittlerweile auf 8,8 Milliarden Euro angewachsen.

Es muss zu mehr qualitativen Arbeitsplätzen kommen und zu einer besseren Produktivität in vielen Unternehmen, gerade im ländlichen Bereich, als wichtige Voraussetzung für steigende Löhne, die allerdings in die Zuständigkeit der Sozialpartner fallen. Stellen wir uns weiteren Herausforderungen, etwa der Beseitigung der gesellschaftlichen Ungleichheit und der Reduzierung des Armutsrisikos in weiten Teilen der europäischen Union!

Jakob von Weizsäcker (S&D). – Mr President, when the economic crisis hit us about a decade ago, euro Humpty Dumpty was sitting on a wall. We rushed to prevent him from falling and only just managed to do so. Today he is still sitting there, starting to be in a better mood, as witnessed in the Annual Growth Survey 2018. That is excellent news. By 2020, he may even start smiling.

But just watching his cyclical mood swings is not enough; we need him to climb down that wall safely. In order to achieve this, we will need to complete banking union, both in terms of risk reduction and risk sharing, but more fundamentally we need greater clarity about who is in charge of what in the euro area. What should the role of monetary policy be in the next crisis? What should be the role of markets absorbing shocks? What should be the role of various elements of an enhanced European fiscal capacity? Which of these elements should be automatic, which discretionary, and which ones tied to nationality and how? And how do we assure democratic legitimacy and accountability? Many possible answers to these questions have already been put forward by the Commission, by this House and by various expert groups. Last year, President Macron was elected. Tomorrow, a new German government will be formed. The time has come finally to put the necessary elements together and help Humpty Dumpty climb down that wall safely.

Gunnar Hökmark (PPE). – Mr President, let's make it very clear that new jobs and social security will never come from legislation on social issues or on labour markets on a European level; it will only come via the reforms that enable new entrepreneurship, investments and innovations. And let's be very clear about the differences we see in Europe today: we have Member States with a high level of growth, and we have Member States who are still suffering from the crisis and from the problems coming from that. The main problems are coming from the fact that we have a lack of structural reforms. What we need is cohesion or structural reforms, giving opportunities for a convergence of growth, and we need to have higher targets: we need to set targets for higher levels of potential growth, and this can only be done if we are secure, if we are more attractive for investments, if we are more open for entrepreneurship, or if we create labour markets that are open for new jobs and more flexible. We can do it: we can see that a number of Member States who were hit by the crisis have recovered, and other Member States have gone quite well. The recovery we see today is fragile because of monetary policy. Now we need to make it stable by structural reforms.

Brando Benifei (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, i dati contenuti nell'analisi annuale sulla crescita per il 2018 confermano alcune tendenze: l'economia europea è in ripresa in tutti i paesi, gli effetti benefici di tale ripresa sono distribuiti in maniera estremamente diseguale all'interno della società, permangono fortissime disparità regionali e territoriali all'interno dell'Unione.

L'obiettivo del semestre europeo è quello di garantire convergenza e stabilità nell'Unione europea tramite il coordinamento delle politiche economiche dei suoi Stati membri. Ad oggi però tale obiettivo rimane sulla carta, se non viene accompagnato da benefici reali per i cittadini, così come ha valore prettamente teorico una crescita dell'economia non accompagnata da una riduzione del livello di povertà, della precarietà, dell'esclusione sociale, da un aumento dei livelli salariali, da un miglioramento delle condizioni dei gruppi più vulnerabili.

Usiamo questi dati per fare quindi politiche mirate ai bisogni della società e non permettiamo che il semestre europeo sia solo contabilità e burocrazia. Senza maggiore convergenza e coesione sociale non ci può essere nessun futuro per l'Europa.

Verónica Lope Fontagné (PPE). – Señor presidente, como ha dicho nuestro compañero Thomas Mann, los últimos datos sobre la tasa de empleo confirman la tendencia ascendente y el acierto de las políticas europeas de los últimos años, así como la necesidad de continuar con ellas, centrándolas cada vez más en los aspectos sociales. Por eso, quisiera centrar mi intervención en los casi 120 millones de personas que todavía se encuentran en riesgo de pobreza o exclusión social, en especial los niños.

La creación de empleo, que se está dando principalmente entre los adultos mejor cualificados, contrasta con la dificultad para incorporarse de los menos cualificados. Por ello, la aplicación de la nueva Agenda de Capacidades para Europa debe ser una prioridad.

Sin embargo, para reducir verdaderamente la pobreza, necesitamos políticas a largo plazo que contribuyan a la integración efectiva y sostenible de los más alejados, políticas que tienen que contar con la colaboración activa de las ONG especializadas y de las propias organizaciones de personas que viven en situación de pobreza. Necesitamos aunar políticas activas de empleo con políticas sociales, para asegurar una igualdad de oportunidades en todos los ámbitos, que garanticen la no discriminación, en especial en lo relativo al acceso y a la promoción en el mercado laboral.

Michael Detjen (S&D). – Herr Präsident, Frau Kommissarin! Um es vorweg zu sagen: Bei den beschäftigungs- und sozialpolitischen Zielen ist der heute vorgelegte Jahreswachstumsbericht ein Rückschritt im Vergleich zu den in den vergangenen Jahren erreichten Ergebnissen. Ich hätte mir ein ehrgeizigeres Projekt gewünscht.

Die Anforderungen an ein soziales Europa sind zu benennen und müssen oberste Priorität haben. Die Bekämpfung von Arbeitslosigkeit und Armut ist zu nennen, und die Garantie für existenzsichernde Löhne, von denen die Menschen auch wirklich leben können. Zehn Jahre nach dem Ausbruch der europäischen Finanzkrise wächst nach wie vor der Niedriglohnsektor weiter an. Armut trotz Arbeit ist ein Skandal in Europa, aber leider allzu oft Realität. Europa kann und muss hier gegensteuern. Darum fordert meine Fraktion schon lange eine EU-Richtlinie für faire Arbeitsbedingungen, und zwar für alle Arbeitnehmerinnen und Arbeitnehmer, auch für prekär Beschäftigte. Dazu gehört unsere Forderung nach einem Mindesteinkommen und nach dem Zugang zu sozialem Schutz für alle. Armut und Arbeitslosigkeit sind nicht nur für das Wirtschaftswachstum gefährlich, sondern für das ganze europäische Projekt.

Markus Ferber (PPE). – Herr Präsident, Frau Ministerin, Frau Kommissarin, liebe Kolleginnen, liebe Kollegen! Die Europäische Kommission behauptet ja schon seit längerem, dass sie beim Europäischen Semester weg will von einer Reihe nicht zusammenhängender Einzelempfehlungen und hin will zu einem kohärenten gesamteuropäischen Ansatz. Bei dem Paket, das in der vergangenen Woche veröffentlicht wurde, habe ich an manchen Stellen nun das Gefühl, dass das auch gelingen könnte. Erstmals hat die Europäische Kommission in ihren Länderberichten sieben Mitgliedstaaten wegen aggressiver Steuergestaltung unter Beobachtung genommen; das sind Belgien, Zypern, Ungarn, Irland, Luxemburg, Malta und die Niederlande. Dass die Europäische Kommission europäische Steuersünder erstmals beim Namen nennt, ist ein Novum. Bisher hat die Kommission stets behauptet – ich habe da einen Brief von Kommissar Moscovici –, dass es Steueroasen in der Europäischen Union gar nicht gebe. Ich bin froh, dass die Kommission im Europäischen Semester nun einen Realitätscheck durchgeführt hat. Damit ist sie immerhin schon ein Stück weiter als der Ministerrat, der in dieser Woche seine schwarze Liste mit Steueroasen nochmals um drei Länder reduziert hat.

Ich erwarte aber nun, dass die Kommission es nicht bei diesen Feststellungen belässt. In den länderspezifischen Empfehlungen muss die Kommission die Defizite klar benennen und ambitionierte Reformen einfordern. Hier darf man nicht auf halber Strecke stehen bleiben. Es wird umso wichtiger, dass die länderspezifischen Empfehlungen auch tatsächlich umgesetzt werden. Wir als Europäisches Parlament sind bereit, dabei zu helfen.

Pervenche Berès (S&D). – Monsieur le Président, Madame la Commissaire, le rapport de notre collègue Hugues Bayet permet d'identifier à quel point la question de la reprise de l'investissement public est une question critique, y compris par la mobilisation des marges de manœuvre dans les pays où existent aujourd'hui des surplus. D'abord, parce que c'est l'investissement public qui stimule l'investissement privé, mais aussi parce que c'est celui qui nous permettra de réussir la transition écologique et sociale, de défendre notre modèle social et de créer de l'emploi.

In fine, la proposition que nous faisons aujourd'hui est une proposition équilibrée dans ses dimensions économiques, sociales et environnementales qui, finalement, concourt à la mise en place d'un modèle durable. Pour cela, la création du Semestre européen est un facteur qui doit être utilisé dans tout son potentiel. C'est pour cela aussi que la commission des affaires économiques et monétaires, pour la première fois cette année, vous propose de vous en servir concrètement pour lutter contre les inégalités, articuler les recommandations que la Commission fera aux différents États membres, avec les objectifs de développement durable des Nations unies, ou vous servir de ces recommandations pour lutter contre les discriminations sur le marché du travail, notamment entre les hommes et les femmes.

Enfin, je voudrais indiquer à quel point, pour nous, la question d'une gestion responsable des finances publiques sur le long terme doit être compatible avec une hausse des salaires. Nous ne sommes pas les seuls à le dire. Encore faut-il que, au Conseil, vous puissiez nous aider à être entendus.

Theodor Dumitru Stolojan (PPE). – Domnule președinte, Europa nu mai constituie o îngrijorare pentru restul lumii în ceea ce privește creșterea economică și reducerea șomajului. Dar, așa cum ați arătat, doamnă comisar, avem încă țări cu dezechilibre excesive și țări în care șomajul la tineri este încă inacceptabil. Mai mult, Europa, trebuie să recunoaștem, a rămas în urmă în ceea ce privește ritmul de creștere a productivității.

De aceea, consider că semestrul european este instrumentul puternic prin care, în mod coordonat la nivelul Uniunii, fiecare stat membru acționează pentru crearea stimulentei în vederea creșterii productivității și, în general, pentru un standard de viață mai bun.

Consider că în cadrul discuțiilor pe care le vom avea cu privire la viitorul Uniunii, Comisia Europeană și colegii mei din parlament trebuie să venim cu soluții cum să întărim responsabilitatea statelor membre pentru a îndeplini recomandările care se fac în cadrul semestrului european.

Othmar Karas (PPE). – Herr Präsident, Frau Kommissarin, meine sehr geehrten Damen und Herren! Ich möchte drei Punkte ansprechen. Zum Ersten: Die Berichte zeigen uns sehr deutlich, dass erst zwei Drittel der länderspezifischen Empfehlungen von den Mitgliedstaaten großteils umgesetzt wurden. Und dies in einer Zeit, wo die europäische Wirtschaft stärker wächst als in den letzten zehn Jahren. Dies in einer Zeit, wo die Arbeitslosigkeit mit 10,5 % auf dem niedrigsten Stand seit 2009 ist und wir die niedrigsten Zinsen hatten. Es ist an der Zeit, die Strukturreformen vollständig umzusetzen und die länderspezifischen Maßnahmen zu erfüllen.

Zweitens: Das Europäische Semester ist ein Prozess, und daher begrüße ich, dass erstmals die Prioritäten der Säule sozialer Rechte berücksichtigt werden und dass – es wurde bereits angeschnitten – viele Mitgliedstaaten wegen aggressiver Steuergestaltung unter Beobachtung gestellt werden. Ja, wir verbessern das Europäische Semester.

Mein dritter Punkt: Das Europäische Semester ist unverzichtbar für die wirtschaftspolitische Koordinierung in den Mitgliedstaaten, und für das Ansprechen der Herausforderungen und des Handlungsbedarfs. Es ersetzt aber nicht die Weiterentwicklung der Währungsunion zu einer vollständigen Wirtschafts- und Sozialunion. Daher fordere ich: Bauen wir das Haus der Bankenunion fertig, beschließen wir die neuen fehlenden Maßnahmen der Kapitalmarktunion, vertiefen wir die Wirtschafts-, Sozial- und Währungsunion! Solide Volkswirtschaften beschäftigen sich auch in guten Zeiten und gerade in diesen mit der Behebung ihrer Schwächen. Wir haben noch einiges zu tun und benötigen auch einen effizienten Sanktionsmechanismus.

Intervenciones con arreglo al procedimiento de solicitud incidental de uso de la palabra («catch the eye»)

Csaba Sógor (PPE). – Mr President, I strongly welcome the emphasis Mr Hetman's report places on the crucial role of education and economic development, labour market access and individual wellbeing. As the latest CSRs for my country warn, beside the distorting effects of undeclared work, it is a weak education and vocational development sector that weighs most on long-term competitiveness, growth and convergence. Despite being a persistent area of past recommendations, only limited progress has been achieved in what concerns basic skills, high early school leaving, Roma inclusion and rural-urban disparities in education. It does not help either that, instead of being a respected education and career pathway for young professionals, vocational education remains only a second-choice option and, in most cases, is not adapted to labour market needs. I sincerely hope that we will take more heed of advice in these areas and stop practices that jeopardise our future.

Νότης Μαριάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, η λειτουργία της ευρωζώνης οδήγησε σε αυξημένα ελλείμματα και χρέη τον ευρωπαϊκό Νότο, με στρατιές φτωχών και ανέργων. Αντίθετα, η Γερμανία παραβιάζοντας το σύμφωνο σταθερότητας έχει πλεονάσματα 8,5%. Η Ελλάδα έχει μετατραπεί σε ένα απέραντο κοινωνικό νεκροταφείο, με την ανεργία των νέων να χτυπάει ταβάνι. Για να μπορέσει ο ελληνικός λαός να έχει μέλλον, πρέπει να καταργήσει τα μνημόνια, να διαγράψει το επονείδιστο χρέος και να διεκδικήσει ένα ειδικό καθεστώς, εντός της Ευρωπαϊκής Ένωσης και της ευρωζώνης: μια ειδική σχέση με εξαιρέσεις για ορισμένους κλάδους της ελληνικής οικονομίας, προκειμένου να ανασάνει ο ελληνικός λαός, μια ειδική σχέση η οποία θα οδηγήσει σε ανάκτηση της εθνικής νομισματικής κυριαρχίας εντός ευρώ, με την Τράπεζα της Ελλάδος να ασκεί αυτόνομη νομισματική πολιτική μέχρι το ύψος του ποσοστού συμμετοχής της τράπεζας αυτής στο μετοχικό κεφάλαιο της Ευρωπαϊκής Κεντρικής Τράπεζας. Μόνο υπό αυτούς τους όρους η Ελλάδα μπορεί να έχει μέλλον εντός της Ευρωπαϊκής Ένωσης και ευρωζώνης, μιας Ευρωπαϊκής Ένωσης η οποία οφείλει να οικοδομήσει την κοινωνική Ευρώπη και να μην εξαιρεί τον Παναμά από τη λίστα των φορολογικών παραδείσων.

(Fin de las intervenciones con arreglo al procedimiento de solicitud incidental de uso de la palabra («catch the eye»))

Marianne Thyssen, Member of the Commission. – Mr President, I would like to thank Members for this very rich debate. Many Members mentioned the problem of aggressive tax planning. This Parliament has been very vocal in trying to root out tax evasion and tax avoidance, and I agree with you.

The erosion of the tax base is one reason why resources for essential public services have been squeezed. This year the Commission has stressed the issue of aggressive tax planning in seven European Member States in their country reports. These are practices that we know have the potential to undermine fairness and the level playing field in our internal market and they increased the burden on the EU taxpayers.

It is also a recognised fact that important steps are being taken by Member States across the Union to halt the tide of tax avoidance. But you can count on us to continue working alongside Member States to make this a reality.

Let us not spoil the window of opportunity. Acknowledging that the legacy of the crisis is still visible in some Member States and that gross disposable household income has not returned to pre-crisis levels in all parts of Europe. But now is the time for increasing convergence and strengthening resilience for bad times.

Now is the time to implement reforms, including those linked to the pillar, to strengthen social resilience, to support and empower entrepreneurs and workers and other citizens, women and men, young and old alike, wherever they are born so that they can embrace the changes of the 21st century, and no longer have to fear them.

We can only succeed if we act together, and thus our dialogue does not stop today. Our intention is to pursue dialogue with you, the European Parliament, with Member States, with national parliaments, with social partners and all relevant stakeholders throughout the cycle of the Semester. Likewise, we encourage Member States to involve social partners and civil society in the definition and implementation of major reforms.

The European Parliament's active participation in the debate on the annual growth survey is important. I salute the work done by the rapporteurs, by the committees and the Members involved in the drafting of the reports. Your insights and views are very valuable to feed into our work on the European Semester.

In recent years, at the height of the crisis as well as in the current more favourable conditions, the European Semester has proven instrumental to foster, guide and support reform processes in Member States. I look forward to continuing our constructive dialogue in the coming months.

Monika Panayotova, *President-in-Office of the Council*. – Mr President, honourable Members, before making my concluding remarks I would like to respond to the questions specifically addressed for my attention by Mr Lucke.

I would like to say that the future of the European monetary union is a question of interest for all European citizens, so we will work on creating optimal conditions for strong and sustainable economic growth in the European Union, through initiatives to strengthen the European monetary union. In March, leaders of the euro area will hold an open debate on long-term issues that are specific to the euro area, and work on the follow-up to the December Euro Summit is ongoing, with a view to a first set of decisions by the leaders in June.

Concerning my concluding remarks, I would like to thank you very much for your remarks. You addressed important points and your remarks will provide valuable input for discussions in the Council that touch upon many aspects of the European Semester, such as education, employment – with particular accent on youth employment – competitiveness, environmental and social policies. The Country Reports published by the Commission last week represent the next important step in the current European Semester. They formed the basis for the work which will eventually lead to the adoption of this Semester's country-specific recommendations during the summer.

When working on the European Semester and debating the country specific recommendations, we should always remember the importance of reaching as many citizens as possible, to increase national ownership. So I commend the initiatives taken in this regard, including the increased dialogue in the capitals and the consultations with the social partners.

Hugues Bayet, *rapporteur*. – Monsieur le Président, Madame la Commissaire, Madame la Ministre, merci pour ces échanges.

Pour conclure, je voudrais dire que si l'expansion économique est plus solide en 2018, les inégalités entre nos concitoyens sont, elles, toujours bien trop présentes et donc dans le cadre de cet outil de coordination qu'est le Semestre et avec cette nette amélioration économique, je pense que l'on ne peut pas se tromper.

Je crois qu'il faut vraiment des actions fortes qui soient – comme vous l'avez dit, Madame la Commissaire – équilibrées et inclusives, et là-dessus il y a encore beaucoup à faire, mais je me réjouis tout particulièrement – et c'est en partie grâce à vous, Madame Thyssen – de l'intégration pleine et entière du pilier social et de ses 14 indicateurs dans le Semestre européen car, contrairement à ce que certains pensent, le social n'est pas qu'une dépense mais peut aussi être un moteur de l'économie. Il y a d'ailleurs eu de nombreuses études qui ont démontré qu'un investissement de 2 % du PIB européen dans le secteur social permettrait de créer près de 20 millions d'emplois en Europe, et notamment des emplois féminins. Il était donc plus que temps, si nous voulons vraiment être efficaces, d'analyser nos politiques économiques sous l'angle social et environnemental, et évidemment je m'en réjouis.

Enfin, j'espère que la Commission et le Conseil nous suivront dans des mesures fortes au bénéfice des Européens. Je crois qu'il y va de la survie de l'Europe.

Krzysztof Hetman, *sprawozdawca*. – Panie Przewodniczący! Przede wszystkim chciałbym podziękować Państwu za dzisiejszą ciekawą debatę, Komisji Europejskiej za przygotowanie kompleksowej i zrównoważonej rocznej analizy wzrostu, jak również moim koleżankom i kolegom posłom z innych grup politycznych za wspólną pracę nad tym ważnym sprawozdaniem.

Dzisiejsza debata wyraźnie pokazała, że wszystkim nam przyświeca jeden cel, jakim jest silna gospodarczo Unia Europejska, która troszczy się o swoich obywateli i chce zapewnić im godne życie, stabilne zatrudnienie i dostęp do wysokiej jakości usług społecznych. Bardzo się cieszę, że dzisiaj podczas debaty kilka razy wybrzmiała kwestia związana z opieką i ogólnie z dziećmi. Osobiście jestem jednak zwolennikiem podejścia pragmatycznego oraz tak zwanego złotego środka. Uważam bowiem, iż obierając sobie zbyt ambitne i nierealne cele, ryzykujemy, że zwyczajnie nie będziemy w stanie ich osiągnąć, przez co zamiast przybliżyć się do celu pozostaniemy w tym samym miejscu.

Z drugej strony, zbytnio koncentrując się na jednym z aspektów, czy to gospodarce czy kwestiach społecznych, możemy zaniedbać ten drugi, co również spowoduje zachwianie cennej równowagi między nimi. Musimy bowiem pamiętać, że gospodarka i kwestie społeczne są ze sobą ściśle powiązane i zależne od siebie. Nie możemy mieć silnej polityki społecznej, jeśli nie mamy silnej gospodarki, i na odwrót. Myślę, że w sprawozdaniu na temat rocznej analizy wzrostu udało nam się tę potrzebę zbilansowanego podejścia odzwierciedlić. Dlatego liczę na Państwa poparcie w jutrzejszym głosowaniu.

El presidente. – Se cierra el debate conjunto.

La votación tendrá lugar mañana.

Querría dar las gracias a las señoras y a los señores intérpretes por su profesionalidad y dedicación, así como por salvaguardar los intereses colectivos, una vez más, de esta Cámara.

Declaraciones por escrito (artículo 162 del Reglamento)

Ivan Jakovčić (ALDE), napisan. – Brojke govore pozitivno i pokazuju da stopa zaposlenosti u EU-u raste te da je u drugom tromjesečju 2017. godine dosegla 72,3 % s ukupno 235,4 milijuna zaposlenih, što predstavlja napredak prema postizanju cilja strategije Europa 2020. koji se odnosi na stopu zaposlenosti od 75 %.

Porast rasta zaposlenosti značajniji je među starijim radnicima, visokokvalificiranim radnicima i muškarcima, dok je slabiji među mladima, niskokvalificiranim radnicima i ženama, na čijem napredovanju treba i dalje raditi. No, bez obzira na blago poboljšanje u području zaposlenosti, stopa nezaposlenosti mladih i dalje je zabrinjavajuće visoka te iznosi 16,6 % odnosno 18,7 % u europodručju.

Dokument Godišnji pregled rasta za 2018., zajedno s integriranim europskim stupom socijalnih prava, važan je dio ukupnih politika za kvalitetna radna mjesta, održivi rast i ulaganja, čiji je cilj povećanje produktivnosti i plaća, otvaranje radnih mjesta, smanjenje nejednakosti i siromaštva i poboljšanje socijalne zaštite i pristupa javnim uslugama te njihove kvalitete.

Ujedno smatram da je ovo izvješće važan pokazatelj za države članice u pogledu onoga što bi trebale uzeti u obzir pri izradi nacionalnih politika i planova reformi. Poseban je naglasak potrebno staviti na prilagođavanje obrazovne politike i unaprjeđenje okvira za stjecanje vještina, posebno digitalnih, koje su u današnje vrijeme izuzetno potrebne.

Ádám Kósa (PPE), írásban. – A tények magukért beszélnek: a magyar adatok nagyságrendekkel jobbak, mint az EU-sak: a fiatalok munkanélkülisége az euróövezetben 18,7%-os, hazánkban 10,7%! Az EU kéri a tagállamokat, hogy csökkentsék az élelmiszerek adóját, ami a társadalmi igazságosság szempontjából fontos intézkedés. Magyarországon ezt már megvalósítottuk: 2017-ben a baromfihús, tojás és friss tej áfakulcsa csökkent 5%-ra. 2018-ban az élő hal, halfilé, házi sertés belsőségei áfája mérséklődik. Az EU-ban 2015-ben 119 millióan voltak kitéve a szegénység vagy a társadalmi kirekesztődés kockázatának, ami messze van az Európa 2020 stratégia céljától. 2008 óta a szegények száma kétféleképp nőtt, miközben egyetlen évben 2,5 millió bevándorló érkezett az EU-n kívülről, ráadásul ezek nagy része képzetlen. Magyarország ezért sem szeretne bevándorló országgá válni. Hazám ugyancsak élen jár a megtermelt javak elosztása terén is: a törvény szerint ha a GDP növekedése 3,5%-nál magasabb, akkor a nyugdíjasoknak nyugdíjprémium jár. Örülök, hogy a jelentés arra kéri a tagállamokat, hogy fokozzák a fogyatékkal élő munkaadókat befogadását, ennek érdekében mindent meg kell tennünk a jövőben!

Dominique Martin (ENF), par écrit. – Le 13 mars 2018, le Parlement européen a appelé la Commission à renforcer sa surveillance des nations européennes. Objectif annoncé: encore plus d'austérité et une attaque des systèmes de retraite. En vérité, la longue crise économique et financière en Europe a mis en évidence que la compétence des «experts» de la Commission est limitée en matière économique. Immigration massive, gel des salaires, rabotage des retraites n'ont pas relancé la croissance. Les pays les plus dynamiques du monde comme la Chine agissent à l'inverse des recommandations de la Commission. La Chine a appliqué la préférence nationale sans immigration, et elle croît de plus de 6 % chaque année depuis 1991. Revitaliser l'Europe passera par la préférence européenne et le lancement d'industries nouvelles. Pour preuve, Ariane est né en 1973 d'une coopération entre 8 États membres de l'Union européenne, la Suisse et la Norvège, hors de l'égide de la Commission de Bruxelles.

Pirkko Ruohonen-Lerner (ECR), kirjallinen. – Jos EU haluaa kilpailla USA:n kaltaisen kilpailukykyisen ja tehokkaan markkinatalouden kanssa, tulee ensin varmistaa Euroopan sisämarkkinoiden toimivuus. EU:n kilpailukykyongelmat ovat laajoja, monitahoisia ja syvällisiä. Keskustelussa tulisi kiinnittää huomiota keskeisiin sisämarkkinoiden esteisiin, jotka ilmenevät hintojen suurena vaihteluna EU:n sisällä. Tällaisia esteitä ovat kieli- ja kulttuurieroista johtuva markkinoiden sirpaleisuus sekä epäsuorat kaupan ja markkinoille tulon esteet, kuten muista poikkeava sääntely tai paikallisten tuottajien suosinta. Näennäisratkaisut, kuten erilaisten tukien maksaminen lukuisiin eri kohteisiin, kuten aluekehitykseen, investointitukeen, pankkitukeen, uusiin instituutioihin ja hallintoon, heikentää Eurooppaa pitkällä aikavälillä, vaikka tavoite olisi ollut hyvä. Ellei tukia kohdenneta optimaalisesti koulutukseen, tutkimukseen ja teknologian kehittämiseen, lisäävät ne vain menoja ja tehottomuutta. Myös maahanmuuttopolitiikka tarvitsee enemmän huomiota. Jos se voisi onnistua, olisi se parasta sosiaali-, koulutus-, ja turvallisuuspolitiikkaa kaikissa EU-maissa.

21. Ordem do dia da próxima sessão: Ver Ata

22. Encerramento da sessão

(Se levanta la sesión a las 23.05 horas)

Legenda dos símbolos utilizados

*	Processo de consulta
***	Processo de aprovação
***I	Processo legislativo ordinário (primeira leitura)
***II	Processo legislativo ordinário (segunda leitura)
***III	Processo legislativo ordinário (terceira leitura)

(A base jurídica proposta no projeto de ato determina o processo a adotar.)

Significado das siglas das Comissões

AFET	Comissão dos Assuntos Externos
DEVE	Comissão do Desenvolvimento
INTA	Comissão do Comércio Internacional
BUDG	Comissão dos Orçamentos
CONT	Comissão do Controlo Orçamental
ECON	Comissão dos Assuntos Económicos e Monetários
EMPL	Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais
ENVI	Comissão do Ambiente, da Saúde Pública e da Segurança Alimentar
ITRE	Comissão da Indústria, da Investigação e da Energia
IMCO	Comissão do Mercado Interno e da Proteção dos Consumidores
TRAN	Comissão dos Transportes e do Turismo
REGI	Comissão do Desenvolvimento Regional
AGRI	Comissão da Agricultura e do Desenvolvimento Rural
PECH	Comissão das Pescas
CULT	Comissão da Cultura e da Educação
JURI	Comissão dos Assuntos Jurídicos
LIBE	Comissão das Liberdades Cívicas, da Justiça e dos Assuntos Internos
AFCO	Comissão dos Assuntos Constitucionais
FEMM	Comissão dos Direitos da Mulher e da Igualdade dos Géneros
PETI	Comissão das Petições
DROI	Subcomissão dos Direitos do Homem
SEDE	Subcomissão da Segurança e da Defesa

Significado das siglas dos Grupos Políticos

PPE	Grupo do Partido Popular Europeu (Democratas-Cristãos)
S&D	Grupo da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu
ECR	Conservadores e Reformistas Europeus
ALDE	Grupo da Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa
GUE/NGL	Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde
Verts/ALE	Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia
EFDD	Grupo Europa da Liberdade e da Democracia Direta
ENF	Grupo Europa das Nações e da Liberdade
NI	Não Inscritos